

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

NEGROS CONGADEIROS E A CIDADE: COSTUMES E TRADIÇÕES  
NOS LUGARES E NAS REDES DA CONGADA DE UBERLÂNDIA-MG

SÃO PAULO  
2006

MARLI GRANIEL KINN

NEGROS CONGADEIROS E A CIDADE: COSTUMES E TRADIÇÕES  
NOS LUGARES E NAS REDES DA CONGADA DE UBERLÂNDIA-MG

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciência, área de concentração Geografia Humana, junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Julio César Suzuki

SÃO PAULO  
2006

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à memória de meu pai, Adolfo Kinn, homem sério e perseverante, que ensinou aos seus filhos a responsabilidade da vida, nos preceitos da ética, da honra, da moral, dos costumes e das tradições de quem um dia foi camponês e, pelas dificuldades da vida, obrigou-se a deixar o campo e vir para a cidade, tornando-se um proletário.

À minha mãe, devota católica, que em todos os desafios e conquistas dos seus filhos, no cantinho da cozinha, com o seu terço, improvisava um altar e acendia uma vela para os santos proteger-nos e ajudar-nos a alcançar os nossos objetivos. Meu respeito a sua religiosidade e admiração ao amor que tem pela família.

Ao Rosselvelt, meu amor, companheiro, geógrafo de uma intelectualidade fascinante e apaixonante. O meu grande incentivador, que me mostrou os caminhos para a pesquisa em Geografia. Meu carinho, meu companheirismo e minha admiração, por acreditar na nossa relação, no nosso projeto de vida.

À criança que está em fase de gestação e que, dentro do útero de sua mãe, muitas vezes fatigada, acompanha o desenrolar dos acontecimentos e a criação desta dissertação, ao nosso amor Natália, que virá para a nossa felicidade.

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi desenvolvida e é resultado do estímulo e contribuição de muitas pessoas. Neste espaço, agradeço especialmente:

Ao meu orientador, Dr. Júlio César Suzuki, por acreditar que era possível a realização deste trabalho, pelas suas contribuições no decorrer da pesquisa e por possibilitar-me a entrada na pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

Aos professores que ministraram as disciplinas na pós-graduação, contribuindo com o meu crescimento acadêmico e estimulando o conhecimento científico.

Às professoras Rosa e Amélia, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, que participaram da minha qualificação, pelas opiniões, contribuições bibliográficas e sugestões riquíssimas, que ajudaram na finalização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana.

Aos colegas que participaram dos Colóquios semanais com o orientador, no Laboratório de Agrária, obrigada pelos debates e animadas conversas.

Ao Arley Haley, do Laboratório de Geografia Cultural da Universidade Federal de Uberlândia, pela formatação deste trabalho.

Aos membros e participantes do Laboratório de Geografia Cultural da Universidade Federal de Uberlândia, sob a coordenação do professor Rosselvelt, por me disponibilizarem um espaço e inserirem-me nos "Diálogos com práticas Geográficas", onde os encontros foram riquíssimos.

Ao professor Rosselvelt, da Universidade Federal de Uberlândia, que, depois de uma carga horária fatigante de trabalho, ainda conseguia, com muita disposição acompanhar-me nas longas caminhadas das noites secas do Cerrado, nas campanhas, nos encontros com os congadeiros, ajudando na preparação das fotografias e das filmagens. Agradeço pela sua companhia nas várias entrevistas, em todas as festas de Congada que acompanhamos desde 1998, quando descobrimos a magia da Congada.

Ao Edinaldo e ao Tchê, amigos e companheiros de filmagem e de edição, que me ajudaram, juntamente com Rosselvelt, a realizar, paralelamente à dissertação um documentário a respeito da festa e dos homens que fazem a Congada de Uberlândia.

A Tânia Novais, pela revisão do trabalho, ao Luiz Jorge de Miranda, por saber transformar em desenhos artísticos as minhas fotografias, e ao Marcus, pelos mapas e aulas de Cartografia.

Em especial o meu agradecimento a todos os congadeiros de Uberlândia; sem eles, não seria possível a realização deste trabalho. Aos capitães e capitãs de Congada, que abriram os seus quartéis para nos receber, disponibilizando o seu tempo e os seus conhecimentos congadeiros, mostrando o significado das suas tradições, do envolvimento com a comunidade. Às madrinhas de ternos e às mulheres congadeiras, sempre dispostas a mostrar o significado e explicar para nós os seus costumes, a perseverança na Congada, as suas vivências e o direito de viver na cidade como mulher, negra e congadeira. Minha admiração aos soldados congadeiros, que retiram dos seus instrumentos musicais a magia do som da Congada. Aos pequenos congadeiros, as crianças; a sua presença na Congada "é uma dádiva de Deus, é o fruto que vai dá continuidade as nossa tradição", como declaram os adultos da Congada. Aos congadeiros de Uberlândia, pelas suas habilidades e capacidades de transformar e mostrar as suas tradições para a cidade. Por tudo isso, agradeço por fazer-nos pensar no cidadão brasileiro, naquele que busca o direito à cidade e nas suas humanidades.

## RESUMO

O trabalho sobre a Congada abordou a cidade e a condição sócio-cultural e espacial das pessoas que fazem a festa. Concentrando-se nos fazeres humanos, decorrentes de práticas sociais que proporcionaram à comunidade conquistas importantes em relação ao direito à cidade, chegamos ao cotidiano e ao modo de vida. Destacamos as formas de organização das pessoas e dos ternos de Congada na cidade, suas estratégias, arranjos, até atingirmos os conteúdos e a substância das manifestações e representações dos negros em Uberlândia – MG. Tratou-se de uma abordagem que foi sendo construída na direção de compreendermos as formas com que os congadeiros haviam estabelecido as condições mínimas para viverem na cidade. Por este caminho consideramos os costumes e as tradições e aos poucos fomos percebendo e analisando as desigualdades e as diferenças sociais. Para poder explicar as realidades dos congadeiros, suas práticas religiosas, políticas e comunitárias, fomos conhecendo as diversas origens sócio-espaciais destas pessoas. Essas realidades são desveladas quando abordamos a sua complexidade, a partir de múltiplas perspectivas. Por exemplo, os congadeiros de Uberlândia têm incluído, em suas manifestações, negociações que se concretizam na ocupação dos espaços públicos da cidade. O trabalho discutiu também as relações mantidas entre o congadeiro e as várias instituições em que o grupo está envolvido. Nesse sentido, consideramos o histórico destas relações e nos deparamos com contradições que potencializam e medeiam embates, disputas e negociações entre grupos sociais e instituições, em relação aos usos do espaço. Desse modo, o estudo da Congada nos permitiu conhecer o modo de vida dos congadeiros, suas estruturas, heranças históricas, idéias, as quais continuam influenciando e transformando a consciência das pessoas e os processos que as redefinem em relação às vizinhanças, aos lugares, às redes sociais e à cidade.

**Palavras-chave:** Congada, costumes, tradições, lugares, redes.

## ABSTRACT

This research paper investigates the Congada's connection with the city and with the social-cultural background of the people who are participating in this party. The paper focuses on identifying current human practices, which originated from customs and traditions that assisted the community in attaining crucial victories concerning their rights within the city, while also establishing the foundation for the community's current way of life. The research paper also highlights the organization of people within this event, the strategies used to execute the event, and the structural division of the party, so as to finally study the contents of the manifestations and demonstrations of the black community in Uberlândia-MG. The sources of information are organized in such a way that it permits the reader to understand the big picture before jumping into the smaller elements that constitute the Congada. First the paper explains how the congadeiros established the minimum conditions to live in the city. Then it describes the customs and traditions used by the congadeiros, while also analyzing the social differences and the inequalities faced by these people. It is necessary to comprehend their origins, in order to understand the daily reality of these people; their religious, political and social practices. The daily reality of these people can be observed from many angles. For example, the congadeiros of Uberlândia have included deals in their manifestations that when realized, allow the community, to occupy specific parts of the city. This paper also discusses the relation kept between the congadeiro and various other institutions that are involved with the group. The study of this relationship reveals the agreements, deals, disputes, arguments, and debates which occur between social groups and institutions regarding the usage of space. By observing the Congada from many different angles, it was possible to profoundly understand the current way of life of the congadeiro, his structures, inheritances, ideas, which continue to influence and transform the consciousness of people and the processes that redefine them in relation to the neighborhoods, to the places, to the social networks and to the city.

**Word-keys:** Congada, customs, traditions, places, social networks.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I – A CIDADE E AS ESTRATÉGIAS URBANAS DAS FAMÍLIAS CONGADEIRAS</b> .....	32
1.1 As estratégias congadeiras de se viver na cidade.....	38
1.2 Os princípios da identidade e vida na cidade.....	58
1.3 Estratégia urbana e vida religiosa.....	61
<b>CAPÍTULO II – COSTUMES E TRADIÇÕES NA CONGADA DE UBERLÂNDIA-MG</b> .....	68
2.1 Costumes e tradições no âmbito da família e da comunidade .....	86
2.2 Costumes e tradições: algumas permanências.....	98
2.3 Quando os costumes e tradições tornam-se estratégias.....	107
2.4 Comunidade e valores políticos na tradição da Congada .....	110
2.5 Influências e multiplicidade de interpretação na Congada.....	117
<b>CAPÍTULO III – LUGAR E VIZINHANÇA DE BAIRRO NOS RITUAIS DA CONGADA</b> .....	125
3.1 Crianças Congadeiras: lugares e olhares.....	145
3.2 Vizinhos e ternos de Congada: aproximações, doações e apropriações....	158
<b>CAPÍTULO IV – REDES SOCIAIS E AS CAMPANHAS DAS CONGADAS DE UBERLÂNDIA-MG</b> .....	174
4.1 Ternos: Configurações e sociabilidades nas redes sociais.....	179
4.2 Sociabilidade e flexibilidade nas redes.....	199
4.3 Os sentidos da Congada na rede social de devotos.....	211
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	218
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	226
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	231



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Mapas:

MAPA 1 – Mapa de localização .....	36
Mapa 2 – Mapa de Localização dos 12 Ternos tradicionais de Congada da cidade de Uberlândia. ....	119
Mapa 3 – Mapa de localização dos 24 ternos .....	178

### Figuras:

FIGURA 01 – Quartel do terno Moçambique Princesa Isabel.....	46
FIGURA 02 – Quartel Moçambique Princesa Isabel, bairro Patrimônio.....	47
FIGURA 03 - Os diversos usos do quintal do terno Moçambique Princesa Isabel, bairro Patrimônio.....	53
FIGURA 04 – Quartel do terno Sainha, bairro Saraiva. Os componentes reunidos em dia de preparativos para as campanhas.....	57
FIGURA 05 - Instrumentos da Congada – Caixa, instrumento de percussão, usado para marcar o ritmo do terno e a pataguma, instrumento inspirado no garimpo de pedras preciosas.....	70
FIGURA 06 – Terno Catupé Azul e Rosa, bairro Santa Mônica. A casa do capitão, no período de congada, serve de depósito para os instrumentos.....	71
FIGURA 07 – Cavaquinho, instrumento de cordas, usado para se obter harmonia nas cantorias do terno Sainha.....	72
FIGURA 08 - Desfile dos ternos de congada em frente a capela de Nossa Senhora do Rosário. Duas gerações de Congadeiros desfilam no dia da festa.....	73
FIGURA 09 – A congada de Uberlândia presta Homenagens aos seus anciões. Sr. Charqueada – congadeiro de 103 anos de idade. Congo branco.....	74
FIGURA 10 – Santa missa de encerramento da Novena da Congada.....	75
FIGURA 11 – Campanha e ensaio do terno Sainha nas ruas do Bairro Saraiva.....	82
FIGURA 12 – Desfile dos ternos enfrente a capela de Nossa Senhora do Praça da Bicota - outubro de 2004.....	84
FIGURA 13 – Senhor Deni e esposa – presidente e secretária da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.....	85

FIGURA 14 – Ensaio do terno Verde e Branco.....	88
FIGURA 15 – Desfile dos ternos na praça da bicota, centro da cidade de Uberlândia. ....	91
FIGURA 16 – Uma das crianças do terno Catupé do Bairro Patrimônio fez o esquema para que pudéssemos entender como era o quartel onde ela morava.....	93
FIGURA 17 – Esquema representando o conjunto de residências denominado por algumas pessoas como sendo colônia, mas entre alguns congadeiros como quilombo urbano. ....	94
FIGURA 18 – Acessórios (capacetes) dos soldados do terno Sainha.....	96
FIGURA 19 – Imagens de São Benedito e Nossa Senhora, na casa do Capitão do terno catupé Azul e Rosa.....	97
FIGURA 20 – Cilindros de madeirite sendo preparados para se tornar instrumentos de percussão. Terno Catupé Azul e Rosa.....	100
FIGURA 21 – Terno Catupé Azul e Rosa ensaiando a noite, na rua, em frente ao quartel.....	102
FIGURA 22-Os uniformes femininos da congada são confeccionados pelas madrinhas dos ternos. ....	105
FIGURA 23 – A criatividade dos congadeiros também se revela nas suas vestimentas. ....	106
FIGURA 24 – Capitão do terno Moçambique Princesa Izabel - Bastão e coroa: poder, respeito e liderança na congada.....	112
FIGURA 25 – Noite de leilão no bairro Saraiva. ....	133
FIGURA 26 – Mulheres reunidas na casa de um devoto rezam aos Santos da Congada.....	134
FIGURA 27 – Pessoas da vizinhança do quartel do terno Sainha assistem às campanhas e participam dos leilões arrematando prendas. ....	136
FIGURA 28 – Devota dos Santos da Congada recebe o oratório com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.....	137
FIGURA 29 – As relações com o sagrado também ocorrem nas residências visitadas pelos congadeiros.....	138
FIGURA 30 – Os leilões também ocorrem nas ruas. ....	139
FIGURA 31 – Casal de amigo de uns dos capitães de terno de congada.....	140
FIGURA 32 – A Congada acaba dividindo espaço com os carros.....	143
FIGURA 33–DESENHO. A representação da Congada dentro do terno. ....	147

FIGURA 34 – DESENHO. O interior do quartel com as suas casas de moradia, quintal e corredores.....	148
FIGURA 35 – DESENHO. O interior da casa do capitão. A simplicidade da moradia leva as crianças a defini-la como sendo o barracão do terno.....	149
FIGURA 36 – DESENHO. Em dia de festa o quartel é arrumado pelas mulheres e crianças.....	150
FIGURA 37 – DESENHO. As crianças deixando o quartel e ocupando as ruas do bairro.....	151
FIGURA 38 – DESENHO. O terno com seus componentes ocupam as ruas do bairro.....	152
FIGURA 39 – DESENHO. O terno, chegando na praça em que está localizada a Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	153
FIGURA 40 – DESENHO. O momento retratado é de profunda devoção e de forte carga simbólica.....	154
FIGURA 41 – DESENHO. O símbolo do cristianismo e a capela aparecem em azul, pois esta é a cor do manto de Nossa Senhora do Rosário.....	155
FIGURA 42 – DESENHO. A capela de Nossa Senhora do Rosário toda enfeitada para os dias de festa da Congada. Para a criança a homenagem ocupa todo o pátio da capela.....	156
FIGURA 43 – DESENHO. O percurso do terno é retratado desde a saída do quartel até a sua chegada no pátio da capela de Nossa Senhora do Rosário.....	157
FIGURA 44 – Altar no corredor da casa de um capitão de terno.....	163
FIGURA 45 – As imagens do Preto Velho e da Negra Preta, São Sebastião e São Pedro estão juntas no mesmo altar.....	165
FIGURA 46 – A preocupação com a organização do terno e dos seus componentes é constante. ....	168
FIGURA 47 – As imagens sagradas ocupam o espaço da cozinha e é nele que acontecem as orações.....	169
FIGURA 48 – Quando a sala é o lugar do encontro e das orações entre congadeiros.....	170
FIGURA 49 – Casa de um devoto dos Santos congadeiros.....	182
FIGURA 50 – Casa do capitão do terno Verde e Branco.....	184
FIGURA 51 – Casa do capitão do terno Verde e Branco.....	185
FIGURA 52 – Casa do capitão do terno Verde e Branco.....	186

FIGURA 53 - Imagens de Nossa Senhora do Rosário e de uma entidade de umbanda, chamada “Preto Velho”.....	187
FIGURA 54 – Oratório com as imagens dos santos padroeiros da congada. ....	188
FIGURA 55 – Cozinha da congada. ....	189
FIGURA 56 – Início das campanhas do Terno Sainha no bairro Saraiva.....	191
FIGURA 57 - Congadeiros em campanhas pelas ruas do bairro Saraiva.....	193
FIGURA 58 - Encontros entre congadeiros de um mesmo terno. ....	198
FIGURA 59 - Devotos dos padroeiros da Congada aguardando a visita do Terno Marinheiro.....	200
FIGURA 60 - Prendas recolhidas na campanha do terno Moçambique. ....	201
FIGURA 61 – As meninas da bandeira participam das campanhas mesmo à noite.....	203
FIGURA 62 – Soldados atravessando uma área de especulação imobiliária.....	204
FIGURA 63 – Sob a mesa, o oratório com as imagens dos santos da Congada. ....	206
FIGURA 64 – O estandarte e o oratório carregados pela Rainha do terno.....	209
FIGURA 65 - Capitão do terno Catupé Azul e Rosa se preparando para a primeira campanha do ano de 2005. ....	216
FIGURA 66 – Congadeiros do terno Sainha visitam uma família em uma de suas campanhas pelo Bairro Saraiva. ....	215
FIGURA 67 - Esposas de congadeiros reunidas no passeio da rua.....	216
FIGURA 68 - Leilão do terno Azul e Rosa no bairro Brasil.....	217

# INTRODUÇÃO



A condição cultural das festas populares das nossas cidades tem sido estudada muito na perspectiva de se buscar o original, tradicional ou mesmo a manutenção de certos aspectos da cultura popular, principalmente o religioso, o profano e o sincretismo daí decorrente. Tais abordagens têm deixado à sombra um fato decisivo: fundamentalmente, há que serem decifrados os processos transformativos e as razões que impulsionam a realização da festa como manifestação de modos de vida, nas cidades brasileiras. Certamente, há redução da base da cultura popular na festa, principalmente quando a encontramos em estudos que somente destacam os conteúdos capturados pela indústria cultural e ofertados à sociedade em eventos gigantescos, como é o carnaval. No entanto, há também vários estudos das festas, de caráter religioso e religioso profano, colocando à luz formas de interpretação do mundo, portanto, formas de conhecimento, as quais têm sido definidas como constitutivas da imensa diversidade cultural existente em nosso país. Aliás, a rigor, os estudos a respeito da cultura popular no Brasil têm revelado uma imensa riqueza de representações, opiniões e crenças. Porém, a questão espacial raramente aparece, como tema, no entendimento da festa.

Como momento de encontro, a festa representa, em seus vários momentos, irreverências, transgressões e reafirmações do sagrado, do profano, do místico e do simbólico na vida das pessoas e no espaço das cidades. Segundo Durkheim "(...), as religiões e as festas refazem e fortificam o espírito fatigado por aquilo que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano". Nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida "menos tensa, mais livre", a um mundo onde "sua imaginação está mais à vontade" (1968, p. 543 - 547). As formas de manifestações culturais no espaço por meio da festa, muitas vezes assumem dimensões gigantescas, e a sua possível equivalência, mesmo que aparente, com o espetáculo, é uma tendência da atual sociedade. Nesta perspectiva, parece que nos referimos ao espetáculo, denominado por Debord como "(...) a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência. Ele é seu próprio produto, e foi ele quem determinou as regras: é um pseudo-sagrado" (1997, p. 21).

O trabalho que vimos realizando em grupos de ternos de Congada<sup>1</sup>, desde

---

<sup>1</sup> A Congada, objeto de estudo de vários cientistas sociais, e com diversos enfoques em épocas distintas, já foi caracterizada, mais de uma vez como própria dos negros brasileiros. Por essa vinculação, embora sendo uma festa para Nossa Senhora do Rosário, os rituais populares realizam-se nos dias dos santos de cor negra, como São Benedito e Santa Efigênia. Conhecida pelos nomes

1998, em Uberlândia, na região do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, revela que nem todas as comunidades negras estão estruturando as suas manifestações em eventos comprometidos com o espetáculo, apesar de a festa da Congada, em alguns momentos, sob alguns aspectos, revestir-se de forma semelhante.

No entanto, o conteúdo social de cada grupo de Congada, ou de cada grupo de famílias, pode ser diverso, mas quando há a preparação da festa, a capacidade de envolvimento de cada membro parece se realizar inteiramente a partir da comunidade, ou seja, dos ternos de Congada<sup>2</sup> a que pertencem.

A família, enquanto coletividade que se afirma nos encontros que reafirmam a identidade com a cultura negra, nos bairros da cidade, é soma de heranças culturais e esforços individuais e comunitários, que vão se confirmando na conquista de espaços, para se fazer a festa na cidade.

Para enfrentar os preconceitos, historicamente, os negros congadeiros agiram e reagiram às imposições da sociedade local, em diferentes momentos - por meio do sincretismo religioso, das atividades culturais nos bairros do entorno dos ternos e na doação da festa à cidade; tudo, combinado em distintas proporções, fez com que os negros fossem obtendo respeito às suas tradições e permissão para fazerem a festa. Tais permissões revelam conquistas sócio-espaciais e parecem depender das experiências da família na preparação da festa, bem como das condições e determinações históricas e sociais de envolvimento de cada grupo de terno de Congada, nos festejos.

Outras vezes, as famílias não estão ainda totalmente em condições para fazer a festa, para oferecer aos seus membros e aos de fora da comunidade, sob a forma de doação, os festejos, como farturas resultantes do seu trabalho. Esta afirmação pode despertar desconfiança e mesmo ceticismo, quanto aos resultados dos

---

de Congada, Congado e Congo, tudo na festa parece intrigante, pois é a expressão comum de um universo repleto de significados, estratégias, sabedorias e resistências humanas. Trata-se, portanto, de uma manifestação cultural, cujo nome é um termo criado pelo oprimido, que continua diferenciado e complexo, tanto quanto a condição social geral da maioria dos negros do Brasil.

<sup>2</sup> Para os congadeiros de Uberlândia, ternos são grupos de pessoas que têm dentro da festa da Congada uma identidade com os símbolos do evento e na cidade uma localização espacial. Trata-se de uma forma sócio-espacial da organização dos congadeiros. A comunidade da Congada em seus ternos expressam suas identidades, por meio das cores da bandeira e dos uniformes. São identificadas também pela dança e pelo som dos seus tambores. Cada terno têm obrigações e funções particulares com os rituais religiosos e culturais da festa.

festejos. Afinal, os congadeiros, em Uberlândia, fazem parte de um mundo em que as estratégias daqueles que fazem e recebem a festa também recriam relações sociais tradicionais, além de criar relações modernas para se ter festa. É nesta perspectiva que a festa da Congada parece nutrir-se de costumes e tradições herdadas do passado, ou seja, dos resíduos culturais, mas que na festa sofrem vários ajustes e tornam-se potencialidades que, no vivido, aparecem sob a forma de arranjos e estratégias. Para as comunidades, no caso os ternos de congadeiros, a festa é resultado de inúmeras combinações.

Apesar de contarem com subvenção municipal, essa ajuda é ainda incipiente. Contudo, consideramos que os congadeiros de Uberlândia se diferenciam, enquanto grupo social, ou seja, constroem uma certa autonomia que lhes permite negociar com a Prefeitura as condições para se manifestarem na cidade. Sendo assim, a conquista da festa trouxe a dissolução de qualquer possibilidade de dependência absoluta da comunidade em relação a qualquer instituição. Isto significa que, em seu processo de construção de autonomia, a comunidade dos congadeiros não rompe relações com a Igreja e o Estado. Porém, como estamos pensando a comunidade dos congadeiros de Uberlândia e a sua relativa autonomia em realizar a festa, é preciso considerar a sua organização, na perspectiva comunitária. A condição das comunidades negras da cidade é complexa; elas têm enfrentado, historicamente, as pressões sucessivas dos diferentes preconceitos e segregação étnica e cultural advindos das várias instâncias da sociedade uberlandense.

Internamente aos grupos de congadeiros, pensar nas suas formas de reação às múltiplas determinações sócio-espaciais, políticas e culturais pode contribuir para a compreensão das relações que geram e dissolvem as situações que obstaculizam a autonomia da festa. No entanto, concretamente, apesar dos obstáculos, a festa continua. Nesse processo, entendemos ser importante investigar se os aspectos comunitários dos congadeiros seriam suficientes para nos ajudar a entender a manutenção e ampliação das forças que reeditam, a cada ano, a Congada, em Uberlândia.

A comunidade para os negros de Uberlândia é, sem dúvida, uma poderosa instituição, porém, as transformações políticas conseqüentes, aparentemente, constituem uma restauração da comunidade e uma capitulação política dos congadeiros, no processo de se fazer a festa. Esta, porém, é uma observação



relevante, que nos faz pensar em outros aspectos importantes do problema. Em primeiro lugar, a preponderância das determinações formais, na constituição dos ternos de Congada, e conseqüentemente, na organização das comunidades, pode estar garantindo sociabilidade aos congadeiros, para estabelecer relações de troca e de ajuda com a Igreja Católica e com a cidade. Em segundo lugar, o caráter socialmente mediador da comunidade e da cultura negra parece ser suficiente para organizar as forças políticas existentes no interior dos ternos de Congada e ampliar as relações com as instituições, tornando tais relações menos pesadas e embatidas nas várias esferas da vida dos congadeiros. Em terceiro lugar, a diferenciação dos conteúdos culturais e comunitários dos congadeiros é determinada pelos modos de cada grupo social e, portanto, pelo modo político de apropriação dos resultados da festa da Congada. A idéia de que existe sociabilidade entre os congadeiros e a cidade nos levou a pensar que os envolvidos com a festa não conspiram contra a comunidade e nem negam, substancialmente, a função histórica, sobretudo de resistência, dos ternos de Uberlândia. A comunidade é, assim, recuperada e ampliada e, nessa relação, não pode ser reduzida a mera exterioridade e a mero fenômeno social.

A contribuição que pretendemos dar neste estudo dos Congadeiros de Uberlândia é o enfrentamento de questões relacionadas aos processos de afirmação e inserção do negro na cidade, e as razões que impulsionam o surgimento da Congada, como manifestação deste grupo social, em Uberlândia. Neste estudo, pretendemos tratar, também, dos valores e das expressões do negro no espaço da cidade, a partir da festa. Enfrentaremos questões que supõem, na verdade, o estabelecimento das relações sociais, seus conteúdos históricos e espaciais da Congada, em Uberlândia. Isto porque a pesquisa se refere a uma realidade com raízes históricas e espaciais completamente diferentes das festas de origem religiosa e religiosa-profana do interior do Brasil. Estamos refletindo a partir de uma realidade social em que a existência e a disseminação da cultura negra, nos bairros da cidade de Uberlândia, têm se mantido, não a partir de certas resistências às imposições da Igreja Católica e do Estado, pois os congadeiros não consideram a relação com a Igreja e o Estado como sendo manifestações de imposições, bem como consideram que há uma relação de troca com estas instituições.

Neste processo, as tramas sociais não nos remetem às imposições

institucionais. Em verdade, a manifestação dos negros na cidade não tem provocado isolamentos da comunidade, principalmente em relação à Igreja e ao Estado. A Congada continua e vai se afirmando, inclusive, no sincretismo religioso. Tal posição tem contribuído para produzir resultados importantes e satisfatórios, no sentido de ampliar as relações e negociações dos negros com a Igreja Católica e a Prefeitura, principalmente nos momentos e nos espaços onde ocorrem os rituais sagrado e profano.

Neste processo, consideramos que a Congada, em seus conteúdos religiosos, sobretudo sincréticos, está em combinação com sua forma exterior igualitária e, supostamente, católica. A forma de manifestação religiosa sagrada e profana parece ser, antes, um instrumento de reprodução de relações sociais, que só parcialmente se realizam na direção daquilo que pressupõe a capacidade de reação do negro, sobretudo aos preconceitos sociais que a cidade lhe impõe. Capacidade de reação que se tem revelado nos festejos, porém, dependente das possibilidades anunciadas a partir das negociações políticas estabelecidas entre congadeiros, Igreja católica e Estado.

Na organização espacial dos ternos de Congada, que é o nosso posto de observação, a comunidade não deixa de revelar seus conteúdos sociais e políticos, porque essa organização, de fato, produzida no interior do espaço vivido, não é totalmente autônoma e nem totalmente comunitária. Ao mesmo tempo, torna-se capaz e incapaz de encontrar saídas comunitárias para os seus problemas, implicados na organização das suas manifestações culturais, a partir da festa. Esta é uma situação social dos congadeiros em que as possibilidades de autonomia, frente à festa, que lhes são acessíveis, cotidianamente, são contraditórias, na medida em que as mediações em que vivem e que se renovam a cada dia denunciam o enorme desencontro entre a comunidade, os congadeiros e a cidade, entre os resultados do trabalho para se fazer e doar a festa e as condições de vida de cada pessoa, na cidade.

No interior do mundo dos congadeiros que fazem a festa, por várias razões desconfiamos que existam componentes parecidos com a realidade da comunidade rural tradicional. O problema é que o lastro cultural dos congadeiros, mais ou menos individualizados, não pode alcançar profundamente a substância da comunidade de origem da festa. Os congadeiros, embora envolvidos na festa, de forma consciente

ou inconsciente, pela luta política de direito à cidade, encontram-se na congada como pertencentes a um grupo social e, portanto clivados por valores culturais, pertencimentos e identidades do mundo moderno.

No mundo vivido do congadeiro, as tradições da Congada, que se realizam em seus ternos, não podem cobrar, de cada um de seus membros e de todos, coerência nas exigências de sociabilidade e reciprocidade política, nas relações sociais que ultrapassam a festa. Quando os negros se convertem em congadeiros, entendemos que conquistam uma parte importante dos conteúdos comunitários, ou seja, a identidade de grupo social e a crítica à hierarquização das relações sociais a que estão submetidos.

E, nesse sentido, a natureza da sua condição social, ou seja, do preconceito em relação ao negro, vai-se manifestar na sua vida social e psicológica. Essa situação de congadeiro cria manifestações de conteúdos políticos de forma crítica, em relação à cidade e à sociedade. Em verdade, em relação à religião católica, tendem a um certo sincretismo, que lhes permite certa autonomia religiosa e os distingue da condição de católicos praticantes tradicionais. Com relação à Prefeitura, conquistaram o direito de receber verbas de subvenção. Isso não quer dizer que tenham se tornado reféns do Estado e das suas políticas hegemônicas de subvenção à cultura.

Assim, na condição de congadeiros que fazem a festa, são ao mesmo tempo autônomos e hábeis negociadores, capazes de reconhecerem que romper com os conteúdos religiosos do catolicismo significa afastarem-se de uma importante instituição que os acolhe como cristãos. No entanto, essas contradições da condição religiosa e social podem ter um aspecto historicamente positivo na desalienação das relações sociais, sobretudo voltadas para a comunidade, a Igreja, o Estado e a cidade. Mas não podemos concluir, daí, que essa situação apresente uma positividade, pelo fato de os congadeiros apresentarem resistências culturais e políticas, que de certa forma demonstram sobrevivências dos conteúdos sócio-espaciais de outras épocas, ou residuais, sobretudo culturais tradicionais. Como entendemos que os congadeiros estabelecem relações que implicam negociações com a Igreja e o Estado, consideramos que lhes são importantes os usos do espaço em seus vários aspectos, principalmente na formação de territórios, fixação de opiniões e das crenças, as quais transformam ou tendem a transformar a

comunidade, inclusive, em força política.

Desse modo, o nosso trabalho justifica-se pela necessidade de desenvolver reflexões investigativas em relação à condição sócio-espacial do negro, na cidade de Uberlândia, e que tal estudo possa nos habilitar a elaborar um entendimento dos fatores organizacionais dos congadeiros, relacionados pela mediação da cultura, do culto religioso e da comunidade, bem como do seu modo de vida.

O que esperamos demonstrar é que os congadeiros não atuam, socialmente, como pessoas identificadas com a festa em uma única direção, como se poderia presumir, a partir de uma concepção meramente evolucionista das relações sociais e sua história. Por isso, quando argumentamos a respeito de relações tradicionais e residuais da cultura negra na cidade, não estamos escrevendo, necessariamente, sobre o passado, mas aquilo que vem potencializando o seu processo de valorização e representação da cultura e da comunidade, na cidade. Os congadeiros, de modo intenso, em seus ternos, trabalham para fazer a festa. Nesse processo, vão enfrentando vários problemas e construindo saídas, sob condições limitadas e limitantes, estabelecidas e mantidas, contraditoriamente, no interior de suas relações comunitárias. Eles mesmos não são estruturados em unidades politicamente atuantes, mas criam e também recriam relações sociais alternativas.

Assim, os congadeiros nem sempre são apenas os portadores de um acervo cultural do seu tempo, que os tornou sensíveis às relações sociais comunitárias. Consideramos, também, que eles são criadores de estratégias capazes de libertar as possibilidades nelas contidas, porém impedidas, por várias circunstâncias, internas e externas aos ternos de Congada, de fluírem objetivamente, para se realizarem como possibilidade de autonomia na festa e de se posicionarem como sujeitos das suas ações no vivido.

O desafio parece ser não só o de entender o processo pelo qual os congadeiros recriam relações sociais tradicionais, mas, além de decifrar esse processo de criarem tais relações, visualizar, a partir delas e por meio delas, as possibilidades de eles se afirmarem como força política que age para obter o direito à cidade.

Isto nos coloca um corpo de problemas, para pensar as estratégias organizacionais no interior dos ternos de Congada, na família e comunidade, pois os

usos do espaço praticado pelos congadeiros parecem formar opções importantes, para que se afirmem como sujeitos, em relação à cidade e à vida. De fato, quando se pensa nos usos do espaço, em termos de Congada, as estratégias aparecem e, assim, poderemos concluir que se trata de formações de territórios a partir dos usos fundamentados em ações políticas, crenças e valores que convergem na manifestação do negro, na cidade, como um sujeito diferente. Aparece, em vários momentos, do processo de fazer a festa, como alguém irreverente e capaz de obter autonomia, em várias esferas da vida, para oferecer a Congada, como doação à cidade. Neste caminho, alguns ternos desenvolvem várias estratégias, para fazer a festa de maneira mais ou menos autônoma. Tornam-se, do ponto de vista estético, mais modernos, mas cedem às imposições da moda e ao consumismo.

Para poder explicar as realidades das Congadas, seus entraves religiosos, políticos e comunitários, é preciso conhecer as diversas origens sócio-espaciais dos congadeiros. Essas realidades são desveladas quando abordamos a sua complexidade, a partir de múltiplas perspectivas. Por exemplo, os congadeiros de Uberlândia têm incluído, em suas manifestações, arranjos que se concretizam na ocupação dos espaços públicos da cidade. Tal situação aparece em vários bairros da cidade e demonstra que a Congada ultrapassa a festa e também realiza importantes estratégias para a reprodução dos costumes e tradições dos negros de Uberlândia. Desse modo, a condição social fundamentalmente urbana dos congadeiros é, sem dúvida, uma das mais importantes questões para discutirmos a sua organização na cidade. As suas capacidades de inovações, nas suas práticas cotidianas, e de refletir a respeito de suas respostas aos apelos comunitários estão seriamente comprometidas por várias questões e não são resolvidas ou digeridas apenas a partir da participação dos negros na festa.

Assim, pensamos em discutir também o caráter político, não só da manifestação cultural ou do trabalho, mas da direção, da organização e das competências dos congadeiros e, a partir da compreensão desse caráter, decifrar as razões pelas quais a Congada praticada por eles se desenvolve, na perspectiva de garantir identidades e pertencimentos aos próprios congadeiros.

Nesta perspectiva, entendemos que o desconhecimento da origem sócio-espacial e cultural da Congada seja gravíssimo para compreendermos os objetivos da festa, principalmente sob o ângulo das reações do indivíduo e da comunidade,

direcionadas para uma realidade espacial que apresenta um sujeito dotado de várias capacidades políticas, mas que não consegue tornar a festa um evento somente de domínio comunitário, e uma possibilidade concreta de reprodução social de uma população marcada pelo preconceito da sociedade. No entanto, a condição social dos congadeiros, dentro e fora dos domínios da festa, apresenta-lhes possibilidades para a reprodução dos costumes e tradições da Congada, na cidade, bem como a sua identidade sócio-cultural e pertencimento a um grupo social.

Em verdade, estamos refletindo a partir de uma realidade sócio-espacial e cultural que se situa no interior da sociedade uberlandense, e que produziu esse movimento em determinado momento histórico, de grave crise social, em um espaço que é urbano. Esta reflexão tem também, como referência, um contingente de descendentes de ex-escravos, porém, neste momento, proletários, oriundos de vários setores da economia, que ainda contêm, além das chamadas relações tradicionais - mesmo que sejam relações deterioradas - uma estrutura familiar diferente da dos proletários das classes populares da cidade, pois os negros conseguem produzir a festa e constituírem-se em força política.

Portanto, pensamos que os ternos de congados em Uberlândia, como uma organização social que expressa uma realidade em que a unidade familiar e a própria comunidade não se organizam na sua forma clássica ou moderna, mas de diversas formas, vem desenvolvendo novas relações sociais e em grande parte acompanha os processos de redefinição da vida na cidade. A tradição e os costumes manifestam um sentido histórico, pois a sua presença na cidade revela estratégias ligadas no que diz respeito à transmissão de valores e práticas culturais que, de alguma maneira, são reinventadas, no processo de fazer da Congada uma afirmação de um grupo social na cidade.

Nesta perspectiva, percebemos que as relações sociais que acontecem no interior da comunidade e os rituais que atingem as ruas da cidade têm um mesmo objetivo, mostrar que o grupo existe e é representativo em Uberlândia. Pensamos que tal objetividade está relacionada, principalmente, à noção da Congada como patrimônio comunitário, como tem sido tratada pelos congadeiros. Convém insistir neste ponto, pois, neste tipo de manifestação, a autonomia comunitária existe e aparece quando o grupo decide, ou seja, a comunidade, ao fazer:

(...) suas escolhas, inicia um processo em que vai experimentando momentos de autonomia política, econômica, religiosa para fazer a festa. Neste sentido, as interações entre os membros da comunidade são em função da festa. No entanto, a maneira de organizar a festa se modifica, se enriquece e se empobrece (SANTOS, 2003, p.04).

Ao pensarmos nos sentidos das transformações, entendemos que os costumes e as tradições, necessariamente, apresentam uma continuidade com o passado. A Congada, nos domínios da comunidade, entre outras possibilidades, é expressa no decorrer de situações que implicam a suspensão das distâncias entre os indivíduos, na produção de um estado de efervescência coletiva e na transgressão das normas comunitárias. Ao se recorrer às fundamentações da origem da Congada, criaram-se expectativas de se encontrar, na Congada de Uberlândia, um movimento que não nega o passado e nem o repete. Pensamos que há, no processo de organização e manifestação da Congada, uma combinação implícita e explícita de conteúdos culturais, históricos e espaciais, de origens étnicas, que foram sofrendo várias metamorfoses. Nesta perspectiva, entendemos que é de fundamental importância evitar a sacralização de referenciais teórico-metodológicos, sob pena de promover empobrecimentos, o que nos impediria de perceber e compreender os fundamentos e as especificidades do modo de vida daqueles que fazem a Congada.

Dessa forma, é preciso destacar o dinamismo comunitário dos ternos de Congada em Uberlândia, sua capacidade de inovação e ampliação da participação de adeptos, suas formas sociais de organização comunitária e sincretismo religioso. Assim, procuramos considerar a Congada como um fenômeno que pode ser explicado a partir das práticas sociais e espaciais dos negros na cidade, principalmente da organização de suas moradias, ou seja, do modo de morar e viver em família. De fato, em alguns casos, a forma de reunir as residências de vários parentes, em uma mesma propriedade, pareceu-nos determinante na moldagem da atual estrutura organizacional dos congadeiros. É claro que esta forma de residência só foi possível pela existência de uma estrutura familiar e comunitária capaz de absorver e reagir às imposições decorrentes dos vários processos produtivos e especulativos que surgiram colados e imbricados no crescimento da cidade.

Mesmo morando em quartéis<sup>3</sup>, nem todos os grupos de congadeiros ou ternos de Congadas são iguais, e seria um equívoco imaginar que a Congada possa ser mantida ou recriada como uma manifestação totalmente fiel ao passado das comunidades negras no município de Uberlândia, inclusive a partir das condições existentes no espaço. Na verdade, elas formam vários grupos de pessoas que vivem na cidade, ocupam e desenvolvem várias atividades, cuja organização vai conquistando o direito de fazer a Congada na cidade, o que significa que a condição social do negro pode ser percebida também a partir de inovações, não necessariamente compatíveis com as suas tradições.

Na medida em que a comunidade assume a Congada como parte dos costumes e tradições dos negros na cidade, a participação de seus membros supõe interação, com possibilidades de se articularem livremente. No interior dos ternos, os congadeiros são capazes de definir papéis, os quais vão ser desempenhados por cada pessoa. Para além do seu envolvimento com a Congada, a comunidade exerce o papel de tomar decisões, instituindo o comportamento coletivo. Um comportamento comunitário complexo, posto diante dos outros como doação de vários conteúdos, materiais e imateriais, relacionados aos costumes e tradições dos congadeiros de Uberlândia.

Muitas vezes, a ligação com a Congada mistura-se com um conjunto de relações de pessoa a pessoa. Deste modo, pensamos que é possível estabelecer uma distinção conceitual entre estas duas formas de organização. A resposta a esta questão deverá ser encaminhada na perspectiva da busca dos conteúdos comunitários, que geram identidades e pertencimentos, mas que se realizam em ambientes sociais e espaciais redefinidos pelo próprio processo histórico que promoveu o crescimento da cidade.

Como resultado deste processo, temos os ternos de congo, os congadeiros e a festa da Congada. Como explicar a manifestação dos costumes, das tradições dos negros na cidade, sem tratar do modo de vida, das opiniões, das crenças e principalmente dos significados da festa? O terreno aí é vastíssimo, a quantidade de

---

<sup>3</sup> Para os congadeiros de Uberlândia, quartel é a casa do capitão de terno; é onde residem pais, filhos, noras e genros. Por ser de inspiração militar, o quartel é, também, a sede do terno e o lugar de encontros, reuniões e ensaios, bem como barracão para a confecção dos instrumentos e nos dias de festa funciona como cozinha comunitária.



variáveis é também imensa, mas o que nos parece essencial é a manifestação de sujeitos sociais sobre uma forma social inédita, em que o próprio processo de manifestação não vem somente da história, mas do espaço, e nele se encontram as manifestações de um grupo étnico, que se empenha em garantir o direito à cidade.

Como não se trata de uma manifestação descontextualizada das problemáticas urbanas, tais como moradia, educação, lazer, segurança, dentre outras, o objetivo geral deste estudo, sob uma perspectiva geográfica, está na reflexão de como um grupo social étnico, ou seja, de negros, se organiza e se propõe a fazer da Congada uma possibilidade de juntar e organizar os congadeiros, estabelecendo arranjos e estratégias que se constituem em formas de se viver na cidade. Assim, o trabalho tem como eixo privilegiado os costumes e tradições familiares e comunitários dos congadeiros, sendo que é a partir desse eixo que se reflete sobre as práticas sociais e espaciais, no seu conjunto e na cidade, em geral. Segundo Thompson (1998), os costumes e tradições se constroem a partir de uma totalidade, a “realidade social”, o “fenômeno social total”, e que por isso a distinção entre os vários ternos só pode provir dos próprios congadeiros, e não pode ter outro significado que não seja o de cada uma dessas pessoas encarar, abordar, posicionar os seus interesses como sendo uma manifestação pelo direito de usar o espaço da cidade para viver.

Trabalhamos com a Congada de Uberlândia desde 1998. O corpo de problemas apresentado foi sendo elaborado tendo as condições materiais e imateriais da Congada como ponto de partida, desdobrando-se nas condições de reprodução dos grupos sociais envolvidos. Procuramos seguir, portanto, uma concepção materialista da história. Assim, destacamos, no interior do trabalho, os fundamentos materiais e imateriais do modo de vida dos congadeiros, os objetivos implicados nas relações comunitárias, as estruturas de poder e hierarquias existentes dentro dos ternos de Congada. Desse modo, a metodologia proposta para a dissertação foi sendo concebida na perspectiva da investigação do modo de vida dos congadeiros, principalmente das relações que eles estabelecem no cotidiano, para viver na cidade.

A investigação do modo de vida compõe o essencial deste estudo. De um ponto de vista da história desse conceito, entendemos que é necessário fazer algumas incursões ao vivido das pessoas. Nesse sentido, é correto dizer que o

enfoque ao modo de vida será dado, sobretudo, ao uso e à apropriação do espaço, pelos congadeiros.

Outro aspecto conceitual importante e que norteou a nossa investigação foi o de comunidade. Procuramos discuti-la como “(...) uma área de vida social assinalada por certo grau de coesão social. As bases da comunidade são localidade e sentimento de comunidade” (MACIVER, 1973, p.123). Noção que nos permitiu explorar os códigos estabelecidos nas relações entre congadeiros e cujo resultado proporcionou analisar os processos amplos de que tratamos nos ternos. Analisamos tal conceito estabelecendo comparações entre o teórico e a praticidade organizacional dos congadeiros. Isto nos permitiu decompor as comunidades para compreender as especificidades do vivido dos congadeiros e, assim, chegar ao modo de vida, aos arranjos e estratégias sociais das pessoas estudadas.

Analisamos os grupos sociais que formam a Congada e entendemos que se tratava de um grupo de pessoas “que entram nitidamente em relações sociais entre si. Um grupo, conforme o compreendemos, envolve, portanto, reciprocidade entre seus membros” (MACIVER, 1973, p.131). Nesta perspectiva, procuramos analisar os ternos de Congada como sendo um “grupo expressamente organizado em torno de um interesse peculiar” (MACIVER, 1973, p.131).

Os procedimentos teóricos e metodológicos para discutir a Congada e a comunidade dos negros de Uberlândia foi sendo construído passo a passo, como alguém que caminha e pensa constantemente a direção desse caminhar e que por vezes contorna obstáculos para seguir adiante e realizar descobertas. Os conteúdos dos objetivos propostos foram analisados a partir do lugar, das suas manifestações culturais materiais e imateriais, bem como da história dos congadeiros. Começar a pensar o patrimônio cultural material e imaterial, bem como a história das pessoas que fazem a Congada e o seu desdobramento para sentimentos de pertencimentos, identidades e práticas de sociabilidade, pareceu-nos um importante caminho, que poderia nos ajudar a compreender as relações entre os congadeiros, a Congada e a cidade, bem como as marcas que tais relações poderiam deixar no espaço.

Nesta caminhada, também começávamos a entender que é nos quartéis e ternos de Congada que a vida social e cultural estava emergindo, pois é lá que o congadeiro começava a perceber a vida, emergindo em suas várias esferas.

Pensamos em conceituar o nosso envolvimento com os pesquisados, e percebíamos que os congadeiros objetivaram o seu mundo, no espaço vivido. Como proletários urbanos, pensam a sua reprodução na cidade, mas defendem o lugar em que vivem e usam das mais diversas formas os espaços, principalmente, o público. Pelo uso destes lugares chegamos aos territórios e às redes sociais. Como esse processo de produção e reprodução objetiva identidades que promovem no espaço usos e apropriações da cidade e do urbano, decidimos acompanhar as campanhas dos ternos e fizemos isto durante quatro meses. Dois meses, em 2004, e mais dois, em 2005. Como são 24 ternos, decidimos acompanhar pelo menos uma campanha de cada terno. Também fomos às missas, inclusive as denominadas congas, estabelecendo diálogos, mais ou menos demorados, com os congadeiros. Quando autorizados, gravamos e filmamos as manifestações culturais.

Ainda, na perspectiva do envolvimento com a Congada, dedicamo-nos, nos últimos dois anos (2003 a 2005), a acompanhar e observar como ia sendo processada a sua manifestação cultural, tanto nos seus aspectos materiais como imateriais. Os conteúdos culturais das pessoas que vivem nos quartéis vão sendo estabelecidos, redefinidos ou mantidos, entre os seus membros. Pela comparação desses conteúdos culturais entre ternos, observamos os conteúdos religiosos, as seduções e os atributos culturais da Congada.

A metodologia utilizada considerou o movimento das interações culturais e tivemos cuidados especiais ao observar as ações expressas na construção das manifestações de saberes, habilidades e conhecimentos, os quais expressavam identidades e pertencimentos, principalmente em relação aos lugares de moradia, e de conquistas com relação aos espaços da cidade, para se fazer a festa.

Ao trabalhar com a complexidade das manifestações culturais dos congadeiros, direcionamos a atenção para as emoções, sentimentos, ou seja, para os modos de sentir, pensar e de agir das populações, em relação aos padroeiros, a sua religiosidade, bem como em relação aos lugares em que vivem.

Para a realização deste trabalho, dedicamo-nos às leituras e análises das referências bibliográficas selecionadas e procuramos conhecer teorias relacionadas a cidade, o espaço, o lugar, o território, o modo de vida, o sincretismo, a religiosidade, a sociabilidade, o patrimônio cultural, a cultura popular, as redes sociais, dentre outros.

A leitura e a pesquisa em jornais locais foi de fundamental importância para acompanhar alguns acontecimentos pontuais, relacionados com a manifestação cultural dos negros, na cidade. A partir dessa fonte de informação, foi possível investigar, não apenas a manifestação da cultura, mas também a posição das elites e administradores do município.

No levantamento de dados, por meio de trabalho de campo, para o entendimento dos modos de morar, viver e festejar, bem como para avaliar a percepção e o entendimento que os congadeiros demonstram em relação à Congada, descobrimos várias situações, uma das quais nos indica Santos (1999, p.37):

Na realidade da pesquisa, o que está em jogo não é somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo. A relação que se estabelece entre o pesquisador e pesquisado, observador e observado, é também troca de conhecimento, o que amplia o seu sentido. Além do que, existe também aproximação das pessoas como necessidade ou como modo de se descobrir, ou seja, ir além das superficialidades do mundo moderno.

Nos trabalhos de observação das manifestações culturais, como as campanhas, as festas e os ritos religiosos, utilizamos o recurso da fotografia. Procuramos fotografar as imagens sacras, as pessoas, as atividades, habilidades e mostrá-las para as pessoas entrevistadas, mas tínhamos como meta obter falas, depoimentos, conversas, que nos permitissem ir mais profundamente nos entendimentos dos conteúdos das suas manifestações culturais. Com as crianças, pedíamos para que desenhassem as suas moradias, e aos poucos fomos obtendo desenhos riquíssimos em conteúdos e saborosas narrativas, a respeito da vida nos quartéis.

Ao estabelecermos diálogos com os congadeiros, seja a partir das fotos ou de desenhos, percebíamos que os objetivos estavam sendo alcançados, também, por outros caminhos. Quando nos propusemos a identificar os sentidos e os conteúdos dos seus arranjos e estratégias urbanas, não havíamos imaginado que, no decorrer do próprio trabalho, estaríamos flexibilizando e ajustando os caminhos metodológicos, e neste processo também percebíamos que, entre os familiares e vizinhos, era tecida uma rede de solidariedade, cuja preocupação era fazer da Congada algo mais do que uma festa.

O trabalho de campo foi primordial para a percepção das manifestações das pessoas nos espaços públicos e privados. Não sei ao certo quantas vezes fomos aos quartéis, mas quando nos sentimos saturados e saturantes, resolvemos reduzir

as visitas. As vivências com os congadeiros nos levaram a constatar várias preocupações com a festa e as razões pelas quais ela continua sendo praticada. No campo, também, percebemos mudanças, no espaço urbano, que redefiniram a vida dos congadeiros, sendo de grande impacto o caso das migrações dos familiares para a periferia da cidade.

Dessa forma, as análises que realizamos, até aqui, estão na ordem dos usos e das apropriações do espaço da cidade, promovidos por pessoas que desenvolvem suas práticas sociais no urbano, provocando, nele, atuações que devem ser pensadas de forma mais abrangente. Milton Santos (1980, p.98) nos ajuda, com a seguinte conceituação:

O espaço é uma realidade objetiva, um produto social e um subsistema da sociedade global, uma instância. Sua análise supõe a construção de uma epistemologia genética do espaço geográfico, fundada no fato de que as mudanças históricas conduzem a mudanças paralelas da organização do espaço.

Milton Santos (1980, p.125), em outro momento, discute o processo de mudança das relações sociais e da não permanência das funções que cada ser ocupa neste processo:

Nenhuma sociedade tem funções permanentes, nem um nível de forças produtivas fixo, nenhuma é marcada por formas definitivas de propriedade, de relações sociais. <Etapas no decorrer de um processo>, como Libiola as definiu, as formações econômicas e sociais não podem ser compreendidas senão no quadro de um movimento totalizador, no qual todos os seus elementos são variáveis que interagem e evoluem juntas, submetidas à lei do todo.

Quanto à religiosidade, metodologicamente, procuramos proceder às nossas investigações por observações e, também, por comparações com outros grupos sociais, principalmente, os católicos praticantes, e assim pensar as diferenças e particularidades com que os congadeiros expressam as suas devoções.

No primeiro capítulo, pensamos alguns aspectos teóricos da cidade e do espaço urbano. No caso de Uberlândia, consideramos a sua condição de pólo regional das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Partindo desta contextualização, procuramos pensar as condições sócio-espaciais das pessoas que fazem a Congada, na cidade. O conteúdo do capítulo se concentrou nos fazeres humanos, decorrentes de práticas sociais que resultaram em estratégias para se viver na cidade. Destacamos as formas de organização da comunidade negra, suas estratégias, até chegarmos à Congada. Preocupamo-nos em analisar o contexto

histórico e espacial dos sujeitos da Congada, ou seja, procuramos abordar a sua condição sócio-espacial, para além de um conjunto de funções econômicas, políticas, sociais e culturais. Portanto, a problemática abordada no capítulo foi a de decifrar as substâncias intrincadas nas estratégias espaciais dos congadeiros, dentro da cidade. A Congada foi sendo estudada na perspectiva de compreender o tradicional, ou mesmo a manutenção de certos aspectos da cultura e do modo de vida, principalmente o religioso, o profano e o sincretismo daí decorrentes, bem como os vários conteúdos, inclusive comunitários. Consideramos, também, os princípios da identidade dos congadeiros e a vida na cidade como uma manifestação que se realiza a partir de encontros e (re) encontros de pessoas, potencializando, celebrando e re-elaborando acordos, ou seja, a sua dimensão também política. Procuramos, fundamentalmente, analisar as formas de viver das famílias congadeiras e, assim, exploramos as razões que impulsionam a organização e manifestação dos negros, na cidade de Uberlândia.

No segundo capítulo, estudamos os costumes e as tradições da Congada de Uberlândia e como os lugares dos congadeiros são concebidos, usados, apropriados e negociados, na cidade. Partimos dos costumes e tradições e consideramos o contexto das suas manifestações, para analisar o lugar da Congada e compreender a sua manifestação como sendo resultante de ações e reações do negro, em uma cidade repleta de preconceitos. Na perspectiva da organização dos congadeiros, procuramos analisar a vida em várias das suas dimensões, principalmente a partir das manifestações que os congadeiros fazem da Congada na rua, na casa, no bairro, na praça e na cidade. O nosso ponto de partida foram os costumes e as tradições dos congadeiros e o tomamos como base da reprodução da vida na cidade.

No terceiro capítulo, analisamos o lugar e os diversos lugares que vão-se formando na cidade de Uberlândia, a partir da Congada. Perguntamo-nos e procuramos responder a respeito dos ternos de Congadas, como os congadeiros usam o espaço e fazem, da sua própria história, fixada nos bairros da cidade, um importante referencial de identidade.

Nesta perspectiva, pareceu-nos importante observar, descrever e analisar como o congadeiro percebe o mundo, ou seja, como o lugar o instrumentaliza para negociar os espaços públicos. Problematizamos os usos, isto é, como, no uso do

espaço imediato da vida, o congadeiro organiza o seu quartel, ocupa os espaços públicos do bairro e organiza o seu terno.

Pensamos que a definição dos lugares da Congada, dentro da cidade, dizem respeito ao cotidiano dos congadeiros, pois entendemos que é por meio das suas práticas sociais, principalmente de fundo religioso, que os congadeiros se apropriam das ruas, das praças, que tais lugares vão ganhando o significado dado pelo uso. E passamos a perceber e a entender os sentidos atribuídos aos lugares, dentro da Congada, por meio das relações familiares, comunitárias e de vizinhança, nos espaços públicos e privados. Assim, o nosso objetivo principal, no capítulo, foi o de analisar a Congada como manifestação cultural de um grupo social, que sofre alterações e mesmo reduções nos seus costumes e tradições, mas mesmo assim continua sendo uma forma de manifestação de identidade e pertencimento das pessoas, em seus lugares de origem.

No quarto capítulo, consideramos a complexidade das relações sócio-espaciais que a Congada promove na cidade. Como a Congada reúne pessoas, as quais se organizam e representam forças sociais, indagamo-nos: como elas ocupam o espaço para desenvolver os seus rituais e relações de vizinhanças, em vários pontos da cidade? Como a Congada existe na cidade e os próprios congadeiros tecem uma rede de relações que basicamente incluem as suas famílias e aqueles que por algum motivo, se identificam com os rituais religiosos, decidimos analisar o significado desta rede social. Partimos das redes familiares e iniciamos um trabalho que procurou indagar a respeito do envolvimento das pessoas para com a Congada e também compreender a sua capacidade de reatar relações, preservar e ampliar a participação das pessoas, na festa. No desenvolvimento dos trabalhos de campo, examinamos alguns aspectos constitutivos da rede social presente na Congada de Uberlândia, quais sejam: a interconexão entre os ternos e famílias, as campanhas, como estratégias sociais que resultam na coesão interna e expansão externa da Congada, e as estratégias de reprodução social do congadeiro, bem como a consolidação dos ternos, como grupos sociais constitutivos da teia social que sustenta e reproduz essa manifestação cultural e religiosa, em Uberlândia.

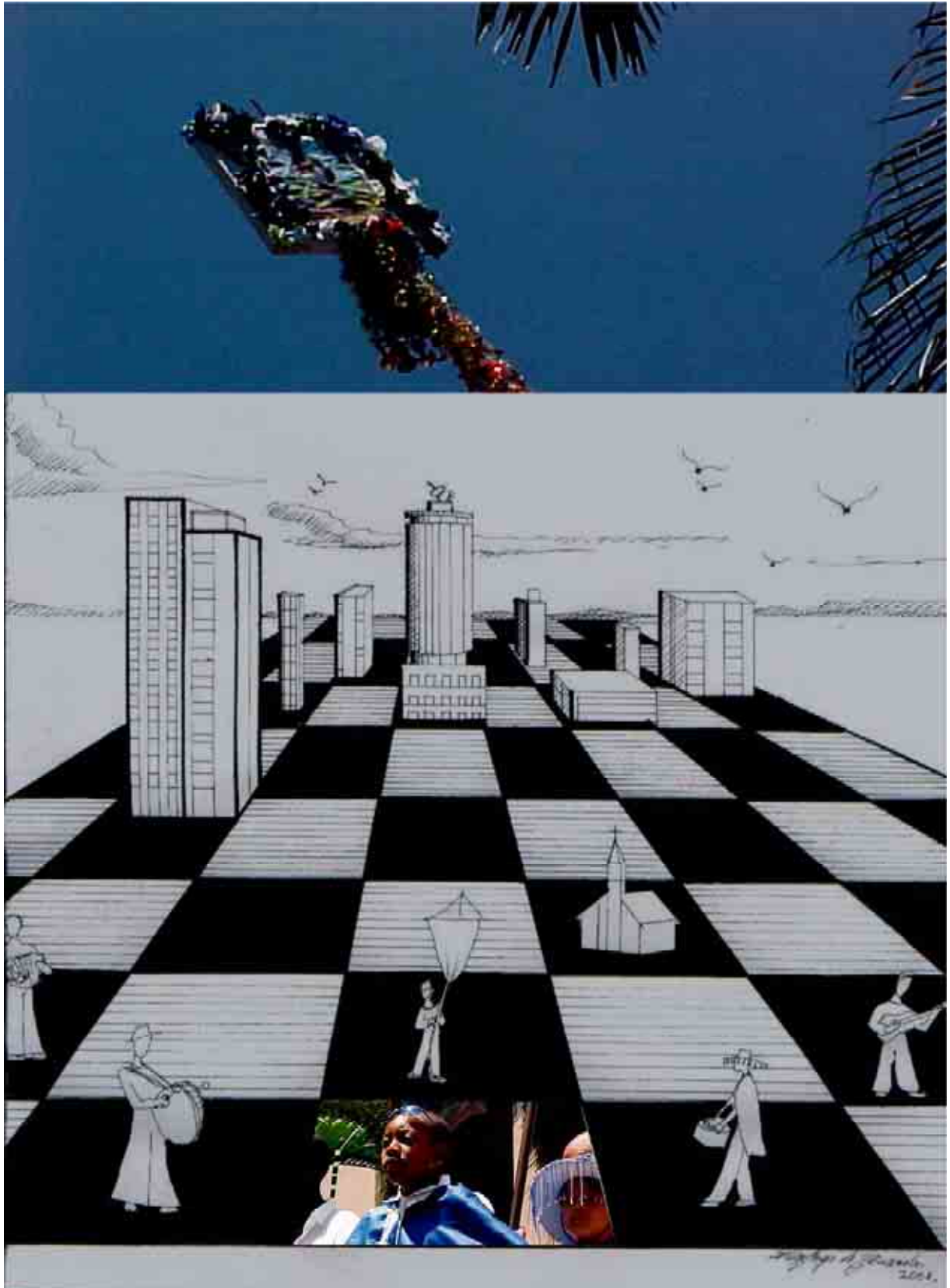
Para analisarmos as relações que sustentam a Congada de Uberlândia, decidimos verificar, em cada terno, a partir de itinerários estabelecidos nas campanhas, como os congadeiros, em suas práticas cotidianas, conseguem

ritualizar os preparativos da festa e, neste processo, manter e ampliar o número de participantes.

Portanto, neste capítulo, procuramos analisar os conteúdos das redes sociais, as quais reúnem diversas formas de sociabilidade, reciprocidade e estratégias. Isso tudo indica que a substância que gera e mantém a Congada deriva da persistência das redes familiares, concretizadas e mantidas na vida e no vivido das pessoas.



# CAPÍTULO I – A CIDADE E AS ESTRATÉGIAS URBANAS DAS FAMÍLIAS CONGADEIRAS



A cidade de Uberlândia, a partir das décadas de setenta e oitenta do século XX, começou a sofrer grandes transformações, no que diz respeito, principalmente, ao seu espaço urbano, com implicações na esfera econômica, social e cultural. Essa transformação foi Impulsionada por vários fatores, como a intensificação do desenvolvimento industrial, empresarial e por um processo de diversificação do comércio e dos serviços, os quais levaram a cidade a uma reestruturação urbana, com implicações na dinâmica espacial, demográfica e econômica.

O município de Uberlândia/MG localiza-se na Região IV – Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A cidade é considerada o principal centro administrativo, econômico, cultural e universitário de importância regional. A população total do município é de 501.214 habitantes, sendo a urbana de 488.982 e a rural de 12.232 habitantes. A taxa de crescimento é de 3,05 % ao ano (Censo/IBGE/2000)<sup>4</sup>. Tendo seu ritmo de desenvolvimento acelerado, vem-se afirmando como um importante centro industrial, comercial, atacadista distribuidor e de prestação de serviços.

Como a cidade é considerada, no estado de Minas Gerais, um pólo regional, para desempenhar este papel Uberlândia tem, em seu território, vários órgãos públicos, estaduais e federais<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> IBGE cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em agosto de 2005. O último Censo sobre populações ainda é o do ano 2000, no entanto, em outros sites, como o da Prefeitura Municipal, os dados de crescimento são de 3,89% ao ano.

<sup>5</sup> Registra-se, na cidade, a presença dos seguintes órgãos: 40ª Superintendência Regional de Ensino, Administração Regional do Governo do Estado de MG. Bolsa de Mercadorias de Uberlândia. Central de Abastecimento Regional do Triângulo - CEASA/CEART, Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais – CASEMG, Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais, Companhia de Habitação de Minas Gerais – COHAB, Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG, Conservatório Estadual de Música de Uberlândia, Delegacia Regional de Odontologia de Uberlândia. Delegacia Regional de Segurança Pública, Delegacia Regional do Trabalho, Departamento Estadual de Estradas de Rodagem – DNER, Diretoria Regional de Saúde. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural MG - EMATER/MG, Federação das Associações Comerciais, Industriais, Agropecuários e de Serviços do Estado de Minas Gerais – FEDERAMINAS, Federação das Indústrias de Minas Gerais – FIEMG, FEPASA - Ferrovia Paulista S/A, Fundação Rural Mineira de Colonização e Desenvolvimento Agrário – RURALMINAS, Instituto de Pesos e Medidas do Estado de Minas Gerais – IMETRO, Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais – IPSEMG, Instituto Estadual de Florestas – IEF, Instituto Mineiro de Agropecuária – IMA, Junta Comercial do Estado de Minas Gerais, Procuradoria Regional da Fazenda Paranaíba, Sec.de Estado do Trabalho , da Assistência Social, da Criança e do Adolescente - SETAS – CAD, Secretaria Estadual de Recursos Humanos e Administração, Superintendência Regional da Fazenda Paranaíba, Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Tribunal Regional Eleitoral. Fonte: IBGE cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em agosto de 2005. Organização e adaptação: KINN, Marli Graniel, setembro, 2005.

Neste âmbito, as instituições públicas e privadas desempenham funções altamente complexas e a própria cidade é transformada em suas formas, função, conteúdos, estruturas, tornando-se sede de amplos processos de produção e reprodução do espaço urbano<sup>6</sup>.

Salientamos que, em razão da diversificação das funções urbanas, a cidade de Uberlândia, ao desempenhar um papel regional, torna-se cada vez mais complexa. Como o nosso objetivo não é o resgate histórico, como forma de referendar as transformações no urbano buscando um nexos com o passado, neste caso o estudo pressupõe uma análise concernente a um tempo presente, com algumas incursões ao tempo pretérito. A partir da leitura de alguns dos postulados que vieram definir o conceito de espaço, estabelecemos um vínculo entre o modo de vida dos congadeiros e as múltiplas possibilidades de suas transformações no urbano. Por conta disso, não pressupomos o rigor condizente com a carga histórica a ela vinculada.

Desse modo, neste capítulo, não estaremos estabelecendo uma reconstituição de tempos pretéritos. O nosso objetivo não está contido no resgate do passado, como se todo ele pudesse ser abarcado de forma ampla e inquestionável. Entendemos que “ao discorrermos sobre o passado procuraremos os eventos que interessam à nossa narrativa e desprezaremos tantos outros que não corroboraram (...)” (GOMES, 1997, p.31).

Segundo dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir da década de 1980, Uberlândia passa a apresentar um crescimento populacional contínuo e vertiginoso, pois, em 1980, o município contava com uma

---

<sup>6</sup> O espaço é entendido segundo Lefebvre, como sendo o lócus da reprodução das relações sociais de produção. Milton Santos baseia-se nestas idéias para discutir os conceitos de modo de produção, formação sócio-econômica e espaço, analisando a interdependência entre estes três conceitos. Para este autor, o espaço somente é inteligível por meio da sociedade. E esta mesma sociedade só se torna concreta por intermédio de seu espaço, do espaço que ela produz. Desta maneira devemos falar em formação sócio-espacial, pois sociedade e espaço se inter-relacionam. Santos considera importante os fixos e os fluxos no estudo do espaço. Na perspectiva da dialética, compreende-se que ao mesmo tempo em que o espaço é uma estrutura social subordinada ele também é subordinante. Segundo o autor, o espaço deve ser analisado por meio das seguintes categorias: estrutura, processo, função e forma. Como formas espaciais temos aquilo denominado de aspecto visível, exterior de um objeto, que pode ser observado em diferentes escalas. A função é a tarefa que o objeto desempenha. A forma e a função ao serem analisadas indicam a natureza histórica do espaço. A estrutura diz respeito à natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo: é a matriz social em que a forma e funções são criadas e justificadas. O processo é uma estrutura em seu movimento de transformação. É uma ação que se realiza de forma contínua visando um resultado qualquer.

população de aproximadamente 200.000 habitantes e em 2002 passou a registrar um contingente de mais de 500.000 pessoas.<sup>7</sup> Associadas ao período de maior crescimento da cidade, estão também as desigualdades sociais urbanas. Nos bairros em que residem os congadeiros, procuramos analisar, no presente, os arranjos e estratégias deste grupo social.

Com o objetivo de decifrar as relações que constituem a Congada, na cidade de Uberlândia, fomos-nos embrenhando em reflexões que procuramos estabelecer a partir do exercício de se pensar o teórico e o empírico, o que explica a escolha de pessoas para dialogar a respeito das estratégias que elas estabelecem, para viver em Uberlândia.

À medida que nos aproximávamos dos locais de moradia dos congadeiros, observávamos que a casa não era apenas um arranjo habitacional, mas um lugar repleto de manifestações culturais, de pertencimentos e de identidades.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Segundo o IBGE, no início dos anos de 1980, o município contava com uma população de 200 mil habitantes e no censo de 2000 a população atingiu o contingente de 501.214 habitantes (Fonte IBGE–Censo de 1980 e <http://www.uberlandia.mg.gov.br>). Acessado em agosto de 2005.

<sup>8</sup> A respeito do conceito de identidade referenciamos-nos nas seguintes idéias: "*grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizados pelos próprios atores e, assim, têm característica de organizar a interação entre as pessoas*" (1988, p. 189). Desta forma, o conteúdo cultural destes grupos se expressa, principalmente, por sinais, traços, com os quais as pessoas procuram exibir sua identidade (roupas, língua, hábitos, etc), por padrões de comportamento e procedimento julgados corretos pelos integrantes do grupo. Como os grupos étnicos apresentam expressões coletivas, é válido dizer que é possível a coexistência, no mesmo ambiente, de vários grupos étnicos cuja integração realça e mantém as diferenças. O contato produz a diferença e estas se defrontam onde estão as chamadas 'fronteiras'. As fronteiras, em nosso entendimento, podem-se caracterizar de três formas distintas: podem ser geográficas, dicotomizando centralidade e periferia; políticas, quando enfatizada a questão dos interesses fundamentais, vistos principalmente nos grupos de resistência e nos movimentos sociais e, por último, o que mais nos interessa: fronteiras culturais. Pressupondo a inexistência de uma separação sistemática entre estas, podemos perceber que as relações sociais estáveis são mantidas através das fronteiras baseadas em estatutos étnicos. A interação em um sistema social não leva ao desaparecimento das fronteiras, pelo contrário; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos (Barth, 1988, p.188). Em outras palavras, para Barth, deve-se entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre grupos sociais. Segundo ele, "... identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar as suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada, esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (p.182)" In: SOUZA, Jurandir de, A construção da identidade a partir da dança e da religião - S/d.



Inicialmente, pensamos em uma problemática capaz de nortear a pesquisa na especificidade do objetivo do primeiro capítulo, ou seja, analisar as estratégias urbanas dos congadeiros a partir das especificidades da Congada, em Uberlândia. Isto é, na medida em que ela diferiria de outras festas de negros, em outras cidades brasileiras, qual seriam as condições geradas para o negro viver na cidade? Pensávamos em uma problemática central e começamos a entender que a Congada de Uberlândia ganhava muito mais especificidade, na medida em que os congadeiros se colocam como tarefa pensar/refletir/revelar o mundo em que vivem.

Nesta direção, compreender as formas de viver em Uberlândia envolve pensar o modo como, na cidade, os negros congadeiros desenvolvem as suas estratégias e por meio delas continuam se reproduzindo como grupo social, principalmente enquanto criadores/geradores de práticas próprias. Na perspectiva das práticas sócias que se realizam na vida e no vivido, Seabra (1996) propõe um entendimento a partir da existência humana:

(...) a energia vital, o homem como espontaneidade, mesmo tendendo a recuar, não pode desaparecer, que ele não desaparece à proporção que cresce a artificialidade do mundo. Essa energia se reelabora de um ponto de vista humano, e com isso pode-se dizer apenas que a parte cega da história diminuiu, porque as relações de propriedade foram invadindo domínios amplos da existência, alcançando costumes e alterando-os. No entanto é no vivido, como o nível da prática imediatamente dada, que a natureza aparece e transparece, como corpo, como uso. É nesse nível que o prazer, o sonho, o desejo se debatem, e que os sentidos da existência propriamente humana, não se deixando aniquilar, podem se insurgir. Possibilidade que se funda nas particularidades (SEABRA, 1996, p.74-75).

Entendemos que tal raciocínio ilumina e nos ajuda no entendimento das práticas sociais em nossa sociedade, cujos sentidos e significados podem ser examinados a partir das particularidades da vida e do vivido dos congadeiros, na cidade. Deste modo, não estaremos analisando a festa pela festa, mas pensando no modo como os negros se organizam para viver no urbano e, nesse processo, que contradições produzem e com que profundidade elas se realizam na cidade.

## **1.1 AS ESTRATÉGIAS CONGADEIRAS DE SE VIVER NA CIDADE.**

O tema principal desse sub-capítulo são as estratégias que os congadeiros desenvolvem para viver em Uberlândia, bem como a relação entre a situação social e espacial em que tais grupos se encontram na cidade, o modo de vida e a consciência que eles geram. Neste propósito, partimos da sua situação sócio-espacial dentro da cidade e percebemos que eles, historicamente foram-se adaptando às imposições decorrentes dos vários reordenamentos urbanos causados pelos processos produtivos e reprodutivos da cidade. Em alguns casos, viver na cidade, para os congadeiros, implicou permanecer nos lugares em que a valorização do solo urbano promoveu a especialização espacial, fazendo surgir, além da especulação imobiliária, especialmente nos bairros tradicionais de Uberlândia, uma história de resistências, idéias e costumes que forneceram, obviamente, as substâncias implicadas nas transformações e que requereram adaptações, ajustes e que, portanto, influenciaram na criação e transformação de um modo de se viver na cidade.

Mesmo considerando as várias transformações espaciais, a Congada continua sendo praticada, expressando o modo de vida das pessoas, e entendemos que a discussão a respeito da sua manifestação, na cidade, é ampla. Dentro da Geografia, podemos perceber algumas possibilidades de identificação e análise das estratégias urbanas, bem como as substâncias que movem esses processos, na cidade.

Embora não tratando da Congada, as reflexões de Correa (1989), em relação ao espaço urbano, indicam várias formas de abordagens, cada qual relativa às correntes do pensamento geográfico:

(...) Sua análise geográfica é feita de diferentes modos, de acordo com as diversas correntes do pensamento geográfico. Assim, por exemplo, o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm dele e de suas partes. Outro modo possível de análise considera-o como forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado ainda, o espaço urbano, como qualquer outro objeto social, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso ou de conflito (CORREA, 1989, p.06).

Além destas considerações, entendemos que o tema também pode reservar armadilhas, principalmente aquelas derivadas da tentação de se construir um panorama das reflexões produzidas a respeito da cidade. O objetivo não é fazer uma síntese da produção científica da cidade e do espaço urbano. Sem dúvida a produção científica aí é ampla e complexa. Desse modo, preferimos demarcar alguns entendimentos a respeito da cidade e do urbano, para poder tratar das relações que dão sustentação às pessoas que fazem a Congada na cidade.

Tratando da historicidade do surgimento das cidades, o Geógrafo Milton Santos propõe uma reflexão, a partir do método comparativo. Para ele, na transição do feudalismo para o capitalismo, a cidade aparece como o lugar do trabalho livre: “este lugar, a cidade, se diferencia do campo, entre outros motivos pela possibilidade desse trabalho livre. A cidade aparece, então, como uma semente de liberdade” (SANTOS, 1997, p.52-53).

Mas o que dizer quando nos deparamos com a necessidade de conceituar a cidade e o urbano? Segundo Carlos, (1994, p.21): “A cidade é uma realização humana, produto e obra, por isso tem a dimensão do movimento da vida humana”. Neste sentido, também podemos interpretar que a cidade de Uberlândia é resultado das relações sociais de produção, as quais indicam processos e uma relação dialética entre cidade e a sociedade, ou seja, ela é também criação e criatura e, neste processo, transforma a vida do cidadão. Esta noção de sujeito/ator está expressa nas colocações de Carlos (1992, p. 91).

A cidade, através do trabalho humano, transforma-se constantemente e, como decorrência, modifica a vida do cidadão, seu cotidiano, suas perspectivas, desejos e necessidades, transforma as relações com o outro e suas relações com a cidade, redefinindo as formas de apropriação e o modo de reprodução.

Na perspectiva de o cidadão gerar possibilidades de realização e de negação de sua cidadania, a cidade aparece como possibilidade. No entanto, seria esta a situação que nos ajudaria a pensar as contradições internas das cidades? Ou seriam os diferentes usos e apropriações da cidade a expressão maior deste momento?

Para enfrentarmos tais problematizações e refletirmos sobre possíveis respostas, em relação ao direito à cidade e ao espaço social da nossa sociedade, recorreremos a SANTOS, (1987, p.129).



Trata-se, de fato, do inalienável direito a uma vida decente para todos, não importa o lugar em que se encontre, na cidade ou no campo. Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, através das instâncias do governo e são devidos a todos. Sem isso não se dirá que existe o cidadão.

Para o autor, a existência do cidadão é complexa e está relacionada à conquista dos direitos que assegurem a dignidade humana. Sendo assim, tudo parece decorrer de relações que impulsionam processos político-sociais, inerentes ao desenvolvimento da sociedade e dos seus processos de urbanização. Nesta perspectiva, podemos colocar outros problemas, principalmente o da fragmentação e articulação das partes que constituem o espaço urbano. No caso dos objetivos deste sub-capítulo, é preciso considerar que "(...) o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável" (CORREA, 1989). Portanto, devemos lembrar que tal variabilidade das relações indica processos sociais e uma relação dialética entre espaço e sociedade.

Na perspectiva de se entender o espaço, torna-se importante considerar as reflexões de Henri Lefebvre (1974, p.88-89), principalmente no que se refere a complexidade do espaço social.

Or, l'espace (social) n'est pas une chose parmi les choses, um produit quelconque parmi les produits; il enveloppe les choses produits, il comprend leurs relations dans leur coexistence et leur simultanéité: ordre (relatif) et/ou désordre (relatif). Il résulte d'une suite et d'un ensemble d'opérations, et ne peut se réduire à um simple objet. Pourtant, il n'a rien d'une fiction, d'une irréalité ou <<idealité>> comparable à celle d'un signe, d'une représentation, d'une idée, d'un revê. Effet d'actions passées, il permet des actions, em suggère ou em interdit. Parmi ces actions, les unes produisent, d'autres consomment, c'est-à-dire jouissent des fruits de la production. L'espace social implique de multiples connaissances.

Essas considerações diferem, portanto, da definição de espaço enquanto "coisa" física, que pressupõe algo acabado, concluído e concebido a partir de um pensamento que não considera o movimento de transformação das coisas e do espaço.<sup>9</sup> No âmbito das interações do espaço social, Santos (1990, p.122) afirma que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se

---

<sup>9</sup> Esta idéia se baseia fundamentalmente na obra "La production de l'espace. Paris: Anthopos, 1986.

define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Outras características importantes do espaço são as desigualdades e a sua mutabilidade. No caso dos congadeiros, o espaço em que moram e praticam as suas tradições, além de fragmentado, é desigual. Considerando-se que Uberlândia tem a sua dinâmica influenciada pelos negócios capitalistas, pois ao reunir as principais empresas atacadistas, tais como Martins, Peixoto e Arcom, em seu território, se constitui como o principal centro atacadista do país. Nesta perspectiva, entendemos as contradições do espaço urbano conforme Correa:

(...) o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista. Em segundo lugar, (...) porque a sociedade tem a sua dinâmica, o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados (CORREA, 1989, p.08).

Nesta perspectiva, viver na cidade, estabelecer ritmos de vida próprios, implica as pessoas terem que se submeter a várias imposições sociais, derivadas de contradições geradas no próprio processo produtivo, pois, como nos escreve Carlos:

(...) o espaço se reproduz de um lado a partir da contradição entre produção socializada e apropriação privada e de outro a partir da luta no interior da sociedade entre o que é necessário ao processo de reprodução do capital e o que a sociedade como um todo necessita (...) (CARLOS, 1992, p.84).

A questão do espaço envolve também uma discussão da produção, não apenas das coisas, mas do espaço social, na qual estão envolvidos processos, inclusive, de reprodução de relações sociais. No caso dos congadeiros, esses processos não vão acontecendo ao acaso, são formulados num embate prático que implica o reconhecimento da prevalência do seu direito à cidade. Nesse sentido, a discussão aponta para o entendimento do cotidiano urbano, mas de um cotidiano, além de fragmentado, articulado, repleto de símbolos e significados.

Embora Seabra não esteja tratando do cotidiano do congadeiro, o que ela escreve a respeito do cotidiano é elucidativo para pensarmos a condição de vida e do modo de vida no espaço urbano, inclusive do congadeiro.

O cotidiano emerge para análise na metamorfose das formas de uso do tempo vivido; que o cotidiano urbano prolonga e explicita o sentido da urbanização capitalista pela generalização de um modo de vida no qual

foram sendo aprofundadas as separações no âmbito da vida social (SEABRA, 2004, p.122).

Estes processos se estabelecem na cidade e têm de subverter relações sociais, costumes e tradições. Isto significa que, em tese, o espaço urbano é um espaço repleto de imposições sociais que geram contradições e apontam possibilidades, inclusive da democracia, cidadania; em outros termos, é um direito à cidade que se conquista no espaço vivido. Desse modo, segundo Correa:

O espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos. Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, (...) condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas (CORREA, 1989, p.09).

Em Uberlândia, este campo de disputas e negociações é complexo e silencioso, pois, com relação aos negros, eles sempre viveram sob pesadas imposições. Desse modo, é importante compreendermos o espaço urbano como processo que revela, perdas e carências importantes para a realização do humano, principalmente de espaço e tempo.

Neste sentido, em relação ao espaço construído pelos congadeiros, é necessário levar em consideração, além das heranças históricas, as necessidades e os interesses do grupo de se criar um espaço concreto e funcional para suportar e mediar os conflitos, tensões e contradições que surgem na vida e no vivido das pessoas. Este caráter fundamental das cidades reflete as características das sociedades que as criaram e moldaram, em função de necessidades e interesses. Na perspectiva de buscar subsídios para o entendimento dos conflitos relacionados a produção e uso dos ambientes construídos pelos congadeiros, procuramos observar e, na medida do possível, comparar os argumentos de Harvey (1982), em relação aos objetivos que fundamentam os processos de criação do espaço e dos modos de viver na cidade.

(...) a sociedade capitalista precisa, por necessidade, criar uma paisagem física – uma massa de recursos físicos construídos pelo homem à sua própria imagem, apropriada, em linhas gerais, às finalidades da produção e do consumo. (...) esse processo de criação do espaço é cheio de contradições e tensões e que as relações de classes nas sociedades capitalistas geram, inevitavelmente, fortes conflitos (...) (HARVEY, 1982, p.06).

A pretendida criação do espaço, a partir dos recursos físicos, para atender às necessidades e interesses da sociedade, reproduz, em linhas gerais, as coisas, as

mercadorias. Atender às finalidades da produção e do consumo significa, conforme Seabra (1996, p.82) (...) que mercadorias não são apenas os produtos que saem das fábricas, mas que fragmentos e momentos da existência social também se realizam nos circuitos de valorização do capital”. Portanto, no contexto da modernidade, entendemos que a vida e a cidade se modificam rapidamente, suprimindo e alterando costumes e expondo novos conflitos e oposições que vão recusado e reprimindo aqueles que não cabem nas prescrições do espaço urbano das cidades do nosso tempo.

No entanto, o humano continua, e mesmo em relação aos fragmentos da vida e da existência social, estes podem ser pensados sob as imposições da sociedade capitalista e da velocidade das transformações. No espaço social, mesmo sob fortes imposições, criam-se e redefinem-se as práticas sociais que se ligam ao vivido, gerando várias contradições. Nesse sentido, o pensamento de Carlos é esclarecedor:

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparece; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas, praças transformadas em concreto. Todavia, o mesmo modo de vida urbano que expulsa das ruas as brincadeiras infantis, aprisionando crianças e adolescentes, produz o seu inverso, e joga nas ruas centrais da cidade ou nos cruzamentos de alta densidade crianças vendendo coisas ou roubando (CARLOS, 1992, p.19).

Pode-se dizer que a cidade é lugar social, histórico repleto de contradições que potencializam e medeiam embates, disputas e negociações entre grupos sociais, instituições e idéias, as quais fornecem estruturas, heranças históricas e, seguramente, influenciaram e transformaram a consciência das pessoas e os processos que as redefinem constantemente.

No entanto, como a Congada representa costumes e tradições, há também uma importante dimensão cultural de heranças históricas que se ligam ao vivido. Mesmo não se tratando de uma análise pontual do espaço do congadeiro, mas do espaço urbano, Carlos (1992, p.22) argumenta que: “Há resíduos e resistências nos subterrâneos que fogem ao processo homogeneizador e terrificante do capital”.

Desse modo, quando pensamos em considerar os aspectos culturais e arquitetônicos dos quartéis de terno de Uberlândia, seguramente não definiremos, por eles mesmos, as diferenças que representam na cidade, mas sua resistência ao

aspecto homogeneizador do processo capitalista.

Pensar a cidade, desta forma, exige uma conceituação de caráter extremamente abrangente, que consiga englobar amplas formas de cidades, por meio dos tempos. Neste momento, Uberlândia convive com uma expressiva mão-de-obra desqualificada para o mercado de trabalho urbano, que só encontra ocupação em atividades de baixa renda e pouco prestígio. Tal situação determinou, ainda, a reordenação de valores e papéis sociais no interior dos grupos de Congadas e, conseqüentemente, novas estratégias que lhes permitissem viver na cidade.

Examinando o comportamento dos negros, que priorizam as suas comunidades, identificamos formas e relações residuais estipuladas, historicamente, por pessoas pertencentes a grupos de ternos de Congadas de Uberlândia. Por intermédio da análise desses grupos, percebemos algumas estratégias urbanas que eles estabelecem para viver na cidade.

Nas visitas aos quartéis dos ternos, procuramos analisar as formas e os conteúdos dos diferentes estilos de vida das pessoas, bem como as suas maneiras de interpretar e reagir às imposições sociais, decorrentes de um espaço urbano de uma cidade que se apresenta como sendo moderna e repleta de oportunidades sociais, as quais, entretanto, não estão inteiramente acessíveis para grande parte da população.

Pensar na condição dos congadeiros nos levou a refletir a respeito dos desencontros e a analisar os princípios éticos e morais das pessoas que fazem, dos seus acervos culturais, energias importantes de modo a promover estratégias para viver em Uberlândia. Durante a pesquisa, sempre nos chamaram a atenção as formas de sociabilidades estabelecidas entre as famílias, as quais nos pareceram muito relacionadas com a forma de sociabilidade que caracterizou a sociedade brasileira, desde o período colonial até meados do século XX.<sup>10</sup> Nesse período, a

---

<sup>10</sup> Segundo a antropóloga Lúcia Helena Vitalli Rangel, um “Outro fato que ajuda a compreender a importância desses festejos está relacionado com a forma de sociabilidade que foi característica da sociedade brasileira. Desde o período colonial até meados do século XX, a maioria da população de todas as regiões do Brasil vivia no campo (até 1950, 70% da população brasileira vivia na zona rural; (...). Fossem colonos e agregados das fazendas agrícolas ou vaqueiros em grandes fazendas de gado, fossem pescadores nas regiões litorâneas ou seringueiros na Amazônia, fossem sitiantes por esse Brasil afora, os brasileiros viviam integrados em grupos familiares, entendendo-se como família o conjunto de pais e filhos, tios e primos, avós e sogros. As relações familiares eram complementadas pela instituição do compadrio, que servia para integrar outras pessoas à família, estreitando assim os laços entre vizinhos e entre patrões e empregados. Até mesmo os escravos podiam ser apadrinhados pelos senhores de terra. Havia duas formas principais de tornar-se compadre e

maioria da população brasileira vivia no campo, integrada em grupos sociais, entendendo-se por família até três gerações, ligadas por laços consangüíneos e, por vezes, compadrio. Por várias vezes fomos surpreendidos com definições dos moradores, com relação a seus locais de moradia, como sendo quilombos urbanos. Embora representassem, para os membros da comunidade dos congadeiros de Uberlândia, formas de continuarem morando próximos uns dos outros, em uma época de crise aguda, em que a sociedade encontra-se profundamente abalada com a ruptura das relações sociais, e em que os sujeitos sociais atuam diferentemente das suas tradições, resolvemos analisar como as famílias geravam as suas condições de moradias.

Iniciamos, então, um trabalho de visitação aos quartéis de Congada, os quais se encontram instalados em vários bairros de Uberlândia. Procuramos observar como se constroem as especificidades de se morar na cidade, em um segmento de pessoas envolvidas com as manifestações da cultura negra, e como elas se encontram inseridas em uma estrutura econômica e social urbana, marcada pelo individualismo.

Como forma concreta de organização das moradias e sede dos ternos de Congada, o quartel abriga os familiares do dono de terno e, por relações de parentescos, as fidelidades, criadas em outros momentos e circunstâncias históricas, vão-se reafirmando entre os moradores. A sua permanência em alguns bairros vai-se concretizando, com base não somente na identidade do negro, mas, principalmente, no princípio da sociabilidade. Como a cidade, em seu processo de desenvolvimento, havia criado bairros periféricos, nem todos os congadeiros estavam na periferia. Por várias vezes, perguntamo-nos em que medida o modo de vida dos negros poderia ter influenciado a sua permanência em áreas tradicionais da cidade e de reduto dos quartéis, forjando uma dinâmica que poderia indicar estratégias organizacionais no espaço da cidade.

---

comadre, padrinho e madrinha: uma era, e ainda é, através do batismo; a outra, através da fogueira. Nas festas de São João, os homens, principalmente, formavam duplas de compadres de fogueira: ficavam um de cada lado da fogueira e deveriam pular as brasas dando-se as mãos em sentido cruzado. <<http://www.festajunina.com.br/livro/1.htm>> acessado em janeiro de 2005.



Figura 01 – Quartel do terno Moçambique Princesa Isabel, bairro Patrimônio. As comemorações da congada ocorrem no quintal. Os demais usos decorrem de um acordo tácito entre os moradores. Cada um ocupa o espaço conforme as suas necessidades.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, out. 2004.



Figura 02 – Quartel Moçambique Princesa Isabel, bairro Patrimônio. As residências ocupam todo o terreno. O corredor separa, individualiza e permite privacidade as moradias dos familiares.

Fonte: KINN, Marli Graniel, nov. 2004.

Tinha-se, de um lado, a cultura urbana, com a sua diversidade de aspectos, e, do outro, o modo de vida do congadeiro, com a sua consciência de grupo, ou seja, de que a família deve ficar sempre próxima de seus membros.

No meu caso, quando eu comprei a minha casa, eu já fiz ela pensando no meu grupo, pensando na Congada, há uma preocupação da família ficar próxima, como se fosse um gueto. Isto vem da formação do próprio negro, que é ficar em volta, tudo próximo um do outro, que nem os quilombos.<sup>11</sup>

Ficar juntos implicava também a manifestação dos usos costumeiros e coletivos da casa, do quartel, nos quais se descobria que morar juntos era, além de uma necessidade, um costume, transmitido oralmente, de geração para geração. Tratava-se de práticas que se desdobravam em sociabilidades, costumes e tradições, as quais eram vistas pelo grupo como um fator de resistência que, em síntese, precisava ser mantida.

---

<sup>11</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, abril de 2005.



A casa do dono do terno não é mais dele, quando se monta um terno de Congada, a casa é da comunidade. No meu terno nós somos hoje 228 pessoas, 10% do pessoal do terno que prepara a festa, não faz a festa, porque a festa é uma construção do grupo. A gente é uma comunidade. Não só o terno, o quartel, mas também a rua onde acontece a festa é pra gente a nossa localidade, aquilo é nosso, nosso território.<sup>12</sup>

Esta herança cultural do negro, marcada pelo costume, o qual é singular, representa a legitimação de um modo de ser das pessoas que participam de vários rituais religiosos na cidade. A lógica e a mentalidade em que as suas práticas são elaboradas desempenham uma função racional e se afirmam como força de uma cultura historicamente subordinada.

O nosso terno sempre foi no Saraiva, nós moramos aqui no Planalto já faz tempo, eles aqui não conheciam a Congada, com nós eles passaram a conhecê-la. Na época da campanha nós fizemos primeiro lá no quartel no Saraiva e depois aqui no Planalto. As campanhas aqui no bairro é com os vizinhos, a gente junta o pessoal, o povo vem pra se encontrar, conversar, falar da vida, então não importa quantos venham, eles doam prendas pro leilão e eles também vêm rematar, nós colocamos no passeio da rua e rapidinho as prendas acabam, você tem que saber se dá bem com a vizinhança, mesmo quem não é da Congada participa.<sup>13</sup>

Os antigos congadeiros, principalmente os capitães e seus familiares, moradores dos bairros tradicionais da cidade, como o Santa Mônica, Tibery, Patrimônio, e os demais membros da comunidade viram-se obrigados a "negociar" suas residências, devido à pressão econômica que o capital imobiliário, representado pelas imobiliárias, vem exercendo sobre eles, desde as décadas de 1970 e 1980, quando a cidade quase que duplicava a sua população, a qual passa de 124.706 para 204.961 habitantes.

Muitas imobiliárias ficam pressionando as pessoas do bairro pra vender suas casas pra construir prédios, muitos moradores já venderam e compraram terreno em bairro distante. Eu continuo aqui com a minha casinha no meio do prédio. Volta e meia eles bate na minha porta. Eu já disse que só saio daqui depois de morta, eles estão perdendo tempo. Tô aposentada e não preciso deles.<sup>14</sup>

Impossibilitados de continuarem vivendo no lugar de origem, alguns congadeiros passam a se dirigir para a periferia da cidade, criando, inicialmente, um novo quartel, para atender as necessidades de moradia da família e de encontros comunitários entre congadeiros. Como não se trata apenas de acomodar os

<sup>12</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio - abril de 2005.

<sup>13</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Esposa do comandante do terno Sainha, maio de 2005.

<sup>14</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, maio de 2005.

membros tradicionais da Congada e familiares do núcleo familiar, a moradia dos capitães também acaba abrigando outros parentes vindos de fora da cidade.

Este contingente de pessoas logo percebe as dificuldades e vai morar, pelo menos no início da sua chegada à cidade, junto dos seus parentes, nos bairros periféricos, enquanto outro fica à mercê da própria sorte, morando de aluguel, até que o seu problema seja "resolvido". Geralmente a solução encontrada é a de se juntar com um parente e comprar um terreno e, em seguida, construir a moradia.

Quando nós compramos esta casa, o terreno tinha espaço pra construí mais cômodo, aí eu troxe o meu irmão, meu cunhado, um sobrinho com a mulhé e as criança, hoje nós temo o nosso quartel de congo aqui e todo os parente são membro do terno, antes eles participavam de outro terno, mas a distância, hoje eles são do meu terno, eu não podia deixá eles na rua.<sup>15</sup>

Além deste contingente migratório, historicamente, os negros da cidade, que abandonam os bairros de origem, pressionados por uma nova ordem econômica, social e cultural, acabam indo morar distante dos quartéis dos seus respectivos ternos. Eles acabam vivendo uma realidade sócio-econômica ainda mais diferenciada, pois a saída deles para a periferia não significa, apenas, mudar de bairro, significa romper com os seus pertencimentos e relações de sociabilidade, construídas no cotidiano, e que os envolviam constantemente.

(...)eu não pude mais ficá aqui no bairro, a moradia ficô muito cara e o salário não é suficiente, tô morando longe do quartel, mas graça a minha irmã que emprestô a casa, hoje nós temo o nosso terno aqui, eu só venho no final de semana no quartel, pois como eu sô o capitão, tudo depende de mim pro terno continuá, a minha irmã que anota os recado, depois eu do jeito de resolvê.<sup>16</sup>

Mas, aos poucos, acabam reconhecendo que sair, também, significa sofrer com a falta de infra-estrutura e pelas péssimas condições de vida, viver afastado dos seus costumes e tradições. Esses deslocamentos, na cidade, fizeram com que eles encontrassem um mundo desconhecido e foram percebendo que nele estavam inseridos. Esse processo gera, para os congadeiros, um duplo impacto. Primeiro, com a transferência para a periferia da cidade, e depois, quando foram obrigados a conviver com as distâncias que os separam de seus parentes, amigos e vizinhos de ternos de Congadas.

---

<sup>15</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, maio de 2005.

<sup>16</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congo São Benedito, maio de 2005.

Eu não consegui mais ficá neste bairro, o aluguel é caro, me distanciei bastante do meu terno nesses último ano, moro num bairro longe, tudo é difícil lá, mas é o que eu consigo pagá, por isso que eu venho de vez em quando no terno, eu participo mais é da festa, o resto é o capitão que cuida.<sup>17</sup>

Como eles foram sendo empurrados e engolidos pela cidade, tornaram-se sujeitos que acabaram se constituindo em parcela de um contingente que acaba envolvido no processo de aceleração da periferização da cidade e expondo-se aos níveis de pobreza social e política a que foram submetidos.

Aqui neste bairro, perto do centro, onde eu vivia antes da cidade crescê tanto, eu tinha a amizade de quando eu era criança, depois tive que i pra um bairro distante, no começo nem ônibus passava direito, era um sacrifício, quando chovia nós ficava preso, nem asfalto tem em algumas rua, eu sinto muita falta da minha gente, hoje já fiz bastante amizade, mas mesmo assim eu sinto falta, depois a violência é muito grande no bairro.<sup>18</sup>

Na obra “A cultura das cidades”, Lewis Mumford (1961) nos coloca diante de possibilidades de compreensão das humanidades dessa forma de organização espacial, denominada cidade. Para o autor, a cidade é vista para além de uma forma de organização do espaço pelo homem, é considerada a expressão concreta de processos sociais, na forma de um ambiente construído sobre o espaço. A cidade é a expressão de processos sociais amplos e, portanto, reflete as características da sociedade.

A relação dos congadeiros com a cidade decorre de uma realidade histórica e, como tal, a vida deles é uma condensação de significados e projetos que se superpõem, pois onde vivem, mesmo que em quartéis, onde a propriedade é privada, as suas manifestações culturais enfrentam desconfianças. As reuniões e os ensaios emitem sons e suscitam várias desconfianças, inclusive religiosas, o que os leva a enfrentar as diferenças culturais, pois o espaço é também do vizinho, o qual nem sempre está disposto a tolerar as batidas dos tambores, decorrentes dos seus encontros sociais.

Quando nós viemo pra esse bairro ninguém conhecia terno de congo, o primero ano que nós saimo com o terno, tinha poca gente, os vizinho ficavam desconfiado de nossas manifestação, não entendiam bem, hoje todo mundo conhece nosso terno aqui no bairro, tem muita gente que não dá bola, outros gosta, participa dos nosso ensaio.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Soldado do terno Congo Branco, outubro de 2005.

<sup>18</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Soldado do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>19</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do Terno Verde e Branco, maio de 2005.

Para os congadeiros, a julgar pela manifestação dos outros, existem diversos interesses, no interior da cidade. As diversas fisionomias das moradias vão-se confundindo na mesma imagem da rua e do bairro. Todas as diferenças são resultados de interesses diversos, como silêncio, imaginários, modos de vida e formas de religiosidade, uma realidade complexa.

Muitos vem pra Congada pensando que ela vai trazer algum benefício pra ele, nós sempre coloca que é um movimento da nossa cultura, da nossa religiosidade, a Congada é uma manifestação igual pra todos os congadeiro, e como não é fácil, sempre vai tê alguém na cidade que não gosta, precisamos respeitá a legislação da Prefeitura, o respeito aos vizinho, pra que a gente possa continuá, uai, nós precisamos do apoio.<sup>20</sup>

Manifestar a sua cultura na cidade significa, além de ter que conviver com o diferente, respeitar a legislação municipal e estabelecer relações com a vizinhança, de tal forma que lhes permita um apoio estável para enfrentarem uma disputa diária e se integrarem à realidade que lhes é imposta. Essas estratégias referem-se a uma permanente busca para alcançar meios que lhes dêem condições para continuar participando das Congadas, em um cotidiano que tem que estar, sempre, sendo reinventado.

Eu sempre morei no quartel, agora moro com a esposa, os filho, eu me sinto como um membro que fez família. A casa não é estranha prá mim, eu sei tudo deste lugar e eu sei que eu preciso sabê, senão como é que eu vou dizê: eu sou do quartel do congo! eu sou da Congada. Mas tem uma coisa que eu sei que eu preciso que é arrumá o meu lugar (...)<sup>21</sup>

Neste sentido, a moradia do congadeiro, dentro das características específicas com que se realizou nos quartéis, ou seja, da necessidade de viver em grupo, criou a sua própria estrutura espacial, definindo os seus lugares na cidade. Nos quartéis, eles demonstram redefinições de valores e formas de vida social rearranjadas, as quais engendram um grupo social que emerge das relações entre familiares. Considerando-se as suas carências de moradia, trabalho e renda, as reações foram-se traduzindo em relações que se manifestam como um modo de viver no espaço urbano.

Apesar de as moradias resultarem de necessidade, as relações não são somente de trocas de coisas ou favores, mas envolvem simbolismos que possibilitam a produção de sentimentos, sabedorias, os quais implicam novas

---

<sup>20</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, maio de 2005.

<sup>21</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Irmão do capitão do terno Moçambique princesa Isabel, maio de 2005,

sociabilidades e reciprocidades. Assim, mesmo que os quartéis sejam estratégias importantes e significativas, decorrentes de um processo intenso de redefinição da cidade, na atualidade, esses grupos continuam tendo suas residências desejadas pelas imobiliárias.

Depois que a cidade cresceu, esse bairro não é mais do pobre, a maioria dos vizinho já se mudaram, as imobiliária compraram suas casa e construíram esses prédio. Os que saíram daqui é porque o dinheiro que recebiam da imobiliária dava pra comprá um terreno grande no bairro mais retirado, o preço é mais barato. E também achava que o lugar no bairro tava ficando rico e eles não tinha condição de se mantê aqui.<sup>22</sup>

O lugar de moradia vai-se estruturando em torno de uma identidade comum, construída a partir de elementos culturais de outros momentos históricos, mas coexistentes, nos quartéis. Trata-se de valores sociais e culturais que promovem e potencializam, no interior dos quartéis, a vida na cidade. Assim, cada elemento da cultura material e imaterial tem uma importância na organização das moradias, na estruturação hierárquica da colônia, geralmente estabelecida pelo capitão.

---

<sup>22</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.



Figura 03 – Os diversos usos do quintal do terno Moçambique Princesa Isabel, bairro Patrimônio. Os moradores transformaram o espaço em área de serviço.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, jan. 2005.

O fato de os congadeiros perceberem suas condições reais e, diante delas, expressarem os seus significados, é uma manifestação importante na compreensão da situação em que vivem, na cidade. A falta de qualificação para o exercício de funções mais complexas e de recursos que melhorem a condição dos congadeiros, no meio urbano, impede o processo de mobilidade ocupacional e frustra suas aspirações de ascensão social.

Eu não tive muitas condição de estudar, a gente sabe que precisa conscientizar o negro dos seus direito, é lógico que eu quero dar condição do meu filho ter estudo e melhor condição que eu, mas não é fácil, quantos negro tem hoje na universidade na nossa cidade? Eu conheço muito poco, o negro tá sempre relacionado ao trabalho braçal, a rendimento baixo, é difícil não é fácil, eu sei que não vai sê fácil pro meu filho.<sup>23</sup>

Os depoimentos sintetizam, com certa fidelidade, os argumentos de parte desse grupo e justificam os sentimentos que tem em relação à vida. Em oposição à

<sup>23</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, maio de 2005.

condição sócio-econômica, os congadeiros têm, como referência, a vida de devoção aos Santos. Quando a avaliam, o que pesa, ainda, são as aspirações idealizadas na participação dos ternos, da igreja e da fé nos Santos.

Se pra nós negro sempre foi difícil, a fé que nós temo nos santo é que alimenta as nossa vida. Eu sei que em todas as dificuldades Nossa Senhora e São Benedito tão comigo e minha família, a pessoa que não tem fé não vive nesse mundo, eu sempre digo que a minha fé move montanha.<sup>24</sup>

As dificuldades existem, mas apesar da separação da vida em dois mundos, as famílias expressam segurança de que irão participar das Congadas, pois mesmo distantes de conquistarem melhores condições de vida, nos quartéis, elas, conjuntamente com seus parentes, oferecem, aos seus, mais chances de estudar e trabalhar. Para a família, participar da Congada apresenta-se como algo bastante definido.

Eu sei que não tô mais perto do quartel, tô morando num bairro distante, mas eu sô fiél ao meu congo, não participo de todos os ensaios e campanhas, mas na festa eu sempre vô tá lá com meu uniforme e o meu instrumento prá fazê bonito.<sup>25</sup>

A organização comunitária, os valores morais e éticos dos congadeiros, mesmo com a mudança de bairro, fazem com que o ajuste social e psicológico dessas pessoas se torne, ainda que difícil, possível.

Como mudar de bairro significa, na maioria das vezes, ficar distante dos quartéis, isto determina novas condições de vida, gerando uma situação de mudança de hábitos e, conseqüentemente, agravando sua condição sócio-econômica, pois os seus deslocamentos resultam na ampliação dos gastos. O grau de frustração e de conflitos familiares também se amplia, principalmente pela não-possibilidade de permanecer próximos uns dos outros, o que só se tornaria viável se eles pudessem resistir ao processo de valorização dos imóveis e da crescente especulação imobiliária.

As mudanças ocorridas nas estruturas familiares desse contingente populacional são, então, entendidas como resultantes da pressão exercida pela sociedade local e global, que desarrumou os seus referenciais tradicionais, de lugar e de morar, e indicou a direção das transformações que se processaram no interior do grupo social, afetando a sua organização territorial.

---

<sup>24</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>25</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Soldado do terno Verde e Branco

A cidade cresceu muito, saí do quartel com o terno até a igreja Nossa Senhora do Rosário é complicado, principalmente com as criança, os carro não respeita, nem todo mundo mora próximo do quartel tem que esperá pra se reuni, na verdade nós temo que tê paciência e se organizá, senão a festa não acontece.<sup>26</sup>

No contexto destas transformações, os congadeiros geraram as possibilidades para se ajustarem a uma nova ordem sócio-espacial.

A minha casa que foi construída pensando no quartel, quando o terno se reúne, a casa não é mais do capitão e da família, a casa é o quartel do terno, onde todos se sentem em casa, nós somos no quartel uma comunidade de congadeiros.<sup>27</sup>

Um forte sentimento de pertencimento tende a eliminar as diferenças entre os que vivem próximos ao terno e os que moram em bairros distantes. O deslocamento permeia o cotidiano do grupo e indica, quase sempre, um domínio consciente do processo de mudança, pelo qual passaram e ainda estão passando. Deslocar-se pelas ruas da cidade também representa, para eles, uma devoção, ir até o quartel significa o acesso a sua comunidade, aos bens culturais, o conforto psicológico, o lazer, a educação cultural e a afirmação da sua religiosidade.

Contudo, as estratégias que eles têm que utilizar para participar das suas manifestações culturais nem sempre são expressas como sendo uma dificuldade.

A Congada pra mim é vida, é sabê que a cada ano a nossa manifestação vai tá renovada, eu nasci dentro da Congada, e só quero pará quando morrê, como meu pai, e quero passá isso pros meus filho, quando eu não pudê comandá o terno, eu sei que um deles pega o comando.<sup>28</sup>

Desfazer as dificuldades e obter satisfação é se afirmar como sujeito que age, para continuar com a sua tradição. Nesta perspectiva, as contradições encontradas na cidade e reveladas quando as expectativas de moradia e emprego não são atendidas, e pelas frustrações daí decorrentes rapidamente são interpretadas como sendo resultantes de um longo processo histórico, que tende a mudar pelo engajamento das pessoas em movimentos negros.

O negro sempre foi marginalizado, não é fácil de vivê na cidade sendo negro, as portas não se abre prá nós, eu acredito que conscientizando o negro, fazendo que ele participe e reivindique os seus direito na cidade, o negro se organizando politicamente pode surti efeito, principalmente de quem comanda a cidade, se eles percebê que nós estamos organizado, e que nós conhecemo os nossos direitos, eles recuam e prestam atenção.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congado Congo Branco, agosto de 2005.

<sup>27</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, maio de 2005.

<sup>28</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, Abril de 2005.

<sup>29</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, maio de 2005.



A transferência de alguns congadeiros para outros bairros também suscitou a criação de outros ternos. Decorrendo daí o surgimento de outros grupos de Congada, quartéis, bem como formas de interpretar a sua condição social e propor outros conteúdos às suas manifestações culturais.

Aqui no bairro Planalto, com o apoio do padre, nós conseguimos nos organizá e fazê uma festa pra comunidade, fora do calendário da festa oficial da Congada, hoje nós conseguimos realizá a festa de São Benedito, é sempre perto do dia 13 de maio, dia da libertação dos escravo, precisamos lembrar desta data. A Irmandade não gostô muito, acha que duas festa pode separá os congadeiros, mas pensamos o contrário, até a nossa missa é conga, voltada para os rituais do negro. É uma forma de conscientização da raça negra.<sup>30</sup>

Propor e organizar outras manifestações religiosas significou, além das transformações nos códigos sócio-culturais e naqueles de ordem econômica, também, a transposição do modo de ver a cultura dos negros, para além da Congada. As novas estratégias estão sendo postas em prática, não sem gerar desconfianças, principalmente entre os membros mais antigos e tradicionais da Congada. Contudo, a condução de novas formas de manifestação da cultura negra requer habilidades para não acarretar rompimentos de laços de sociabilidade entre os ternos tradicionais.

Os desgastes psicológicos, gerados pelas próprias exigências de adaptação à nova condição sócio-espacial, levam essas pessoas a uma aproximação maior com a comunidade.

A Congada acontecendo todo ano, traz pro negro o sentimento que suas manifestação estão viva na cidade, é importante mantê isso que prá nós é a comunidade congadeira, mesmo alguns integrantes do meu terno não morando perto do quartel, inclusive em outras cidade, eles sabem que o quartel continua sendo deles, nós somo unido, isso não que dizê que a gente vive na santa paz, as vez o pau quebra, mas o nosso sentimento pelo congo é mais forte, graças a Deus.<sup>31</sup>

Essa adaptação não inclui formação de nova identidade e nem novas formas de sociabilidade intra e extra familiar, bem como a reformulação dos laços interpessoais. A referência continua sendo o quartel, quer este represente o ponto de encontro tradicional, quer o novo.

O nosso quartel é nosso lugar de encontro, é aqui que tudo se resolve, desde o puxão de orelha, as orientação das madrinha pras menina, dos capitão pros soldado, eles entende que aqui é o nosso território, o lugar de nossa manifestação e pra fazê bonito lá na rua, no meio de tanta gente diferente, é preciso organizá a casa, qué dizê o quartel, né!<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, maio de 2005.

<sup>31</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>32</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

Falar do quartel como local da manifestação da cultura é um orgulho para os capitães. É no quartel que se dá o início da organização físico-espacial do terno; o lugar, apesar de complexo, é a expressão de pertencimento para os de dentro da comunidade e a partir do qual vão reafirmando as suas identidades, fundadas nos seus costumes e tradições.



Figura 04 – Quartel do terno Sainha, bairro Saraiva. Os componentes reunidos em dia de preparativos para as campanhas. Afinam seus instrumentos e se preparam para fazer as cantorias em homenagem aos Santos da Congada.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, jun. 2005.

Os parentes e conhecidos que ali se encontram têm um papel de grande importância porque, de alguma forma, servem como suporte no acolhimento dos que vêm de outros lugares, para os ensaios. Embora não tenham todos os recursos para oferecer conforto, é no quartel que as pessoas podem receber o básico para a prática de suas manifestações e, assim, os capitães tornam-se, a partir de suas experiências, líderes comunitários. Nesse sentido, são investidos de autoridade e respeito em relação aos rituais da Congada.

Porque eu sô o capitão, eu não posso tratá os meus soldado a pontapé, gritando, como muito por ai fazem, mais experiente e sabendo que eles me respeita, eu tenho que tê paciência e respeito com os soldado, só assim pra um terno se mantê, senão eles pega e vai pra outro terno ou monta o seu próprio terno<sup>33</sup>.

A vida dos congadeiros faz parte de um passado que se repete na memória das pessoas e é idealizado pelas suas evocações religiosas, principalmente pelo fato de viverem e dominarem amplamente os sentimentos que nutrem em relação ao lugar de seus encontros e manifestações. Por outro lado, a identidade com a cidade é uma profusão de imagens e situações que rompem com aquelas estruturas familiares, econômicas e culturais regularmente constituídas.

A gente sempre enfrenta dificuldade ao sai na rua com o terno, o movimento dos carro no bairro já é uma preocupação, a reação das pessoa sempre é imprevisível, tem umas que param dão apoio, acham bonito, têm outras que ignora, algumas até ofendem, mas isso é a falta de conhecimento do que existe na cidade, preconceito, difícil mesmo é o centro da cidade, nos bairro onde as campanha é realizada o pessoal já conhece<sup>34</sup>.

Fazer parte da Congada significa que seus valores culturais continuam sendo redefinidos, com base nos novos grupos de vizinhos e amigos, compostos pelos seus e, também, por outros, que estão fora do seu círculo de relações, que compreende os domínios dos quartéis. A imagem do congadeiro, em relação ao quartel e a sua casa, estende-se para uma projeção diferencial entre o lugar de morada e do encontro comunitário. Esse é o parâmetro da dimensão da situação que enfrentam e é a Congada, como manifestação cultural de um grupo social, que vai dar sentido ao seu lugar na cidade.

## **1.2 OS PRINCÍPIOS DA IDENTIDADE E VIDA NA CIDADE.**

No projeto de vida do congadeiro encontra-se um tipo de estratégia, ideologicamente assegurada pela sua identidade, que lhe garante uma efetiva

---

<sup>33</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, junho de 2005.

<sup>34</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Esposa do capitão do terno Sainha, agosto de 2005.

mobilidade sócio-espacial. O trabalho autônomo, em diversos setores da economia urbana, seria o aspecto principal que concretizaria esse projeto, mesmo não conseguindo dimensionar sequer possíveis obstáculos, como a baixa remuneração e as incertezas daí decorrentes. Diante da realidade que se apresenta, onde incertezas se impõem, a Congada se reafirmou como parte de um conjunto de estratégias de um grupo social.

Em Nossa Senhora do Rosário eu vejo toda minha vida, eu vejo os meus antepassados, toda uma tradição que eu espero que não acabe, a força maior sou eu, se sai bem feito, se sai mal feito o meu congo, sou eu. Eu cuido desde o vestimento até o prato de comida que o convidado come no dia da festa. E também eu tenho a responsabilidade do meu congo, aonde o congo vai eu to junto. Se eu não tiver eles nem saem. Eu sou meio galinha choca, corro pra um, faço pra o outro<sup>35</sup>.

Essas palavras expressam uma forte dedicação das lideranças, não apenas em relação aos aspectos culturais, mas também psicológicos, lideranças estas que têm tratado seus membros como se fizessem parte da família. Como se tivessem direitos à atenção dos seus líderes para expressarem problemas gerados nas diversas esferas da vida.

As narrativas a respeito da dedicação dos capitães aos seus soldados ganham uma multiplicidade de sentidos, pois são reflexos, muitas vezes, dos momentos econômicos e políticos vividos pela sociedade. Esses momentos podem ser considerados como forma de manter juntos, nos quartéis, os parentes, amigos e vizinhos.

A minha maior força, minha maior arma é o bastão que meu pai me deixou e Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a partir do momento que eu impunho o meu bastão, que eu tô junto de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e eu saio de minha casa, do quartel com meu povo, porque aqui é tudo familiar para um louvor com eles, aí eu me sinto protegida, porque eu confio em Deus e a minha fé eu sei que é certa e eu nunca fui desamparada. O meu terno é tradição passada.<sup>36</sup>

Ser capitão, dedicado aos seus soldados, representa, para esses líderes, o lugar que ocupam na comunidade. O capitão ocupa um lugar de referência, de exemplo e significa ser honesto, aquele que procura caminhos e tem disposição para organizar, conduzir e resolver problemas de várias ordens, dentro e fora dos quartéis.

<sup>35</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>36</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

O nosso terno tem 65 crianças. Como capitão eu tenho muito compromisso e responsabilidade, porque tem muitos que te olham como ídolo, principalmente as crianças, elas vêem no capitão um Deus, isso é incrível, então você tem que dar exemplos e ser exemplo, porque elas adoram o congo. Os outros membros do terno também esperam muito do capitão, como líder que nós somos pra eles, eles esperam resultado, nós temo que resolvê os problema do terno.<sup>37</sup>

Existe entre eles uma acentuada imagem, resultante da dedicação ao grupo, que diferencia o seu trabalho dentro do terno daquele porventura desenvolvido fora dos quartéis. Enquanto capitães, se auto-definem como antigos "guardiões das tradições" ou "anciões que sabem vários segredos". Nesse sentido, o conhecimento aparece como prestígio intelectual, a experiência sendo usada como força e meio pelo qual se exerce liderança.

A gente agüenta cada uma (...) Nossa Senhora, tem que gostá, trabalhá muito, tem dia que não dorme, perde o sono, entre os congaderos dá conflito, tem muita competição entre os terno, entre a Irmandade não. Até a roupa, se um terno usar a cor igual a outro, ele já vai na diretoria reclamá. A festa pros de fora é tudo muito bonito, mas quem tá dentro, Nossa Senhora, tem que tê muito amor, gostá e sê persistente, fazê respeitá, senão acaba desistindo, não dá conta de tanto pobrema.<sup>38</sup>

Ao mesmo tempo em que se ressalta a necessidade de conhecimento, cria-se um impedimento fundamental, porque se exige, idealmente, menos juventude e mais maturidade aos capitães de terno. Neste caso, a representação do jovem se traduz numa certa indisponibilidade e uma certa incapacidade de e para o exercício da atividade de capitão e das responsabilidades que acompanham a estrutura ocupacional do cargo. Mesmo assim, o posto somente poderá ser ocupado com liderança, pensada na perspectiva do conhecimento a respeito da cultura dos negros congadeiros.

A ideologia do conhecimento a respeito da Congada está centrada na oposição que alguns capitães fazem ao "jovem", condição de inexperiência que a comunidade tende a não aceitar. Ter conhecimento significa a condição moral de garantir a reprodução das tradições da Congada e, seguramente, a melhoria das condições de se fazer os rituais religiosos cada vez mais comprometidos com as antigas tradições. Para isso é preciso que seja acionada a identidade de capitão/provedor, aquele líder que dá garantia de respeito pela tradição e o

---

<sup>37</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, março de 2005.

<sup>38</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

reconhecimento da comunidade. Afinal, ser capitão é ser capaz de contribuir para a manutenção de uma tradição centenária, cuja transmissão ocorre pela família.

Sê capitão, em primero lugar tem que tê responsabilidade, sabê que você carrega um terno, e você é a pessoa que resolve os pobrema, O cargo de capitão vem de família, aqui no meu terno tudo começô com meu avô, que passô pro meu pai e nestes último ano passou pra mim que sô o filho mais velho, isso é tradição de família, na falta de alguém da família tem que sê uma pessoa muito próxima e que seja responsável, e de caráter, por isso que a gente já vai passando esses ensinamento pros nosso soldado, sempre tem um que se destaca é líder.<sup>39</sup>

Fica claro que é por meio do conhecimento que os capitães de terno buscam a afirmação de serem reconhecidos como líderes capazes de conduzir o seu grupo. A competência e o conhecimento adquirem conotações positivas e, em oposição às noções de “jovem”, oferecem ao capitão uma dimensão importante, apontada pelo significado moral que adquire aquele que ocupa o posto de liderança. Quanto aos soldados de ternos, não há distinção em relação a sua faixa etária. Ser soldado é assumir a condição de membro da comunidade, por meio da qual ficam compensadas as desigualdades sociais instaladas na cidade. Daí a dificuldade que encontram esses sujeitos sociais para entender a perversa contradição a que estão expostos, no urbano. Eles, sendo portadores do *status* de congadeiros, não se diferenciam daqueles que estão, ou deveriam estar, na condição de serem capazes de ter a garantia do direito à cidade.

### **1.3 ESTRATÉGIA URBANA E VIDA RELIGIOSA.**

As famílias dos capitães de terno, nos bairros tradicionais da cidade, assim como dos demais bairros, são denominadas “moradores de lugares especiais”, categoria que remete a uma maneira de morar diferentemente na cidade, principalmente no que se refere a uma infra-estrutura do bairro e pela predominância de uma alta densidade populacional, em relação às demais moradias.

---

<sup>39</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

Quando meu irmão construiu a casa que também é quartel, ele chamô eu e a minha esposa e as criança pra fazê um cômodo pra gente morá, ele sabia que nós tava com dificuldade, hoje já tem um sobrinho, o filho dele que casô, cada um vai construindo o seu cantinho aqui no quartel, dá pra todo mundo morá junto, e depois nós tamo perto do quartel, isso é bom.<sup>40</sup>

É uma característica regional que pode não se aplicar a outros centros urbanos do país, mas se constitui em uma territorialidade que não deixa de evidenciar estratégias de se viver na cidade.

Com o crescimento da família, os filhos experimentaram as primeiras transformações na dinâmica doméstica. Antes de casarem, viviam na e da casa paterna, em grupos nucleares, mas, enquanto filho, mais ou menos dependente. Quando casam, os laços de parentesco se ampliam e se fortalecem, no compadrio e na vizinhança. Ressalte-se que as distâncias físicas entre os ternos e entre as casas, em certos casos, correspondem a vários quilômetros, impondo um certo isolamento que, entretanto, não os impede de manter essas relações.

O cotidiano dessas famílias é partilhado, em sua totalidade, e tem como eixo central a religiosidade e a festa. Todos participam, resguardados os limites de idade e de sexo. Às mulheres cabem as atividades domésticas, a criação dos filhos e a função de auxiliar o marido/capitão na manutenção dos quartéis. Aos capitães, líderes comunitários são destinadas as tarefas mais pesadas, aquelas relacionadas à sua condição de "chefe de família e de terno".

Na casa do capitão, a garantia da autoridade, da "ordem" familiar e da hierarquia do homem sobre a mulher, do mais velho sobre o mais novo é um princípio fundamental.

Aqui na nossa família e no terno já é uma tradição, tem uma hierarquia, não que eu como capitão mando em todo mundo, mas a força maior é minha, minha esposa como madrinha do terno respeita as ordem que eu dô, os mais jovem tem que acatá os ensinamento dos mais velho, tudo é a experiência que a vida lhe dá, tem que tê essa ordem senão não funciona.<sup>41</sup>

Enquanto permanecem nos quartéis, a vida transcorre dentro desses padrões. A saída da casa paterna é a primeira e mais significativa ruptura imposta a essa "ordem" e dinâmica familiar.

<sup>40</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Segundo capitão e irmão do capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

<sup>41</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congado Congo Branco, setembro de 2005.

Quando você tem todos por perto é fácil de controlá, meus filhos, dois não mora mais aqui no quartel, casaram e foram pra outra cidade, mas eles volta quando dá, principalmente pra festa, os que tão comigo continua seguindo os ensinamento do meu pai dentro do terno, mas não é fácil segurá debaixo das nossas asa, a gente perde o controle, eles cresce e querem sê dono do seu nariz.<sup>42</sup>

Mudar-se para outra residência impõe uma reviravolta nessa estrutura. O impacto da desorganização inicial é marcante e vai-se revelando como elemento desarticulador das relações familiares. No entanto, há aqueles que permanecem e indicam uma resistência aos novos padrões, os quais não traduzem as formas de organização social e familiar existentes nos ternos.

Por outro lado, as novas estratégias domésticas que vão se estabelecer podem corresponder a uma rearticulação da sociabilidade e de convivência ajustada às condições da vida urbana.

Como nem todos consegue vivê perto, a gente tem que adaptá as coisa pro momento que tamo vivendo hoje, mas quem vive junto no quartel, além de sê parente, tem que sê família, uns ajudá os outro, ninguém pode vivê individualmente, nós somo vários e tem que tolerá muita coisa.<sup>43</sup>

A vida no quartel é vista como um modo tradicional de viver na cidade, ou seja, de uma organização doméstica antiga, em que as pessoas vivem próximas umas das outras e convivem com diferentes gerações. Aos poucos fomos compreendendo o significado e as possibilidades de se romper com a vida privada, com o isolamento e com a intolerância. A vida nos quartéis é uma negociação e cabe aos capitães, pela consciência da sua autoridade enquanto "líder", demonstrar um maior entendimento da situação.

Aqui não tem essa de um sabê mais que o outro, o que a gente faz é conversá, sempre se respeita a opinião do mais experiente, no caso o mais velho, também a opinião das mulhé é muito importante, a minha esposa como madrinha do terno, na minha ausência ela responde pelo terno, e os soldado respeita, ela sabe conduzi.<sup>44</sup>

Os entendimentos e encaminhamentos dos problemas gerados no cotidiano dos quartéis de terno são compartilhados com as mulheres, elas ajudam seus maridos capitães na condução do terno e também na complementação dos ganhos familiares. A sua participação representa ampliação das possibilidades de ganhos

---

<sup>42</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>43</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique do Oriente, julho de 2005.

<sup>44</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.



monetários e de se ter alguém que responda pelo terno na ausência do capitão, afirmando uma liderança familiar. Apesar da condição de trabalhadora remunerada, elas não conseguem abandonar o trabalho doméstico da casa. Mas, em alguns casos, o trabalho feminino remunerado acontece em casa; são atividades de costura, babá, passadeira e, por meio desses serviços, elas podem ter a afirmação da sua condição de mulher e de madrinha do terno, conseqüentemente, uma afirmação da sua identidade dentro da Congada.

O patriarcado, ou seja, a "ordem" familiar, que continuará, no tempo, não prevê um deslocamento acelerado da autoridade do capitão. No interior do núcleo familiar, o que é regra perde a força e a rigidez, não resistindo ao contato com o novo, com a diversidade da vida moderna. São essas encruzilhadas que se colocam como desafio para a identificação de um novo *status* familiar, que poderá definir o cotidiano dessas famílias e que será decisivo para a continuação da Congada.

Os congadeiros foram produzindo a sua identidade, sofreram imposições e, aos poucos, procuram restabelecer as suas raízes. Esta é uma experiência que vem sendo marcadamente positiva para eles. Dos ensaios até a realização da festa, no centro urbano, há um longo caminho percorrido, que os tem levado, aos poucos, a ganhar a cidade, a renovar as esperanças de ampliar o respeito pelas suas manifestações. Nas campanhas, as adversidades que vão-se interpondo, principalmente nas ruas, e tornando cada vez mais complexas as possibilidades de uma mobilidade sócio-espacial, o que demonstra a magnitude do seu envolvimento pelo direito de manifestar-se no urbano.

Nesse engajamento político, incluem-se nas campanhas, além dos soldados, as madrinhas, as crianças e os adolescentes, representados pela necessidade de envolvimento e representatividade dos membros da comunidade. Neste quadro, o que se observa é uma cumplicidade do grupo familiar e da comunidade, embora, em alguns momentos, para alguns membros da Congada, tenha sido considerado "humilhante" sair com os ternos pelas ruas da cidade.

Quando eu era adolescente e acompanhava o meu pai com o terno nas campanha e nas festa, batendo caixa, eu sentia vergonha, me perguntava o que tava fazendo ali, com toda aquela gente olhando pra nós. Eu não tinha consciência, não sabia o que era a manifestação do congadeiro. Hoje meu filho sai com nós com a maior tranqüilidade, sempre passei pra ele a importância dessa nossa manifestação religiosa e cultural.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha,

Humilhante por caracterizar uma manifestação que foi por vários momentos ridicularizada, pois, para os outros, aqueles que observavam os desfiles, isto era algo incompreendido. Agora, os menores se vêem seduzidos a sair às ruas para participar das campanhas, cumprir com as obrigações para com os Santos da Congada, pois é importante arrecadar prendas, ou seja, tudo o que, no fim das campanhas, possa representar fartura na festa.

Não só o resultado das doações é importante, mas, em igualdade de condições, encontra-se nas campanhas uma projeção de uma mobilidade social que vai definir sua identidade, a qual se configura como uma estratégia de ampliação da consciência do negro, na cidade.

As campanha é importante porque nós fica mais conhecido nos bairro, no próximo ano mais gente se torna admirador do nosso terno e também cresce os devoto dos santo, a Congada vai ficando mais importante na cidade, as doação ajuda, mas não é o mais importante pra nós, e sim a aprovação dos outro.<sup>46</sup>

Assegura-se, por meio desta estratégia, o aspecto da divulgação. Por outro lado, o precisar fazer as campanhas favorece o acesso aos outros bairros, e isto, quando se dá, é compensador, pois amplia as possibilidades de aumentar as doações para a festa. Muito embora sempre digam que o objetivo é arrecadar donativos, de fato o desejo do grupo é também "ampliar o número de participantes". Esse aspecto representa um caminho para fortalecer o terno. Almejar ter um terno com mais componentes permite maior visibilidade e prestígio.

No grupo nem todos são parentes. No meu grupo todo ano chega gente nova, se você chega lá e diz que quer dançar no grupo, eu te pergunto de que grupo você veio, se venho de outro grupo eu peço para ir ao capitão do terno para pedir uma carta falando que você está saindo, mas se você chega e diz que nunca dançou, não sabe como pega numa caixa, ai é do seu jeito que eu quero. É mais fácil de ensinar. No meu quartel, nós somos hoje 228 pessoas. É um dos maiores ternos da cidade, quem chega e aceita os nosso regulamento, será recebido.<sup>47</sup>

Muito embora a condição de crianças e adolescentes teoricamente lhes cause uma série de restrições, na prática são elas que desenvolvem o papel de animar as campanhas, desempenhando nas ruas da cidade a alegria da festa.

A incidência de crianças e adolescentes nos quartéis é uma estratégia

---

setembro de 2005.

<sup>46</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

<sup>47</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, abril de 2005.

importante de organização do terno e parte de um conjunto de valores desenvolvidos pelos congadeiros, de não deixar “morrer” a Congada.

As crianças gostam de participar, tem menino que pega tambor, ripilique, as menina gosta da bandera, ela tá dançando, amanhã já tem a irmã dela que vê, que vai querê também, assim a família vai indo, envolve toda a família, desde os mais pequeno.<sup>48</sup>

Para os capitães, tanto a participação das crianças quanto a dos adolescentes abre uma oportunidade de ampliar a mobilidade social e fundá-las na ideologia de uma prática social que, por sua vez, é elaborada a partir das representações que têm da sua cultura e religiosidade. Há, de certa forma, uma compreensão de que as condições de vida, principalmente das privações pelas quais passam, foram geradas por mecanismos sociais que as empurraram para a periferia da cidade e da sociedade.

Você não tem aquela base pra estudá, eu tinha que ter uma base pro meu filho fazer isso, eu não tive, ele me cobra, talvez ele vai ficá até mais inferior que eu, porque eu não tive, o outro não vai tê, ai vai ficá aquela escadinha. Chega num ponto, você vai fazer um currículo pra um trabalho, tem um tal de perfil, que é complicado, tem que ter curso superior, falá outra língua, o negro psicologicamente pra passa fica difícil, se passa uma coisa que fere ele, ele descontrola, é de história mesmo, vem de dentro da pessoa.<sup>49</sup>

Entretanto, as oportunidades para que os filhos tenham condições para enfrentar o mercado de trabalho estão representadas por aquilo que os pais podem oferecer, que seria o resultado das conquistas do movimento social negro, em relação ao Estado, e de realização, do esforço de grupo, na remoção dos limites impostos pelas estruturas econômicas e políticas que regem as relações urbanas.

Certamente, os impedimentos de ordem material e simbólica, existentes na cidade, não somente geram indignações entre os congadeiros, mas também envolvimentos mais densos com os ternos, gerando uma esperança de que é possível romper com o sentimento de instabilidade, e inclusive, melhorar a sua auto-estima.

Como responsáveis pelo terno, nós precisamos transformá a Congada não só um momento de alegria e festa, mas precisamos fazê através da Congada que nossos direito seja respeitado, que o nosso futuro seja de melhor condição, fazê essa meninada acreditá, tê esperança de uma vida mais digna.<sup>50</sup>

Na medida em que visualizam a oportunidade de ver a concretização de

<sup>48</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a esposa do capitão do terno Sainha, maio de 2005.

<sup>49</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, maio de 2005.

<sup>50</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, setembro de 2005.

mudanças sócio-econômicas em suas vidas, também criam a certeza das diferenças, que são provocadas por uma sociedade desigual, que dificulta a realização de seus projetos individuais, familiares e comunitários. A busca de afirmação de suas identidades e sentidos, que ultrapassam a Congada, é uma forte característica dos congadeiros, e evidentemente, tanto no plano individual como no coletivo, eles vão estabelecendo e ampliando os seus projetos.

A Congada é um movimento de massa, nós temos que aprender tirar as necessidades dentro da Congada, a Congada é um meio, hoje, de politicamente nós poder responder. Nós iniciamos um trabalho de conscientização do negro, ele tem que estudá, nós temos que reintegrá os livros sobre a história do negro dentro da escola, pra eles ter orgulho, porque não tem, mas tem que prepará o professor pra dá aula, em relação do afro-racial.<sup>51</sup>

Quando se observa o cotidiano dos congadeiros que passaram por transformações decorrentes das redefinições do espaço urbano, acentuando as diferenciações sociais, percebe-se uma articulação, baseada no grupo de terno. Ele constrói, em conjunto com os demais, a sua identidade, a partir da religiosidade, e potencializa outras derivações, inclusive políticas. A religiosidade, nas relações urbanas, é a referência principal desses grupos, e ocupa um espaço mais significativo na formação da identidade, abrindo caminho para uma mobilidade social. É o religioso que possibilita a integração e articulação, bem como é a forma que oportuniza suas condições de existência.

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito representa pra mim, é uma coisa até inexplicável, porque eu vejo ali toda uma vida, tanto que quando chega perto da festa, eu trabalho, eu passo raiva, eu choro, mas assim até com uma certa alegria, porque não é um sofrimento, não é um esforço perdido, em N.S. do Rosário eu vejo toda minha vida, eu vejo os meus antepassados, toda uma tradição que eu espero que não acabe, homenagear os Santos é uma glória, eles são nossa proteção.<sup>52</sup>

No depoimento dos capitães encontramos imagens da realidade que compõem um quadro que funciona como demarcador dos seus costumes e tradições. O acesso aos ternos e, portanto, a sua identidade de congadeiro, é uma condição indispensável para que possa, não só exercer os seus direitos de cidadão, mas sentir-se cidadão.

<sup>51</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Sainha, maio de 2005.

<sup>52</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

**CAPÍTULO II – COSTUMES E TRADIÇÕES NA CONGADA DE  
UBERLÂNDIA - MG.**



A herança cultural de determinados grupos sociais é marcada pelo costume<sup>53</sup>. Costumes que representam a legitimação de um modo de ser de grupos sociais, manifestados por meio de reivindicações de novos direitos e de enfrentamento aos preconceitos e imposições das classes dominantes.

Recorrendo, neste capítulo, ao historiador Thompson (1998, p.22), sobre os costumes em comum da Inglaterra do século XVIII, entendemos que eles funcionam como referenciais éticos e morais de uma classe e que, de certa forma, estabelecem princípios e valores para se efetivarem reivindicações de várias ordens. Para o autor, a cultura plebéia tem, nos costumes, o seu referencial de aprendizado. As sabedorias, o saber prático e o conhecimento eram heranças transmitidas entre gerações, que se diferenciavam da educação formal consentida aos patrícios. De alguma forma muito sofisticada, assegurada pela pedagogia materna e familiar, as tradições eram perpetuadas pela transmissão oral. Trata-se de um cultivo dos costumes dentro de uma cultura que não se sujeitava ao domínio ideológico dos governantes. As normas morais da plebe são definidas dentro da classe, que resiste em nome do costume. Uma moral com um conjunto de normas e obrigações recíprocas, de idéias de justiça e bem-estar social, enfim, uma ética a orientar a conduta dos indivíduos de comunidades relativamente pequenas e integradas.

No caso da Congada, o cultivo dos seus costumes e tradições é transmitido por meio da família e da comunidade, mas, principalmente pela reciprocidade<sup>54</sup>, das

---

<sup>53</sup> Os costumes realizam algo - não são formulações abstratas dos significados nem a busca de significados, embora possam transmitir um significado. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as reexpressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto[...], eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles co-participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros. (THOMPSON, 1998, p.22).

<sup>54</sup> Segundo. Woortmann: A reciprocidade, seja como troca obrigatória, seja como o espírito que se opõem ao da mercadoria, opera no Interior do *Sítio* (ou de outras construções sociais análogas) porque este sendo um território de reciprocidade, é também um campo de honra. O princípio em jogo é o da honra e não o da honestidade. A honestidade é devida a todo e qualquer *indivíduo*, no contexto da construção cristã do mundo, que transforma o estranho em próximo. Na concepção cristã, o irmão a que se refere a citação do Deutoronômio, é a humanidade, constituída por indivíduos morais em sua relação com Deus, pai dessa humanidade. No universo que estamos examinando, a honra delimita um campo específico para o jogo da reciprocidade, como bem mostra Bourdieu (1977), onde as práticas são obrigatórias, pois o que, realmente, está em jogo é o *todo* (a comunidade, a casa", etc.). Se a reciprocidade exige um outro para que possa haver a troca, ela supõe, também, a construção de um *nós* que se contrapõe a um outro *outro* — o estranho. Esse nós é constituído por Iguais em honra. Por Isso, a reciprocidade se realiza no Interior de um território que é, também, um espaço de Identidade. A reciprocidade opera, então, no contexto da honra. Ela se dá, independentemente das diferenças econômicas ou sociais que possam existir no interior do *sítio*, entre

atividades culturais, no entorno dos ternos, que são grupos de pessoas que têm, dentro da Congada, habilidades em fazer seus instrumentos e exercitar, a partir dos costumes e tradições, suas identidades com os lugares, símbolos religiosos, evento e com a cidade.



Figura 05 - Instrumentos da Congada – Caixa, instrumento de percussão, usado para marcar o ritmo do terno e a pataguma, instrumento inspirado no garimpo de pedras preciosas. – Terno Beira-mar de São Benedito - Bairro Morumbi. Fonte: KINN, Marli Graniel, out. de 2005.

Como os ternos mantêm, entre os seus membros, alguns costumes em comum, estes fornecem as substâncias para que as pessoas se envolvam na socialização dos conhecimentos e habilidades, o que seria difícil de fazer de modo formal, por outras instituições, por exemplo, a escola. Neste sentido, o costume de deixar as crianças circularem pelos lugares onde são guardados os instrumentos é

---

peças que são iguais em honra, pois a reciprocidade é uma questão de ponto de honra (Bourdieu, 1977). Por outro lado, a reciprocidade obrigatória e a honra — pois a reciprocidade só é possível entre pessoas (e não indivíduos) com senso de honra que encarnam a honra do grupo que representam: a família, a parenteia ou o próprio todo englobante que constitui o campo de honra — são os atributos de uma ordem hierárquica. A ordem social, que é guiada pelo princípio da reciprocidade, é guiada, também, pelos princípios da honra e da hierarquia. (WOORTMANN, 1990. p.39).

uma maneira de preservarem o interesse pelo congado deste a mais tenra idade. O aprendizado, como ação espontânea, que vem do interior dos modos de ser, permite às pessoas ajustes pontuais e que potencializam a expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terno.

As nossa criança parece que já nasce gostando de congado. A gente sai para os ensaios e eles querem ir junto, querem que faça uniforme (...) O meu menino já me acompanha faz tempo, mas ele ficou mais interessado quando ganhou da avó um chocalho<sup>55</sup>.



Figura 06 – Terno Catupé Azul e Rosa, bairro Santa Mônica. A casa do capitão, no período de Congada, serve de depósito para os instrumentos. No local, as crianças apreendem, brincando, a gostar da Congada.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, jul. de 2005.

Atualmente, os grupos de ternos são identificados pelas cores de seus uniformes e pelo ritmo da batida de seus instrumentos de percussão. Cada terno é caracterizado por uma vestimenta, em que as diferenças usadas para a discriminação de cada grupo aparecem nos blusões, saínhas, chapéus, bastões, fitas, instrumentos e ritmos musicais. As suas tradições são repassadas pela transmissão oral e sua herança passada entre gerações pelos pais e avós.

<sup>55</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Madrinha do terno Sainha, jan. de 2006.





Figura 07 – Cavaquinho, instrumento de cordas, usado para se obter harmonia nas cantorias do terno Sainha, bairro Saraiva.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, out. de 2005.



Figura 08 - Desfile dos ternos de Congada em frente a capela de Nossa Senhora do Rosário. Duas gerações de Congadeiros desfilam no dia da festa.

Fonte: KINN, Marli Graniel, out. de 2005.

As manifestações dos ternos tornaram-se resistentes porque a história oral dessas pessoas é muito presente nos seus falares e remontam a experiências vivenciadas pelos pais e avós.

Nossa Senhora do Rosário não se chamava Nossa Senhora do Rosário, é um apelido, tanto que quando o negro passou pro Brasil, aí que Santa Efigênia que era protetora dos negro, ela pegou o rosário, primero só andava com o colar, então Santa Efigênia tirou o colar e vestiu a Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, aí quando chegava atrasado nas reunião era muito Nossa Senhora e daí perguntava: qual é a Nossa Senhora que tomou conta do Brasil, dos africano? Daí falaram que era Nossa Senhora do Rosário, então ficou ela. São Benedito vem trazendo o menino de Nossa Senhora do Rosário, o menino é branco, ele é preto, o povo naquela época

não entendia, tava trazendo pra uni o preto e o branco, naquele tempo não era unido, era separado<sup>56</sup>.



Figura 09 – A Congada de Uberlândia presta Homenagens aos seus anciões. Sr. Charqueada – congadeiro de 103 anos de idade. Congo branco.

Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2005

A história dos congadeiros, oralmente transmitida, registra o envolvimento com as divindades católicas e como elas foram se tornando protetoras dos negros.

<sup>56</sup> Em pesquisa de trabalho de campo com 10 congadeiros tradicionais de Uberlândia, especialmente os mais idosos, percebemos que as histórias se repetiam e optamos pela fala do Sr. Cândido, congadeiro de 94 anos, por ser um depoimento lúcido e esclarecedor em relação aos padroeiros da festa e pela sua capacidade de lançar interpretações de como o negro percebia e percebe a sociedade brasileira, ou seja: “São Benedito vem trazendo o menino de Nossa Senhora do Rosário, o menino é branco, ele é preto, o povo naquela época não entendia, tava trazendo pra uni o preto e o branco, naquele tempo não era unido, era separado.” Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, em abril de 2005.

Como os Santos foram sendo inscritos nas festas, os objetivos dos congadeiros e a sua inclusão nos rituais da Congada. Na verdade, são rituais que tendem a permanecer e a se reproduzir, pela religiosidade e também pela inclusão das crianças.

No meu terno tem muita criança, atualmente a admiração por parte delas é incrível, elas amam o congo, o que antigamente era o contrário, muitos da minha época, pequeno sentia vergonha de sair vestido e tocando na Congada, elas olham pra gente que tá na frente do terno com admiração, o capitão é a pessoa que vai realizá o seu sonho, de ser soldado mirim congadero<sup>57</sup>.



Figura 10 – Santa missa de encerramento da Novena da Congada. O evento reuniu os congadeiros em louvor aos padroeiros da festa. O altar da capela de Nossa Senhora do Rosário recebe a direita à imagem de Nossa Senhora do Rosário e a esquerda, a de São Benedito.

Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2005

Os entrevistados insistiram em contar as suas estratégias, em que tudo que fazem e enfrentam para manter a Congada parece ser pensado e se materializa como sendo parte importante do modo de vida das pessoas. Agir para continuar,

---

<sup>57</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, abril de 2005.

juntar pessoas e negociar espaços é também uma forma de manutenção das características religiosas, dos rituais e das festas que implicam tradições e costumes no uso de vários espaços da cidade.

Uma festa sem leilão, não é bem uma festa, sabe fica meio sem graça. Precisa ter leilão, a gente vê o povo participando, doado e disputando as prendas (...) É uma alegria, uma felecidade, então nois faz porque faz parte da Congada, é coisa da gente, da família, dos antigos<sup>58</sup>.

A família, enquanto coletividade que se constitui nos encontros que reafirmam a identidade com o costume de sair às ruas, nos bairros da cidade, é soma de heranças culturais, esforços individuais e comunitários, que vão se confirmando na conquista de espaços de vários lugares.

Entendemos que os costumes e as tradições de se fazer a festa, necessariamente, não precisam apresentar uma continuidade com o passado. A festa, nos domínios da comunidade, entre outras visões, é explicada por situações que implicam a suspensão das distâncias entre os indivíduos, na produção de um estado de efervescência coletiva e na transgressão das normas coletivas. A manifestação do individual e do coletivo, na doação de tempo, conhecimentos e habilidades à Congada, aparece também como um conjunto de estratégias.

Na verdade, em todos os lugares por onde passa a Congada, ela contempla a vitória de reunir as pessoas. Uma capacidade de juntar no grupo, pessoas marcadas pela prática de relações de troca que se transformaram em costumes, lastreadas pela reciprocidade. Nos ternos ela aparece constantemente e pouco importa se nela esteja implícita uma doação simplória. O importante sempre foi o gesto, seja como irreverência que se opõe ao da mercadoria, a reciprocidade, que opera no interior da família ou de outras instituições sociais como tradição porque este, sendo um ato simbólico, é também um costume.

nós temo o leilão nas época da campanha e cada um dá o que pode, uma espécie de uma novena a gente faz nas casa quando as pessoas pede, aí a gente faz o leilão, o que arrecada a gente vai usando no terno, tem uma pessoa que precisa de uma calça, de uma camisa, as meninas precisa vestir, então a gente usa de tudo isso pra menizar pras pessoas e poder fazer a festa<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Madrinha do terno sainha, abril de 2005.

<sup>59</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congo São Benedito, março de 2005.

O costume de recolher as doações percorre as ruas enfrentando desafios, em que o arrecadado se transforma em fundos para o terno e repercute no grupo como uma conquista, o que leva as pessoas a se reconhecerem como vencedoras de enormes dificuldades. Como esse costume é também uma exposição, um momento importante, segundo um dos capitães, é aquele de admiração, contemplação e envolvimento de outras pessoas, de fora do terno, com a Congada.

(...) a festa hoje é mais aceita, o pessoal que gosta fica, os “branquinho” já tão pedindo pra gente rezá o terço, quando a gente chega no centro tem toda aquela gente, é uma satisfação, admiração.<sup>60</sup>

Portanto, recorrer a tais fundamentações cria expectativas de encontrar, na Congada, um movimento que não nega o passado, nem o repete. Em verdade, a festa continua, mas continua fundamentada em costumes e tradições que sofrem, a todo o momento, adaptações, ajustes e inclusões, as quais estão diretamente relacionadas aos novos comportamentos dos congadeiros e ao tempo e ao espaço da cidade.

Mesmo entendendo que as transformações dos conteúdos, dos costumes e das tradições seja algo inevitável, nem todos concordam com alguns fatos que instituem novos comportamentos em relação às homenagens aos santos. Embora nenhum dos pesquisados tenha externado críticas específicas a um determinado terno, a forma com que cada capitão fala dos desrespeitos às batidas de cada terno, na hora da festa em louvor aos Santos, demonstra alguns problemas.

O congado foi feito pra sê respeitado, só que tem muita gente que não entende. Acha que é só pegar na bandeira, empunhá um bastão e sai batendo caixa, muitos se mete, não entende nada de tradição, de louvor aos santo<sup>61</sup>.

No universo que estamos examinando, a tradição evoca o passado, delimita um campo específico, quase que intocável, para a prática da Congada, e institui uma referência com aquilo que é permitido e reprovado, como bem mostra a capitã do terno Catupé, em que o respeito às tradições é obrigatório, pois o que realmente, está sendo questionado, é a relação com o sagrado. Esse confronto acontece no momento em que os ternos estão louvando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os congadeiros, os mais antigos, afirmam que isto tem que acabar, pois o

<sup>60</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congo São Benedito, março de 2005.

<sup>61</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

desrespeito pode ser interpretado como uma forma de um prejudicar o outro e, depois, acabar por desestimular os participantes nos louvores aos Santos.

Entre os terno há poblemas, um outro terno aqui do bairro, prá ficar maior na festa, com mais gente, tentou levar integrantes de outros terno para o seu, inclusive prá festa em Romaria<sup>62</sup>.

O respeito ao sagrado é cobrado de todo e qualquer congadeiro. A tradição do ritual envolvendo as santidades, entre os negros, é seguido à risca e transforma aquele que desrespeita em um problema que precisa ser resolvido. Na concepção da capitã, o comportamento de trazer mais gente para um determinado terno, sem ter cuidado com os rituais, afronta a tradição; ela se refere ao terno como uma construção, alicerçada no respeito aos santos. A disputa, muitas vezes, ocorre sobre aspectos característicos de um terno. Dependendo da situação, há momentos em que a competição cresce a ponto de criar rixas entre soldados de ternos diferentes e até ternos inteiros. Há manifestação de descontentamento entre capitães, que passam a propor novos ternos. Esses outros, segundo alguns capitães, com maiores probabilidades de não respeitar as tradições, pois praticam seus rituais e fazem as suas representações sem ter compreendido os fundamentos das suas manifestações. Ao desempenhar os rituais que caracterizam a Congada, fazem-no dentro daquilo que lhes é possível. Dessa forma, as manifestações particularizadas geram tensões com aqueles que querem manter as tradições.

As mudanças ocorrem no interior dos ternos e aparecem nos espaços públicos. Embora os encontros aconteçam uma vez por ano, mais especificamente durante a festa, é neste momento que todos são observados. Quando os ternos estão fazendo suas louvações aos Santos, existem momentos em que a tradição se impõe e, em comum acordo, não mais do que dois ternos se cruzam, na batida das caixas. O cruzamento é permitido, pois o uso do mesmo espaço é negociado e diferenciado pelo ritmo das batidas das caixas. Na tradição do congado, quem louva os santos tem esse momento respeitado e nunca outro terno poderá tocar seus instrumentos no mesmo ritmo daquele que está em frente ao sagrado. Portanto, no dia da festa, quando 24 ternos e aproximadamente 3.000 congadeiros se juntam, em um quarteirão, no pátio da Igreja, as tradições passam a serem adaptadas e este processo nem sempre significa romper com as heranças culturais.

---

<sup>62</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, Março de 2005.

A adaptação dos costumes permite observar que os congadeiros realizam algo importante, pois quando eles promovem reformulações, também anunciam outras questões que estão relacionadas ao modo de vida das pessoas. Neste sentido, é preciso compreender as práticas espaciais do congadeiro, pois as pessoas que fazem a Congada são seres sociais e vivem de forma organizada, na cidade. Nesta perspectiva, a sua história de manifestação é singular na totalidade a que pertencem e, sendo assim, as representações, nos espaços públicos, não estão isoladas das experiências do vivido, ou seja, se é preciso fazer algumas adaptações para manifestar as suas devoções aos Santos, trata-se de posições redefinidas pela lógica que concebe a vida urbana.

Portanto, os costumes não são formulações abstratas dos significados, nem desvinculados do modo de ser das pessoas. Mesmo que as adaptações estejam resultando em competição entre ternos, pode-se entender que se trata, mais do que de uma disputa, de algo que está posto como desafio para os congadeiros, mas que dificilmente representará ameaças insolúveis para os seus participantes. A Congada é uma manifestação social que continua existindo na cidade, pois a essência está na sua capacidade de adaptação das tradições, que provavelmente vão exercer influências nas identidades de seus praticantes.

Existe muita disputa, aqui em Uberlândia é uma das maior festa de congado de Minas, acho que teria que ser uma festa mais preservada, mais respeitada, aproximada, os próprio irmão de congado, tem gente alí que não sabe nem o que que é a religião, batem as caixas quando o outro terno tá fazendo louvação aos Santos, é um desrespeito as nossas raízes<sup>63</sup>.

Sem dúvida que os desencontros ocorrem, principalmente, quando estes são promovidos por aqueles que não conhecem a tradição. Com relação ao costume do uso dos espaços públicos, na festa, temos que discuti-lo no âmbito da contradição e do posicionamento político dos congadeiros, o qual se revela em descontentamentos, pois eles, ao se manifestarem, questionam a política que define e disciplina o uso do espaço urbano. Para realizarem suas campanhas e desfiles, precisam que as ruas e praças tenham iluminação, segurança, limpeza, dentre outros serviços. No mais, os costumes e tradições revelam outros significados, que a cada ano se tornam mais densos e mais complexos que aqueles relacionados aos desentendimentos entre os vários grupos de terno, expressados nas falas dos

---

<sup>63</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, março de 2005.



congadeiros como o desejo de levar mais soldados à festa.

Segundo Hobsbawm (1985, p.23), sobre as invenções das tradições:

Espera-se que as invenções de tradições ocorram com mais freqüência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com os seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade, ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta.

Mesmo que os costumes e tradições estejam sendo redefinidos no interior da comunidade dos congadeiros, esse movimento indica que a vida urbana e as formas de fazer a festa, na cidade, fizeram com que a solidariedade e a reciprocidade prevalecessem entre seus membros.

A gente faz o leilão, as vez vai na casa de outro terno quando é convidado, a gente faz uma confraternização. Eu mesmo quando da Irmandade eles acham o caminho do meu quartel, eu acho bom demais. Uma doação pequena que seja, é bom demais, ajuda no dia da festa. O povo daqui que fala, a festa na minha casa é bom demais, é de fartura, a gente come, bebe a vontade<sup>64</sup>.

A reciprocidade entre as pessoas cria um sentimento de envolvimento, participação e solidariedade. Desse modo, a Congada tem que ser marcada pela fartura e pela doação. Questionados a respeito do envolvimento dos congadeiros, as repostas nos remetem aos costumes familiares.

Quando o meu pai comprô essa casa, ele já recebia visita do povo que vinha da Serra do Salitre, então eles ficava na casa até consegui um lugar. Daí a gente foi crescendo nesse costume de recebe parentes, depois passemos a recebe os soldado e assim foi. No dia da festa fica todo mundo no pátio e na rua, a gente arruma os fogão aqui fora e faz o almoço. Agora a nossa família mora tudo por aqui, a casa foi feita para a família, assim pensava o meu pai e é assim que eu penso.<sup>65</sup>

Interpretando a fala da capitã de terno, a reciprocidade e o costume de ficar próximo vem, seguramente, desde o continente africano, mas o que se tem de memória é que, desde o fim da escravidão, os negros, ao se deslocarem para a cidade, criaram estratégias espaciais que permitiram aos grupos familiares residirem em um mesmo terreno.

Outro aspecto importante, relacionado aos costumes e tradições, é o da

<sup>64</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, março de 2005.

<sup>65</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com: a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, março de 2005.

alimentação, pois mesmo tendo a cidade como moradia, a moral e a ética da família dos congadeiros segue uma racionalidade da fartura, principalmente nos finais de semana e feriados. As pessoas do núcleo familiar que moram no mesmo terreno procuram, enquanto grupo social, preservar relações de reciprocidade na vida cotidiana; desta forma, vão procurando resolver os seus problemas, negociando em família os seus espaços.

No espaço vivido das pessoas, o costume familiar dos congadeiros lhes proporcionou interpretações e práticas importantes. Nas residências, por exemplo, é possível perceber os avós atentos aos movimentos dos netos, aos bens e à segurança do núcleo familiar. Os cuidados com a casa e com os familiares se entrelaçam a outras práticas e tudo parece manifestar-se como doação de tempo, pois entre os familiares existe um acordo, mesmo que tácito, de doar-se para o grupo e para a Congada.

No entanto, as dificuldades existem e são de toda ordem, inclusive de lugares para preparar e desenvolver os seus rituais. Na perspectiva de compreendermos as formas de garantir a realização dos festejos, consideraremos a organização comunitária, a ajuda mútua, a reciprocidade e a doação, principalmente de tempo e de saberes, de cada congadeiro.



Figura 11 – Campanha e ensaio do terno Sainha nas ruas do Bairro Saraiva. Geralmente o uso das ruas próximas aos quartéis dos ternos de Congada se constitui em desafios, pois os veículos atrapalham as andanças e ensaios dos congadeiros.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago. de 2005.

Por tais razões entendemos que a comunidade dos congadeiros é, sem dúvida, uma poderosa instituição que se organiza por meio de uma ordem moral, de valores éticos, os quais fazem com que ela mantenha viva as suas identidades com o terno, com a rua, com o bairro e com a Congada.

Na perspectiva das rupturas comunitárias ou do grupo social, segundo Klaas (1990, p.54-55) quando se rompe com valores tradicionais, quando os interesses familiares tornam-se particulares, o projeto coletivo da família deixa de existir. Quando se introduzem os projetos individuais dos filhos, o indivíduo livre, não obedecendo à tradição da família – camponesa, no caso estudado pelo autor, pode representar a dissolução da ordem moral. Como não se trata de camponeses, as referências ao autor podem ser relacionadas ao rompimento do congadeiro com o grupo familiar.

Ele resolveu saí do grupo, foi pra outro terno, lá no bairro que ele foi morá não tem tradição da Congada, então ele vai indo e se tudo ajudá ele logo junta vários soldado. Então é assim se a gente vai morá longe, ou o grupo fica com dificuldades, faz outro terno<sup>66</sup>.

Na espacialização dos ternos de Congadas, sua organização, de fato produzida de modo urbano, não é totalmente individualista nem totalmente comunitária. Ao mesmo tempo, torna-se capaz e incapaz de encontrar saídas comunitárias para os seus problemas, implicados na organização das suas manifestações sócio-culturais, a partir da Congada. Esta é uma situação social dos congadeiros, em que as possibilidades de autonomia frente as suas tradições que lhes são acessíveis, cotidianamente, são individualizadas, na medida em que as mediações em que vivem, e que se renovam a cada dia, denunciam o enorme desencontro entre a comunidade, os congadeiros e a cidade, entre os resultados do trabalho para se fazer e doar a festa e as condições de vida de cada pessoa, na cidade.

Como na moral congadeira, baseada em padrões éticos, o capitão deixa de ter a família como sendo a sua totalidade maior, para se tornar uma liderança suprema do terno, percebe-se que a liberdade congadeira não é totalitária, está sujeita à ordem hierárquica e à existência de inúmeras tensões, não sendo o mundo da Congada uma harmonia inquestionável. Na cidade, os soldados e a comunidade conquistam seus espaços e, em certos momentos, conseguem romper com os preconceitos, sobretudo o étnico religioso; neste relacionamento, principalmente na festa, são prestigiados pela Igreja Católica e pela Prefeitura.

---

<sup>66</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o soldado do terno Congo São Domingos, outubro de 2005.

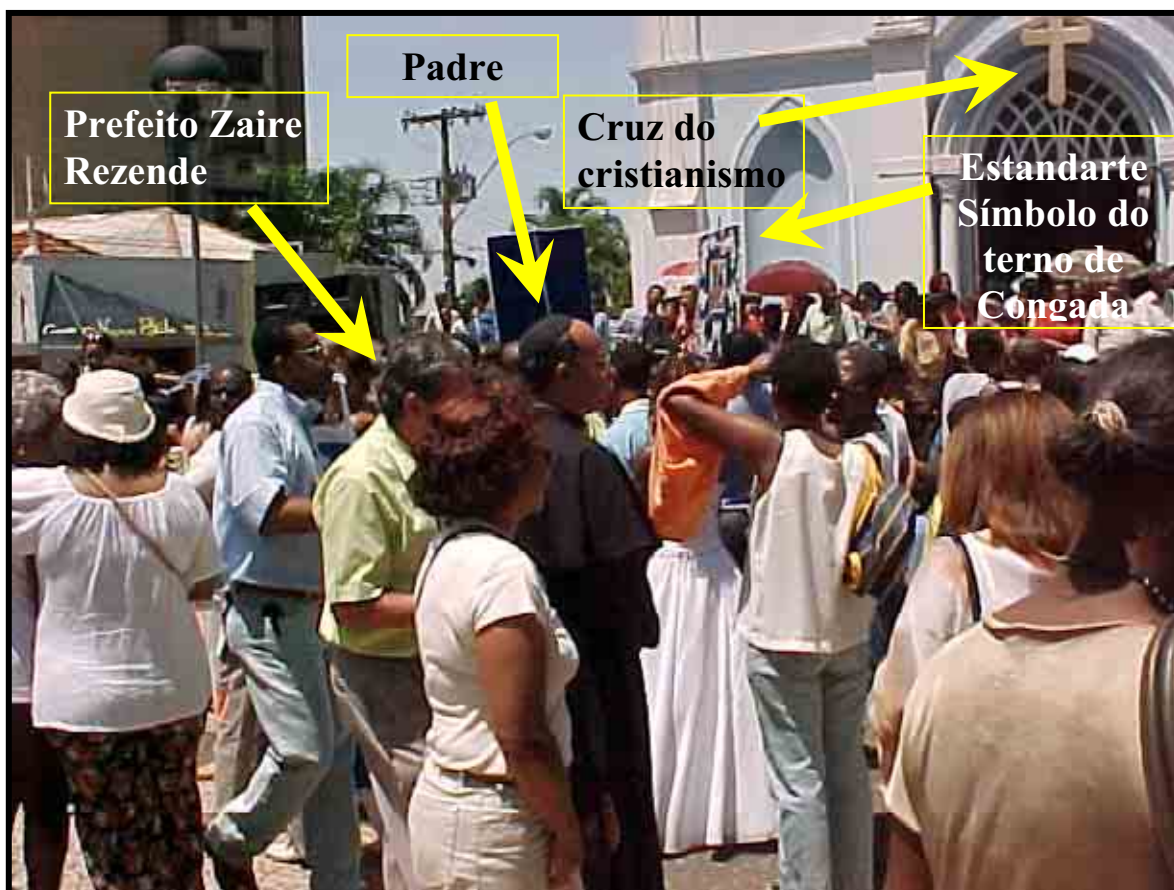


Figura 12 – Desfile dos ternos em frente à capela de Nossa Senhora do Rosário - Festa da Congada reúne autoridades civis e eclesíásticas – Praça da Bicota - outubro de 2004  
 Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2004

O direito de usar os espaços públicos da cidade torna-se uma tradição que se nutre pela prática das reivindicações dos grupos de terno e resulta de um processo de transformações amplas nos costumes dos congadeiros. Transformações que acabam por acelerar a invenção de novas tradições. Negociar espaços na cidade é uma tradição nova e vai-se materializando em conquistas, na medida em que a Prefeitura, no dia da festa, providencia o fechamento das ruas onde os rituais acontecem.

Além da Prefeitura, as relações também acontecem com a Igreja Católica e, entre as duas instituições, as negociações por espaços não têm provocado embates ou mesmo isolamentos da comunidade. A aceitação das manifestações dos negros faz parte de um processo de conquistas, impulsionado pelas demandas apresentadas pelos congadeiros, em que a Prefeitura de Uberlândia assume o compromisso de depositar, na conta da Irmandade e de algumas associações de ternos, recursos, sob a rubrica da subvenção social. Quanto à Igreja, os seus

representantes, continuam presentes no processo de se fazer a Congada, sobretudo em seus momentos sagrados.



Figura 13 – Senhor Deni e esposa – presidente e secretária da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: KINN, Marli Graniel, mai, de 2005.

Desse modo, a Congada, como manifestação dos negros e enquanto patrimônio<sup>67</sup> de um grupo social, se coloca diante da sociedade como capaz de reivindicar espaço, como um direito para se fazer a festa. Em verdade, os congadeiros, organizados em seus ternos, agem e reagem às imposições sociais e neste processo vão reinventando as suas tradições.

As reinvenções das tradições na Congada, seguramente desempenham um papel que seria complicado de desempenhar pelos congadeiros, a partir de organizações formais, pois, quando apresentam suas demandas para o poder

---

<sup>67</sup> Como a Congada é uma festa dos congadeiros, o correto é compreendê-la como um patrimônio imaterial da cidade. Portanto, entende-se por “(...) patrimônio imaterial os saberes (conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades), as celebrações (rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social)” (<http://www.lpham.gov.br.intra.html>> acessado em outubro de 2004.

público, eles cultivam a necessidade de agirem coletivamente e, neste processo do coletivo, percebem a sua importância, principalmente quando são chamados para conversar com os representantes institucionais.

A gente se sente bem, mais ao mesmo tempo com uma enorme responsabilidade quando assume a Congada. Assim, quando temo que faze a festa, a gente se vê diante do representante da prefeitura, da Igreja e a gente tem que conversa, apresenta, negocia (...) Daí tem que decidi e aí é uma enorme responsabilidade de nossa parte, mas deles também (...) Porque se for uma decisão errada vem cobrança.<sup>68</sup>

A capacidade de convivência dos congadeiros com as instituições, a qual se tem revelado nos festejos, porém, dependente das possibilidades de negociações anunciadas a partir do prestígio político que a Congada assume em relação a cidade, é entendida como uma conquista do negro. Desse modo, relacionar-se com o poder institucional local não significa um peso, um fardo ou mesmo uma imposição, para os congadeiros.

## **2.1 COSTUMES E TRADIÇÕES NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE.**

Para além das negociações e dos prestígios políticos, procuramos analisar os costumes e tradições em relação à família, à comunidade e à Congada, pensando nas suas possibilidades de autonomia, as quais existem, mas não se realizam amplamente. Entendemos que existem limites, os quais, em função do contexto urbano, sofrem mutações e indicam superações de valores, principalmente da comunidade e das pessoas que fazem da Congada uma manifestação que, no âmbito da cultura, é:

constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. (CLAVAL, 2001, p.14).

---

<sup>68</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Sainha, agosto de 2005.

Portanto, os ternos de Congadas expressam uma realidade em que a unidade familiar e a própria comunidade não se organizam na sua forma clássica ou moderna, mas de diversas formas vêm criando e atingindo novas relações sociais e, em grande parte, acompanham os processos de desagregação de modos de vida dos próprios congadeiros. A tradição e os costumes manifestam um sentido histórico, pois a sua presença na cidade revela estratégias ligadas ao que diz respeito à transmissão de valores e práticas culturais que, de alguma maneira, são reinventadas no processo de se ter a Congada na cidade<sup>69</sup>.

Como a Congada continua, observa-se que a transmissão de valores acontece no interior da família, mas de uma família do nosso tempo histórico, ou seja, diluída e fragmentada, mas que se (re)encontra no processo de fazer a Congada. Trata-se de (re)encontros que antecedem a festa, são realizados para levantar fundos, ensaiar os rituais. Como estratégias de manter a família e a Congada, os congadeiros realizam reuniões entre eles e já permitem a inclusão de outras pessoas. Nesta perspectiva, a Congada se realiza tendo por base a família, porém ela não se restringe à casa do capitão ou ao quartel do terno.

---

<sup>69</sup> "Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado". (HOBSBAWM, 1985, p.9).





Figura 14 – Ensaio do terno Verde e Branco – Bairro Pampulha. Antes dos ensaios, o capitão chama todos os seus comandados para uma oração.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, mai, de 2005

Para Woortmann (1995), em “Herdeiros, Parentes e Compadres”, os colonos teuto-brasileiros, imigrantes europeus do Rio Grande do Sul, concebem a família, na sua descendência, como sendo uma árvore - tronco. Na cultura dos congadeiros, o quartel é a casa sede, tem raízes, história, ele se constitui na centralidade do grupo, ou seja, é o lugar de referência e de poder. O quartel corresponde ao lugar de saída e de chegada dos soldados e do terno. O quartel é o lugar em que as pessoas, sejam elas parentes, ou soldados, vão-se juntando e constituem uma organização hierárquica da Congada.

Esta organização serve para refletir as tradições do grupo, suas raízes históricas e o papel da Congada como representação do negro na cidade, o que se constitui em formas de manter vivas as tradições e as memórias a respeito dos sentidos, valores e saberes dos negros congadeiros.

Desse modo, a Congada, para as famílias, é mais do que uma festa oficial dos negros. Embora a suas manifestações tenham uma data de início, o ano de

1872, as raízes culturais de suas origens, certamente, nos levariam ao Continente Africano. Contudo, a partir da migração dos negros, da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, para a cidade de Uberlândia, é que a Congada assume dimensões agigantadas<sup>70</sup>.

A grande presença da população negra em Uberlândia é datada desde a metade do século XX; constituiu-se pelas redes de parentescos, amizade, as quais criaram sociabilidades que foram definindo modos de vida dos negros na cidade. Os locais de moradia continham os espaços urbanos comuns onde se concentravam as famílias negras e também em regiões próximas aos trabalhos dos homens negros. Esta população vivia isolada das demais camadas da sociedade uberlandense e, neste período, a cidade continha os espaços de segregação das famílias negras.

As atividades dos trabalhadores negros na cidade eram compostas por trabalhos junto das sacarias, pedreiras, olarias, do calçamento das ruas, de curtumes, charqueadas, fábricas de banha e máquinas de arroz. O trabalho próximo às suas residências, em uma cidade, na época, de pequenas dimensões, fomentava a migração de novas famílias negras para a cidade. Esse processo migratório era incentivado pelas visitas que se faziam aos parentes e amigos em Uberlândia. Como a maioria morava na roça ou em cidades próximas, o convívio com as outras pessoas já instaladas na cidade facilitava a sua vinda pois, além de terem uma referência, se sentiam seguras para, junto dos parentes e amigos, construir um modo de viver e de se proteger em uma cidade repleta de preconceitos.

Por meio da solidariedade e identidade entre as famílias negras, essas pessoas, vindas de fora, se estabeleciam próximas umas das outras. Desse modo, quem tinha condições de moradia e trabalho auxiliava os recém-chegados, providenciando alojamento e na busca de empregos no mercado de trabalho. Constituindo, também, uma marca do grupo, das suas tradições culturais e de relações sociais.

---

<sup>70</sup> Sob a forma institucionalizada, ela se organiza desde a década de 1980. Destaca-se o dinamismo comunitário dos ternos de Congada, sua capacidade de inovação e ampliação da participação de adeptos, suas formas sociais de organização comunitária e sincretismo religioso. Assim, devemos considerar a Congada como um fenômeno que pode ser explicado pela herança cultural histórica dos negros ex-escravos, principalmente da sua região de origem, ou seja, o Congo Africano. De fato, em alguns casos, a cultura africana foi determinante na moldagem da atual estrutura social dos congadeiros. É claro que esta manifestação só foi possível pela existência de uma estrutura familiar e comunitária capaz de absorver e reagir às imposições decorrentes dos vários processos produtivos impostos no campo e na própria cidade, pelas classes dominantes e suas instituições.

Atualmente, os locais que eram de moradia das famílias negras, devido à urbanização e ao crescente processo de especulação imobiliária, estão sendo reocupados por pessoas pertencentes à classe média. Apesar de vários congadeiros não residirem em seus bairros de origem, continuam sendo um grupo social, cujos laços de parentesco lhe permitem estabelecer sociabilidade entre os descendentes de uma mesma família. Como de costume, os congadeiros se organizam no interior dos ternos para continuar uma tradição que se inicia com os seus antepassados, ainda na condição de escravos. Como continuam com as suas manifestações, a forma como se organizam é fundamental para que a sociedade pense a condição social do negro, na cidade<sup>71</sup>.

Estamos refletindo a partir de um contingente de descendentes de escravos, porém, neste momento, proletários que conseguem se organizar e manter a Congada como uma manifestação sincrética e constituir-se em força política. Como força de trabalho transcendem a condição de viverem para o trabalho e, nesta situação de proletário, existe uma resistência a qual está na postura da reprodução, pois para o congadeiro o importante é trabalhar para se viver e não se viver para o trabalho. Nesta condição, não existe apenas um homem para o trabalho, mas um acervo cultural que se manifesta no modo de viver na cidade que se renova e vai conciliando o trabalho com o ato de fazer a festa.

Aqui em casa nós fizemo de tudo, uma menina trabalha em casa de família, a outra ajuda e olha criança, eu faço trabalho como diarista. Mas na semana e nos dia de festa eu já aviso a patroa que nem me espere para o serviço, nestes dias eu vivo para a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, para a Congada né, para minha devoção e religião<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Segundo Alem: “O aspecto da história política de Uberlândia, que pressuponho como fundamental para este trabalho, é que forjou-se, desde os primórdios do município, uma economia plenamente burguesa, porém sustentada por práticas políticas de dominação direta e pessoal, nas quais despontam a troca de favores, no ajuste dos interesses econômicos dominantes, e a prestação e contraprestação de benefícios entre dominantes e dominados. Essas práticas recobrem as relações sociais tanto na esfera privada como na pública, alcançando com alguma eficácia até mesmo sujeitos políticos não imediatamente integrados à ordem dominante, o que, em parte, explica um certo ajustamento sucessivo desses sujeitos à mesma ordem, ao longo da história da cidade.” (ALEM, 1991, p.81).

<sup>72</sup> Pesquisa de campo realizado por Marli Graniel Kinn, com a capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, julho de 2005.



Figura 15 – Desfile dos ternos na praça da bicota, centro da cidade de Uberlândia. Em toda a Congada é tradição que as meninas carreguem as bandeiras dos ternos. Crianças do terno Verde e Branco do bairro Pampulha.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, mai. de 2005.

No cotidiano dos congadeiros, como representantes de um grupo social que tem, na manifestação cultural, a expressão comum de um universo repleto de significados, estratégias, sabedorias e resistências humanas, os valores de origem da Congada nem sempre poderão ser reproduzidos pelos seus descendentes.

Contudo, os grupos familiares que ocupam o mesmo lugar de moradia vão se estruturando em torno de uma identidade comum, construída com elementos culturais que existem no interior da Congada e, a partir de combinações de relações sociais, conseguem reduzir certos desencontros, principalmente em relação às formas de ocupação dos espaços privados.

Aqui é tudo parente, cada um tem a sua porta, tem a sua casa. Os filho, as nora, os genro, netos, bisneto tem respeito, qualquer pobrema a gente se entende, porque são tudo família. Como viuvei, sou dona do quartel e moro na frente, posso cuidar da família<sup>73</sup>.

<sup>73</sup> Pesquisa de campo realizado por Marli Graniel Kinn, com a mãe do capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, julho de 2005.

Nestes casos em que os parentes de várias gerações moram juntos recorrem aos familiares, sendo, portanto, morar nos quartéis, uma negociação familiar, uma estratégia coexistente com a cidade moderna. Essas coexistências promovem metamorfoses de relações no interior do quartel e cada elemento da cultura material e imaterial tem uma importância na organização das moradias.

Esta condição envolve uma possibilidade essencial: vivem numa cidade com ares de metrópole e, ao se defrontarem com a necessidade de moradia, lazer e segurança, recorrem aos quartéis de terno. Na condição de moradores de quartéis, os congadeiros são proletários que estruturam suas identidades sociais na família, adaptando valores, procurando construir estratégias em termos e sentidos que lhes permitam obter autonomia, inclusive para viver na cidade.

A saída para enfrentarem as dificuldades de se viver na cidade moderna depende dos costumes familiares, marca o início de relações sociais, das quais os congadeiros não podem abrir mão. Assim, a família dos congadeiros, embora tenha determinações muito fortes no sentido do esgotamento das condições de reprodução dos seus membros, apresenta costumes que viabilizam a permanência dos filhos, nela, por meio da moradia, que alguns chamam de colônia<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> Segundo Alfredo Bosi, “as relações entre fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem (...) colo é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar. Enquanto os gregos tratava-se de habitante de colônia.” (BOSI, 1993, p. 11) Em nosso entendimento, colônia enquanto moradia dos congadeiros não se esgota no conceito. Há, por detrás dos esquemas do desenho da criança que explicou, por outras linguagens, o lugar que ela morava, vários sentidos que se traduzem nas possibilidades de se construir, na cidade, estratégias para nela viver. Portanto, as colônias criadas a partir de relações sociais, talvez de diferentes temporalidades, revelam as condições dos congadeiros e foram transportadas para o texto como estratégias urbanas que se fundam nos costumes e tradições dos congadeiros, resultando em seus efeitos e em um caminho para o entendimento da vida e do vivido dessas pessoas.

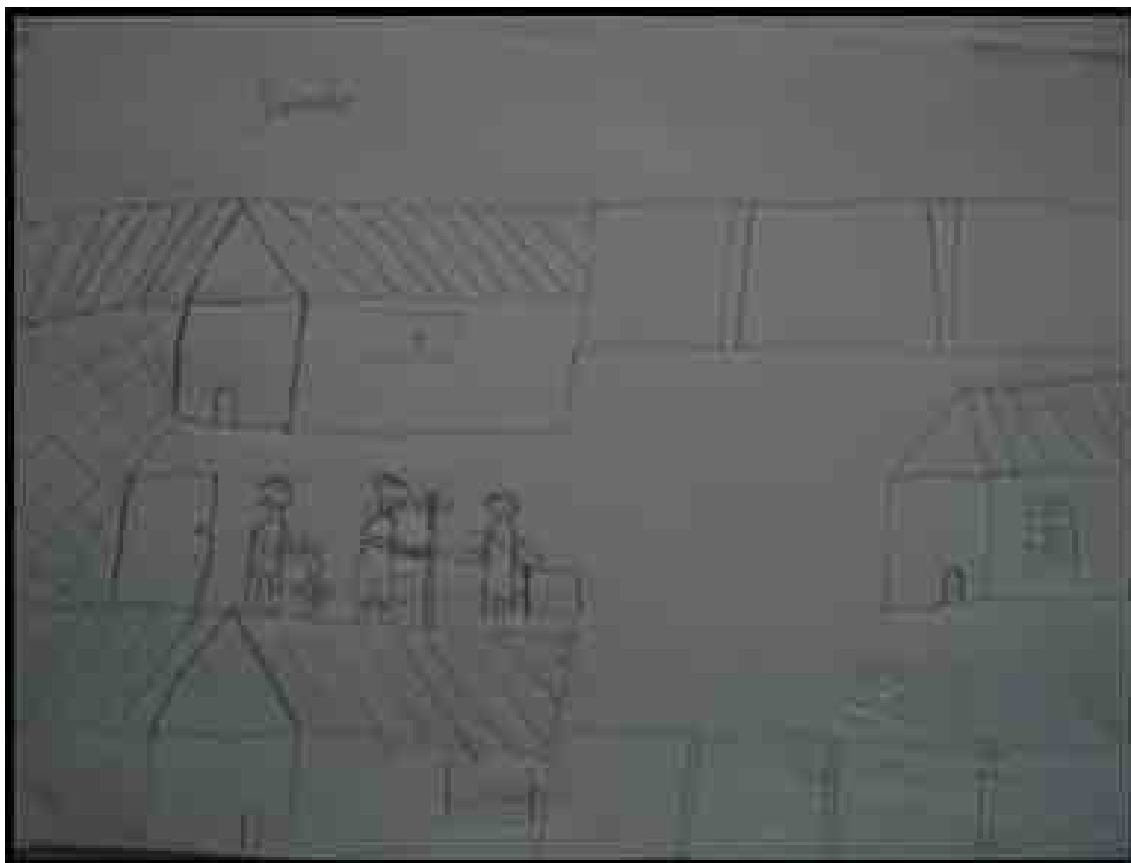


Figura 16 – Uma das crianças do terno Catupé do Bairro Patrimônio fez o esquema para que pudéssemos entender como era o quartel onde ela morava. O terreno é todo ocupado e cercado. Uma das paredes das casas serve de muro. No dia da festa, o quintal e corredores são usados para receber e abrigar os soldados do terno.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, abr. de 2005.

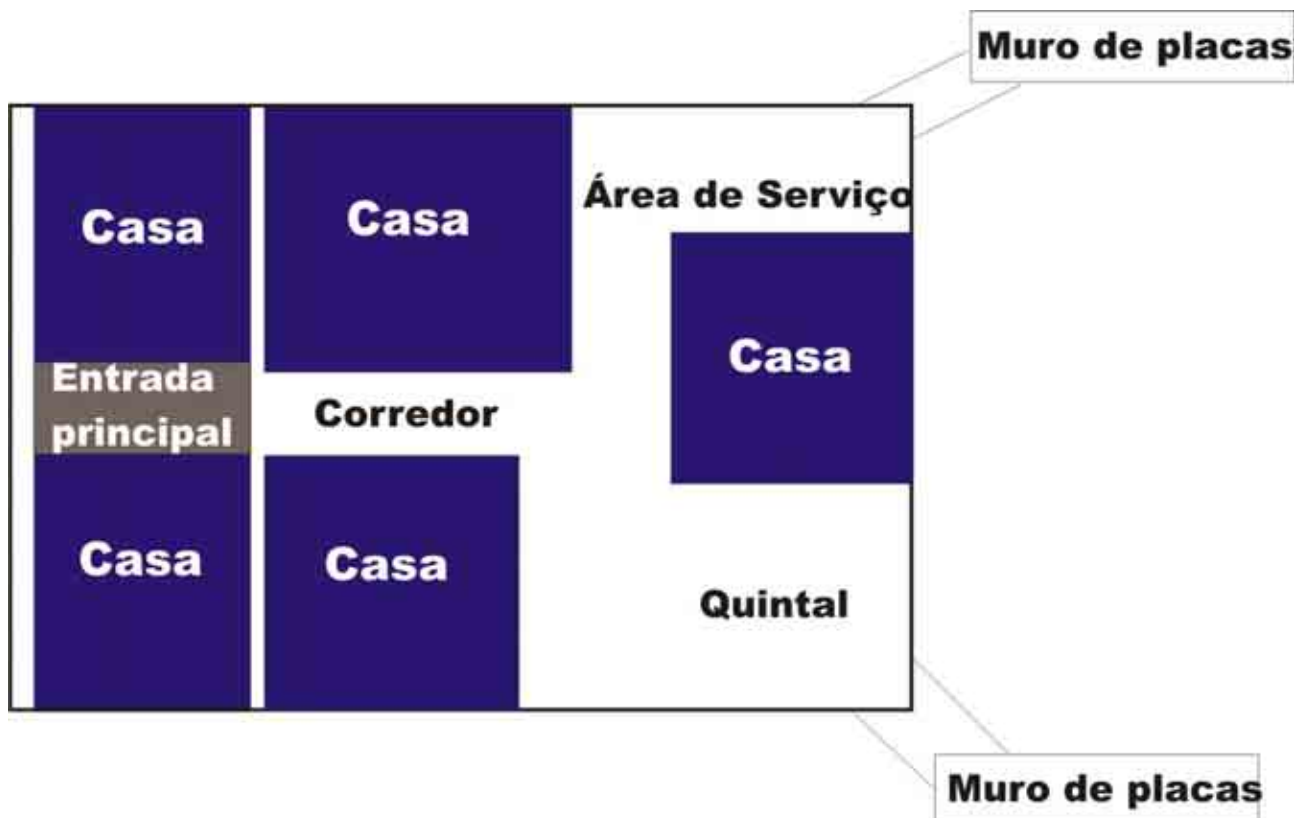


Figura 17 – Esquema representando o conjunto de residências denominado por algumas pessoas como sendo colônia, mas entre alguns congadeiros como quilombo urbano. Para o congadeiro ela também representa uma saída para enfrentar as necessidades dos seus familiares, principalmente de moradia. O terreno mede 12 metros de largura por 30 metros de comprimento, nele foram construídas cinco casas de aproximadamente 50m<sup>2</sup> cada uma. A entrada principal é protegida por um portão de “ferro”, o corredor permite a circulação e acessibilidade das pessoas às residências, sendo que o quintal serve como área de serviço e de lazer. Organizado e adaptado por Marli Graniel Kinn.

A partir dos arranjos habitacionais dos congadeiros na cidade, a Congada não é somente o elemento ou o instrumento de integração dos negros no meio urbano, mas uma manifestação das habilidades dessas pessoas, lastreada na família e nas estratégias espaciais, que incluem as moradias e os usos do espaço pelos seus membros. Nas colônias, existe uma sociabilidade que vai sendo reproduzida a partir da casa paterna, na qual o congadeiro vai criando outras sociabilidades, as quais acabam por se manifestar no cotidiano. Mesmo na condição de filho, os membros da colônia são sempre autônomos, pois o pai não explora a sua prole, mas é aquele que promove condições de moradia, a partir do seu imóvel. Neste sentido, a família dos congadeiros, mesmo que parcialmente, vive também de práticas sociais e espaciais relacionadas ao seu modo de vida, construído no meio urbano e mantido, no quartel de terno, por relações familiares.

A sociabilidade, nos ternos, se reproduz a partir de valores sociais,

seguramente processados e transmitidos historicamente. Portanto, na condição de filhos, os congadeiros se valem desses valores e dos laços familiares para criarem suas estratégias, em seus ternos de Congada. Contudo, isto não os impede de incorporar novos valores. A cidade, portanto, não homogeneiza os costumes dos congadeiros. No processo de satisfazer suas necessidades, a cidade moderna não contribui para a destruição dos costumes e tradições familiares.

Na medida em que a comunidade assume a função de fazer a festa, a participação dos seus membros supõe interação, por meio de uma hierarquia familiar: a do pai, como capitão do terno, e depois ao seu sucessor, o filho homem mais velho. Somente na falta do filho homem a sucessão será passada para a filha mulher, fazendo com que a semente, ou seja, as famílias dos filhos, se reproduza em vários quartéis, mantendo aspectos importantes de sua identidade, bem como o nome do terno, as cores do uniforme, as batidas das caixas e a devoção aos Santos.





Figura 18 – Ao ser entrevistada, a madrinha do terno Sainha, nos mostrou como é confeccionado, pelas mulheres, os capacetes dos soldados. O material utilizado em grande parte é reciclado. No caso específico, o reaproveitamento é de latas de óleo de cozinha .  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.



Figura 19 – Na casa dos congadeiros a religiosidade é percebida em vários lugares. Imagens de São Benedito e Nossa Senhora, na casa do Capitão do terno catupé Azul e Rosa. Bairro Santa Mônica. Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Desta forma, os congadeiros, no interior dos ternos, são capazes de definir papéis sociais, os quais vão ser desempenhados por cada pessoa. Para além da Congada, a comunidade exerce o papel de tomar decisões, instituindo o comportamento coletivo. Um comportamento simples, posto diante dos outros como doação de vários conteúdos, materiais e imateriais, relacionados aos costumes e tradições destes grupos sociais.

Como são pessoas que vivem em Uberlândia, em diferentes lugares, os congadeiros, em seus ternos de Congadas, se organizam de forma particular e

assumem uma postura de dinamizarem os seus costumes e tradições.

Como a gente mora longe, a gente consegue um ônibus com a Prefeitura. Esses dia, lá na Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi assim. O povo combina de se encontra, em tal lugar e daí a gente liga, combina, um liga pro outro e assim vai (...) Então a gente dá um jeito, mas as vez, não tem como fazê igualzinho de antigamente<sup>75</sup>.

Seria mesmo um equívoco imaginar que a Congada possa ser organizada como uma manifestação totalmente fiel ao passado das comunidades negras, no município de Uberlândia, pois a cidade cresceu e, em pouco mais de duas décadas, a população mais do que triplicou<sup>76</sup>.

## **2.2 COSTUMES E TRADIÇÕES: ALGUMAS PERMANÊNCIAS.**

Os congadeiros, apesar de suas origens africanas e, de certo modo, manterem um modo de vida baseado na reciprocidade, não vivem somente dos mínimos vitais. As suas condições de proletários urbanos e de moradores de colônias lhes permitiram rendas que os tornaram consumidores de várias mercadorias, inclusive de serviços. Seguramente, estamos diante de pessoas que conseguem inscrever na festa várias doações, que derivam dos seus ganhos individuais e comunitários.

Na prosa lúcida e equilibrada de “Os Parceiros do Rio Bonito” de Antônio Cândido, ele analisa a cultura do caipira, ligada às formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiava, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros. Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e

---

<sup>75</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a madrinha do terno Congo Sainha, outubro de 2005.

<sup>76</sup> Segundo o IBGE, no início dos anos de 1980, o município contava com uma população de 200 mil habitantes e no ano de 2005, segundo dados da Prefeitura municipal o município conta com 637 mil habitantes, sendo que 607 mil vivem na cidade. (Fonte; IBGE–Censo de 1980 e <http://www.uberlandia.mg.gov.br>). Acessado em outubro de 2005.

sociabilidade. Na obra, é na festa que se define, com base no alimento, relações de solidariedade, que reforçam os vínculos de vizinhança, fortalecendo não apenas os moradores do mesmo grupo, mas os de grupo diferente, acorridos à festa.

Festas, celebrações mobilizavam as relações sociais. O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume<sup>77</sup>. Na Congada, os sujeitos são proletários urbanos que não perderam as habilidades de fazer a festa. No entanto, existe na festa um conjunto de princípios, morais e éticos, que definem limites, para permitir a participação das pessoas.

Antes de a festa acontecer, no processo de fazer a festa, os congadeiros vão vivenciando a cidade e todos os membros dos ternos vão dançando, cantando, para realizar a festa, que não é para o homem, mas do homem negro para os Santos negros e brancos. Sendo para os Santos, a tradição se redefine e os congadeiros não ficam atuando somente nos bairros.

O congado pra mim é religião, o congado pra mim é uma tradição, uma maneira de eu manifestá a minha fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, é tudo de eu ver a minha família, meus amigos reunido pela fé aos Santos. Reunido pela tradição, pra você mantê o congado, você tem que sabê vivê, o que é uma fé, o que é uma religião<sup>78</sup>.

As manifestações dos ternos tornaram-se educativas, pois a memória dessas pessoas remontam a experiências vivenciadas por outras gerações, que se encontram na festa e socializam os seus saberes, costumes e tradições.

Nos preparativos, a comunidade participa na elaboração dos uniformes, na manutenção dos instrumentos. No dia do desfile, a comunidade, uniformizada, se destaca do público. Depois do desfile, os congadeiros e seus convidados se reúnem para um almoço. Portanto, a festa tem seus momentos e, em cada momento, ela define as formas de participação de seus membros.

---

<sup>77</sup> Para os caipiras do Rio Bonito, a atuação da influência urbana, mesmo remota, introduz novos hábitos; as novas necessidades têm grande importância na configuração da mudança de cultura, pois esta se apresenta, sob certos aspectos, como restrição, ampliação ou redefinição de necessidades. Se, por um lado, o caipira se desprende das técnicas e conhecimentos que constituíam o seu acervo cultural próprio, por outro ele encontra técnicas e conhecimentos novos que, num universo diferente, compensarão a atrofia da sua cultura, pela sua incorporação a uma nova cultura.

<sup>78</sup> Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril 2005.



Figura 20 – Na Congada de Uberlândia alguns congadeiros são também hábeis marceneiros. Cilindros de madeirite sendo preparados para se tornar instrumentos de percussão. Terno Catupé Azul e Rosa, Bairro Santa Mônica.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

As formas de manifestações culturais no espaço, por meio da festa, muitas vezes assumem dimensões gigantescas e a sua possível equivalência, mesmo que aparente, com as formas espetaculares, é uma tendência da atual sociedade. Porém, a Congada não se restringe ao desfile espetacular das ruas da cidade. Ela, enquanto processo, vai sendo realizada no decorrer de meses e tem o seu ápice no desfile dos ternos e devoção aos santos. Desse modo, a Congada, enquanto criação da comunidade, vai sendo realizada no interior da família, dos ternos, tendo como espaço os quartéis, as ruas e o bairro.

Nesses espaços a comunidade, reunida em torno da festa, consegue realizá-la, com autonomia. Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio comunitário e social, o congadeiro se apegou ao seu lugar, como expressão da sua própria razão de ser, enquanto pertencimento, identidade e sociabilidade. Neste processo, a comunidade define, com base na doação, relações de solidariedade, que reforçam os vínculos de vizinhança fortalecendo, não apenas os familiares, mas as pessoas que se identificam com os festejos.

A Congada não é apenas um desfile de ternos coloridos, ela representa momentos que são capazes de expressar os conflitos da vida moderna, bem como o restabelecimento de uma certa ordem. Mesmo travestida de espetáculo, a festa acontece em vários espaços do cotidiano urbano, ou seja, nos bairros, nas ruas de Uberlândia.

Como de costume, os congadeiros, declaram amar ao Congo, e se trata de uma manifestação de identidade, de estar bem consigo mesmo. É nos rituais que as pessoas se encontram, fazem seus louvores e acabam se aproximando de outras pessoas que, muitas vezes, nem as conhecem.

A gente já tá entrando no meio da comunidade todinha, muitas pessoa chamam pra ir na casa rezar um terço. Quando chamam a gente, aí a gente leva o terno, levamo a santa, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, hoje é mais aceita, é bom sê bem recebido, o terno se sente bem.<sup>79</sup>

Referenciados pelos costumes e tradições, o processo de ser aceito e viver sob os mais diversos preconceitos e provações, sobretudo de tolerância, os congadeiros foram desenvolvendo certas sensibilidades para identificar aqueles que aceitam e os que não aceitam o ritual religioso, em suas casas.

A gente vai naquelas casa que a gente sabe que não vai tê pobrema. A gente só vai onde é chamado, e daí reza o terço, faz leilão. No terno na época da campanha a gente faz dia sim, dia não.<sup>80</sup>

Continuar com a Congada é, ao mesmo tempo, um desafio e uma conquista, que envolve vencer pesadas imposições sociais, embora veladas, principalmente relacionadas aos preconceitos étnicos e religiosos. Nas ruas, os desafios são conviver com a velocidade dos carros, com o desrespeito ao direito de o outro freqüentar, usar os espaços públicos e manifestar as suas identidades, deixando

---

<sup>79</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congo São Benedito, Abril de 2005.

<sup>80</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, Abril de 2005.

neles suas mensagens e suas diferentes formas de viver.

Hoje trabalhei o dia inteirinho, fui fazê faxina em duas casa (...) Cheguei em casa, só deu tempo de tomá banho, trocar de roupa e já fui na casa do devoto rezá o terço (...) Uai tem que ir lá é compromisso e a gente faz feliz, porque é pros santo, é prá nós e pros devoto (...) <sup>81</sup>.



Figuras 21 – Nos meses que antecedem a festa, agosto e setembro, os ritmos dos ternos são acertados nas reuniões dos congadeiros. Terno Catupé Azul e Rosa ensaiando a noite, na rua, em frente ao quartel, bairro Santa Mônica.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Queira ou não, a falta de tempo ou as privações não anulam os costumes e as tradições que estão relacionadas à festa, pois ela tende a ser um evento que permite às pessoas conquistarem momentos de autonomia, os quais tornam possível estabelecer, mesmo que temporariamente, uma realização pessoal, estabelecendo rupturas com a monotonia da vida moderna. Seguramente por isso ela contém, disfarçada ou explicitamente, os elementos que permitem aos

<sup>81</sup> Depois de trabalhar 12 horas, a congadeira do terno Azul de Maio se antecipa em relação à chegada do terno em mais ou menos duas horas para rezar o terço na casa do devoto. Após o ritual, na casa do devoto, a senhora acompanhou o terno pelas ruas da cidade, percorrendo uma distância de aproximadamente 5 quilômetros. No retorno ao terno, quase à meia-noite, quando estava me despedindo, ela me convidou para a campanha do dia seguinte. Pesquisa de Campo realizada por Marli Graniel Kinn em setembro de 2005.

congadeiros viver na cidade, tendo que enfrentar inúmeras privações e carências de várias ordens. Tais encaminhamentos certamente, representam conquistas, as quais se manifestam no interior das comunidades e dos espaços construídos para se fazer a Congada. Desse modo, a Congada persiste e pode ajudar a explicitar a diversidade das relações sociais e as diferentes experiências sócio-espaciais dos congadeiros, na cidade.

Em nossas incursões a esses quartéis, percebemos que algumas tradições se mantiveram entre os ternos, principalmente em relação à hierarquia e à transmissão de poder e funções, dentro dos ternos. Os ternos continuam se organizando em quartéis, que também são as residências dos seus capitães. Na sua organização, o primeiro capitão, geralmente, é o mais velho, o segundo é o filho e, do terceiro até o quarto, qualquer outra pessoa pode ocupar o posto, desde que escolhida pelo primeiro capitão.

Por exemplo, eu sou o capitão, a casa do capitão é o quartel, o terno sai da casa do capitão no dia da festa, reúne aqui, o capitão chama a atenção se tem algum problema, as ordens sai daqui.<sup>82</sup>

Na perspectiva do gênero, homens e mulheres desempenham funções muito específicas, dentro da Congada. Embora existam flexibilizações nas funções, na Congada, poucas mulheres desempenham os papéis dos homens, e vice-versa. Os postos mais importantes são os de capitães e de cozinheiras, e todos têm uma função na organização do terno. Os homens representam as lideranças, definidas a partir da experiência e do conhecimento a respeito dos ritos e rituais da Congada. As mulheres detêm vários conhecimentos e habilidades, sendo que os mais valorizados são os de costura e gastronômicos. A primeira cozinheira da cozinha da Congada, quase sempre, é a congadeira mais experiente do terno.

Os uniformes utilizados pelos ternos são confeccionados pelos próprios congadeiros, em suas casas.

A minha roupa eu sempre faço. Tenho cuidado com ela (...) ela tem que sê muito bonita, limpa, bem passada e tudo mais (...) Não pode tê nenhuma marca, dobra ou falta de frizo, ela vai me vesti pra eu i saudá o Santo. Então eu tenho que me dedicá, não posso fazê feio e nem fica de economia<sup>83</sup>.

O costume de doar-se para a Congada continua e se inscreve, na vida das

<sup>82</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

<sup>83</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o membro do terno Moçambique do Oriente, maio de 2005.



peçoas, como sendo um atributo de cada membro, uma responsabilidade que ganha expressividade na rua, especialmente no dia de homenagear os Santos. Como a devoção repercute em gastos, principalmente com o uniforme, as vestimentas se tornam verdadeiras obras de arte, pois são confeccionadas pelos membros do grupo.

Esse ano vou dá uma reformada na minha roupa, ela tá muito boa, quase nova (...) digo assim uma boa reforma, porque é uma roupa de rainha... Uma beleza, uma coisa nossa (...) <sup>84</sup>.

Se a roupa é uma coisa do congadeiro, é de se supor que eles possuem uma preocupação mais ou menos idêntica, ou seja, vestir-se à altura das homenagens aos Santos. Como são pessoas habilidosas, a originalidade se verifica na forma com que as pessoas combinam as cores dos seus uniformes. É tradição na Congada que os uniformes sejam coloridos, combinados de diferentes maneiras. Cada peça é trabalhada para proporcionar afirmação e elegância ao congadeiro. A partir das vestimentas, é possível compreender a devoção das pessoas, a organização dos congadeiros e o respeito que cada membro cultiva em relação à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário <sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> Em grande parte, os uniformes são confeccionados a partir de vários materiais e podem ser doados, comprados e reaproveitados, tudo depende das habilidades dos congadeiros. Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com: membro do terno Moçambique de Belém, setembro de 2005.

<sup>85</sup> A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia- Minas Gerais é uma associação religiosa e cultural, não partidária, sem fins lucrativos, com vínculos perpétuo e fraterno com a Igreja Católica Apostólica Romana. A Irmandade tem por finalidade promover as tradições religiosas associadas às devoções populares a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, bem como preservar e incentivar as práticas do Congado, Moçambique e outras modalidades de danças e culturas afro-brasileiras. Tem como finalidade incentivar atividades que estimulem a formação religiosa e espiritual dos seus sócios. (Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia - M.G.)



Figuras 22 – Os uniformes femininos da Congada são confeccionados pelas madrinhas dos ternos. Quando estas não têm habilidades, recorrem a outras pessoas da comunidade. As peças são das cores do terno. Nos meses que antecedem a festa, agosto e setembro, as costureiras trabalham em ritmo acelerado.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

(...) muitas das vez os ternos acabam reclamando aqui na diretoria da Irmandade, são pobremas entre terno, a cor [Além das cores, pode-se diferenciar os ternos a partir de outras peças e adereços, tais como: chapéus e turbantes. Alguns usam penas em suas vestimentas e conforme as originalidades de cada um, usam outros enfeites, como fitas, miçangas, medalhinhas, botões, correntes, espelhos e bordados.] as vezes é idêntica dos uniforme, não pode, tem que sê diferente um terno do outro, a gente orienta os capitão pra resolvê.<sup>86</sup>

<sup>86</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a esposa do Presidente da Irmandade, abril, 2005.



Figura 23 – A criatividade dos congadeiros também se revela nas suas vestimentas. O chapéu como parte do uniforme dos soldados de ternos expressam habilidades e despertam vaidades. O colorido, os espelhos e as miçangas servem para diferenciar um terno do outro.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2005.

Nos ternos de Congada, as práticas da solidariedade de vizinhança, como a da doação, se evidencia ainda mais nas festas, principalmente de alimentos que fazem parte da gastronomia tradicional da Congada, isto é: macarrão, arroz, feijão, batatinha, óleo de soja, carnes. As doações, além de representar solidariedade, definem a posição social das pessoas dentro da Congada.

Na Congada, a fartura de alimentos é uma característica marcante, mas que depende de doações da comunidade e de alguns membros externos a ela. As doações que chegam aos quartéis garantem uma refeição composta de pratos variados e sem restrições de quantidade.

É nesta perspectiva que a festa da Congada parece nutrir-se de costumes e tradições herdadas do passado, ou seja, dos resíduos culturais, mas que na festa sofrem vários ajustes. Para as comunidades, no caso dos ternos de congadeiros, a festa é resultado de inúmeras combinações.

Como, para a Congada, as festas não são recriadas como uma manifestação totalmente fiel ao passado das comunidades negras, preocupamo-nos em pensar as estratégias comunitárias. Para poder explicar as realidades das Congadas, seus entraves religiosos, políticos e comunitários, é preciso conhecer as diversas origens sócio-espacial dos congadeiros. Essas realidades são desveladas quando abordamos a sua complexidade, a partir de algumas perspectivas. Por exemplo, os congadeiros de Uberlândia têm incluído, no processo de fazer a festa e ocupar os espaços públicos, uma população urbana regional. As suas capacidades de inovações, nas suas práticas cotidianas, e de propor respostas aos apelos individuais e comunitários estão seriamente comprometidos por várias questões e não são resolvidos ou digeridos apenas pela intervenção da Igreja ou do Estado. Trata-se de adaptações de crenças e valores que convergem na manifestação do negro, na cidade, como um ser social, moral, ético e politicamente com objetivos particulares.

### **2.3 QUANDO OS COSTUMES E TRADIÇÕES TORNAM-SE ESTRATÉGIAS.**

Considerar as manifestações e os próprios congadeiros como diferentes, nos faz pensar nos costumes e tradições como formas e estratégias de fazer a Congada. Seguramente, estamos diante de adaptações que se encontram enraizadas na vida do congadeiro e parecem válidas, sobretudo, para pensarmos a cultura material e imaterial das pessoas que fazem a Congada.

Quando se tem fé a gente pensa que é tudo possível (...) O engraçado é que é sim. Quando você começa a fazer as coisas da Congada, você vê que não é fácil. Mais aí você pensa e mete a cara e quando todo aquele povo se encontra no dia da festa lá praça, você começa a entendê que Nossa Senhora e São Benedito têm muita força (...)<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

Ao considerarmos as crenças, as devoções e os próprios sentimentos, começamos a perceber que o processo de envolvimento com a Congada é mais complexo que o fato de fazer a festa. Na lógica do envolvimento das pessoas com a Congada, existe uma mística de que tudo vai se resolver positivamente, ao final. Para quem comanda a Congada, os desafios são de toda ordem e o enfrentamento das dificuldades é interpretado como uma provação que todo o capitão de terno tem que passar. Cada conquista é progressiva e o comportamento racional revela envolvimento e habilidades, inclusive, de estabelecer negociações com várias instituições, sem, contudo, desaparecerem da Congada as suas referências mágico-religiosas.

Eu acho que não é fácil, tem coisa que você nem imagina que tem que enfrentar. Tem situação que eu fico pensando, como é que eu segurei e a gente segura, porque não é assim prá gente, é prá tudo. Eu assumi uma responsabilidade e não posso falhá (...), se os santo tá do nosso lado, tá tudo certo<sup>88</sup>.

Seguramente, há interpretações e revisões dos objetivos da Congada em que o passado, como tradição, e o presente, como compromisso, se combinam. Neste sentido, entendemos que, no interior do mundo dos congadeiros, assumir a direção do terno se constitui por meio de componentes éticos e morais, de origens residuais, ou mesmo parecidos com aqueles presentes nas comunidades tradicionais dos negros de Uberlândia.

A gente foi criado de maneira muito rígida, então quando assume um compromisso é pra fazê. A gente foi ensinado a tê respeito (...) Nossa Senhora e São Benedito é por nós deste lá da época da escravidão das época braba. Mais nós acha que é muito importante continuá com a Congada, porque a gente viu os nosso tronco trazê a tradição até aqui. Daqui pra frente é com nós, mais é pra fazê uma coisa boa<sup>89</sup>.

Esse respeito às tradições cria sentimentos de pertencimentos e de comprometimento com os conteúdos da festa. Em verdade, em relação à reedição da Congada, os congadeiros tendem a assumir o compromisso de torná-la cada vez mais respeitada, o que lhes permite o exercício de certas habilidades em relação aos seus direitos de se manifestar na cidade, e isto é o que os distingue da condição de outras pessoas urbanas.

Assim, na condição de congadeiros, fazem da Congada uma forma de

---

<sup>88</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Congo Sainha, setembro de 2005.

<sup>89</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

manifestação que é, ao mesmo tempo, autônoma, porém, incapaz de romper com os conteúdos religiosos do catolicismo, cujas imposições são percebidas, mas aceitas como uma estratégia política que lhes garante aceitabilidade e tutela da Igreja. No entanto, a condição declarada de católicos representa algumas contradições.

Eu me vejo como católica, mais eu freqüento também outra religião (...). Eu gosto de pedir proteção nas duas, as vezes eu me sinto afro-católica... Na Igreja eu peço proteção espiritual, mas na outra eu vou pra fechá o corpo. Mais é assim tem muita gente que é assim<sup>90</sup>.

Mesmo que tenham que viver a religiosidade de maneira diferente, essas práticas têm um aspecto historicamente positivo, inclusive na conquista de autonomia, sobretudo em relação à comunidade, à Igreja, ao Estado e a cidade. Mas não podemos concluir, daí, que essa situação apresente uma positividade, apenas pelo fato de os congadeiros apresentarem resistências culturais que, de certa forma, demonstram sobrevivências dos seus costumes e tradições, bem como dos conteúdos históricos de outras épocas, ou seja, “como eu lhe dizia, antes do negro ser católico, ele era africano”.

Como entendemos que os congadeiros apresentam compromissos com as suas tradições, os quais se tornam resistências, consideramos que estes são importantes às discussões e avaliações comunitárias, principalmente das suas relações com o mundo. Em vários aspectos, principalmente das representações, das opiniões e das crenças, os negros tendem a transformar a comunidade em uma instituição capaz de discutir, aceitar ou rejeitar os novos valores sociais.

Segundo Antônio Cândido:

(...) são chamados fatores de persistência, ou permanência, os que contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida; e de transformação, os que representam a incorporação aos padrões modernos. Todas as vezes que os indivíduos e os grupos se encontram em presença de novos valores, propostos ao seu comportamento e à sua concepção do mundo, podem teoricamente ocorrer três soluções: os valores são rejeitados, e os antigos mantidos na íntegra; os valores são aceitos em bloco, e os antigos rejeitados; os valores antigos se combinam aos novos em proporções variáveis. É o que se observa nos contatos culturais, decorrendo, na mesma ordem, as seguintes conseqüências: enquistamento; desorganização; aculturação (2003, p. 252).

---

<sup>90</sup> Após um diálogo de duas horas, a pessoa com quem conversava, de uma maneira muito elegante, me fez entender outras questões, e por isso resolvi não citar o seu nome. Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um membro do terno Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

Considerando que a realidade sócio-espacial do congadeiro uberlandense é diversa da do caipira analisado por Antônio Cândido, seguramente, em algum momento, deve ter surgido, para ambos, necessidades novas, que muitas vezes impossibilitaram a sociabilidade entre mundos diferentes, bem como o surgimento de uma cultura harmônica.

Na perspectiva política da festa, temos os costumes e as tradições de sujeitos sociais que realizam algo importante, pois a sua manifestação ocorre concretamente no espaço da cidade e estão claramente associados e relacionados às realidades sociais vividas pelos congadeiros. A sua continuidade depende, principalmente, do envolvimento comunitário, mas, sobretudo, das habilidades destas pessoas.

Como resultado deste processo, temos os ternos de Congo, os congadeiros, a Congada e a festa revelando momentos de irreverência, os quais estão ligados aos aspectos do modo de vida do negro, de algo resultante de um conjunto de práticas que vêm das tradições e costumes dos sujeitos, atravessam os seus acervos culturais, estão nos modos de ser dos congadeiros. Por outro lado, as suas habilidades em fazer a festa representam persistências que vão-se traduzindo em permanência, contribuindo para a continuidade e descontinuidade dos modos tradicionais de vida, ou seja, existem transformações nas quais estão incluídos os meios de vida, pois representam a incorporação de novos padrões, inclusive modernos, que se combinam em distintas proporções e definem a Congada como manifestação do negro na cidade. Portanto, a realização das possibilidades de cultivar suas identidades está relacionada à modernidade, à cidade, aos costumes e tradições, herdados de outras gerações que, neste processo, são transformados, adaptados, ajustados, miniaturizados e transpostos para a Congada.

#### ***2.4 COMUNIDADE E VALORES POLÍTICOS NA TRADIÇÃO DA CONGADA.***

A comunidade congadeira ocupa, na cidade, vários espaços, para promover as suas manifestações. Trata-se de lugares ocupados por parentes, vizinhanças,

amigos e devotos. O acesso aos lugares e aos grupos é dado por uma combinação de princípios de parentesco com o princípio moral e ético da Congada.

Entende-se por congadeiro aquele que consegue responder pela noção de reciprocidade, que se afirma pela negação do isolamento, da pessoa que vive para além do mundo do trabalho. Entende-se o congadeiro por alguém que responde por uma ordem moral, um modo de ser, uma pessoa que desenvolve, no espaço, relações sociais fundamentadas na família e pensadas como pertencentes a um grupo étnico, que se afirma por meio das suas práticas sociais.

Já lhe digo que fazer a festa tá no sangue. A gente cumpre com os nossos compromisso direitinho, mais quando inicia as campanha, nos precisa ta junto. Daí eu não sei dos outro, mais a gente faz de tudo pra ficar meio livre para fazer o que a gente sempre fez (...) <sup>91</sup>.

A Congada reúne os congadeiros, além de outros significados que possa ter, na medida em que integra os soldados e as suas famílias. É integrante, também, das representações culturais dos negros na cidade e, com eles, a comunidade dos congadeiros como um todo. Não há representação do negro sem a Congada, as manifestações nos espaços públicos é uma conquista dada pela subsunção ao todo, representado pela comunidade, isto é, pela subordinação do soldado ao terno e do terno à Congada.

Na Congada, as regras para a sucessão são claras e objetivas. No caso do posto de capitão, ele é passado do pai para o filho mais velho, se este pertencer ao terno, e é o terno de Congada que materializa e oportuniza a organização e a manifestação dos congadeiros. O congadeiro realiza uma ética tradicional, fundada na reciprocidade, na honra e na hierarquia. Neste sentido, deve sempre guardar respeito a quem orienta e ordena a Congada.

Capitão é capitão, ele é uma pessoa preparada, foi preparada pelos mais velho, eles é quem observa e vê se a pessoa vai seguir direitinho. Eu sempre segui o que o meu pai me passô e já tô passando o que acho que é certo <sup>92</sup>.

A especificidade da manifestação do negro, em Uberlândia, se daria em função das singularidades das situações vividas no terno. O conhecimento da realidade analisada rebate, imediatamente, no plano teórico, o que se pensa da Congada, ou seja, como sendo uma manifestação folclórica.

<sup>91</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um soldado do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

<sup>92</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Amarelo Ouro, agosto de 2005.



Sem ter o devido conhecimento da história da Congada, muitos falam como se fosse uma manifestação folclórica. A festa é uma manifestação religiosa, as pessoas na cidade não dão o devido valor cultural a festa.<sup>93</sup>

A Congada, como expressão de um modo de vida, é uma afirmação dos sujeitos que fazem a festa e que impõem, ao mesmo tempo, comportamentos, interpretações e defesas de conteúdos que eles entendem como expressivos de suas práticas sociais. Portanto, no espaço vivido dos congadeiros, eles promovem interpretações, atribuem-lhes novos sentidos, ao mesmo tempo em que contestam conceitos apregoados indevidamente.



Figura 24 – Os simbolismos da Congada aparecem em vários lugares, inclusive nas vestimentas e adereços dos congadeiros. Capitão do terno Moçambique Princesa Izabel – Bairro Patrimônio – Bastão e coroa: poder, respeito e liderança na Congada.

Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2005.

<sup>93</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, março de 2005.

Ao estudar a Congada, entendemos que ela não nega o posicionamento das pessoas, ao contrário, promove seus próprios espaços de reflexões e entendimentos, os quais derivam da forma com que os congadeiros se vêem, na cidade. Quando possível, esta interpretação se transforma em poder, para conseguir opor-se às versões tendenciosas a respeito da Congada. Na perspectiva das manifestações, a Irmandade, além de representar a comunidade dos congadeiros, é a instituição que pode pedir à Secretaria de Obras da Prefeitura do município que, nos dias de festa, limite os acessos às ruas do centro da cidade somente aos pedestres. É ela também que fornece às empresas de televisão, rádio-difusão e jornais as informações a respeito da festa. Nos últimos dois anos, a presença de políticos foi marcante, mas o que está em questão é o modo como os congadeiros, influenciados por esta ou aquela tendência política, produziram um entendimento sobre a realidade na qual vivem e o modo como esta manifestação se realiza. Tal fato significa que o congadeiro, em Uberlândia, por meio da Congada, atende a uma preocupação ampla e não pode ser, simplesmente, entendido como pessoa que se manifesta no espaço da cidade, sem seus conteúdos políticos.

Para tanto, a nosso ver, existe a manifestação de um sentimento que ultrapassa, não só a aplicação de rituais religiosos, mas, fundamentalmente, tem expressado, em profundidade, o movimento de um grupo social mais ou menos coeso. Mais ou menos coeso, porque as condições que a cidade de Uberlândia oferece para os congadeiros cultivarem suas tradições e costumes também flutuam entre a garantia e a incerteza de apoios políticos e financeiros. Diante de incertezas, coloca-se o desafio, sempre renovado, da elaboração de novos sentidos às manifestações dos congadeiros. Portanto, o que se coloca é: o que a Congada produz de novo? Em que direção caminha essa “nova manifestação”?

A característica que a gente tenta manter na Congada, que é a união entre os grupos, ter o envolvimento com os jovens na escola, no trabalho, tirando das drogas, essa é uma das funções da Congada hoje. Viver para Congada (...) Se você nasceu na Congada, você já vive para a Congada e na Congada. A Congada é uma devoção<sup>94</sup>.

Mas, é necessário pensar no dinamismo desta devoção, pois nela parece estar assentado o processo de interpretação da Congada para outras atribuições. Retirar os jovens das drogas faz parte da consciência moral, e os usos costumeiros

---

<sup>94</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, março de 2005.

dessa moral, opositora às mazelas do mundo, são manifestações que derivam da cultura dos congadeiros. A resistência contra as seduções do mundo moderno, ou seja, da impessoalidade das relações sociais, para os congadeiros, resultam em manifestações políticas de cunho reivindicatório, pelo direito de fazer da Congada uma proteção contra as aflições do cotidiano.

O conflito de interesses é marcado por uma identidade cultural que prioriza a família, o culto religioso, no espaço público<sup>95</sup> e a liberdade de expressão. Desta forma, cria oposição no que lhe é imediatamente possível, ou seja, aos hábitos costumeiros da religiosidade somente nos espaços fechados dos templos católicos.

Nóis também cumpre com o nosso compromisso na nossa capelinha. Na rua, quando a gente sai, faz a campanha ou desfila, é uma coisa muito diferente. A gente aparece (...). É o nosso jeito de homenagear os nosso Santos (...) A gente aprendeu que assim é que é o correto... é batendo as nossas caixa na rua que tudo acontece... é levá a santa nas casa.. e isso tem que continuá<sup>96</sup>.

Examinando o comportamento dos congadeiros, que prioriza "os espaços da rua", manifestados como o "ritual nos espaços abertos", mas não em oposição ao ritual nos espaços fechados, observamos formas de reações à ordem estipulada pela cidade. Por intermédio da análise da moralidade dos congadeiros, procuramos destacar os princípios da ética da comunidade congadeira de Uberlândia.

A rua é pública, ela é minha é sua é nossa. Então não há como a gente ficar só no fechado. O problema é o carro, mais o carro é dirigido por uma pessoa e então tem que funcioná a lei... Então a gente pensa a nossa festa na rua com os mesmo direitos (...)<sup>97</sup>.

Neste processo, consideramos também uma outra forma, ou modo de vida do ser social, bem como as suas formas de interpretar e reagir perante as imposições sociais do espaço. Tais atributos do humano, enquanto ser social, lhe permite identificar, na cidade, as mistificações e desmistificações do valor econômico.

---

<sup>95</sup> Para compreender as manifestações dos congadeiros nas ruas e praças da cidade, recorremos a seguinte definição de espaço público: "Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso a participação de qualquer tipo de pessoa". (GOMES, 2002, p. 162)

<sup>96</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Soldado do terno Congo Sainha, agosto de 2005.

<sup>97</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.

A festa da Congada é mais que uma festa, ela é a devoção que os devoto têm em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, eu diria que a festa é pros santo, tudo que a gente faz é pros santo, senão ela não existiria<sup>98</sup>.

Os costumes manifestados na cultura do congadeiro, muitas vezes, representam reivindicações de novos direitos, pois à época da modernidade, em que as relações sociais são marcadas pela segregação espacial, tem-se, ao lado dos costumes congadeiros, com a sua consciência e os seus usos costumeiros transmitidos oralmente, uma forma de resistência.

Esta herança cultural e religiosa, marcada pelo costume de ocupar a rua, o qual é singular, representa a legitimação de um modo de ser das pessoas. A lógica e a mentalidade em que as suas práticas são elaboradas desempenham uma função racional e se afirmam como força de lei da religiosidade de uma etnia.

Ocupar a rua, como costume, faz parte da religiosidade e constitui-se no modo de pensar, sentir, agir e reagir dos congadeiros. Na base do ritual religioso está a manifestação do direito, reclamado historicamente, de ser livre, bem como a forma que o negro congadeiro encontra e utiliza para se expressar como diferente e se afirmar frente às imposições da sociedade.

A Congada tem, nos seus costumes religiosos, o seu referencial de aprendizado. As sabedorias, o saber prático e o conhecimento da cidade funcionam como uma herança, transmitida por gerações, que se diferencia da educação formal, pois se trata de um ensino que faz parte de um modo de vida e das práticas sócio-culturais dos negros.

Neste processo, as tradições são repassadas pela transmissão oral e adaptadas para a vida na cidade. Trata-se de uma forma de cultivar os costumes, dentro de uma cultura que se articula com o Estado e a Igreja. As normas morais da Congada são definidas dentro dos ternos e podem resistir ou ceder aos modelos culturais da modernidade, em favor do costume.

Mas, ao mesmo tempo em que essa identidade, formada a partir de vários elementos (religião, cultura, valores éticos e morais, dentre outros) dos congadeiros, se afina em parte com a modernidade, ela abre espaço para o surgimento de uma identidade étnica associada ao seu tempo. Embora tudo isso caracterize um modo

---

<sup>98</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Congado Congo Branco, setembro de 2005.

de vida, é preciso reconhecer que mesmo em processo de adaptação existem ambigüidades; observa-se, em alguns congadeiros, uma manifestação de respeito às instituições, acatando o que lhes é proposto, porém isto não os inibe na tomada de decisão, inclusive em relação à tomada de outro caminho.

Nós temo que acatar e passar pra os mais jovem a tradição, mas não podemo ficar só rezando e louvando aos santos, é preciso buscar saída, ir atrás de recursos, conhecimento que prepare o jovem para os desafios que a cidade impõem. Fica só esperando que algo aconteça, por milagres, não vai melhora a vida do negro é preciso correr atrás<sup>99</sup>.

Thompson (1998, p.20) observa estas ambigüidades sociais como um problema que já havia, em outro momento histórico, preocupado Gramsci. Este último pensador chama o homem comum de "homem massa", com duas consciências teóricas ou contraditórias: conforme o *status quo*, quando tem necessidade de seguir a ordem dominante, para sua sobrevivência; e conforme o "senso comum", derivado da experiência de exploração e compartilhada com os seus companheiros.

A Congada promove, entre seus participantes, uma noção legitimadora. O congadeiro defende as suas manifestações baseadas ou lastreadas nos seus costumes e práticas sociais, sobretudo as religiosas. Neste sentido, ocupar as ruas da cidade é uma tradição que resulta em exposição das tradições e dos festejos. A manifestação da religiosidade é fundamentalmente marcada pela exposição dos seus rituais. Apoiando-se na tradição católica da procissão das imagens de Santos, que muitas vezes tornavam-se símbolos da fé do povo, pois os devotos buscam reverenciar as suas santidades em público, os congadeiros fizeram, deste costume, também uma conotação de força política.

Neste sentido, o congadeiro tem em comum o objetivo de obter o direito de tornar públicas as suas formas de manifestar devoção aos Santos católicos. Este posicionamento gira em torno dos seus costumes, e mobiliza movimentos de resistências em que a religiosidade se apresenta como uma legitimação de seu modo de ser na cidade.

Como se trata de uma força política em constituição, isto significa considerar que a Congada faz parte de um processo de manifestações do congadeiro que se

---

<sup>99</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Sainha, agosto de 2005.

realiza pela superação, por meio de posições que misturam resistência, identidade e postura crítica, em relação ao mundo vivido<sup>100</sup>. Portanto, pode-se afirmar que existe, ao longo da constituição da Congada, em Uberlândia, um movimento constante de superação e de busca de novos caminhos para se obter aceitabilidade. Deste modo, pressupõe-se que a elaboração de noções e conceitos de direito à cidade apareça articulada à prática social, enquanto totalidade que se define, dinamicamente, e nos permite pensar a dimensão cultural do congadeiro a partir e por meio da sua religiosidade.

## **2.5 INFLUÊNCIAS E MULTIPLICIDADE DE INTERPRETAÇÕES NA CONGADA.**

A Irmandade dos Homens de Cor de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1916, tem suas origens ligada à Igreja Católica, que aparece como um marco importante no cenário da Congada. É nesse momento que se oficializa a Irmandade dos homens de cor dentro da cidade de Uberlândia, com chancela da Igreja Católica. Os descendentes deste mesmo grupo vão criar o estatuto da Irmandade e definir os critérios para ser membro individual e do grupo. Em 1992, o mesmo grupo vai fazer uma reforma do estatuto. E também no estatuto foram definidos quais os ternos que fazem parte da Irmandade.

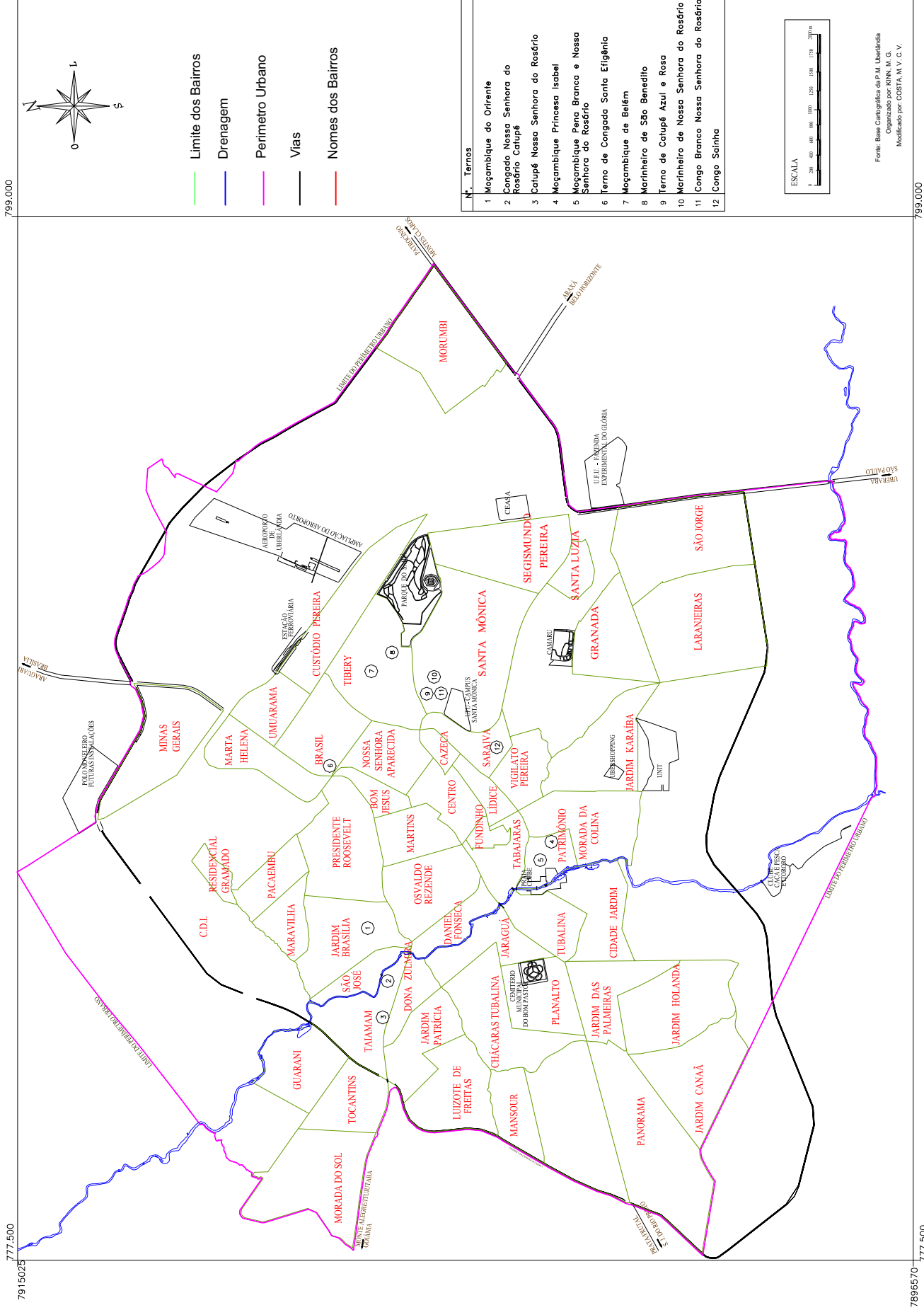
Em 1992, eram 12 ternos, a saber (conf. Mapa 2): Congo Sainha, Moçambique Pena Branca de Nossa Senhora do Rosário, Congo Camisa Verde,

---

<sup>100</sup> O mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência. O comportamento, no espaço e no tempo, seria observado como os movimentos superficiais dos icebergs, cujas profundidades podemos sentir só vagamente. Se se fala da experiência individual ou coletiva, os padrões visíveis de movimento e a atividade consciente podem ser elucidadas pela exploração do dinamismo das tensões de suas bases subjacentes. Problemas aparentes na experiência diária do mundo, são espelhados no conflito entre o que os indivíduos e os grupos têm como acertado sobre o lugar, o espaço e a sociedade, por um lado, e o que as instituições administrativas e funcionais dos sistemas espaciais e bioecológicos têm como certo na organização dos meios ambientes, por outro lado. A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros. Necessitamos de uma linguagem e de um conjunto de categorias que irão nos habilitar a investigar a experiência do mundo vivido e a comunicarmos a seu respeito. BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In CHISTHOFOLETI, Antonio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.

Congado Congo Branco, Congado Nossa Senhora do Rosário Catupé, Moçambique do Oriente, Terno de Catupé Azul e Rosa, Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, Terno de Congado Santa Efigênia, Moçambique de Belém, Marinheiro de São Benedito, Moçambique Princesa Isabel. De lá para cá (1992-2005) foram criados mais 12 ternos a saber: Azul de Maio, Catupé Nossa Senhora do Rosário, Verde e Branco, Amarelo Ouro, Congo São Benedito, Moçambique Estrela Guia, Congo Prata, Congo São Domingos, Moçambique Guardiões de São Benedito, Moçambique de Angola, Beiramar de São Benedito, Moçambique Raízes.

# Mapa 2 - Localização dos Terros Tradicionais da Congada de Uberlândia - MG





Os últimos nove anos (1996 a 2005) marcam um momento na Congada em que se amplia o número de ternos. No conjunto, desenvolve-se uma ampliação da festa, que passa a influenciar a maioria dos congadeiros. Como tudo ocorre paralelamente com o aumento dos ternos, esses novos capitães surgem de vários fatores associados à divisão da família, à insatisfação com as orientações dos antigos capitães e, principalmente, com a migração dos filhos para outros bairros. Em verdade, o criador de um novo terno torna-se o primeiro capitão e a ele é concedido o poder de orientar e conduzir os seus membros. Geralmente, os novos capitães são membros dos ternos já existentes e, como se tornam pais de família, em certos casos, têm que sair da casa paterna. Com o passar do tempo, ao se sentirem prontos para organizar o seu quartel, solicitam permissão para a irmandade e formam um novo terno.

A necessidade da criação do novo terno Moçambique Raízes em 2005, foi para resgatar a tradição da Congada dos tempo passado, começando com o negro no lugar de origem, a África, nós vamo mostrar desde as roupa usada até os utensílios, a música, o canto. O nosso terno é formado por jovem, a maioria pensa que o jovem qué o modismo, as coisas nova do mundo moderno, nós tamo mostrando o contrário, o que era a tradição dos nosso antepassado, os negro escravo<sup>101</sup>.

Mesmo fundamentada em costumes e tradições, a Congada apresenta fissuras que suscitam interpretações e que fundamentam o surgimento de novos ternos. As novas idéias surgem a cada momento e, por meio da criação dos ternos, tendem a manifestar-se de forma diferente, e assim a conceber e a ocupar novos espaços. No entanto, os congadeiros, continuam cultuando várias santidades, fazendo dos símbolos católicos não um fim em si mesmo, mas um ritual repleto de significados, cujas formulações expressam sentimentos e emoções, ocupando, por vezes, um terreno de domínio pessoal, servindo como uma explicação das práticas sociais.

O significado da festa da Congada pra mim tem um significado muito grande, primeiro eu nasci no dia do congado, eu não faço festa de aniversário, o aniversário pra mim é a festa da Congada. Eu nasci numa segunda-feira, quando eu nasci meu pai tava dançando congo na porta da Igreja, louvando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Meu avô passou pro meu pai, meu pai passou pra mim, tá no sangue<sup>102</sup>.

As idéias expostas pelos congadeiros fiéis aos Santos padroeiros, as quais servem de base para as suas manifestações, afirmam uma posição de preservação

---

<sup>101</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Raízes, Maio de 2005.

<sup>102</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, abril de 2005.

de sua identidade, cultura, crença, fé e religiosidade e, com isso, os seus rituais ganharam visibilidade.

Eu acho que eu já disse que eu amo a Congada, faço de um tudo para a festa. Parece que a gente é uma parte, um pedaço da Congada. Depois tem as homenagens, as roupas, os Santos (...) tem também a nossa gente (...) Então a Congada é a nossa cara<sup>103</sup>.

A festa religiosa, como parte da representação do grupo, pode apontar para a incorporação de vários aspectos da vida social que ele desenvolve na cidade; nesse sentido, a Congada se apresenta como um fato histórico e, como tal, manifesta uma preocupação com o futuro.

Hoje são 24 ternos, agora nós proibimos de criar outros terno. O motivo a vez é o desentendimento entre os membros do terno, daí sai e cria outro terno, tem outros que não mora mais no bairro, fica longe do seu terno e pede pra criar um terno na sua comunidade<sup>104</sup>.

Há uma multiplicidade de entendimentos, preocupações que se justapõem e se superam, movimentos que não podem ser limitados, nem definidos claramente, tanto num momento histórico determinado quanto ao longo do processo de constituição da Congada e na história de vida das pessoas. As opiniões são diversas, relativas e seus objetivos; como tais, estão sempre relacionadas à identidade de um grupo social.

A festa da Congada é levar a tradição que vem da raiz, eu só páro depois que morrer e mesmo assim eu sei que o meu menino assume pra não deixar a tradição morrer. A festa em si, agora eles tão pensando em fazer alguma coisa, o pessoal do Congo tá pensando no social, ter um movimento, um local dos congaderos, movimento do estudo, uma profissão, querer ajudar de todo o jeito o pessoal da Congada<sup>105</sup>.

Convém lembrar que a Congada de Uberlândia tem mais de um século; neste período, ela migrou do rural para o urbano e, nesta migração, o grupo teve que se inventar, abrindo perspectivas para pensar a festa de diversos modos. Não existe, portanto, um movimento linear que vai da festa à manifestação dos costumes e tradições até chegar às identidades de um grupo social. Como estamos tratando do movimento, teremos que considerar o contraditório e as superações daí decorrentes, principalmente para entender o processo da Congada, pois o caminho é cheio de meandros.

<sup>103</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Soldado do terno Congo Sainha, agosto de 2005.

<sup>104</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, março de 2005.

<sup>105</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn - Capitão terno Congo São Benedito, abril/05

Pra quem tá dentro, fazê a festa todo ano não é fácil, tem que aguentá cada uma, dá trabalho, dor de cabeça, entre os congadeiro têm desentendimento, eles competem entre os terno. Quando não resolve no terno eles correm prá Irmandade resolvê<sup>106</sup>.

A Congada é uma manifestação altamente positiva, mas convive com a multiplicidade de sentidos, significados e, nessa perspectiva, o pensamento dos capitães não é homogêneo, mas múltiplo. Trata-se de entendimentos variados, em movimento e em construção.

Tem que tê muito cuidado, muita responsabilidade. Eu sozinho eu não sou nada, por isso vamos uni, mas uni mesmo, crescê, mas numa boa harmonia, muito respeito, carinho, amor, muito carinho a causa, se não gostá, tem de gostá disso, mas a gente vai indo bem, muito jovens<sup>107</sup>.

Essa multiplicidade de entendimentos a respeito da Congada tem proporcionado um debate cerrado em torno da capacidade da festa em produzir uma identidade sobre o propósito do grupo social.

A Congada toda foi voltada pra religião, no passado era um ritual negro, de cultura africana, mas com a imposição da Igreja fazia a transferência de seu culto afro para o católico, muitos abdicaram de seu credo para o catolicismo. Era a única forma de ter a Congada, de ter as suas manifestações culturais preservadas, revestir a Congada em algo que era permitido. A Congada não é folclore, como é visto por muitos, hoje na cidade, ela é uma manifestação cultural religiosa<sup>108</sup>.

Portanto, os desafios também são diferenciados. Por outro lado, a constituição de uma identidade cultural de grupo se move num contexto histórico social, o que significa dizer que as mudanças nos modos de pensar tornam a Congada um conjunto de manifestações diretamente relacionadas às transformações econômicas, políticas e sociais da época e do espaço em que vivem os congadeiros.

A Congada não é vida, mas o congado pra mim é tudo, o congado pra mim é religião, é uma maneira do meu povo manifestá a fé e de eu ver todo mundo reunido pela fé. Não é vida, porque se você não soubé viver, você não mantém o congado se não sabê vivê, você tem que tê uma certa convivência, uma certa educação. O congado pra mim não é vida é uma coisa muito importante. Eu vivo pra mantê o congado, eu vivo pra lutá pra não deixá o congado acabá, principalmente o meu. A espada que o meu pai deixô eu quero podê carregá até Deus permiti<sup>109</sup>.

<sup>106</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade, abril/05.

<sup>107</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade, março/05.

<sup>108</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn - Capitão do terno Azul de Maio, março/05

<sup>109</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

O problema é como compreender as interpretações da Congada, tendo a realidade dos congadeiros por base e tendo os conteúdos religiosos, produzidos pela manifestação dos congadeiros, no espaço público, para o que a Igreja Católica tem um papel central.

É na espacialização dos ternos que as tendências de crescimento da Congada ficam mais claras. Fica mais claro, também, o lugar de origem dos congadeiros, e aí se lê, com nitidez, a origem sócio-espacial dos seus membros e as suas localizações mais recentes. São localizações históricas, mas demarcam, também, a condição espacial, nem sempre periférica, dos ternos, dentro da cidade.

Essa nossa festa começou com o meu avô que fazia a festa antigamente nos Olhos d'água. Daí mudou pra cá, tudo ali na Educação Física da Universidade era do meu avô, ensaiava ali, não tinha nada disso construído que tem hoje. Naquela época era mais difícil. Eu nasci nesse lugar, eu tenho muito amor por esse lugar, meus pais morreram aqui, é herança do meu avô. Eu continuei com muito trabalho<sup>110</sup>.

Como a cidade foi crescendo, os ternos tradicionais foram sendo incorporados à malha urbana e ficaram dentro da cidade. Em consequência, as propriedades dos congadeiros foram sendo valorizadas.

Eu continuo morando aqui, adoro esse lugar (...) Pensá que antigamente tudo isso aqui era mato de cerrado (...) Muitos dos vizinho já saíram, não aguentaram a pressão do dinheiro (...) porque a cidade cresceu (...) Mais, eu só saio daqui prá derradeira morada (...) Isso aqui é herança dos tronco, dos pai, dos avô (...)<sup>111</sup>.

Sem dúvida há resistências distintas, mas também aqueles que cedem à pressão.

Muitos acha que o lugar no bairro tava ficando rico e saíram pra comprá com o dinheiro da imobiliária um terreno grande, só que num bairro muito longe de tudo e agora não participa mais deste terno<sup>112</sup>.

Os ternos tradicionais e os mais recentes construíram a Congada em muitos momentos com muito diálogo entre eles. Esta é uma característica marcante da Congada de Uberlândia.

Do ponto de vista da história da produção da cidade, há um papel importante das imobiliárias, pois elas vão personificando o processo de incorporação, valorização e venda da cidade. No processo de crescimento da cidade também se

<sup>110</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade, Abril de 2005.

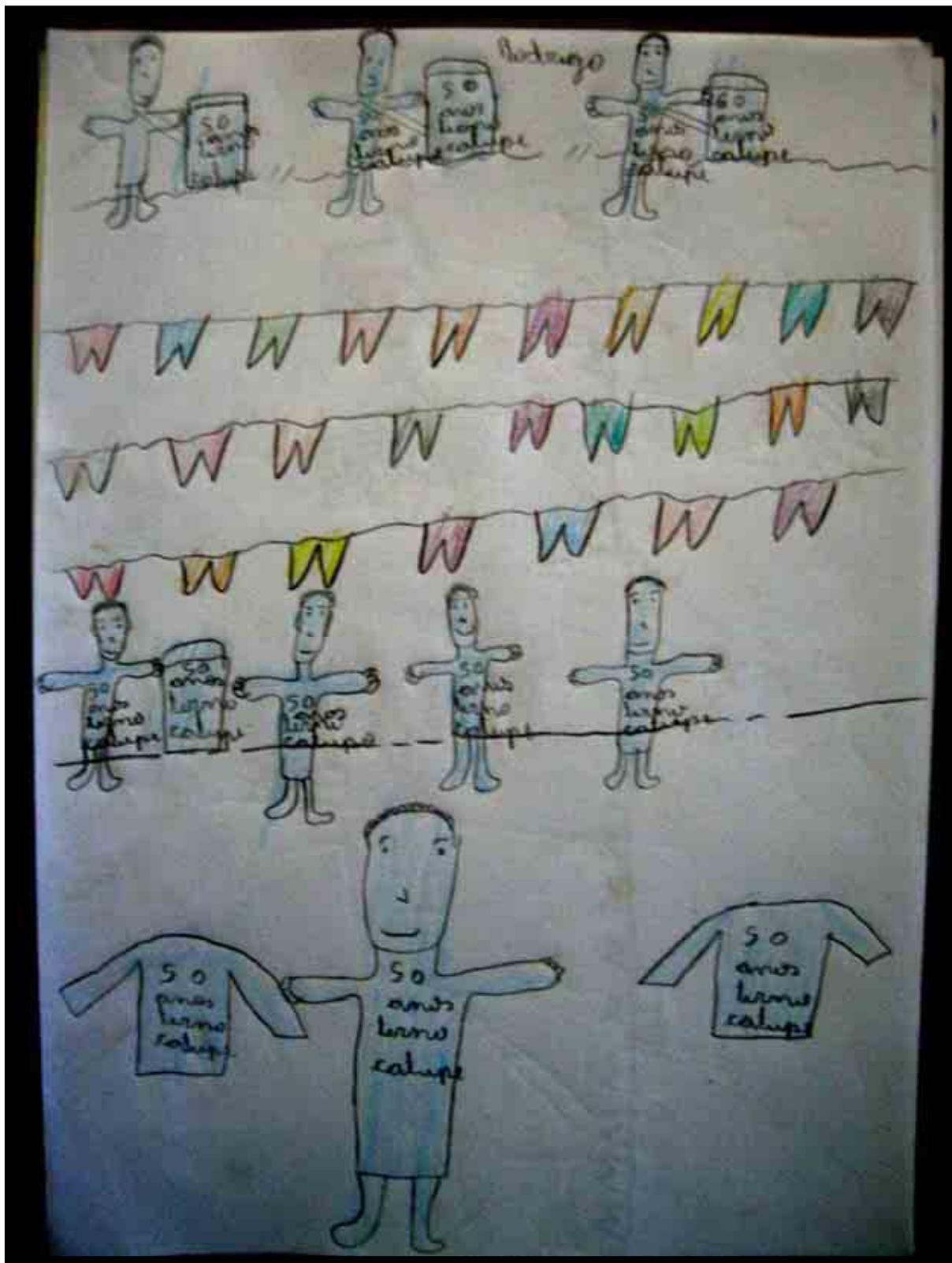
<sup>111</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade, abril de 2005.

<sup>112</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Madrinha do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, março de 2005.

ampliaram o conjunto das relações entre os congadeiros e desse modo ocorreram os deslocamentos, internamente, das pessoas. Começam a surgir outros ternos de Congada na cidade e a própria Irmandade fica um tanto preocupada, pois em menos de 10 anos, o número de ternos duplicou, passando de 12 para 24 ternos.

O tema deste capítulo envolveu os costumes e tradições e preocupamo-nos em analisar as relações mantidas entre o congadeiro e as várias instituições com que o grupo está envolvido. Nesse sentido, o objetivo foi o de decifrar os significados das práticas sociais, incluindo o religioso, tornando-se esta uma preocupação central, que nos proporcionou alguns entendimentos, mas gerou indagações a respeito dos usos do espaço urbano, bem como do processo de pertencimento aos lugares, e das relações de vizinhanças, no entorno dos quartéis de terno.

**CAPÍTULO III - LUGAR E VIZINHANÇA DE BAIRRO NOS RITUAIS DA CONGADA.**



O processo de formação de um terno, na cidade de Uberlândia, tem seus momentos de simplicidade e de complexidade. Em termos de prática social, parece ser simples reunir pessoas que sejam devotas de Santos Católicos e que, historicamente, tenham estabelecido identidades com os rituais dos congadeiros da cidade. No entanto, o terno precisa de um lugar para fixar a sua sede, reunir seus membros, fazer os ensaios e rituais. É no bairro que o terno vai se localizar, onde os congadeiros vão ocupar as ruas, as praças e, nesses ambientes, bater suas caixas, entrar nas casas da vizinhança, para cumprir com as promessas e devoção às santidades. Durante muito tempo o ritual se repetiu anualmente, pelo menos desde a instituição da Congada no município, no final do século XIX.

Mas como a vida na cidade e a própria cultura não são estáticas, o espaço urbano e os costumes dos congadeiros sofreram várias transformações. É fato, no entanto, que o congadeiro pode, em seus bairros conviver com a vizinhança, preservar aspectos das suas práticas sociais e culturais que julgou importante serem mantidos. Porém, é preciso analisar que as relações entre vizinhos também se modificaram, porque a vizinhança também mudou. Essas mudanças se traduzem em uma articulação com as diferenças, não mais de identidade religiosa, mas sócio-econômicas. A região de Uberlândia, desde a década de 1950, com o projeto de integração nacional, cujo principal marco foi a projeção e construção de Brasília, naquele momento, vivia a crença no progresso infinito. A efetivação da capital federal no Centro – Oeste impulsionou elementos do progresso em Uberlândia, bem como acirrou as cobranças do engajamento da participação popular no projeto desenvolvimentista do Estado brasileiro. Como resultado, a cidade passou a sofrer transformação em sua malha urbana e um desenvolvimento tecnológico que, independentemente da velocidade de sua expansão, causou mudanças significativas na composição populacional dos diversos bairros da cidade.

A velocidade das mudanças vem ampliando também os descontentamentos e despertando o saudosismo, sendo comum ouvir dos capitães que, antigamente, o bairro aceitava melhor as manifestações sagradas e profanas dos congadeiros.

Este tipo de comportamento poderia estar sendo usado para denunciar as dificuldades que os negros enfrentam para desenvolver e praticar os ritos que antecedem a realização da festa, na cidade. No entanto, resolvemos refletir a respeito das estratégias dessas pessoas, no âmbito do bairro, bem como os

conteúdos das práticas sociais e culturais que se desdobram no cotidiano dos congadeiros e as questões relacionadas ao lugar do habitar dessas pessoas.

Ao pensarmos o lugar da Congada, consideramos o bairro e o quartel onde se encontram os congadeiros na cidade. Mas nos questionamos a respeito da sua compreensão, enquanto expressão geográfica. O quartel seria uma singularidade, descentrada, deslocada da vida da cidade? Como, no segundo capítulo, já havíamos estudado as tradições e os costumes da Congada, começávamos a pensar a realidade e percebíamos, no lugar, uma dinâmica que se anunciava como única, ou seja, resultante de características históricas e culturais, intrínsecas ao processo de formação dos ternos de Congada. Porém, não se tratava de uma expressão contraditória da globalização, mas de um ponto para se pensarem as articulações entre a cidade e as formas de ser das pessoas.

Neste sentido, o lugar dos congadeiros se apresentava, não em constituição, mas articulado concretamente com a cidade e várias instituições, e nesse processo percebíamos as suas especificidades.

A origem dessas especificidades poderia ser analisada e discutida a partir dos seus conteúdos históricos, os quais fomos encontrando na casa, na rua e no bairro e que estavam intimamente relacionados ao processo de expansão e produção da cidade.

Em verdade, os quartéis, por meio de uma ampla rede social, conseguiram reunir e incorporar, paulatinamente, várias instituições, inclusive aquelas considerados como as mais conservadoras, como, por exemplo, a Igreja Católica.

O reconhecimento desses lugares, a partir das relações de vizinhanças, assegurava, às pessoas que viviam nos quartéis, identidades e pertencimentos que lhes haviam propiciado a ampliação das relações sociais com o espaço e entendimento a respeito da cidade, indicando simultaneamente que os quartéis e os ternos eram diferentes e desiguais em relação às formas de viver e de morar na cidade.

Na perspectiva de compreender o lugar, Carlos (1996. p.26.) entende que: “O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”. Neste sentido, não se trata de pensar o lugar como sendo o espaço da



acumulação de riqueza, mas da manifestação do humano. Portanto, entendemos que os lugares da Congada não ficaram vulneráveis a influência direta da cidade moderna.

No caso dos quartéis, as pessoas, em virtude do desenvolvimento gradativo dos processos que foram redefinindo a cidade de Uberlândia, reagiram de forma diferente e foram desenvolvendo concepções de espaço e de tempo para se viver no espaço urbano. Os congadeiros se manifestaram, criaram e redefiniram relações e no seu ritmo, na velocidade das suas relações, foram-se organizando no espaço. Graças às suas habilidades políticas, a partir de seus ternos, foram-se tornando cada vez mais capazes de juntarem gente.

A dimensão dos espaços foi, aos poucos, sendo redefinida, e as negociações pelo uso do espaço foram assumindo um reflexo direto do aprimoramento das suas habilidades políticas de negociarem o uso do espaço urbano.

Por meio destas considerações foi possível pensar a importância do lugar na investigação geográfica da Congada. Com relação a vida no lugar, Carlos (1996. p.20), estabelece o seguinte entendimento:

(...) é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial.

Mesmo que essas considerações não se refiram, pontualmente, à Congada, a contribuição é abrangente, pois trata-se da vida e do vivido, que se realiza nos lugares. Assim, começamos a perceber e a entender como o congadeiro percebe o seu mundo e se relaciona com a cidade e com o seu grupo. Para Carlos (1996. p.20):

É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *lato sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro.

Esta concepção do lugar encontra-se nas várias manifestações dos congadeiros, que indicam a iminência da eclosão de outras concepções do espaço e do tempo. Seguramente, elas são coexistentes com o sagrado, o profano, o simbólico, e neste sentido sentimos a necessidade de pensarmos nas formas com que os congadeiros poderiam estar consolidando o uso do espaço, dentro dos moldes possíveis. Como então buscar o entendimento do lugar? Para Carlos (1996. p.25), “Podemos buscar o entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares, o que incita a pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural”.

Na medida em que nos aproximávamos dos quartéis sentíamos as contradições internas, as quais, no âmbito familiar, constituíam-se na principal razão de existência dos quartéis. O lugar, segundo esta percepção, seria também uma manifestação da existência de práticas sociais e uma revelação das formas dos usos.

Mesmo a teoria consultada sendo resultado de estudos relacionados aos usos dos espaços na metrópole, interessa-nos considerar o lugar como uma posição e situação ocupada por um sujeito social que lhe permite viver e pensar o espaço vivido. Segundo Carlos (1996. p.26):

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, no momento específico, e revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Na realidade, o que pretendemos, de fato, neste capítulo, é compreender como as pessoas da Congada, em seus lugares, antes limitados aos espaços próximos aos quartéis, devido aos mecanismos de segregação étnica e, portanto, muito restrito, conseguem, a partir das relações de vizinhanças, estabelecer formas mais amplas de uso dos vários espaços do bairro.

Em termos das suas manifestações, as pessoas da Congada ocupam os espaços públicos e privados. Há os espaços de ensaios, que são de domínio público, ou seja, as ruas, praças, e também de domínio privado, tal como o espaço da casa e do quartel.

Quando se pensa a experiência de se fazer os rituais da Congada na rua,

percebe-se que as suas manifestações vão sofrendo ajustes, reduções, pois as pessoas têm que competir com os automóveis, com a invasão das calçadas pelos lojistas e donos de bares e de “boteco”. Também não podem ficar batendo de porta em porta, fazendo vários leilões e produzindo sons em suas caixas depois das 22:00 horas. No âmbito do privado, da casa, ela continua essencial, porque são as práticas da comunidade ao nível do vivido, incluindo o que se denominam as práticas do sagrado e do profano, que permitem as aproximações entre vizinhos.

Nos espaços públicos, as representações ocorrem com a permissão da Prefeitura e dos vizinhos. Como campo, de experimentação, no qual é permitido que se exercitem habilidades, conhecimentos e interações entre os congadeiros e os seus vizinhos, as ruas e as praças dos bairros se constituem em espaços privilegiados para manifestar as tradições da Congada.

Todo o ano eu participo das campanhas, eu gosto, minha mãe gostava, acho bonito, gosto de arrecadá as prenda, me sinto bem, porque o povo da Congada faz isso prá santa, eu sô devota de Nossa Senhora do Rosário<sup>113</sup>.

Nos rituais que antecedem as festas, principalmente nas campanhas e leilões, a rua é tomada como parte do espaço da vida, e como tal integra-se aos rituais religiosos. Na rua, as significações e sentidos de fundo religioso são socializados com os vizinhos e com outras pessoas, que acabam concebendo e elaborando, naquele espaço, uma interpretação de representações já assimiladas em outros lugares.

Eu saio da minha casa e participo no leilão na rua porque me lembra dos leilão da festa de Reis na roça, a diferença na Congada é que eles faz bastante no improviso, qualqué cantinho da calçada põe uma mesa e dá certo, faz isso prá Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, como devota de Nossa Senhora do Rosário eu participo arrecadando as prenda<sup>114</sup>.

No âmbito do vivido, das manifestações, quer seja no domínio público, como no privado, os envolvidos na Congada não apenas usam as ruas dos bairros, como também concebem a rua como o seu lugar no bairro.

Em época de campanha e na própria festa da Congada, a rua é o nosso lugar de manifestação aqui na cidade, nós não podemos se fechá, por exemplo no estádio, como sugeriu a secretária da cultura, nós temo que

<sup>113</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a devota de Nossa Senhora do Rosário, campanha do terno Sainha, agosto de 2005.

<sup>114</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a devota de Nossa Senhora do Rosário - Campanha Congo Sainha, setembro de 2005.

mostrá pro povo de Uberlândia que a Congada existe, a rua do bairro é nossa<sup>115</sup>.

Embora os congadeiros e devotos dos Santos da Congada sejam vizinhos, a vida no bairro não se resume tão somente nas relações de vizinhança. Com a valorização dos terrenos de certos bairros tradicionais da cidade que, historicamente, eram redutos de congadeiros, como é o caso do bairro Patrimônio, na década de 1990, estes passam a ser reocupados por prédios de apartamentos. Esses novos moradores tornam a vida no bairro carente de contatos entre diferentes pessoas, e é nestas condições que novos valores são agregados, abandonados ou modificados.

Anos atrás o bairro não era assim, esse bairro era considerado dos negro, agora construíram todos esses prédio, a minha casa quase que sumiu, é bonito de vê tudo isso moderno, o povo que mora lá a gente nem conhece, mas os nosso da Congada, continua firme, a gente usa a rua pros ensaio, quem não gosta nem abre a janela<sup>116</sup>.

Todavia, não se deve tomar unicamente o espaço da rua como palco privilegiado da construção de uma sociabilidade específica. Fato marcante é a ocorrência, nos quartéis, durante sucessivas noites, de reuniões de vizinhos e congadeiros que, após o trabalho diário, se agrupam para fazer e tocar músicas. Em frente à casa do capitão, como parte do ritual de espera, dos soldados do terno, para iniciar as campanhas, vão sendo também organizadas as serestas. Geralmente, iniciam-se como brincadeiras entre os músicos e percussionistas, estendendo-se enquanto o terno aguarda pela chegada do último soldado.

A cantoria é prá afiná a voz e os instrumento e nós vai cantando enquanto o povo vai chegando (...) Quando chega o último soldado, daí nós sai<sup>117</sup>.

No terno Sainha, em agosto e setembro de 2005, as cantorias começavam com a chegada dos instrumentistas de corda do terno, e isto era mais ou menos às 19:00 horas; e só terminavam quando os soldados e madrinhas chegavam à casa do capitão. Contudo, esse entretenimento varia conforme as habilidades musicais dos componentes do terno, pois nem todos os ternos têm, entre seus soldados, pessoas que tocam violão, cavaquinho, sanfona, dentre outros instrumentos. A espera com

<sup>115</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o congadeiro do terno Verde e Branco, maio de 2005.

<sup>116</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a mãe do capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, junho de 2005.

<sup>117</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Sainha, setembro de 2005.

música tem um outro aspecto, ela atrai vizinhos, e é mais praticada no período das campanhas, aos finais de semana, quando o trabalho diário diminui.

Durante a noite, nos meses de agosto, setembro e outubro, os quartéis e as ruas de entorno continuam sendo o palco privilegiado de sociabilidade. Mas, depois de todos os membros reunidos, são a reza do terço e os leilões que ocupam as ruas e as atenções dos vizinhos. É na rua que se estabelecem as relações que vão sustentar o ritual da Congada e as práticas sociais que lhe dão sustentação.

Em geral, os sons das caixas anunciam que o terno está na rua, e as casas que, geralmente, são fechadas entre nove e dez horas da noite, se abrem para que os seus moradores vejam a marcha dos componentes do terno. A situação que antecede a passagem do terno é facilmente perceptível, pois a única luz que se percebe nas casas é a da televisão. Com a aproximação do terno, mesmo sem desligar a televisão, as pessoas saem das casas e vão até o portão, geralmente alto e gradeado, de ferro, e não raro protegido com cerca elétrica; e na divisa dos espaços privado e público, os moradores saúdam os componentes da Congada.

Em outras ocasiões, as pessoas já estão nos portões das suas residências; observa-se, ao mesmo tempo, entusiasmo e indiferença dos vizinhos, para com a Congada. Mesmo nas casas próximas aos ternos foi possível observar vários comportamentos, inclusive o de fechar portas e janelas quando os tambores começam a repicar sons e ritmos da Congada.

Sabe, se encontra gente de todo o tipo. Gente que gosta e que não gosta e gente que fica lá, então faz porque é da gente<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno de Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.



Figura 25 – A Congada é um acontecimento que reúne pessoas. Nos períodos de campanhas e leilões a vizinhança aguarda pela passagem dos ternos de Congada nos portões das suas residências. Noite de leilão no bairro Saraiva.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

No bairro, os ensaios acontecem uma vez por semana e, geralmente, no meio da semana. Como uma manifestação de respeito, cumpre-se o horário estabelecido pela Prefeitura e jamais se bate caixa além das 22:00 horas. Nos finais de semana, contudo, os ensaios se estendem até mais tarde, mas nunca além das 23:00 horas. No sábado e no domingo, a vizinhança costuma se recolher mais tarde, e as ruas ficam com mais gente, sendo que, nesses dias, nas casas visitadas, o dono costuma oferecer um café para os componentes do terno.

Nos quartéis, normalmente, os ensaios são descontraídos, em alguns casos chegam até a ser festivos, mas isto ocorre, sobretudo, nos meses de campanha. É quando os congadeiros visitam os líderes e deles recebem orientações para, nos dias das campanhas, saberem o que fazer, durante as visitas. Neste aspecto, também é importante a figura do capitão, pois é a ele que a vizinhança se dirige para

pedir uma visita do terno. Com o primeiro capitão de terno, o vizinho pede a presença dos soldados em sua casa, e trata com ele os detalhes do ritual.

Aqui na casa desse devoto, ele pediu pra gente fazê a campanha porque ele é fiel fervoroso de Nossa Senhora, como sacristão ele pede pra mais de um terno, ele dexa marcado o dia, e antes da gente vim ele arruma as prenda, convida os vizinho devoto, é só chegá e fazê o ritual, eles já ficam esperando<sup>119</sup>.

Tratados os detalhes do ritual, o primeiro capitão reúne o terno e se dirige à casa do vizinho. Nesses encontros, a emoção toma conta dos visitantes e dos visitados, e é também nesses encontros que ocorre um maior número de crianças, que transformam a rua num espaço de lazer. É tanta gente, que os jovens e adultos ocupam os quintais das casas para louvar os Santos, pois a vizinhança reunida, ao aceitar receber os Santos, também tem que se preparar para receber os que trazem as imagens.



Figura 26 – As rezas são uma incumbência feminina. Mulheres reunidas na casa de um devoto rezam aos Santos da Congada. Bairro Planalto – Uberlândia.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

<sup>119</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa.

Nessas ocasiões, os rituais são preparados por etapas. Na frente, pelo menos duas horas antes da chegada do terno, vão as rezadeiras, que chegam na casa do devoto e lá iniciam o terço. Mais tarde, vão os soldados com suas caixas e com uma comissão de frente, formada pelas meninas do terno, geralmente a rainha e a porta bandeira. Os vizinhos, principalmente as pessoas mais idosas, sentam-se à frente de suas casas, de modo a observar a movimentação do terno e, na rua, passam a se comportar como espectadores do ritual.

Além da rua, por sua vez, para os integrantes do terno, a casa do devoto que quer receber as imagens dos Santos da Congada é, comumente, considerada, mesmo que por algumas horas, como um espaço importante de sociabilidade. Embora não seja uma residência de congadeiro, pois habitam apenas as pessoas devotas dos Santos, os moradores se comprometem a receber as imagens e a oferecer um lugar na casa para as homenagens. Enquanto as imagens permanecerem na casa, principalmente nos finais de semana, observa-se a presença de vizinhos devotos dos Santos.





Figura 27 – A rua é o espaço de manifestação e de preparação da Congada. Pessoas da vizinhança do quartel do terno Sainha assistem às campanhas e participam dos leilões arrematando prendas. Ao fundo pessoas com sacolas de plástico carregam as suas aquisições. Bairro Saraiva.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Eu sô vizinha do seu Sebastião, ele é muito devoto de Nossa Senhora do Rosário, a sua esposa me avisô que hoje teria reza de terço prá santa, então eu tô aqui porque também acredito no poder de fé da santa<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a vizinha do devoto de Nossa Senhora do Rosário, setembro de 2005.



Figura 28 – Um dos rituais mais importantes da Congada é a passagem dos santos pelas casas dos devotos. Devota dos Santos da Congada recebe o oratório com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Bairro Saraiva – Uberlândia.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

O envolvimento dos vizinhos com a Congada é pautado, basicamente, no grau de devoção com os Santos; quando eles propõem a visita do terno, também recolhem as prendas no bairro e as entregam para os leilões. Muitas vezes, os ternos visitam famílias que, como devotas, acham bonito o ritual, mas, neste caso, não se trata de “amigo”, “vizinho” e/ou “conhecido”.

A gente faz campanha prá quem for devoto dos santo, ou é apreciador da nossa manifestação, nós não escolhe, o importante é sabê que vai sê bem recebido com nosso ritual. Quando é muita gente que pede a gente olha um poco a distância, pra não cansá muito os soldado, né<sup>121</sup>.

Em suma, nos rituais, desfiles, terços e leilões, define-se a proximidade entre aquelas pessoas que garantem o acesso dos Santos e dos congadeiros ao espaço da casa. Quando da realização de festas organizadas pelos ternos, a separação

<sup>121</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

entre os espaços da casa e da rua torna-se quase nula. Durante a realização das campanhas, das quais participamos em vinte e quatro oportunidades, pois acompanhamos uma campanha em cada terno, percebemos que o quartel de terno tornou-se como que uma extensão da rua, tanto no que concerne à realização de atividades sagradas, quanto aos leilões das prendas.



Figura 29 – As relações com o sagrado também ocorrem nas residências visitadas pelos congadeiros. Na cozinha, quando da realização das campanhas, o espaço é organizado para receber as imagens sacras. Como todos entram para louvá-las, a separação entre os espaços da casa e da rua tornam-se quase que nulos. Bairro Saraiva  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Nas campanhas, é uma prática comum, entre os congadeiros e vizinhos que recebem as imagens sagradas da Congada, colocar a mesa da cozinha na calçada da via pública e, sobre ela, acomodar as prendas ofertadas pela vizinhança. Esta exposição das campanhas no espaço público, além de transportar móveis da casa para a rua, é uma forma de expor a sociabilidade construída, em parte, pela religiosidade e devoção aos Santos Católicos, e que tende a se estender até as pessoas que participam dos leilões.



Figura 30 – Os leilões também ocorrem nas ruas. A mesa com as doações dos vizinhos é colocada na calçada, próximo à porta da casa dos devotos dos Santos da Congada. Sobre a mesa, além das prendas, um caderno em que os resultados do leilão são anotados em detalhes; valor do lance e total arrecadado no leilão.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Além disso, é comum permitir-se a realização, na casa dos devotos, de rituais religiosos e leilões de prendas, entre vizinhos. Abrir a casa para a Congada é também resultado das doações de um determinado grupo social para a festa. Desse modo, e, por meio das doações, estabelecem-se novas sociabilidades e confraternizações entre congadeiros e não congadeiros.



Figura 31 – As doações de prendas para a Congada estabelecem novas sociabilidades e confraternizações entre congadeiros e vizinhança. Casal de amigo de uns dos capitães de terno de Congada.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Na perspectiva de se considerar a capacidade inovadora das pessoas que, a cada ano, criam novas estratégias para incluir os vizinhos nos rituais sagrados e profanos das campanhas, o convívio no bairro cria também modelos de comportamento, novas técnicas de comunicação, que geram acertos, acordos e desconfortos, dentro de um mesmo terno.

A gente avisa os soldados que hoje tem campanha, encontra na rua, dá um alô por telefone, mais mesmo assim não adianta, tem uns que só vem pro dia da festa, se vê, hoje não dá pra sai, não tem gente suficiente pra batê as caixa, o começo das campanha, mês de agosto é sempre assim, difícil de começá, depois pega o tranco<sup>122</sup>.

Pensando, mais especificamente, nos integrantes do terno, estes não se restringem aos moradores vizinhos do quartel, ou das ruas mais próximas. Em conversas informais, as pessoas se referiam à existência de uma suposta área de

<sup>122</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.

atuação do terno. Contudo, os próprios congadeiros afirmavam que os soldados vêm também de outros bairros, e a “área” de atuação de um terno não se resume meramente aos moradores do entorno do quartel e do próprio bairro. O alcance de cada grupo, seguramente, tem raízes históricas, mas com o crescimento da cidade, valorização dos imóveis, eles foram forçados a buscar outros lugares para morar.

O nosso terno quase ninguém mora mais aqui no bairro onde fica o quartel, o pessoal muda muito, as condição financeira é difícil, muitos não tem dinheiro pra pegá o ônibus e vim fazê a campanha na semana, não dá pra exige, acaba vindo em algumas campanha, vem mais gente no dia da festa, mas eles continua fiél ao terno<sup>123</sup>.

A partir desta situação, ou seja, de que a produção da cidade tem-lhes imposto vários desafios, a especulação imobiliária não foi suficiente para afastar o congadeiro do seu terno de origem. Como as pessoas se deslocam de bairros distantes para participar dos ensaios e campanhas do seu terno, começamos a observar que a área do terno pode representar vários lugares, organizados a partir da Congada, e que são ocupados por aqueles que fazem parte do grupo.

Num sentido amplo, pode-se tomar, como membro do terno, as pessoas que moram em diversos bairros da cidade, mas que geralmente moraram, por um certo tempo, próximas do seu quartel. O congadeiro vai migrando pela cidade e, embora esteja distante de seu quartel, retorna para participar dos rituais.

Dessa forma, o soldado do terno nem sempre está morando nos arredores do quartel que ele frequenta, mas as distâncias não o impedem de participar do seu terno de origem, mesmo que para isso tenha que tomar vários ônibus, ou negociar caronas.

Prá participá do desfile e da festa, o povo faz qualqué coisa, tem gente que pega mais de quatro ônibus, mas é certo da sua participação, no desfile na Igreja nunca ninguém deixô nós na mão<sup>124</sup>.

Contudo, é importante frisar que, apesar de a localização geográfica dos soldados, em relação ao quartel, possuir uma certa irregularidade, do ponto de vista das distâncias, em certos casos, o congadeiro que migra acaba criando novos simpatizantes da Congada. Com a migração das pessoas da Congada para a periferia da cidade, tem-se tornado possível, ao congadeiro, estabelecer, fora do espaço do quartel, principalmente com a vizinhança da sua nova moradia, certos

<sup>123</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, setembro de 2005.

<sup>124</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Sainha, setembro de 2005.

enlaces que acabam por promover aproximações e envolvimento com outras pessoas e, neste processo, os congadeiros vão promovendo novas sociabilidades e, em alguns casos, acabam por optar pela criação de um novo terno.

No entanto, enquanto não se criam as condições para se estabelecer um novo terno, as possibilidades de envolvimento com o antigo são diferentes e implicam redefinições dos encontros, pois além de participar deles, o congadeiro que mora distante do terno tem que voltar para casa e estar pronto para, no dia seguinte, “ganhar a vida”. Neste sentido, pareceu-nos que as perdas, em relação à vida de bairro, são significativas. Embora se trate de contextos diferentes, pontualmente, ao que nos interessa, ou seja, em relação ao empobrecimento da vida de bairro, Seabra escreve que:

A idéia mais geral a ser assegurada é a de que, no plano da vida imediata, esteve sempre presente uma dimensão de espaço; no entanto, a prática espacial implicada na vida de bairro encolhe, diminui e se torna contingente no que resta. Esta é uma evidência no empobrecimento na vida de bairro. (SEABRA, 2004, p.85).

Sem dúvida, a migração de congadeiros na cidade diminui as representações da Congada no bairro em que se localiza o terno. Nesta perspectiva, certamente, a Congada, na vida do bairro, também sofre empobrecimentos de várias ordens, mas principalmente de pertencimentos, identidades e de domínios do próprio espaço, pelos congadeiros.

Antigamente nós fechava a rua, o quarteirão. No dia da campanha a rua o quarteirão era nossa, não tinha como o carro passa. Agora passa tudo<sup>125</sup>.

---

<sup>125</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, maio de 2005.



Figura 32 – Os usos das ruas implicam o enfrentamento de vários perigos. Nos períodos de campanhas, elas não são interditadas pelo poder público. A Congada acaba dividindo espaço com os carros. Bairro Saraiva.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

No entanto, é necessário entender que a comunidade de congadeiros surge e a sua transformação ocorre a partir de relações sociais estabelecidas em uma dimensão da rua e da casa, e não necessariamente no bairro. As estratégias estabelecidas entre congadeiros, para ocupar os espaços públicos da rua e da praça, acabam por redefinir sentimentos, pertencimentos, criando novas identidades, que não incluem o bairro como um todo. Neste sentido, pareceu-nos oportuno retornar ao conceito de lugar.

(...) produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece por que é o lugar da vida. (CARLOS, 1996, p.29).

Pensar a Congada a partir do lugar trata-se de pensar a cotidianidade, a identidade e os seus significados, geralmente atribuídos aos espaços a partir dos usos, nos quais estão relacionados o ato de habitar e manifestar-se culturalmente. É



no íntimo do habitar congadeiro que as manifestações culturais aparecem como expressão de sentimentos, emoções, conflitos e tolerâncias, mediadas pela religiosidade. Como analisamos, os vizinhos se convidam a participar dos rituais religiosos, pois, ao não ter habilidades para fazer o ritual, abrem as suas casas para receber aqueles que trazem as imagens sagradas e, nesses momentos das campanhas, ocupam um lugar de destaque entre os devotos das santidades.

No entanto, as vizinhanças de bairro, devotos dos Santos, são sujeitos sociais que não têm conhecimento imediato dos diferentes processos de fazer os rituais e prestar homenagens. Desta forma, a vizinhança, em certos momentos, assiste ao ritual por considerar que quem sabe conduzir tudo é o congadeiro, e cabe a ela receber bem os ternos, pois são eles que carregam a imagem de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Eu sô vizinha do quartel do seu Antônio, na época de campanha eu sô a primera a recebê a santa na minha casa, eu não sô da Congada, mas gosto, tenho um sentimento, sô devota de Nossa Senhora do Rosário, sempre que precisô, ela me ajudô<sup>126</sup>.

Desse modo, mesmo convivendo e participando dos assuntos da vida cotidiana, o terno é parte do bairro e, como tal, é vivenciado por pessoas que se identificam com ele. Sendo assim, o terno é constituído de diversos lugares, inclusive fora do bairro sede, em que o quartel, a rua e o entorno do terno revelam formas de usos, que transforma e junta as pessoas, pela busca de afirmações do grupo, no espaço. Neste processo, a Congada e os congadeiros, muitas vezes, ultrapassam a identidade com o bairro.

(...) eu não sô do bairro, moro bem longe daqui, mas eu sô soldado do terno, quando a gente vem aqui pras campanha e ensaio o quartel é nosso<sup>127</sup>.

A referência, aqui, é ao lugar da Congada dentro do bairro e da cidade, onde pessoas põem em prática conhecimentos, habilidades e noções de cidadania.

A Congada não é só festa, ela é importante pro negro para formá cidadão, tirá o menino da malandrage, do perigo, trazê pra escola, pro trabalho, nós do terno temo essa preocupação<sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a vizinha do terno congo São Benedito, agosto de 2005.

<sup>127</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o soldado do terno Moçambique de Belém, agosto de 2005.

<sup>128</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o membro do terno Sainha, maio de 2005.

As noções de cidadania que emergem e resultam de uma condição de subalterno, no quartel dos ternos juntam pensamentos, sentimentos, dando significados às manifestações do grupo social. Como grupo, seus componentes não se manifestam apenas a partir de rituais, mas de práticas cotidianas que ocupam vários espaços que, percebidos pelas crianças, passam a ser representados de uma maneira simples, mas rica em detalhes, que nos levam a pensar nas interpretações que as crianças da Congada estabelecem com a casa, o quartel, a rua, a praça, a igreja e com a cidade.

### **3.1 CRIANÇAS CONGADEIRAS: LUGARES E OLHARES.**

Nos trabalhos de campo, procuramos e valorizamos, até percebermos as crianças, apenas os depoimentos de pessoas atuantes dentro do grupo, sujeitos que se manifestavam, que falavam e que sem dúvida sempre tinham algo a dizer a respeito da Congada. Sempre procuramos os adultos. Ao pesquisar a Congada, procuramos os responsáveis pelos ternos, os capitães, com alguma exceção a mulher capitã e, na medida do possível, íamos conversando com as pessoas presentes nos momentos das entrevistas.

Nos diálogos com os capitães, ao lado destes, sempre estava a sua esposa, que se manifestava e enriquecia os depoimentos, pois quase sempre são elas as madrinhas do terno e, portanto, têm uma função específica e de respeito no grupo.

Nas visitas aos quartéis sempre encontrávamos pequenos observadores debruçados nas janelas ou espiando pelas portas; eram as crianças da Congada que, no dia da festa, vestidos nos seus uniformes encantam um público de espectadores. Com a nossa presença nos quartéis, elas passavam a fazer parte de um grupo que não falava, eram silenciosas, mas muito observadoras daquilo que estava acontecendo. Observávamos que elas gostavam de ser fotografadas, mas, diante dos adultos se calavam, ficavam retraídas e certamente educadas para assim agirem, comportavam-se diante dos estranhos com desconfiança. As brincadeiras de

criança, repletas de algazarras, que existiam antes das entrevistas, davam lugar ao silêncio.

Observando o silêncio das crianças, depois de algumas visitas aos ternos, fomos pedindo permissão para fotografá-las e depois, mostrando a elas as imagens, houve uma aproximação. Mesmo sem diálogos, notávamos que as fotografias lhes despertavam sorrisos e satisfações, pois elas se reconheciam como parte do grupo. Com a autorização dos responsáveis pelas crianças, marcamos uma tarde em que elas se reuniram no quartel para manifestar, por intermédio de seus desenhos, o sentido da Congada, do quartel e da sua participação no terno, as relações com a família e a vizinhança do bairro, e como elas se vêem no dia da festa.

Neste dia elas se encontraram no seu mundo, da timidez e do silêncio, espalhadas pelo piso cimentado; com folhas de papel e lápis coloridos debruçaram-se nos seus desenhos, trocavam idéias com os colegas, ignoraram por completo o mundo dos adultos. Neste momento, tornando-nos observadores silenciosos; as crianças eram as protagonistas que falavam, posicionavam-se e, diante do seu desenho ou do colega, estavam revelando para nós o significado de fazer parte de uma comunidade que tem na Congada uma manifestação de fé, de religiosidade e de representatividade da cultura negra na cidade. Deste encontro, resultaram vários desenhos, mas como somente alguns autores resolveram falar a respeito dos significados dos seus trabalhos, selecionamos onze figuras para representar fragmentos de um olhar de criança em relação à Congada.



Figura 33 – DESENHO. O lugar é da festa. Os congadeiros saem da casa, do espaço privado, para ocuparem a rua. As representações da Congada passam, ao mesmo tempo, a ocupar os dois espaços. O desenho da criança sobre o lugar da Congada representa a sociabilidade do congadeiro, o qual recebe os integrantes do terno e visitante de braços abertos. O bastão representa o poder do capitão. Para a criança o objeto é tomado como referência, o sonho e o desejo em recebê-lo e, no futuro, tornar-se um líder de terno. O local é o quartel do terno, que também é moradia da sua família. Uberlândia, maio de 2005.

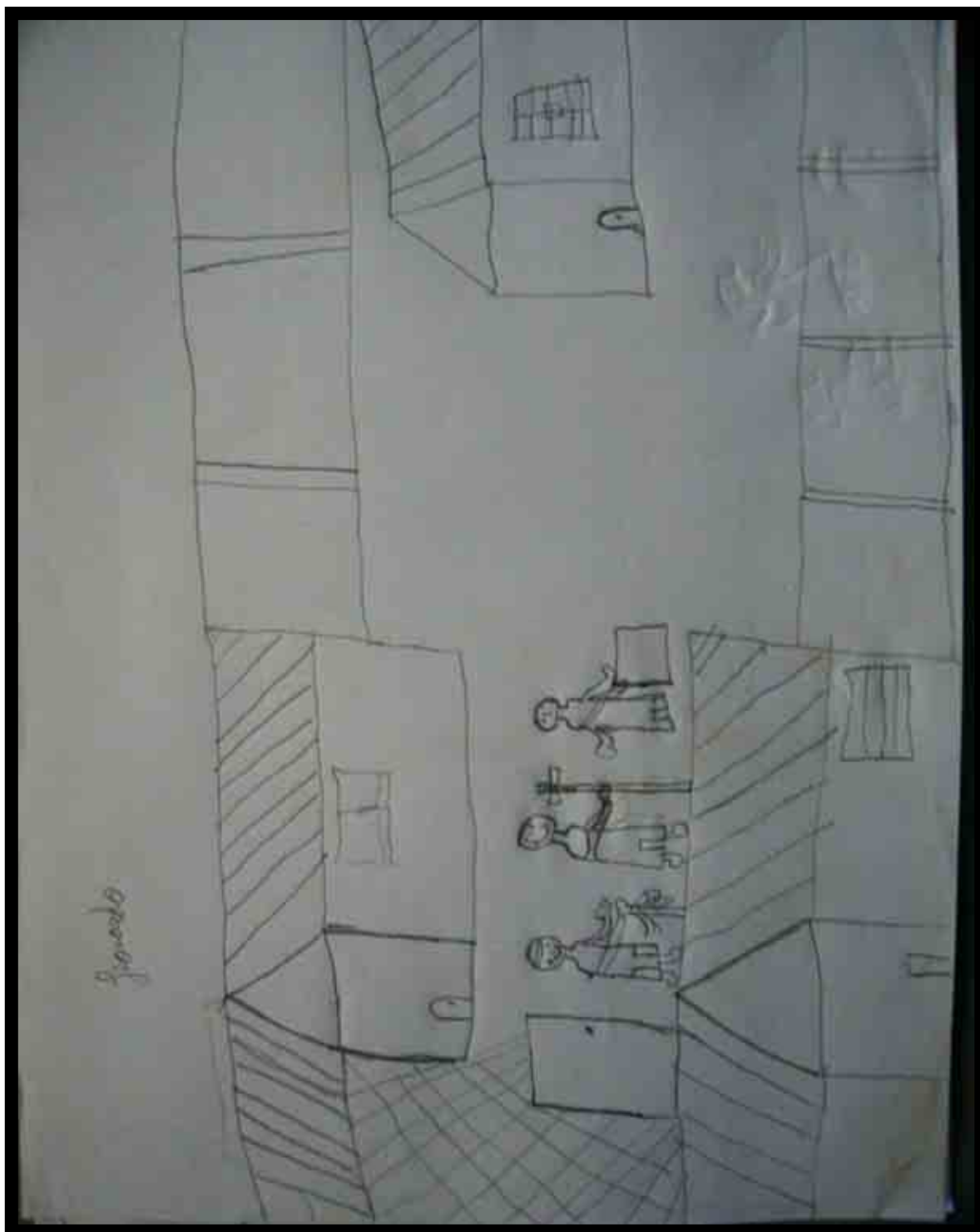


Figura 34 – DESENHO. O lugar, enquanto espaço vivido, é retratado pela criança a partir da moradia e com as suas casas, quintais e corredores. O corredor e o quintal são lugares da reunião dos congadeiros. Os espaços sem construções são usados para as reuniões e ensaios do terno. No corredor central aparece a organização hierárquica do terno em dia de festejo. Na frente do desfile do terno, aparece a figura da rainha, com a bandeira, depois o primeiro capitão, com um bastão imponente, e a seguir o segundo capitão. No espaço privado, cercado pelas habitações, registram-se as figuras mais importantes de um terno e ambos estão no interior do quartel, em dia de festa. Uberlândia, maio de 2005.



Figura 35 – DESENHO. Na casa dos congadeiros, a Congada divide espaços com os moradores. Ao lado direito da sala, onde estão a TV e o sofá, registra-se o lugar reservado para se guardarem os instrumentos de percussão e o estandarte do terno. O espaço vivido da criança é representado a partir do interior da sua moradia. A simplicidade da moradia leva as crianças a defini-la como sendo o barracão do terno. Destacam-se quatro espaços na casa: à esquerda a sala, à direita o quarto do terno, no centro o corredor e, por último, a cozinha. Os móveis estão distribuídos pelos cômodos; o único destes que tem paredes é o do terno. A criança registra o local, dentro da casa do capitão, em que são guardados os pertences do terno, como um local fechado. Uberlândia, maio de 2005.

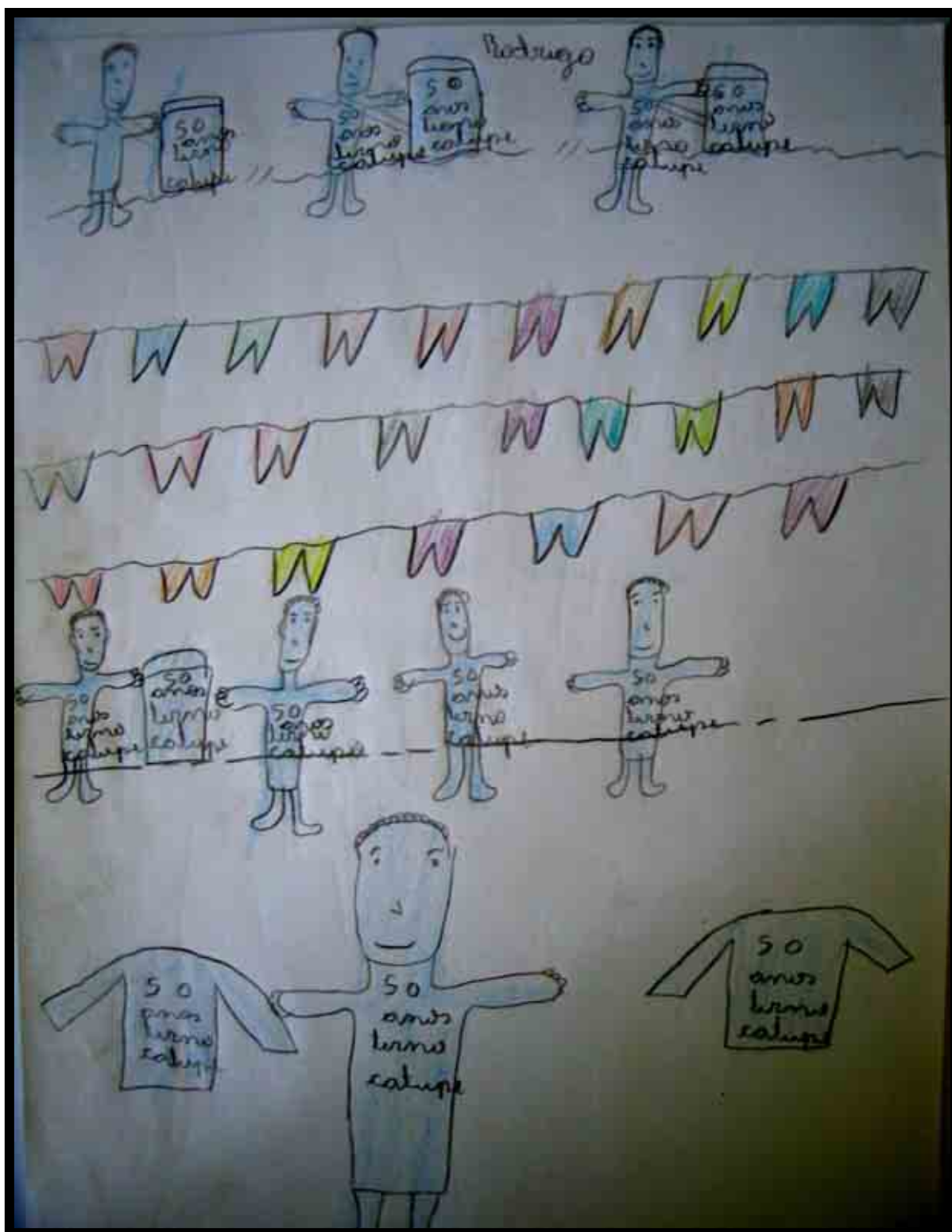


Figura 36 – DESENHO. A rua, como espaço público, aparece como lugar das manifestações congadeiras. Em dia de festa, a rua passa a ser uma extensão do quartel. Ela é arrumada, organizada pelas mulheres e crianças. Como parte do terno a via pública torna-se lugar de festa, de exposição e de encontro; enfeitada com arranjos de bandeirinhas e bandeirolas, estendidos nos varais, ela se assemelha a outras ruas, em festas tradicionais do interior do Brasil. As bandeirolas são tradicionais das festas juninas. Registram-se também os 50 anos de história e de tradição do terno Catupé, na cidade de Uberlândia. Uberlândia, maio de 2005.

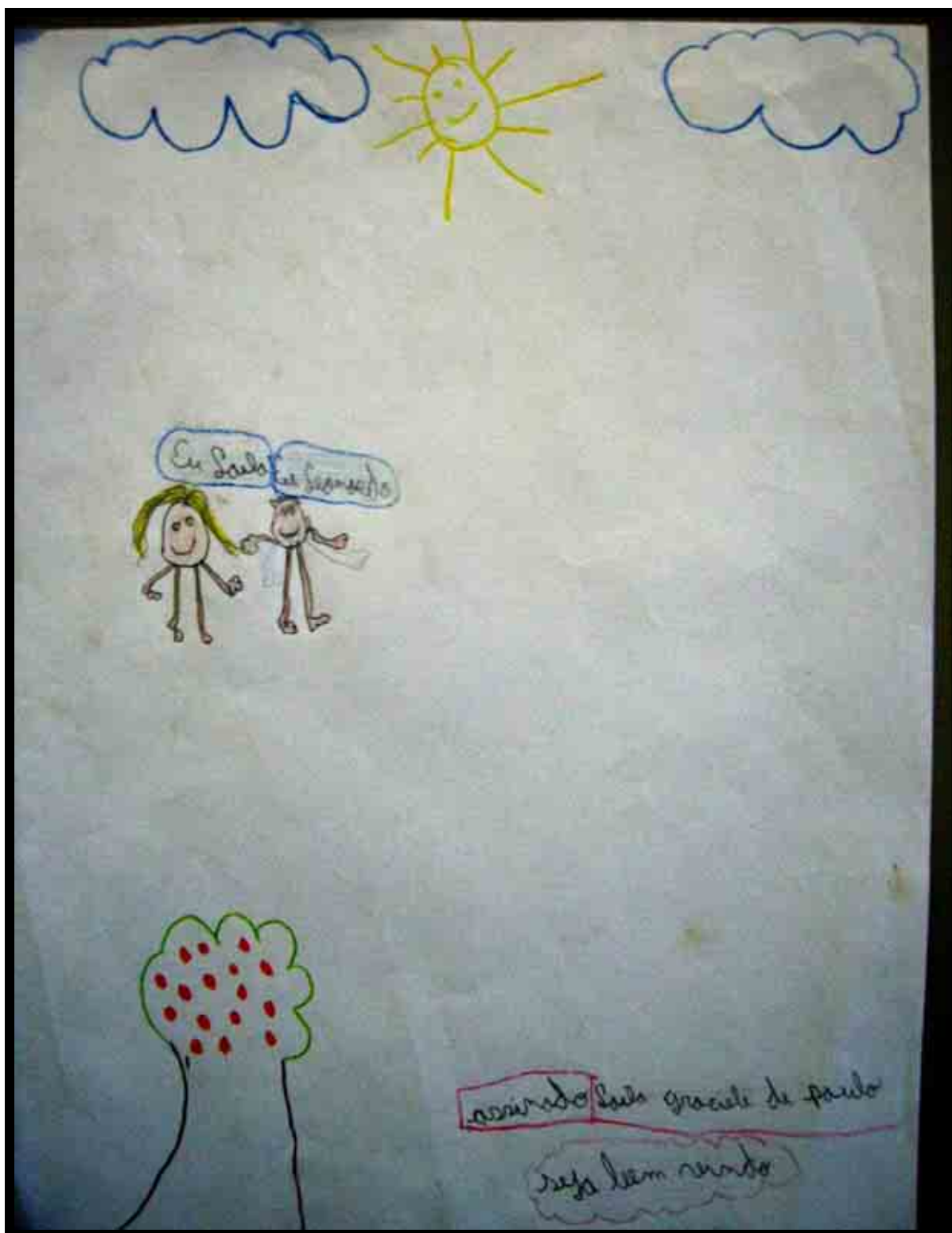


Figura 37 – DESENHO. O espaço público, para as crianças congadeiras, faz parte do cotidiano e assume contornos na vida pública. Elas fazem parte das cenas comuns da rua. Em grupo vão exercitando habilidades resultantes de suas convivências no bairro. As crianças estão deixando o quartel e ocupando as ruas do bairro. Sempre a saída do quartel é acompanhada pelos irmãos mais velhos, pais ou avós. A criança se vê no seu mundo brincando, sem adultos, sem os perigos da cidade. Nesses lugares, o sol é sorridente, a árvore e as nuvens são coloridas. Neste mundo de lugares e pertenças, todos são bem-vindos. Uberlândia, maio de 2005.





Figura 38 – DESENHO. Nos lugares públicos, na rua e na praça, os componentes de ternos se organizam para exercitarem as suas habilidades artísticas. Esses espaços, embora físicos, também dizem respeito a uma conquista que os congadeiros atribuem aos acordos que eles estabelecem por meio das suas manifestações na cidade. Como se trata de campanhas, os componentes estão vestidos com roupas normais. Os componentes estão descontraídos e não existe uma preocupação com a organização hierárquica do terno. Na frente do terno não aparece a figura da rainha com a bandeira, mas aparecem apenas os percussionistas do terno. Mesmo em se tratando de campanhas, o lugar é todo preparado com bandeirinhas. A campanha foi retratada como sendo de dia; isto ocorre por vários motivos, mas, neste caso, ela ocorreu para incluir as crianças. Uberlândia, maio de 2005.



Figura 39 – DESENHO. A praça, enquanto lugar do desfile dos ternos, é também o lugar de conflitos, de problematizações da vida social. Na visão da criança, a praça está limpa, para receber as pessoas da Congada. O terno desfila na praça em que está localizada a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Destacam-se os estandartes coloridos, sendo carregados pelas meninas das bandeiras, e os meninos, com os seus instrumentos musicais, tocando para os Santos padroeiros da Congada. Nesse espaço, os problemas sociais não são assinalados e nem assumem significações. Pelo olhar da criança, a praça não é uma arena onde há conflitos, embates, debates e diálogos. Uberlândia, maio de 2005.



Figura 40 – DESENHO. Poderíamos dizer que, no dia da festa, o espaço público é o lugar das identidades religiosas, das afinidades congadeiras, do reconhecimento e do prestígio. O momento retratado é de profunda devoção e de forte carga simbólica. As diferenças, quaisquer que sejam, devem-se submeter às regras do desfile e das homenagens aos padroeiros. Está representado o mastro, já erguido pelos congadeiros. No mastro, estão as santidades da Congada. A capela de Nossa Senhora do Rosário, preparada e enfeitada para a festa. As crianças congadeiras, meninos e meninas, estão dançando em homenagem aos seus padroeiros, em frente à capela Nossa Senhora do Rosário, a qual se encontra de portas abertas. Uberlândia, maio de 2005.

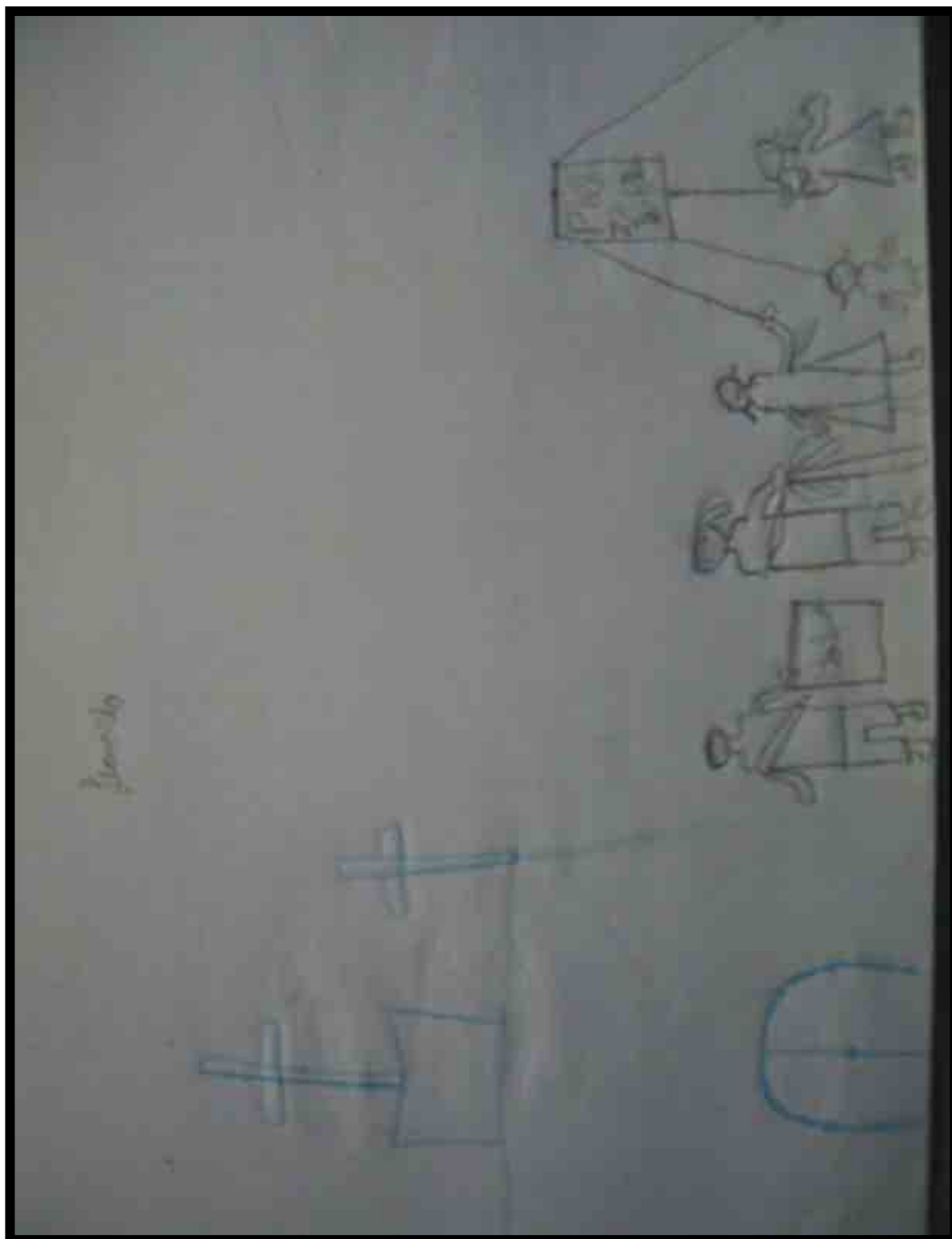


Figura 41 – DESENHO. O lugar é simbólico. O símbolo do cristianismo e a capela aparecem em azul, pois esta é a cor do manto de Nossa Senhora do Rosário. No lugar sagrado, as pessoas se juntam, dão as mãos e terminam por tentar demonstrar que o costume de festejar continua juntando pessoas e nos convida a refletir sobre o conceito de espaço público. O grupo do terno se junta para desfilir e ocupa o espaço público, o qual é também o espaço do sagrado, demarcado pela capela de Nossa Senhora do Rosário. Destaca-se nas figuras dos capitães, da rainha e das meninas da bandeira; cada um, carregando os elementos simbólicos da Congada, ocupa seus lugares no desfile. A criança, menina, ocupa a comissão de frente; auxiliada pelo adulto, ajuda na condução da bandeira do terno. Uberlândia, maio de 2005.

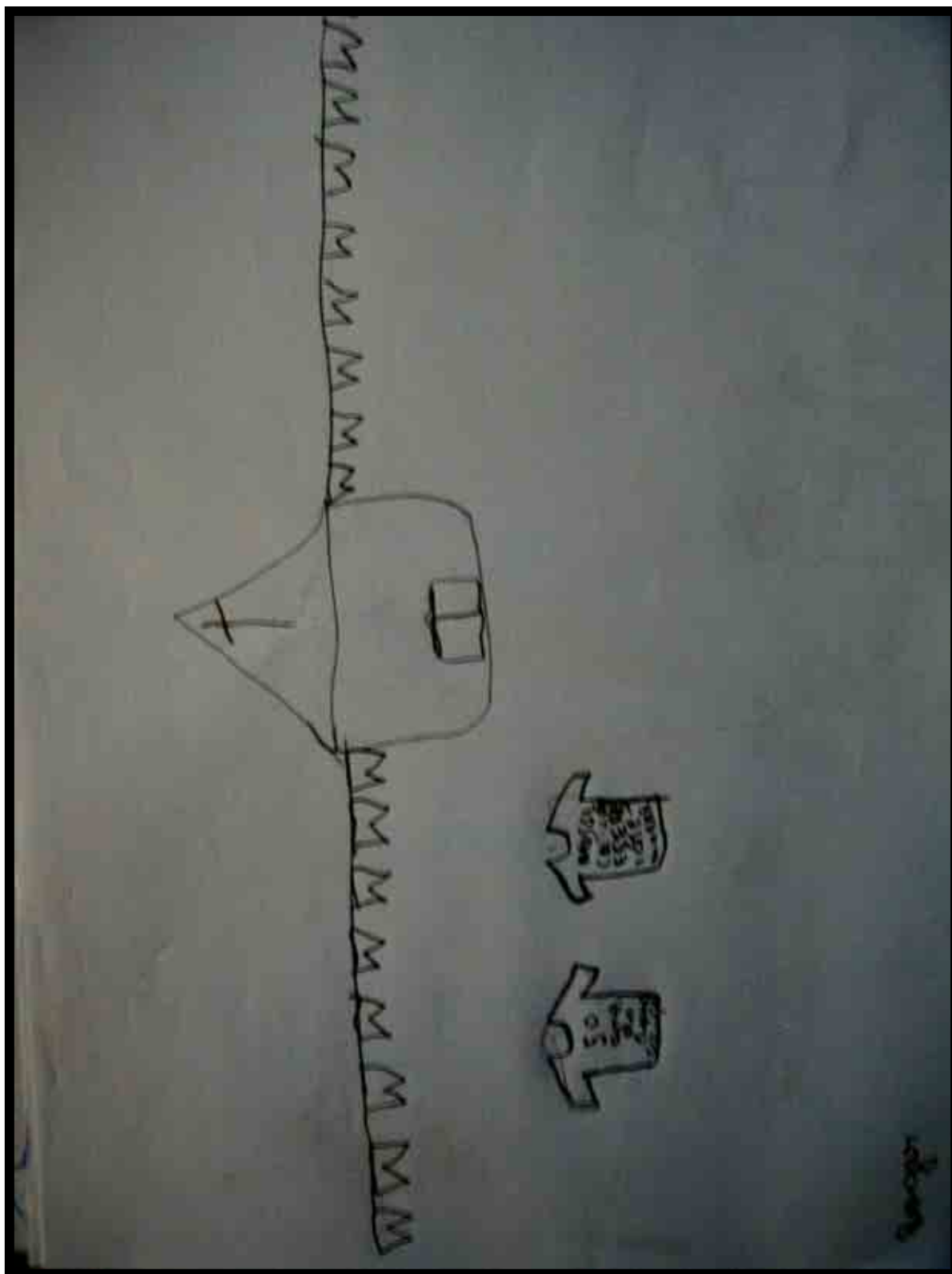


Figura 42 – DESENHO. No espaço da Congada, qualquer tipo de uso é possível, desde que não haja obstáculos. A festa abre possibilidade de acesso aos lugares e à participação de qualquer tipo de pessoa. Para a criança, os lugares ocupados pela festa devem ser respeitados e a história revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias. A capela de Nossa Senhora do Rosário, toda enfeitada para os dias de festa da Congada, está pronta para receber a todos, inclusive as inúmeras pessoas que por ali circulam e convivem. Para a criança, a homenagem ocupa todo o pátio da capela. As bandeirinhas indicam que é dia de festa. Na festa, ela percebe apenas os desfiles de terno e os representa, a partir da farda/uniforme dos seus componentes. Uberlândia, maio de 2005.

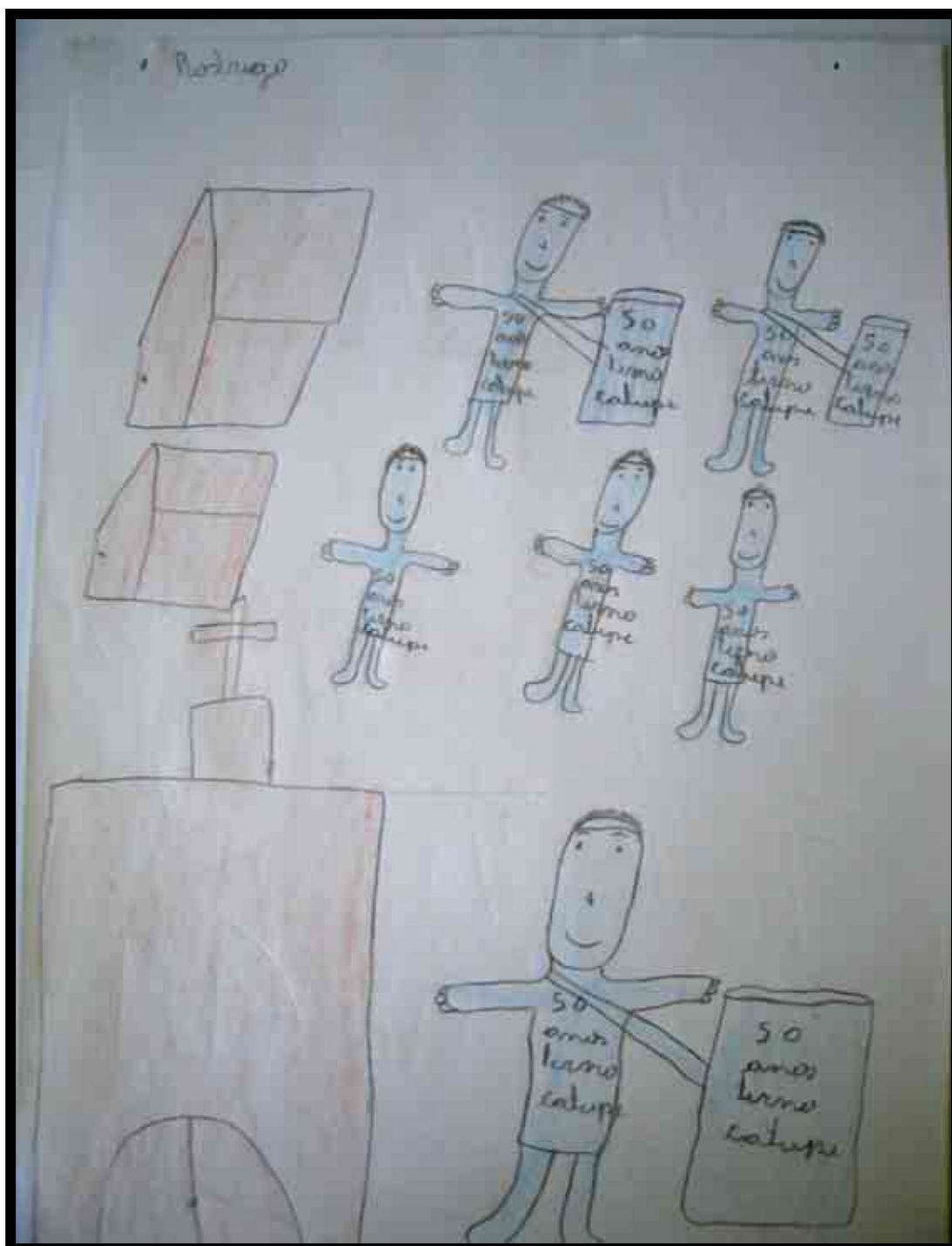


Figura 43 – DESENHO. A criança, ao representar os lugares da Congada, reúne, por meio de desenhos e esquemas o seu lugar de moradia, a rua, a praça e a Igreja. Os lugares assumem vários sentidos, que se traduzem nas possibilidades de se fazer a festa, na cidade. Desse modo, as colônias, criadas a partir de relações sociais, seguramente de várias temporalidades, revelam as condições dos congadeiros e foram transportadas para o desenho como estratégias urbanas que se fundam nos costumes e tradições. Fragmentos da vida estão nos desenhos, resultando em seus efeitos e em um caminho para o entendimento da vida e do vivido dessas pessoas, na cidade. O conceito de lugar envolve pertencimentos, identidades e conquistas, mas também conflitos e inseguranças. Tudo isso aparece nos desenhos, a partir do percurso do terno, o qual tem um itinerário que a criança vai retratando, desde a saída do quartel até a sua chegada no pátio da capela de Nossa Senhora do Rosário. Em todo o percurso, destacam-se os percursionistas, cuja função é alegrar a caminhada do terno. No meio dos soldados percursionistas estão também as crianças. Elas desfilam em frente à Capela e comemoram junto dos adultos o desfile do seu terno. Uberlândia, maio de 2005.

Para as crianças, o quartel e a rua têm outros contornos, especialmente em dia de festa. Para as crianças, fazer parte da comunidade, ser um dos seus membros, não é somente habitá-la, é, sobretudo, perceber-se como de dentro dela. Neste sentido, os desenhos revelam formas de participação e de interpretação das crianças a respeito de lugares que fazem parte de um modo de vida comum, que emerge de seu cotidiano, das relações com a família, comunidade, vizinhança, bairro e cidade.

### **3.2 VIZINHOS E TERNOS DE CONGADA: APROXIMAÇÕES, DOAÇÕES E APROPRIAÇÕES.**

Como é impossível estabelecer relações com todo o bairro, é no vivido que os congadeiros tecem, com as vizinhanças, as estratégias e arranjos, os quais vão criando os critérios para o uso dos espaços públicos e privados. Trata-se das especificidades do lugar, que acabam se manifestando dentro do terno, no quartel, mas, sobretudo, fundamentadas em um modo de vida, com forte tradição religiosa, na qual vai-se afirmando e reafirmando uma identidade de congadeiro e de devoto.

Como devoto de Nossa Senhora do Rosário, é uma benção e privilégio recebê a Santa, sei que aqui em casa ela vai protegê a família, todo o ano eu peço pra mais de um terno de Congada trazê a Santa e fazê o terço <sup>129</sup>.

Nóis do terno traz a Santa na casa do devoto, porque sabe que ele respeita a gente e aprecia a nossa Congada (...) a nossa divoção e fé que também é dele <sup>130</sup>.

No decorrer do tempo, as pessoas vão tecendo novas relações e aproximações com aqueles que demonstram ter um envolvimento com os símbolos profanos e sagrados da Congada. Desse modo, o sagrado e o profano compõem o principal do simbolismo e da cultura dos congadeiros, em Uberlândia; ele é

<sup>129</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o devoto de Nossa Senhora do Rosário e sacristão, agosto de 2005.

<sup>130</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a madrinha do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

representado por pessoas que criam, em meio a dificuldades de toda ordem, uma sociabilidade modular, fundamentada no jeito de ser do congadeiro e inspirada em suas humanidades, e que também cria sociabilidades que levam ao surgimento de solidariedades entre diferentes pessoas.

Nas relações de vizinhança, os congadeiros vão estabelecendo, entre si e com os vizinhos de bairro, relações carregadas de conteúdo simbólico, assimilado por aqueles que vivem e/ou pertencem a um determinado terno. Neste sentido, “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida” (CARLOS, 1996, p. 20) Mas, na perspectiva do bairro e para diferenciá-lo de lugar, recorreremos às argumentações de Seabra :

Lembre-mo-nos ainda uma vez: o bairro como unidade sociológica relativa, nunca definiu a realidade social, mas revelou-se, na história urbana, como necessário; talvez por isso se tenha afirmado que ‘sem bairros, como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles’. Mas não existe cidade. (SEABRA, 2004, p.85).

Nesta perspectiva, o bairro é onde se localiza o quartel e este, como uma dimensão importante na construção do lugar do congadeiro, e, principalmente, para a vida e para o vivido, é capaz de apresentar aproximações entre grupos sociais desiguais. Para o congadeiro, ser convidado para levar os Santos até uma casa de um devoto notável, principalmente aqueles que tenham realizado conquistas econômicas e/ou políticas, como uma pessoa de cor branca e empresária, tem várias implicações.

Uma campanha que ficô marcado pra mim, foi no bairro de uma senhora de otro nível que o meu, nós levamo a santa , ela era devota e fez promessa, tinha pobrema pra dormi, fizemo a campanha e o leilão ao redor da piscina, depois teve um lanche pra todo o terno<sup>131</sup> .

No entanto, todo o conteúdo simbólico, que é construído durante o processo de aproximação entre pessoas sociais e economicamente diferentes, é resultado da relação que os congadeiros estabelecem com os seus pares e vizinhos por meio da devoção aos Santos Católicos. Neste processo de construção da vida, o congadeiro cria sólidos laços com o lugar, onde cada imagem de santo, cada ritual por eles elaborado passa a ter um significado especial.

Na casa do devoto que tinha piscina, o congadeiro analisa que os Santos da Congada têm o poder de ignorar, passar por cima das diferenças sócio-econômicas

<sup>131</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.



entre as pessoas de uma mesma devoção. Por outro lado, eles apenas se emocionam, porque aconteceu uma única vez, pois se tratava de uma promessa que tinha a ver com a saúde da devota e que, para ser cumprida, precisava de um terno de congadeiro.

Os rituais caracterizam o lugar dos ternos nos vários bairros de Uberlândia. Na experiência cotidiana das pessoas, os seus valores culturais, as suas tradições e os seus costumes, tudo isto associado à Congada, possibilitaram aos ternos se afirmarem na cidade como um grupo social organizado e, fundamentalmente, como devotos de Santos Católicos. Seguramente, a Congada é a essência das manifestações culturais do "negro" na cidade. São pessoas com estilos de vida, níveis de renda e tipos de trabalhos, se não idênticos, muito próximos uns dos outros. Mas é no grupo de terno que, em particular, caracterizamos os congadeiros como membros da comunidade.

Na perspectiva do conceito de comunidade e para pensarmos as formas com que os congadeiros se organizam no espaço da cidade, formando forças políticas, entendemos que:

(...) É o termo [comunidade] que aplicamos a um povoamento de pioneiros, a uma aldeia, uma cidade, uma tribo ou uma nação. Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum, chamamos a esse grupo comunidade. O que caracteriza uma comunidade é que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela. Não se pode viver inteiramente dentro de uma empresa comercial ou de uma igreja; pode-se viver inteiramente dentro de uma tribo ou de uma cidade. O critério básico da comunidade, portanto, está em que todas as relações sociais de alguém podem ser encontradas dentro dela (MACIVER; PAGE, 1973).

O grupo social que estamos estudando não significa a expressão "comunidade negra", como uma categoria social sem ligação com o modo de vida urbano e de certo modo capaz de criar momentos de irreverência. Referimos-nos aos congadeiros de Uberlândia como um grupo de sujeitos sociais que ocupam espaços muito carregados de simbolismos e significados, dentro da cidade. Assim, os congadeiros representam parte de uma comunidade urbana que é organizada e institui várias formas de reciprocidade em suas relações sociais.

Eu gosto de vivê aqui, nós vive em família, todos se ajudam, os pobrema de um é de todos <sup>132</sup>.

Para o congadeiro, a palavra comunidade parece lhe sugerir algo de bom. Podemos pensar no sentido de segurança, ou mesmo, no quartel, como um lugar aconchegante, familiar, ético, moral, mas também com seus conflitos, tensões e desencontros. Viver na comunidade parece ser compartilhar das relações sociais que o grupo cria a partir de interesses que nem sempre correspondem à maioria das pessoas.

No lugar é possível perceber a cotidianidade, a identidade, os significados que os sujeitos sociais lhes atribuem. Como pertencimento, o quartel e o seu entorno é marcado pela experiência de grupos sociais que aprenderam a transformar os seus costumes e tradições em uma afirmação étnica.

A gente qué que a nossa manifestação seja reconhecida como a cultura do negro e não como a maioria vê na cidade como folclore, o que nós fizemo é a nossa tradição, é a nossa etnia <sup>133</sup>.

No lugar em que se localiza o quartel, as pessoas se encontram em comunidade e as relações sociais que tornam possíveis a continuidade das suas manifestações são geradas e nutridas neste ambiente. Há uma singularidade nestes lugares, pela própria condição sócio-espacial dos congadeiros, na sociedade uberlandense. O quartel se transforma em sustentáculo da sua própria existência. Em suas experiências e sentimentos comunitários, o quartel é o lugar em que o sujeito é aceito e mantém vínculos de sociabilidade e de identidade com o grupo, e nesse processo a vida lhe ensinou a ir compartilhando as condições básicas de uma vida em comum. São as condições sociais, mais ou menos homogêneas, que caracterizam o congadeiro, e as suas relações sociais, em comunidade, podem ser decifradas dentro dela.

(...) Em sua grande maioria, as comunidades são fixas e extraem das condições de sua localidade um forte laço de solidariedade. Até certo ponto esse laço local tem-se enfraquecido no mundo moderno em virtude de se estenderem os meios de comunicação; isso é particularmente evidente através da penetração de padrões urbanos dominantes em áreas rurais. Mas a extensão de comunicação é, em si própria, condição de uma comunidade maior, se bem que ainda territorial (MACIVER; PAGE, 1973).

---

<sup>132</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o irmão do Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, abril de 2005.

<sup>133</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão terno Sainha, agosto de 2005.

Como estamos pensando na comunidade do interior do terno, que mantém laços de afetividade, mas que também apresenta dissensos e cria outros sentimentos, é preciso chamar a atenção para a noção de lugar, ou seja, nem todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material vão-se processando no sentido de apenas despertar sentimentos de pertencimento com o lugar, “por ser o lar e o lócus de reminiscências e meio de ganhar a vida”. Tuan (1980, p.107). É preciso também pensar nas energias e sinergias, bem como nas oposições e no surgimento de novos laços de pertença. Neste sentido, parafraseando a professora Odette Seabra (2004, p.193), também entendemos o lugar como decorrente das relações humanas com o espaço que, pela cotidianidade, suscita, nos seres humanos, laços afetivos nutridos, sobretudo, pelo tempo e pela representatividade do sistema simbólico criado ou herdado, contribuindo, assim, para a sua afirmação e representação social na cidade.

No mundo moderno, com padrões urbanos, os laços de solidariedade, o sentimento de pertencer ao lugar, ou mesmo o desejo de compartilhar com o outro, entre os membros dos quartéis, têm-se redefinido e, em certos casos, principalmente, os princípios de sociabilidade têm-se transformado. Na comunidade dos congadeiros tem-se o conjunto de pessoas que se encontram no mesmo lugar e ocupam as ruas, as praças do seu bairro para, nos dias das campanhas, as quais se iniciam a 60 dias do princípio da festa, transformarem-se em usadoras do espaço.

A rua nas nossa campanha, ultimamente não tem pobrema, quem não gosta não põe o pé prá fora de casa, já quem aprecia vem saudá a gente. Os leilão como é feito na frente da casa do devoto, a vizinhança até participa, gosta de rematá as prenda, vê só o movimento, a rua quase fecha de gente<sup>134</sup>.

Ter acesso aos lugares públicos da cidade e saber usá-los para a concretização dos encontros e rituais da Congada envolve saberes que derivam e resultam de práticas sociais permeadas e fundamentadas pelo modo de ser das pessoas. Tal situação é possível, nos dias atuais, porque se tem no grupo, além do apego às tradições religiosas, as quais proporcionam práticas cotidianas, que vão, a partir do uso do espaço, delimitar territórios dentro do bairro, uma sacralização da Congada como forma de representação do negro na cidade.

---

<sup>134</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Verde e Branco, agosto de 2005.

Minha devoção é em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, quando preciso é prá eles que recorro, a festa que meu terno faz é pros santo. Tudo é em nome dos santo, a fé move montanha, eu acredito e sempre sô recompensada por eles<sup>135</sup>.

A religiosidade vivida pelo congadeiro e pelos vizinhos, embora por estes últimos em momentos muito particulares, ou seja, os das campanhas, em que compartilham do mesmo sentimento, é uma especificidade dos devotos dos Santos da Congada. Na perspectiva do religioso, o qual vai tecendo outras relações, o espaço do cotidiano é convertido também em espaço do sagrado, especialmente quando os sujeitos sociais estão envolvidos com as visitas aos vizinhos.



Figura 44 – Altar no corredor da casa de um capitão de terno. Nas casas dos congadeiros sempre se reserva um lugar para colocar os Santos de devoção. Durante as campanhas, nas casas dos congadeiros existe uma organização de cenários religiosos. A toalha e as flores brancas representam paz e tranquilidade.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago. de 2005.

Nesses momentos, há uma organização de cenários religiosos que contribuem para uma comunicação do devoto com os vizinhos e de ambos com o sagrado.

<sup>135</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

Nós entramo em contato com os soldados eles vêm, mas não pense que é porque eu chamei, o santo e as santa também chamam. Os vizinhos acha bonito e se é prá santa acha que tem que ajudar<sup>136</sup>.

Como pessoas dinâmicas e capazes de expressarem suas experiências na reprodução dos encontros, para ir a outros lugares, geralmente em busca de doações e assim realizar a festa, e isto tudo em uma sociedade tão complexa, entendemos que um outro aspecto que chama a atenção é a sociabilidade que a Congada consegue estabelecer entre os católicos e os umbandistas.

O povo do congado se dissé que não vai aos centro, pede benção aos pais de santo, tá mentindo, eu mesmo participo, já vi muita gente do congo lá, na verdade eu sô católica, bem me considero uma afro-católica<sup>137</sup>.

Mesmo que as pessoas dos bairros não participem diretamente dos rituais, eles se tornam espectadores muito respeitosos. Os motivos estão relacionados à religiosidade, que não é só de um grupo étnico, mas de uma comunidade que consegue se inscrever no lugar e no seu entorno, obtendo de vários moradores aceitabilidade, admiração e momentos de solidariedade vicinal.

---

<sup>136</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o 2º capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

<sup>137</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, maio de 2005.



Figura 45 – Nas residências dos congadeiros os Cenários religiosos são sincréticos. As imagens católicas e não católicas ocupam o mesmo altar. Na foto, as imagens do Preto Velho e da Negra Preta, São Sebastião e São Pedro estão juntas no mesmo altar.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Como se trata de um grupo que não ascendeu social e economicamente, mas que é capaz de praticar os seus encontros sem comprometer as suas conquistas, certamente por isso conseguem reafirmar, no vivido, suas identidades, preferências e devoções. São sujeitos que compartilham, com os seus membros, os costumes, hábitos e tradições congadeiras. No olhar da elite, dos "bem-sucedidos", todas as práticas sociais dos congadeiros, estão associadas a um comunitarismo do outro, dos fracos, dos subalternos, que precisam desses laços para sobreviver.

Mas se pensarmos no contrário do que esta elite vê com distanciamento, podemos perceber que os laços comunitários dos congadeiros são tecidos entre os seus membros e as vizinhanças de bairro, criando uma relação de sociabilidade e solidariedade, com responsabilidades éticas, de comprometimento a longo prazo, que não se dilui e está registrada, na história secular da Congada, como um modo

de vida, que se reproduz na cidade com dinamismo, mesmo sobre determinações que não são suas.

Neste contexto, os congadeiros podem ser considerados como usadores<sup>138</sup> do espaço do bairro e da cidade que, conforme suas necessidades e desejos, redefinem trajetos, projetos, porque podem produzir, para si, territórios que lhes proporcionem o direito de fazer na cidade e nos bairros os seus encontros, ritos e rituais sagrados e profanos. Contudo, esses usos dos espaços dos bairros e da cidade não ocorrem autonomamente. Como moradores da cidade, de vários bairros, a ocupação do espaço é negociada e, em grande parte, essa negociação é feita sob a legislação elaborada pela sociedade e registrada no Plano Diretor da cidade. Em Uberlândia, ele foi concebido como um “instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana do Município e na busca de melhor qualidade de vida para a população, assegurando, na estruturação dos bairros e da área central”<sup>139</sup>. Desta forma, o Plano Diretor estabelece as regras e os princípios de se viver na cidade.

---

<sup>138</sup> Empregamos o termo usadores, considerando as definições da Professora Odette Carvalho de Lima Seabra. Em suas argumentações, ela considera que: “Lefebvre propõe conteúdos diferenciados para *usager* e *usager*”. Assumimos por *usager* o usuário e por *usager* o usador. Veja-se a propósito: “Que se considere agora o espaço daqueles que se nomeia com palavras desajustadas e hostis (lê-se *usagers*) os usadores. Não existe palavra bem definida e possuindo uma forte conotação para os designar. A prática espacial os marginaliza até na linguagem. A palavra (*usager*) usador tem alguma coisa de vago, de suspeito... chega mal a expressar, enquanto os signos de sua situação se multiplicam e por vezes saltam aos olhos”- Henri Lefebvre, *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 1974, p.418”. Em outro momento, Seabra analisa a condição do usador escrevendo que: “De modo que para o usuário estão os modos de consumo, com o que se forja a identidade do consumidor, enquanto para o usador estão relações de qualidade que implicam fluxos de sentidos ligados à realização de energias vitais: o espaço do corpo, os alimentos, o sono... A gestão total do cotidiano como objetivação da indústria cultural e de estratégias políticas do Estado, sobretudo no aspecto mercadológico, ao definir um plano de embate no próprio cotidiano, fez nascer o usuário mais cidadão que cidadão. Quando o Estado é o outro dessa relação, ele articula, organiza, justifica, trata de ter precedência e, em nome de uma suposta cidadania, encaminha os embates sem ter nenhuma solução; encaminha sempre instituindo, em que pese a história já registrar a metamorfose do usuário em usador, aquele que usa sem mediação. Arranca o uso. Nesse duro embate entre propriedade, representada pelo Estado, e apropriação, já se recusa o caminho do institucional, até porque o uso pode, no limite, ter-se tornado vital. Os embates acerca do uso do espaço têm sido exemplares. (1996, p.78;79)”

<sup>139</sup> Em síntese, o capítulo sobre política urbana (Capítulo da Política Urbana) da Constituição Federal Brasileira aprovada no ano de 1988, versa e delimita aos municípios as competências quanto às políticas de desenvolvimento urbano dos mesmos. Dentre as várias leis constituintes desse capítulo há a “Lei do Plano Diretor”. A “Lei do Plano Diretor” é obrigatória às cidades com mais de 20.000 (vinte mil) habitantes e, em especial, aos municípios que integram regiões metropolitanas e aglomerações urbanas; municípios onde haja potencial e interesse em fomento de atividades turísticas e municípios onde haja, em suas áreas, significativo impacto ambiental decorrente de diversas atividades. O Plano Diretor engloba o território total do município, devendo ser reformulado/adaptado a cada dez anos – pelo menos – e considerar, em sua formulação, elementos

Portanto, a espacialização das manifestações dos congadeiros, na cidade, sofreu redefinições, principalmente nas formas de usos dos espaços, pois Uberlândia, sendo uma cidade de mais de vinte mil habitantes, teve que organizar o seu Plano Diretor e dentro dele estabelecer as normas para a boa convivência. Para isso foram contemplados “os efeitos positivos e negativos de empreendimento(s) ou atividade(s) quanto ao comércio, trânsito e qualidade de vida da população”.<sup>140</sup>

As normatizações do Plano Diretor, sobretudo aquelas relacionadas à vida na cidade, urbanizaram a Congada, mas, para os congadeiros a norma principal a ser respeitada é a do silêncio após as 22:00 horas.

Todo ano quando chega perto das campanhas, nós da Irmandade tem que pegá a licença na Prefeitura pros terno podê batê caixa e fazê o terço, o leilão, e só pode até as dez hora da noite, tem que respeitá senão prejudica na licença<sup>141</sup>.

---

das Constituições Federais, Estaduais e Municipais. **Cidade de Uberlândia - Lei Complementar nº 078 de 27 de abril de 1994**. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em: 22/10/2203.

<sup>140</sup> No que diz respeito ao Plano Diretor, observa-se que as cidades brasileiras, em decorrência do crescimento urbano desordenado, podem ser pensadas e compreendidas na perspectiva de sua divisão em duas: a cidade formal, onde o planejamento urbano se faz presente, com infra-estrutura e serviços básicos disponíveis e a cidade informal, ou seja; a cidade que se origina e cresce fora do traçado original e muitas das vezes do traçado ideal da cidade em si, sem condições de infra-estrutura satisfatórias ao bem estar de seus moradores. A Constituição Federal aprovada no ano de 1988 e o posterior Estatuto da Cidade, Lei Federal n.º. 10.257/2001, regulamentadora dos artigos 182 e 183 da referida Constituição, versam quando da criação de instrumentos que delimitam aos municípios a criação de planejamentos a garantir bom funcionamento e gestão das cidades. Os mecanismos dessa regulamentação da política urbana, relevando-se as características únicas de cada município, dão origem ao Plano Diretor Municipal, instrumento onde as leis que criam e regem o planejamento das cidades são pensadas e discutidas. O Plano Diretor, por sua vez, orientado pelo Estatuto da Cidade – na premissa de não se incorrer na separação entre corpo técnico, político e popular – estabelece a participação da população em sua formação. É, assim, considerada como uma Lei pactuada, ou seja; fruto do consenso entre Executivo Municipal, Câmara dos Vereadores, órgãos estaduais e municipais, setores técnicos afins e organizações/instituições ligadas diretamente à população, bem como a população em si. Em sua elaboração, as etapas compreendem-se na mobilização da sociedade, constituição do núcleo gestor, preparação do processo, divulgação, capacitação do grupo diretamente envolvido, leitura participativa da cidade, formulação da estratégia de seu regimento, construção do projeto de lei, discussão em nível municipal (câmara de vereadores municipal) e, se aprovada, imediata implantação do plano e intenso monitoramento. MINAS GERAIS. CREA-MG – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais. **Para entender o plano diretor**. Belo Horizonte: CREA -MG, 2005. (CARTILHA).

<sup>141</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.





Figura 46 – A preocupação com a organização do terno e dos seus componentes é constante. Respeitadores da hierarquia congadeira, mesmo nas campanhas, em primeiro lugar vai a porta bandeira do terno, em segundo o capitão e por último, os soldados dançadores. Os congadeiros nestes rituais tornam-se hábeis “usadores” do espaço da rua.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago., de 2005.

Qualquer que seja a complexidade das manifestações culturais, elas são vividas pelos congadeiros e, quando ocupam o “espaço público”, fundamentalmente, o fazem tendo, como justificativa principal, a de que é para os Santos.

Em Nossa Senhora do Rosário eu vejo toda minha vida, eu vejo os meus antepassados, toda uma tradição que eu espero que não acabe, a força de tudo tá nos Santos nossos protetores, tudo que a gente faz na Congada e antes nos bairro é pros santo, são eles que conduz nós<sup>142</sup>.

Como, por meio dos Santos, há alguma apropriação do espaço, as manifestações culturais de fundo religioso criam, necessariamente, territorialidades da fé. Logo, é do maior interesse dos congadeiros discernir, nos espaços públicos e privados, as formas e os processos pelos quais ocorrem as apropriações dos espaços, no sentido mais amplo, da Congada.

<sup>142</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um membro do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, abril de 2005.

Embora a Congada ocupe os espaços público e privado, é no espaço da moradia, que o congadeiro desenvolve um modo de usar os lugares, apropriando e conjugando formas de morar e cultuar os seus Santos e que se traduz em uma interação do sujeito com suas santidades.



Figura 47 – A Congada como tradição dos negros de Uberlândia ocupa vários lugares dentro da família e de suas casas. Nas residências dos devotos, os espaços vão sendo negociados e se organizam, definindo formas de morar e cultuar os seus Santos. Na foto, as imagens sagradas ocupam o espaço da cozinha e é nele que acontecem as orações.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, ago., de 2005.



Figura 48 – Quando a sala é o lugar do encontro e das orações entre congadeiros, a estante reúne vários elementos simbólicos, e ela mesma se assemelha ao altar dos simbolismos, inclusive de várias mercadorias.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago., de 2005.

As bases para o entendimento das práticas religiosas estão nos elementos específicos da cultura do subalterno, numa formação específica dos congadeiros. É nesse sentido que se pensou em uma aproximação do congadeiro, das suas formas de morar e de cultuar as santidades.

A minha casa não é só da minha família, ela é do meu grupo de terno, ela é da Congada. Pra nós quanto mais irmão de sangue e de congo ficá próximo, morando juntinho, melhor. O negro sente essa necessidade de ficar tudo próximo um do outro, assim os laços são mais forte e a ajuda também<sup>143</sup>.

<sup>143</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, abril de 2005.

Os espaços de representação constituídos pelos congadeiros vão sendo definidos com e sobre as dificuldades e facilidades do espaço do bairro e da cidade.

Esses dias nós tava batendo caixa, daí o home veio e disse que o filho dele tava dormindo e que nós tinha que respeitá o sono dele. Daí nós disse que não tinha jeito, tinha que se feito daquele jeito<sup>144</sup>.

Quando tem leilão o povo respeita passa com o carro assim bem manerinho, as pessoas das vizinhança arremata as prenda e é assim desse jeitinho(...)<sup>145</sup>.

Essa interpretação de que tudo tem um jeito para realizar as práticas religiosas, apesar de ser resultado do pensamento e da ação dos negros, representa concepções de espaço as quais derivam de suas experiências no uso das ruas do entorno dos seus ternos de Congada.

Sabe-se que o congadeiro se articula politicamente para ser respeitado. E por isso, também, demonstra várias habilidades em lidar com a legislação, de reconhecer-se e mover-se no espaço, mesmo que para isso tenha que interpretar a legislação e descobrir que ela não é simplesmente uma imposição, mas uma forma de se obter cidadania.

Dia de semana nós sabe que é até 10:00 da noite, então a irmandade pega licença, daí nós tá dentro da lei (...) Então se alguém reclama nós mostra a licença da Prefeitura, porque nós não vai bater depois da licença<sup>146</sup>.

As habilidades para lidar com suas manifestações na cidade, tornam o congadeiro um sujeito que apresenta facilidades em abstrair-se para conceber-se como cidadão que tem direitos e deveres e entender que, sobre o espaço da cidade e do bairro, existe um poder constituído que lhe garante direitos e lhe atribui deveres e que lhe permite elaborar uma representação e interpretação dos usos do espaço, como algo também institucionalizado e que tem força legal.

A Prefeitura é quem diz que é até as 10 da noite, nós vai e respeita então não tem jeito dos vizinho ou do povo dos outros bairro reclamá (...) Sabe é muito simples a rua é de todo mundo, mais tem que obedecê a Prefeitura<sup>147</sup>.

<sup>144</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um soldado do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.

<sup>145</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com um soldado do terno Sainha, setembro de 2005.

<sup>146</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.

<sup>147</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, junho de 2005.

A convicção de que o institucionalizado tem que ser respeitado aparece no cotidiano, em que as pessoas vão desenvolvendo e praticando suas experiências na cidade. No caso do congadeiro, são práticas que podem ser consideradas como derivadas de situações em que o Estado se faz presente. Para ele a Prefeitura normatiza o uso do espaço e deverá proteger aqueles que respeitam as leis.

Sabe ninguém está fazendo nada errado se a Prefeitura concorda então tá tudo certo. Será que tem gente que manda mais que a Prefeitura<sup>148</sup>?

No entanto, é importante assinalar que as interpretações dos congadeiros não se dedicam a analisar as apropriações do espaço possíveis no interior de um grupo social, cujas concepções de espaço muitas vezes são mediadas pelos interesses de produzir e vender a cidade. Na prática se transgridem as leis, e, grosso modo, como uma contradição da própria Prefeitura, no caso das festas do tipo "showmícios", estas são toleradas até altas horas da madrugada, pelos próprios representantes e candidatos a representantes do poder público.

As relações sociais que definem as representações que o congadeiro anuncia, entre as suas práticas sociais e espaciais, apresenta variações, e inclui outros elementos, principalmente, os éticos e morais, de seus participantes. O entendimento ou o sentido que se quer dar às suas representações tem o objetivo de procurar compreender as relações do congadeiro e o poder que as manifestações destas pessoas têm em relação à cidade. Em nossa reflexão, as práticas sociais e espaciais dos congadeiros, seguramente, estão impregnadas de sentido ético e moral, pois, na medida em que eles aceitam a legislação municipal, agem pensando que atender as normatizações lhes assegura direitos à cidade.

O lugar do terno, que corresponde ao espaço de vida e vivência daquelas pessoas congadeiras e de seus encontros e rituais, estão delineados de forma que pode ser reconhecido a partir da identificação de raízes culturais comuns, identificáveis pela proximidade dos modos de vida, mas também por outros elementos que as compõem.

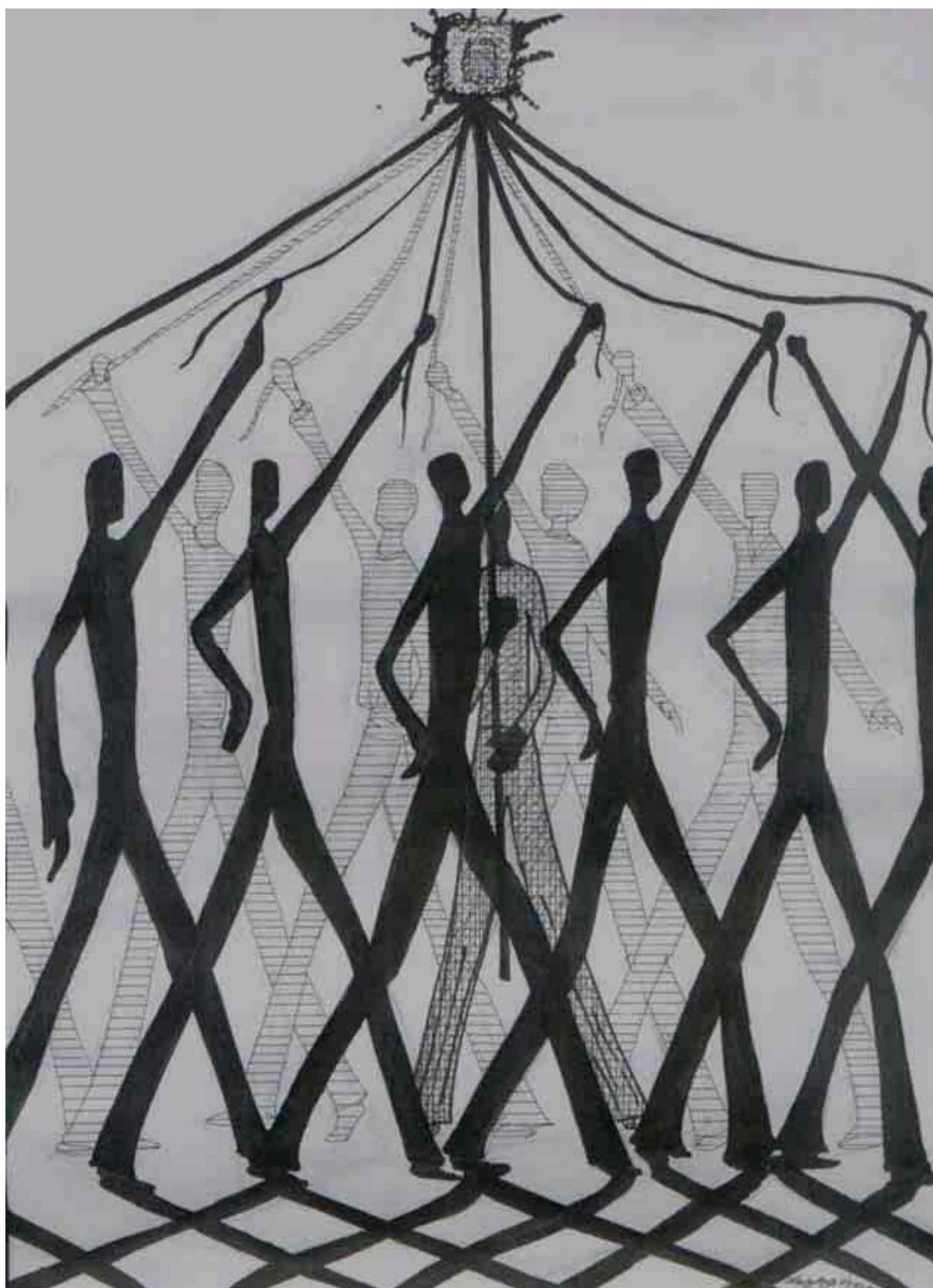
Neste sentido, as formas de percepção da cidade não são apenas relativas ou associadas a modos diferentes de apropriação dos lugares. No âmbito do bairro, certamente, a prática social, relacionada à prática dos rituais de seus habitantes,

---

<sup>148</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a Capitã do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário.

possa estar conferindo, ao espaço público e privado, sentidos e significações que ultrapassam o cultural e o religioso, estendendo-se até aos modos de vida.

**CAPÍTULO IV - REDES SOCIAIS E AS CAMPANHAS DAS CONGADAS DE UBERLÂNDIA.**



Neste capítulo trataremos das redes sociais de solidariedade e dos elementos que as compõem, no interior dos ternos de Congada de Uberlândia. Com o objetivo de capturar as substâncias das redes, examinamos alguns aspectos constitutivos das suas estruturas, quais sejam: a interconexão entre os ternos e famílias, as campanhas, como estratégias da coesão interna e expansão externa da comunidade, e as formas de consolidação dos ternos, como grupos sociais constitutivos da teia social que sustenta e reproduz a Congada, em Uberlândia.

Contemporaneamente, escreve-se a respeito das complexidades territoriais, entendendo território como campo de forças, ou "teias ou redes de relações sociais". Na perspectiva da teoria e do conceito, consideramos que:

As redes emergem nos últimos anos como um padrão organizacional capaz de expressar, em seu arranjo de relações, as idéias políticas e econômicas inovadoras, nascidas do desejo de resolver problemas atuais. Representam um grau de complexidade política de uma determinada comunidade ou grupo e não podem ser criadas artificialmente, pois emergem de processos culturais e políticos (AMARAL, 2005).

Nas perspectivas organizacionais, estruturais da comunidade, entendemos que:

Redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns. Estruturas flexíveis e cadenciadas, as redes se estabelecem por relações horizontais, interconexas e em dinâmicas que supõem o trabalho colaborativo e participativo. As redes se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional, tanto para as relações pessoais quanto para a estruturação social. Na prática, redes são comunidades, virtual ou presencialmente constituídas. Essa identificação é muito importante para a compreensão conceitual. As definições de Rede falam de células, nós, conexões orgânicas, sistemas (...) tudo isso é essencial e até mesmo historicamente correto para a conceituação, mas é a idéia de comunidade que permite a problematização do tema e, conseqüentemente, o seu entendimento (OLIVIERI, S/d).

Partindo das experiências dos congadeiros de fazer a Congada coletivamente, percebe-se, nos ternos, a construção de itinerários no interior da cidade, tendo como referência as relações sociais desenvolvidas entre amigos, devotos, parentes e vizinhos. Esses encontros vão além do bairro onde se localiza o terno, acontecendo em vários lugares da cidade. Cada terno de Congada estabelece uma densa teia de contatos, a qual é resultado de um conjunto de relações específicas, que se expressam sob a forma de colaboração, apoio, auxílios e influenciam na realização dos rituais religiosos e profanos, pois permitem aos seus componentes atingir os objetivos da Congada, não só no interior de um único terno, mas em várias comunidades congadeiras nos espaços públicos e privados da cidade.



Neste processo, vão-se estabelecendo vários lugares de encontro, ou seja, por meio de práticas sociais e principalmente religiosas, nos vários espaços da cidade, as pessoas vão estabelecendo e fortalecendo seus contatos, bem como uma rede que se configura por vários motivos, nos quais estão incluídas identificações com o sagrado e o profano e pertencas culturais, étnicas, éticas, morais e espaciais<sup>149</sup>.

---

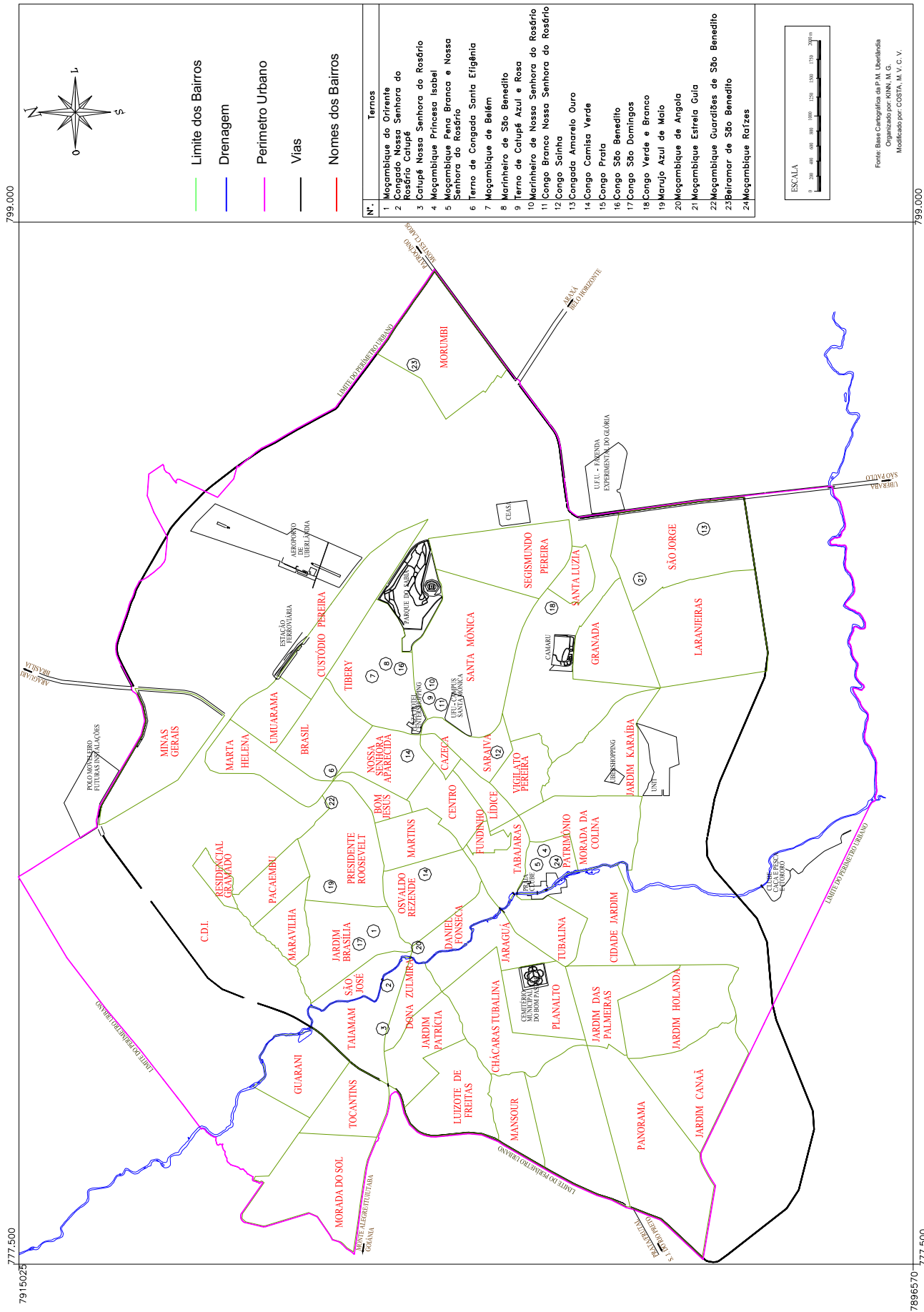
<sup>149</sup> Com o objetivo de facilitar o entendimento do mapa 03 de localização dos ternos, as descrições a seguir têm por objetivo destacar algumas informações a respeito das campanhas e das redes sociais estabelecidas pelos ternos e analisadas neste capítulo.

- 1- **CONGO SAINHA:** Localizado no bairro Saraiva, sob o comando do Sr. José Eustáquio Marques, seu uniforme de cores branco e azul claro, antigamente era conhecido como "terno dos saias", a sainha branca é a sua indumentária característica. É um dos ternos mais antigo de Uberlândia que conserva a sua tradição mantendo seu ritmo, canto e fé. As campanhas do terno são realizadas nos bairros Saraiva, Lagoinha, Santa Mônica e Planalto.
- 2- **MOÇAMBIQUE PENA BRANCA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO:** Localizado na rua Botafogo, n.370, no bairro Patrimônio. Na frente do terno, como 1º capitão, está o Sr. Luís Carlos Miguel. Seu uniforme de cor branca, simboliza a paz. Suas campanhas são realizadas nos bairros Daniel Fonseca, Tubalina, Tabajaras e Patrimônio.
- 3- **CONGO CAMISA VERDE.** Localizado na rua Feliciano de Moraes, n.147, no conjunto Bandeirante, usa as cores verde, amarelo e branco no seu uniforme, para homenagear a Bandeira Nacional; é um dos ternos mais antigos de Uberlândia. Seu trajeto é a rua Prata, avenida Floriano Peixoto, Afonso Pena, Cesário Alvim e a rua Benjamin Constant, até a porta da igreja Nossa Senhora do Rosário. As suas campanhas são realizadas nos bairros Martins, Tibery e Santa Mônica.
- 4- **CONGADO CONGO BRANCO.** Localizado na rua Roma, n.250, no bairro Tibery, sob o comando do capitão Osmar Aparecido, seu uniforme de cor branca e verde escuro. Suas campanhas são realizadas nos bairros Santa Mônica, Brasil e Custódio Pereira.
- 5- **CONGADO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO CATUPÉ.** Localizado na rua Cianita, n.30, no bairro Dona Zulmira. Na frente do comando do terno está o Sr. Marcos Silva. O seu uniforme é nas cores branca, rosa e faixa azul. Na cabeça usa uma coroa de conta de lágrimas. Realizam suas campanhas nos bairros Martins, Jaraguá, Patrimônio e Jardim Brasília.
- 6- **MOÇAMBIQUE DO ORIENTE.** Localizado na rua Estrela Dalva n.574, no bairro Roosevelt, no comando está o senhor Belchior. Seu terno, com as cores verde, branco e rosa. Suas campanhas são realizadas nos bairros Jardim Brasília, Bom Jesus e Roosevelt.
- 7- **TERNO DE CATUPÉ AZUL E ROSA.** Localizado na rua Maria Dirce Ribeiro, n.488, no bairro Santa Mônica, sob o comando do capitão Enildon Pereira Silva. Seu uniforme tem as cores azul e rosa. Suas campanhas são realizadas nos bairros Custódio Pereira, Tibery, Lagoinha, Saraiva e na Avenida Rondon Pacheco.
- 8- **MARINHEIRO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.** Localizado na rua Cecílio Jorge, n.258, no bairro Santa Mônica. Na frente do terno está a senhora Maria Aparecida Martins. Seu uniforme é a camisa azul marinho, calça branca, lenço branco e faixa amarela como suas cores principais. Suas campanhas são realizadas nos bairros Lagoinha, Tibery e Custódio Pereira.
- 9- **TERNO DE CONGADO SANTA EFIGÊNIA.** Localizado na Av. Maranhão, n.207, no bairro Brasil, no comando o capitão José João, seus uniformes de cores amarelo ouro, verde escuro e branco. Nasceu em homenagem a Santa Negra Efigênia, como protetora oficial do terno. As campanhas são realizadas nos bairros Marta Helena, Roosevelt e Nossa Senhora Aparecida.
- 10- **MOÇAMBIQUE DE BELÉM.** Localizado na rua Izaura Augusta Ferreira, n.498, no bairro Santa Mônica Ramon Rodrigues herdou a hierarquia de 1º capitão. No seu uniforme predominam as cores branco e verde. Um dos ternos mais animados de Uberlândia, como lema traz a paz, fraternidade e amor. Seguindo a tradição, tudo é passado de pai para filho. Suas campanhas são realizadas nos bairros Santa Mônica, Tibery, Bom Jesus e Saraiva.
- 11- **MARINHEIRO DE SÃO BENEDITO.** Localizado na rua Nicarágua, n.185, bairro Tibery. Está no comando a capitã Selma Souza Silva. Seu uniforme, com cores vibrantes, lenço azul pavão, calça branca, faixa amarela e chapéu branco. Com um rígido controle de hierarquia e muito familiar, este terno traz na sua formação congadeira as meninas da bandeira; madrinha da bandeira; primeiro capitão, segundo capitão, capitães auxiliares e soldados. Suas campanhas são realizadas nos bairros Santa Mônica, Operário, Brasil, Custódio Pereira e Tibery.
- 12- **MOÇAMBIQUE PRINCESA ISABEL.** Localizado na rua Tenente Rafael de Freitas, n. 200, bairro Patrimônio. Na frente do terno está o capitão Nestor Vital da Silva. As cores do uniforme são o jô azul,

Para analisarmos as redes sociais que vão sendo tecidas e que sustentam a Congada de Uberlândia, decidimos verificar, em cada terno, a partir de itinerários estabelecidos nas campanhas, como os congadeiros, em suas práticas cotidianas, conseguem ritualizar os preparativos da festa e, neste processo, manter e ampliar o número de participantes, bem como integrá-los as suas redes.

- 
- camisa branca, fita azul na cintura, saiote azul-claro, calça branca e tênis branco. Suas campanhas são realizadas nos bairros Tabajaras, Osvaldo Rezende, Morada da Colina e Patrimônio.
- 13- **MARUJO AZUL DE MAIO.** Localizado na rua Cesário Crosara, n.3125, Bairro Roosevelt. Está à frente do terno o capitão Rubens Aparecido Assunção. Seu uniforme são nas cores azul e branco, com chapéu branco adornado de fitas azuis e cravejado de madrepérolas brancas, calça e camisa branca e uma faixa azul clara na cintura. Os marujos representam os históricos marinheiros que resgataram Nossa Senhora do fundo do mar. Suas campanhas são realizadas nos bairros Boas Jesus, Maravilha, Pacaembu, Santa Rosa, Aparecida, Dona Zulmira, Martins e Jardim Brasília.
  - 14- **CATUPÉ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.** Localizado na av. Juscelino Kubitschek, n.1292, bairro Dona Zulmira, tem como capitã dona Shirley. Conhecido pelas cores do seu uniforme, azul e branco. Mantém a ancestralidade rítmica herdada de seus avós, com o fortalecimento do elo de unidade familiar. Suas campanhas são realizadas nos bairros Tocantins, Jaraguá e Tubalina.
  - 15- **CONGO VERDE E BRANCO.** Localizado na rua Carvalho de Mendonça, n. 1550, bairro Pampulha, tem como capitão o sr. Sílvio Donizete. Seu uniforme com as cores verde e branco, lenço verde e branco, faixa verde, chapéu verde, calça e camisa branca. Suas campanhas são realizadas nos bairros Santa Mônica, Lagoinha e Pampulha.
  - 16- **CONGADO AMARELO OURO.** Localizado na rua Chapada do Araripe, n.664, bairro São Jorge, sob a responsabilidade do capitão Sr. Wander Martins. Seu uniforme de cor amarela e branca. O terno reafirma valores antigos, de tradição. Suas campanhas são realizadas nos bairros Santa Luzia, Granada e Viviane.
  - 17- **CONGO SÃO BENEDITO.** Localizado na rua África, n.205, bairro Tibery. No comando está o 1o capitão o Sr. Antônio Dama Neto. Suas cores são o azul, o branco e detalhes amarelo. Realizam as campanhas nos bairros Custódio Pereira, Brasil, Santa Mônica e Tibery.
  - 18- **MOÇAMBIQUE ESTRELA GUIA.** Localizado na rua América Viana, n.455, no bairro São Jorge. No comando está o capitão Ocimar Cândido Ferreira. O seu uniforme tem as cores laranja e branco. Suas campanhas são realizadas nos bairros Viviane, Santa Luzia, Granada, Morumbi e Centro.
  - 19- **CONGO PRATA.** Localizado na rua Bueno Brandão, n. 949, bairro Martins. No comando está o capitão Vanderson da Silva, O seu uniforme tem as cores branco e prata. Suas campanhas são realizadas nos bairros Osvaldo Rezende, Dona Zulmira, Roosevelt e Martins.
  - 20- **CONGO SÃO DOMINGOS.** Localizado na rua Saturno, n.713, bairro Jardim Brasília. O terno é representado pelo capitão José Herculano Cândido. Suas cores são o branco, amarelo e laranja. Suas campanhas são realizadas nos bairros Roosevelt, Planalto e Jardim Brasília.
  - 21- **MOÇAMBIQUE GUARDIÕES DE SÃO BENEDITO.** Localizado na Av. Alexandrino Alves Vieira, n.81, bairro Santa Rosa. No comando do terno está o Sr. Valdir Carlos Raimundo. Suas cores na indumentária são o branco e o rosa claro que representa a sensibilidade e humildade de Nossa Senhora. Suas campanhas são realizadas nos bairros Marta Helena, Brasil e Pacaembu.
  - 22- **MOÇAMBIQUE DE ANGOLA.** Localizado na rua Varginha, n.1790, bairro Daniel Fonseca, O capitão do terno é o Sr. Fernando Gomes da Silva. As cores do uniforme são branco e azul claro, que simbolizam a eternidade celestial. Suas campanhas são realizadas nos bairros Osvaldo Rezende, Martins e Bom Jesus.
  - 23- **BEIRAMAR DE SÃO BENEDITO.** Localizado na rua Videira, n. 561, bairro Morumbi. O capitão do terno é o sr. Luizão, antigo integrante do terno Marinheiro de São Benedito. A primeira apresentação do terno foi no dia 15 de maio de 2005 na festa de São Benedito no bairro Planalto.
  - 24- **MOÇAMBIQUE RAÍZES.** Localizado na rua Botafogo, n. 470, bairro Patrimônio. O terno é representado pelo capitão Cláudio, Antigo integrante do terno Moçambique Pena Branca. A primeira apresentação do terno foi em outubro de 2005, na festa de Nossa Senhora do Rosário. Os uniformes foram confeccionados em algodão cru. Suas campanhas são realizadas nos bairros Tabajaras, Osvaldo Rezende e Patrimônio.

Mapa 3 - Localização dos Ternos da Congada de Uberlândia - MG



799.000

777.500

7915025

799.000

777.500

7896570

Fonte: Base Cartográfica de P.M. Uberlândia  
Organizado por KNN, M. G.  
Modificado por COSTA, M. V. C.

Considerando as relações e os enlaces resultantes da Congada, recorremos ao cotidiano como categoria teórica de investigação das formas de uso do tempo, ou seja:

(...) o cotidiano se refere, em princípio, ao ciclo do tempo, de que a vida cotidiana é própria de nossa época (funde o viver e o vivido) e de que a cotidianidade é o ritmo estabelecido na dialética do viver e do vivido, restando, por considerar, no interior desse movimento contraditório, primeiro, a manifestação dos modos de vida no cotidiano; depois uma breve consideração da vida cotidiana como unidade de espaço e de tempo. (SEABRA, 2004, p.193)

Os elementos constitutivos dos modos de vida dos congadeiros são materiais e imateriais e nos levaram a refletir a respeito do movimento lógico de reprodução da Congada. O modo de vida parece fornecer as formas e os conteúdos que, no cotidiano, realizam-se, articulam-se, ou se confrontam nas redes sociais, cuja função nos pareceu ser a de promover sociabilidades a partir do quadro de vida dos grupos envolvidos com a Congada.

#### **4.1 TERNOS: CONFIGURAÇÕES E SOCIABILIDADES NAS REDES SOCIAIS.**

Em Uberlândia existem ternos que são formados por mais de duzentas pessoas. Porém, não é o tamanho, a antiguidade e a estética do terno e dos soldados que são suficientes para dar conta das significações socioculturais e espaciais de cada grupo. Partimos das representações locais e da idéia de terno e de quartel. Os 24 quartéis, espalhados por vários bairros da cidade, formam, no seu interior, aglomerados de pequenas casas e traduzem, nas suas formas concretas, as normas morais e éticas para se viver no quartel e participar do terno de Congada.

É no bairro que se localiza o quartel de terno de Congada. Nem todos os integrantes do terno moram no mesmo lugar, mas no dia de ensaio o capitão aciona a rede social e consegue se comunicar com os componentes, rapidamente. Ao entardecer, na hora marcada, os soldados estão no lugar combinado, no quartel, e lá enfrentam as dificuldades previstas e os imprevistos, para manifestarem-se como congadeiros.

Como o calendário do congadeiro sempre foi marcado pelas festas de caráter religioso, que ditavam o ciclo da vida e do vivido, a partir do mês de agosto as pessoas aguardam o início das campanhas. No princípio do primeiro mês de campanha, os devotos se convidam para receber os ternos; como os quartéis se localizam nos bairros, as pessoas que sabem, conhecem as campanhas e as rezas do terço vão-se informando, junto aos vizinhos, sobre quando será a visita a sua casa.

Para os devotos, receber em suas casas a visita de um terno, com as imagens dos Santos da Congada, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, representa a possibilidade de serem abençoados e protegidos durante todo o ano. Para os devotos, a visita não é somente dos Santos, mas é também de pessoas que, tradicionalmente, fazem o ritual na cidade. Carregar as imagens dos Santos se caracteriza como uma mediação, pois são os congadeiros que possuem as habilidades de promover os rituais que acabam em encontros, entre pessoas devotas, organizadas na rede social. Em certos casos, o devoto aproveita a visita para pagar um voto, e torna a renová-lo na presença dos congadeiros, ou seja, assume um compromisso de receber as imagens e as pessoas que conduzem os rituais.

Nos meses que antecedem a festa, agosto e setembro, na cidade, os sons dos tambores indicam para os devotos que é chegado o momento de renovação de votos e de práticas religiosas centenárias. Os membros dos ternos realizam as suas campanhas, também, nos bairros vizinhos ao quartel, fortalecem relações entre pessoas mediadas pelo sagrado e administram seu tempo, para fazer a festa.

Nas longas caminhadas realizadas ao acompanharmos as campanhas, acabamos conhecendo lugares que não se apresentam à cidade como um cartão-postal. São bairros proletários que surgem na esteira do crescimento e do desenvolvimento urbano. Neles habitam boa parte dos pobres da cidade. Nesta condição social, seus membros são levados a se instalarem em lugares de pouca infra-estrutura. Mas, mesmo convivendo com enormes privações, “a vida de bairro” brota em meio às contradições e se intensifica com as vizinhanças; criam-se distanciamentos e reciprocidades entre moradores, mas quando se pergunta a respeito da Congada, a impressão que se tem é que, de algum modo, todos a conhecem.

A Congada é festa, tradição dos negros. Eu acho bonito é coisa grande. Tem vários santos. O pessoal que mexe com ela é respeitado. É de grande movimento. Coisa de gente morena<sup>150</sup>.

Nas noites secas do Cerrado, nos meses de agosto e setembro, os ternos tomam as ruas da cidade. Fazem seus rituais à noite, pois o período os favorece. É também o horário em que a vizinhança encontra-se em suas casas para receber os Santos, fazer suas rezas, seus votos e comprometer-se, como parte de uma rede social que contribui para a festa dos congadeiros.

A comunidade do bairro percebe que é por intermédio da Congada e dos membros dos ternos que as suas práticas religiosas se realizam, que o seu lugar de moradia, de relações de vizinhança e, principalmente, a família, pode vir a ser protegida pelo sagrado. A mesma comunidade que ajuda o congadeiro a fazer as campanhas também tem consciência de que é preciso criar condições, não apenas materiais, mas de aceitabilidade, e reconhecer no vizinho um aliado para garantir a sua manifestação religiosa na cidade. Embora não haja como evitar os preconceitos, é preciso reconhecer que, num passado não muito distante, a Congada era condenada, por acreditar-se que ela guardava, no seu interior, certas práticas contrárias à religião dominante, inclusive o feitiço, herança dos negros escravos.

Romper com esta interpretação implicou o consentimento da vizinhança e permitiu que a Congada se realizasse nos limites do bairro, no espaço público da rua e da praça, bem como no espaço privado da casa e do quartel. É importante, para o congadeiro, que a sua manifestação religiosa tenha a aceitabilidade dos vizinhos. Ser aceito por aqueles que moram ao lado é obter do outro reconhecimento, respeitabilidade e tolerância, não somente em relação a sua religiosidade, mas também à pessoa.

Desse modo, entre o congadeiro e aquele que mora ao lado existem inúmeras diferenças, que podem resultar em tensões. De qualquer maneira, não se trata de qualquer vizinhança, pois são inúmeros os fatores que os diferenciam, principalmente a história de devoção, a condição sócio-econômica e, fundamentalmente, as práticas religiosas. Mesmo considerando que a vizinhança seja católica, é preciso entender que bater caixa para homenagear os seus Santos é

---

<sup>150</sup> Durante o trabalho de campo fomos reunidos vários depoimentos de vizinhos de terno na cidade de Uberlândia e procuramos, nesta citação transcrever aqueles mais marcantes e que atendessem aos objetivos desta parte do texto.

uma tradição que coloca o congadeiro como alguém que é diferente, e por meio deste ritual consegue manifestar o seu amor pelo Congo. Outro aspecto importante a ser ressaltado está relacionado a fatores culturais e étnicos, pois é por meio da Congada que o negro conseguiu perpetuar os seus valores, apesar dos obstáculos; teve que fazer adaptações do seu ritual africano, consagrando as suas divindades aos preceitos do catolicismo e aos Santos católicos. Desse modo, a convivência no bairro se estabelece quando o vizinho torna-se tolerante, amigo das famílias e, quando católico, se identifica com os rituais, com as imagens sagradas, com os Santos católicos e com a santa madre igreja.

Outro aspecto importante é que, no interior da vizinhança, nem todos são negros, congadeiros e católicos. Porém, mesmo não havendo identificação com o catolicismo, a tolerância se estabelece, fundamentalmente, em relação ao espaço sagrado. Neste espaço, as pessoas tendem a se comportar de forma respeitosa, sendo que a fé e a religiosidade não podem ser questionadas.



Figura 49 – A religiosidade que os devotos praticam é reverenciada, apoiada e, de certo modo, apropriada dos congadeiros. Casa de um devoto dos Santos congadeiros, os quais se relacionam com os congadeiros e buscam, nas práticas religiosas do negro, uma relação com o sagrado, que ele dificilmente conseguem estabelecer na Igreja. Bairro Pampulha. Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

Nas diferenças e nos interesses díspares, parece que a rede social se afirma apenas no religioso. Em verdade, nesses casos, a rede chega a se estabelecer nos períodos das campanhas. No entanto, entre os devotos, a religiosidade que os congadeiros praticam é reverenciada, apoiada e, de certo modo, apropriada. Assim, os membros da comunidade do bairro que se relacionam com os congadeiros tornam-se moradores que buscam, nas práticas religiosas do negro, uma relação com o sagrado, que ele não consegue estabelecer institucionalmente.

Em nossas andanças, também foi possível perceber a casa do congadeiro, bem como o uso sociocultural dos espaços privados, ou seja, como é a rede familiar, no espaço do terno. Nesta perspectiva, foi determinante, para apreendermos os sentidos das relações sociais, prestar atenção nas estratégias das famílias, principalmente no seu cotidiano, compreendendo também os laços sociais, a capacidade das pessoas de renovar os seus princípios, morais e éticos, para poderem enfrentar as dificuldades da vida.





Figura 50 – As adaptações da casa para funcionar também como quartel leva muitas vezes as famílias a reduzirem a área de moradia para acomodar o terno, os soldados, bem como os ensaios e as suas práticas religiosas. Casa do capitão do terno Verde e Branco – bairro Pampulha.

Fonte: KINN, Marli Graniel, jun. de 2005.

Os ternos encontram-se socialmente hierarquizados entre capitães, podendo chegar até o número de quatro (primeiro capitão, segundo capitão e capitães auxiliares). Em alguns casos, existe a figura do comandante de soldados, mas, em todos os ternos, existem as rainhas e meninas da bandeira. Em geral, cada terno possui uma sede, ou quartel, que é ocupado por várias construções, que tomam quase que todo o terreno, com corredores recobertos por cimentados, deixando uma abertura em forma de quadrado, na qual é plantada alguma espécie de vegetal, inclusive mangueira, protegida por muretas de tijolos. Há sempre uma área livre de edificações, cujos usos variam conforme o número de pessoas, e que se transforma facilmente, de espaço de trabalho em espaço sagrado e de lazer.



Figura 51 – O quartel se forma a partir de áreas livres de edificações. Os usos variam conforme o número de pessoas que residem no lugar. Quando é época de campanhas, a casa se transforma facilmente. Casa do capitão do terno Verde e Branco – bairro Pampulha. Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

O interior do quartel, geralmente a casa do capitão é ordenada de tal maneira que um cômodo fica reservado para o terno. No seu interior, no lado do pé direito mais alto, ficam os instrumentos do terno.



Figura 52 – Preocupação com a preservação e conservação dos instrumentos da Congada. O local reservado para os instrumentos é um salão coberto, que aproveita a parede da casa e o muro que cerca o quartel. Casa do capitão do terno Verde e Branco – bairro Pampulha. Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

Na sala, há a imagem do santo protetor. As imagens ficam dentro de um oratório, sobre uma mesa e/ou sob uma bancada de granito ou ardósia, afixada na parede. Geralmente, toda casa de congadeiro tem seu oratório, localizado no corredor principal, consagrado às divindades da Congada, chegando, em alguns casos, a incorporar outras imagens, relacionadas às crenças da família ou de membros dela.

Nas residências dos congadeiros, as imagens católicas convivem com outras imagens e, possivelmente, representam aspectos de um importante sincretismo religioso<sup>151</sup>, que caracteriza a rede social da Congada de Uberlândia.

<sup>151</sup> Como destaca o holandês André Droogers apud Ferretti Sergio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil - modelos, limitações, possibilidades. Artigo publicado na Revista Tempo, nº 11, julho 2001. Dep. de História da UFF, Niterói, Ed. 7 letras, p. 13-26 “O termo sincretismo possui duplo sentido. É usado com significado objetivo, neutro e descritivo, de mistura de religiões, e com significado subjetivo, que inclui a avaliação de tal mistura. Por isso, muitos propõem a abolição desse conceito”. Neste mesmo artigo, o autor destaca que: “Droogers lembra que a palavra sofreu



Figura 53 – Quando nas residências não se tem um espaço reservado para o altar, as imagens são fixadas nas paredes das casas. Imagens de Nossa Senhora do Rosário e de uma entidade do umbanda, chamada “Preto Velho”.  
 Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

mudanças de significado, com o tempo, e que a distinção entre sua definição objetiva e subjetiva tem raízes históricas”. Em uma perspectiva histórica, o autor destaca que: “Na antigüidade, conforme seu sentido etimológico, significava ‘junção de forças opostas face ao inimigo comum’. A partir do século XVIII, tomou caráter negativo, passando a referir-se à reconciliação ilegítima de pontos de vista teológicos opostos, ou heresia contra a verdadeira religião. Esse sentido negativo encontra-se largamente difundido no Brasil(…)” No âmbito do nosso país, o autor considera que: “O sincretismo parece-nos evidente, no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antigüidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros, e, depois, com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos. Fomos formados, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território”. Dialogando com outros autores, considera que: “O antropólogo Roberto da Matta, em diversas reflexões sobre a sociedade brasileira, defende o ponto de vista de que ‘Devemos dar mais atenção a palavras como ‘misturas’, ‘confusão’, ‘combinação’ e outras mais, que designam aquilo que verdadeiramente é necessário conhecer: os interstícios e as simultaneidades ou, como tenho afirmado no meu trabalho, as ‘relações’ (2001, p.2).



Figura 54 – Oratório com as imagens dos santos padroeiros da Congada. À esquerda a imagem de Nossa Senhora do Rosário e à direita a de São Benedito. A decoração envolve cortinas e flores. As imagens ocupam um lugar central da casa. Bairro Patrimônio.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Na cozinha, a família se encontra, e embora sua dimensão seja modesta, ela é, ao mesmo tempo, um lugar de sociabilidade e de restrições. Comum a todos os integrantes da casa, para os de fora ela nem sempre é aberta.

(...) a cozinha é lugar da família, aqui a gente prepara a comida, fala da vida, dos problema da vida e então os outro não tem de sabê das nossas coisas<sup>152</sup>.

<sup>152</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a mãe do capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, maio de 2005.



Figura 55 – Cozinheira da Congada. No dia que antecede a festa, as mulheres praticamente não dormem. Cortar, cozinhar e servir os alimentos se constitui nas principais atividades. Na foto, a senhora está picando quiabo. Bairro Saraiva.

Fonte: KINN, Marli Graniel, out, de 2005.

Na maioria dos quartéis, a cozinha é organizada de tal maneira que, quando é época de festa, os alimentos são preparados fora da casa, em um cômodo próximo da antiga cozinha. A transferência da cozinha para um espaço aberto é também uma forma de atender a todos e ganhar rapidez, mas, sobretudo de dar visibilidade ao que se está oferecendo. Na cozinha fora da casa, os homens preparam as fornalhas e as mulheres preparam os alimentos. A divisão do trabalho é feita, simultaneamente, com base no gênero e na idade. As mulheres mais experientes preparam os pratos mais tradicionais, enquanto que as mais novas cortam, descascam e limpam os alimentos.

A idéia de terno, tal como formulada pelos capitães, implica a existência de um grupo de pessoas de uma mesma família morando próximo à casa do capitão. Em alguns casos, além de ser o lugar dos ensaios, é também onde se guardam os utensílios de trabalho, bem como o produto do trabalho. Especificamente, no caso dos “recicladores” de papéis, latinhas de alumínio, dentre outros, o material é guardado no próprio quartel. Mas, o seu uso principal é para moradia e para receber os soldados dos ternos durante as campanhas, ensaios e festejos.

(...) no quartel o povo mora, trabalha, festeja, cria os filho, vive a vida, mas quando chega as campanhas, a gente faz os instrumento, borda os uniforme, reúne as criança e recebe os soldado, quando pode dá um café<sup>153</sup>.

Nas campanhas não se pode isolar a rede social do fato da festa, bem como da reciprocidade e sociabilidade a ela associada. As campanhas mobilizam usos do espaço da rua, dos quartéis e dos devotos, recursos humanos e esforços de uma coletividade, constituída a partir de sentimentos despertados e fortalecidos pela religiosidade. A decisão de fazer a campanha não é simplesmente uma operação individual, mas coletiva, que coloca em jogo a manutenção de costumes, tradições, organização e mesmo reforço da presença deles no espaço.

---

<sup>153</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, maio de 2005.



Figura 56 – Início das campanhas do Terno Sainha no bairro Saraiva. As campanhas mobilizam os congadeiros, os quartéis a vizinhança e a comunidade nos usos do espaço da rua.

Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

Segundo todos os capitães dos 24 ternos pesquisados, as campanhas são, ao mesmo tempo, uma tradição e uma inovação permanente, pois nem sempre os lugares visitados são os mesmos e, ao não se repetirem, os rituais sofrem adaptações. Como evento cíclico, além dos seus soldados, ela envolve os amigos e devotos, que nem sempre se localizam próximos ao terno, mas fazem parte de uma rede social, não somente da cidade de Uberlândia, mas da região do Triângulo Mineiro.

Para eles, as campanhas, são uma referência permanente. O terno é patrimônio do congadeiro e faz parte de uma ideologia de grupo. Ele é uma prática, uma organização estratégica, fundamentada no modo de vida do congadeiro. Ele não é uma forma isolada, voltada somente para a festa. O terno existe e se mantém no contexto de uma rede social que emerge de processos sociais amplos, em que as pessoas se organizam a partir da casa, da rua, do quarteirão. Ele é pensado e vivido



em inter-relação com as pessoas que continuam se reunindo, mas que, nem sempre, residem no bairro onde se localiza o quartel.

A rede social se estabelece para além do bairro e inclui parentes, amigos e vizinhos, mas, sobretudo, devotos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A construção desta rede nos leva ao cotidiano, às experiências familiares, aos ternos, que se articulam no contexto das redes sociais, dentro das quais eles interagem para exercitarem as suas habilidades. Desta forma, ao estudar as unidades das redes, consideramos os indivíduos, mas procuramos ultrapassar os seus atributos, tais como sexo, idade, religião, posição na estrutura social. O que significa dizer que o foco para se obter a compreensão da rede foram as relações sociais, e que os costumes e tradições que emergem da vida e do vivido devem também ser pensados na perspectiva do concreto e do simbólico.

No sentido concreto e simbólico, a vida e o vivido, no interior dos ternos, mostram o caráter, ao mesmo tempo estruturado e não estruturado, das relações entre os bairros a partir das redes sociais, fazendo da Congada uma manifestação sociocultural na qual o congadeiro se realiza, promovendo articulações, estratégias que se revelam em exercícios de sociabilidade. Na prática, tudo isto, é parte de um processo dinâmico que vai ligando vários lugares dentro da cidade. Esses contatos, que se estabelecem e se articulam no cotidiano, no espaço da cidade e nos bairros, são fundamentados nas práticas e nas representações de cada terno.

(...) nosso terno tem uma batida forte, tem ritmo, uso somente instrumento de percussão. As nossas cores são bastante conhecida. Então quando o nosso terno tá em campanha o batido das caixa todo mundo reconhece e depois quantos anos que a gente vive aqui<sup>154</sup>.

---

<sup>154</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.



Figura 57 - Congadeiros em campanhas pelas ruas do bairro Saraiva. O ritmo das batidas nas caixas se constitui em um importante elemento para distinguir um terno do outro.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

A representação dos ternos se refere a um conjunto imediatamente localizável no espaço da cidade. Isto facilitou o nosso trabalho, pois a partir das campanhas foi possível conhecer as áreas de atuação de um terno, identificando o ritmo das batidas das caixas. Como o som dos cânticos também contagiava as pessoas, nessas andanças vão também surgindo novos contatos, novos pontos, que depois se tornam partes da rede, a qual vai se nutrindo a partir das visitas. Em outras palavras, os contatos são sempre acordados entre as pessoas da Congada e costurados a partir das identidades religiosas e étnicas e se transformam em pontos da rede social tecida pelas campanhas. Trata-se de uma visitação, por meio de convites, que

estão relacionados a votos familiares, originários de promessas de conteúdos diversos.

A rede social não se revela, no espaço, de um momento para o outro, seguramente porque ela está em permanente constituição. O terno vai criando os seus territórios a partir dos usos que eles fazem do espaço. São usos que se expressam nos ensaios e nas campanhas. No entanto, as mesmas campanhas assumem uma outra configuração espacial, que nos remete à noção de redes, pois, nas visitas, os congadeiros percorrem vários itinerários, cujos trajetos não estão delimitados por fronteiras. Como o processo é contínuo, os laços de solidariedade e de apoio, entre os devotos, permitem-nos entender que, além dos limites do bairro, existe uma configuração de redes sociais que revoga esses limites, mas isso tudo vai acontecendo de forma acelerada e que parece se processar ao mesmo tempo.

Não existe assim uma coisa da gente não poder ir no bairro que tem um outro terno. Um exemplo, as pessoas são amigas, moram lá no Santa Rosa. Outro situação, o vizinho muda e é devoto, então não tem essa coisa de não fazê campanha só por causa de bairro. O que existe é respeito (as tradições da Congada), a gente não pode andar pra trás com a campanha e nem cruzar o caminho de outro terno<sup>155</sup>.

A rede social, em seus aspectos de sociabilidade e solidariedade, também se estabelece em relação às informações e uma delas está relacionada ao trabalho. Nos encontros, as pessoas trocam informações e sugerem serviços, inclusive não urbanos. Desta maneira, a formação técnica da força de trabalho dos congadeiros nem sempre lhes permite reproduzirem-se apenas por meio de uma única atividade. Como nem todos são especialistas, procuram fazer de tudo, o que implica a diversificação de habilidades para desenvolver atividades que lhes permitam obter renda.

Aqui no meu terno cada um tem sua ocupação. Não existe um número pra te dizê, mais tem gente que trabalha com reciclagem, faz serviço de roça, trabalha com muitas coisas e vai vivendo. Agora tem também as pessoas que são fichada e é assim cada um se virá como pode<sup>156</sup>.

As opções de trabalho de obtenção de renda, no terno e na família, se traduzem na diversificação das posições sociais que ela atinge na comunidade. A diversificação das atividades constrói a heterogeneidade entre os soldados de um

---

<sup>155</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

<sup>156</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

mesmo terno e redefine o seu tempo de dedicação à Congada, surgindo posições sociais confinadas ao domínio familiar. Ou, como disse um congadeiro, “em primeiro lugar a família”.

Hoje eu acho que não vai dá pra fazê a campanha, o horário já tá tarde e os meus soldado foram arrancá feijão numa lavoura aí pros lados de Iraí. Eles foram com um conhecido, amigo do pessoal que arranhou pra eles (...) a quando a coisa aperta a gente pega o que vem<sup>157</sup>.

Ser congadeiro também se refere às relações que ele estabelece na rede social. Estando a família em primeiro lugar, é por meio dessa referência que ele produz e reivindica o seu posto no terno. O congadeiro define, enfim, o que é ser um sujeito responsável e capaz de assumir o posto de soldado, dentro do terno. Nesse contexto, o que dá uma significação particular a essa categoria é a configuração de sentidos que ela sugere. Segundo os capitães, o congadeiro deve constituir-se, cotidianamente, como alguém capaz de se manter, reproduzir as tradições e se manter socialmente correto.

(...) a pessoa me procura, quer participar do terno, então como capitão eu vou vendo como é a pessoa. As vez ela vem indicada, tem conhecido no terno, mais tudo é de muita responsabilidade, não é apenas bater caixa, é preciso ter responsabilidade(...) <sup>158</sup>.

No seu cotidiano, as determinações são sempre a de ser uma pessoa devotada às coisas do terno, quer dizer, o compromisso de participar das atividades do terno. Mas às vezes isto não é suficiente, é preciso obter respeitabilidade, uma imagem de alguém vinculado à Congada, e também atrelada à imagem de um congadeiro devotado aos princípios e interesses do terno. Neste sentido, a rede social dos congadeiros faz parte de estratégias entre parentes e devotos, e seria uma característica positiva do congadeiro. A dedicação ao terno, aos membros do terno, pode também caracterizar as influências das redes sociais na formação política, moral e ética de seus membros.

A responsabilidade de manter a imagem dos congadeiros é uma tradição inventada e praticada entre eles, pois a condição do negro, dentro da Congada, das redes sociais e da cidade, precisa ser apresentada como sendo de

---

<sup>157</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

<sup>158</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, julho de 2005.

responsabilidade. Em geral, o congadeiro deve ser honesto, trabalhador, humilde, devotado e bem aceito no terno e fora dele.

Ser honesto e solidário faz parte das representações e contribui para produzir a imagem do congadeiro. Nesse sentido, a responsabilidade, além de seu caráter moral, transforma-se em uma referência, inclusive para os outros que querem ingressar no terno. A essência da rede social é a solidariedade, mas não é de qualquer ordem, ela deverá promover auxílios entre seus membros, inclusive de práticas e exercícios de moralidade.

Esse rapaz tava envolvido com droga e a gente foi trazendo ele para as campanha e ele tá indo, já não procura essas coisa, agora ele já tá se livrando e se Deus ajudá ele vai ser um bom soldado (...)<sup>159</sup>.

Como cada terno, a partir de seus membros, se organiza espacialmente, usa o espaço e reforça suas identidades, a partir de uma rede social, tecer essa rede social a partir de um terno e ter condições de acomodá-lo em um quartel tem, para os congadeiros, um significado material e simbólico importante. Em verdade, é a condição de se tornarem pertencentes ao lugar, de estabelecerem relações, resolverem conflitos, se imporem e negociarem em grupo ou individualmente os usos do espaço, bem como se tornarem, por meio das práticas sociais, um importante e decisivo membro das redes que lastreiam a Congada.

As famílias fazem com que os membros da Congada trabalhem para fazer a festa, mas também para reatar relações, preservar e ampliar as redes sociais do negro na cidade.

Então é assim, a gente vai ficando conhecido, um indica pró outro é vai surgindo mais conhecido que gosta do nosso trabalho. Forma uma corrente e vai crescendo, daí a gente vai se sentido importante. Hoje eu tô lá no condomínio, amanhã tô lá na casa de um médico e assim vai. O meu menino já é capitão de terno. É casado e trabalha comigo e graças a Deus não falta serviço pra nós dois (...) Ele não mora comigo, só trabalha junto, mais também se dedica pro terno. Então é assim a gente vai levando (...)<sup>160</sup>.

Entre os congadeiros, membros de uma mesma família, quando não habitam a mesma casa, há uma relação que se estabelece no trabalho, no espaço da cidade. O fato de terem casado e saírem do bairro não gerou uma separação total do membro “desgarrado” com o grupo familiar de congadeiros. Além das possibilidades

<sup>159</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Segundo capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005

<sup>160</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o pai de um dos capitães do terno do senhor Rubinho, setembro de 2005.

do trabalho em família, eles retornam à casa paterna ou materna, para vivenciar o processo de se fazer a festa.

Somando-se à tendência de viverem o processo de fazer a festa, os encontros, geralmente, são de curta duração, e a distância física entre os congadeiros, às vezes irrelevante, é motivo para que eles somente se encontrem nas campanhas e ensaios.

Isso tudo indica que a substância que gera e mantém a Congada deriva da persistência das redes familiares, concretizada por meio da dialética entre a vida cotidiana, o vivido e a festa.

Hoje a gente não tem somente a festa pra reuni a negrada. Hoje tá surgindo outras coisas. Noís temo um campeonato de futebol que reúne muitos congadeiros. Temos os baile que também reúne muitos congadeiros. A senhora precisa ir lá pra vê, junta uma negrada (...) (risos)<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Janeiro de 2005.



Figura 58 - Encontros entre congadeiros de um mesmo terno. Embora os encontros, geralmente, sejam de curta duração, eles acontecem com mais frequência nas campanhas.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, jul, de 2005.

Desse modo, a rede social vai se formando e organizando entre as pessoas, outras atuações, revelando os princípios que os ordenam, na cidade que eles vivem. Desse modo, as redes sociais vão sendo tecidas a partir de conteúdos sociais, cuja origem está na solidariedade entre as pessoas. A cooperação por excelência está relacionada à devoção e à dinâmica das configurações das campanhas e parece explicar o sentido das redes sociais para a Congada e para a família, no universo da cidade.

## 4.2 SOCIABILIDADE E FLEXIBILIDADE NAS REDES SOCIAIS.

Na literatura consultada, as redes que procuramos decifrar começaram a se revelar como sendo, também, uma forma de sociabilidade:

As formas de sociabilidade nas redes, bem como as respectivas relações de identificações ou de assimetrias de poder, podem ser nomeadas de maneiras diversas, ou de acordo com as seguintes categorias analíticas: reciprocidade, solidariedade, estratégia e cognição (CASTELLS, 1999, p.40).

Nessa perspectiva, analisar a inter-relação entre congadeiros e a rede social pressupõe reconhecer que estávamos diante de uma rede constituída por sujeitos movidos por uma identidade étnica e religiosa, mas que se abre para outras possibilidades, nas quais estão incluídas as ampliações das relações pessoais com a comunidade e a cidade. As redes familiares, na prática, envolvem a comunidade. Esse envolvimento torna-se importante para a compreensão dos objetivos dos congadeiros. Neste propósito, conduzimos a nossa reflexão procurando estabelecer uma interpretação das redes sociais e considerando que, na Congada, elas também são:

(...) estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico, suscetível de inovação, sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p.566).

Mesmo abertas às inovações, percebíamos que os participantes das redes tinham seus objetivos delimitados na construção de diversas estratégias e arranjos que, entre os congadeiros, geram ambigüidades, pois quando decidem a respeito das suas manifestações, na cidade, instalam momentos de irreverência.

Sabê visitá, atendê o pedido é uma coisa importante. A gente se sente importante e tem que fazê tudo conforme do jeito que tem que sê, então o terno faz por devoção, por respeito (...) Mas quanto mais campanha a gente faz melhor (...) melhora o adjutório, mais casa a gente visita<sup>162</sup>.

Em meio à Congada os congadeiros, além de tecerem uma rede de relações que incluem suas famílias, também se juntam àqueles que, por algum motivo, se identificam com os rituais religiosos e profanos e que se sentem no dever de apoiar

<sup>162</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a esposa do capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.



a realização da festa. Na rede social os auxílios, ou seja, os adjutórios são definidos a partir da condição social do visitado e das suas promessas, bem como da confiança que se cultiva junto aos membros dos ternos. Desta forma, a confiabilidade tem suas raízes em princípios comunitários pré-existentes, tais como da reciprocidade.



Figura 59 - Devotos dos padroeiros da Congada aguardando a visita do Terno Marinheiro. Bairro Tibery.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

Nas nossa campanha é sempre assim, entre amigos. O terno sai vai ali, depois vai mais longe, depois vem voltando até chegá no quartel. Então a gente faz a campanha para a pessoa cumpri o seu voto (...) nois recebe a prenda pros Santos, então é uma troca que sai a festa<sup>163</sup>.

A Congada, dinamizada pelas redes de parentes, amigos e conhecidos, se torna uma instituição aberta, suscetível de inovação. Nas trocas materiais e simbólicas desta rede social, também existem os donativos dos devotos, geralmente amigos, que são recolhidos pela família que recebe as imagens dos Santos católicos e permanece com elas por uma semana. No entanto, quem desenvolve o ritual das

<sup>163</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Comandante do terno Sainha, setembro de 2005.

campanhas são os ternos de congadeiros que, durante dois meses, orientam suas vidas no sentido de levar as imagens sagradas às casas de amigos, devotos, conhecidos e parentes. O ponto central de explicação dessa situação está relacionado aos processos de organização social e às posições concretas dos congadeiros. As redes passam a fazer parte de suas estratégias de organização e de sobrevivência individual, do grupo e da festa, pois ocupam uma determinada posição na sociedade que não lhes permite arcar com todos os custos.

Portanto, a noção de rede, no caso dos congadeiros, não abarca apenas o sentido clássico de comunidade, mas gera estratégias e ambigüidades, pois no congado, quando os congadeiros decidem destinar, durante dois meses, parte do dia e da noite, para preparar a festa, além de a rede social estar bem afinada, eles instalam momentos de rupturas com a disciplina do mundo do trabalho.



Figura 60 - Prendas recolhidas na campanha do terno Moçambique. A variedade e quantidade das doações dependem de vários fatores, dentre eles estão as devoções aos Santos, a condição sócio-econômica e o ciclo de amizade a que pertence o devoto. Bairro Tibery.

Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

Campanhas é uma tradição, mais de muita dedicação. Os soldado tem que ter tempo prá acompanha o terno. Então é assim: sai com o terno, volta com o terno, depois vai mais longe, volta pró quartel. Amanhã começa tudo de novo, depois de amanhã é a mesma coisa e assim vai (...) Então quem trabalha fichado tem problema (...) Daí, a gente sempre prá dá conta, tem que arruma tempo (...) <sup>164</sup>.

Ao considerar as campanhas como momentos de dedicação, busca de donativos e de rituais religiosos, bem como de estratégias de expansão e consolidação dos ternos, percebíamos que, na rede social, persistiam acordos tipicamente comunitários e vivenciados, de forma muito particularizada, por seus membros.

bem, o povo das campanha, que nós visita, nem sempre é o mesmo povo da Congada. Muda as pessoa (...) São conhecido, devoto, gosta da gente, mais na hora da festa fica só olhando, assim, meio afastado (...) <sup>165</sup>.

Também percebíamos que a Congada, em Uberlândia, não se apresentava organizada no espaço como uma unidade, mas como resultado de práticas sociais, e que havia incorporado múltiplos espaços. Estrategicamente, a rede social, principalmente entre os devotos e congadeiros, foi sendo organizada na cidade e definida a partir de relações sociais carregadas de simbolismos religiosos, os quais muitas vezes resultam em tensões e acomodações, ou seja:

As tensões urbanas surgem como representações do espaço – suporte de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas (MATOS, 2002, p.35)

Embora, desde sempre, o simbolismo esteja presente no cotidiano e no modo de vida dos homens <sup>166</sup>, os congadeiros também imaginam e representam o seu mundo, estabelecendo estratégias com objetividades muito precisas em relação aos usos dos espaços públicos, ou seja, “precisamos fazer as nossas manifestações para que todos vejam a negrada na rua (...)” <sup>167</sup>. Durante as campanhas, ao andar pela cidade nos ritmos do humano, pois fazíamos as andanças caminhando, as

<sup>164</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a esposa do capitão do terno Catupé Azul e Rosa, agosto de 2005.

<sup>165</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o 2º capitão do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

<sup>166</sup> "... o cotidiano se refere, em princípio, ao ciclo do tempo, de que a vida cotidiana é própria de nossa época (funde o viver e o vivido) e de que a cotidianidade é o ritmo estabelecido na dialética do viver e do vivido, restando, por considerar, no interior desse movimento contraditório, primeiro, a manifestação dos modos de vida no cotidiano; depois uma breve consideração da vida cotidiana como unidade de espaço e de tempo" (SEABRA, 2004, p.193).

<sup>167</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Azul de Maio, abril de 2005).

peessoas iam identificando os espaços de suas manifestações na cidade, e a partir de experiências individuais e coletivas definiam comportamentos, conhecimentos, que os auxiliam na vida urbana.



Figura 61 – As meninas da bandeira participam das campanhas mesmo à noite. Mesmo nas campanhas pelas ruas da cidade, carregar o estandarte com as imagens dos padroeiros da Congada é uma honraria disputadíssima por várias meninas. Terno Sainha – bairro Saraiva. Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

(...) fazê a campanha dá trabalho, tem que ficá esperto, conhecê a cidade. a vez nós procura fazê atalho, passa no terreno baldio, corta caminho. Vai em frente, pára pros carros, organiza o terno, espera o sinal (...) atravessa na faixa (...) pede licença<sup>168</sup>.

Como as campanhas são realizadas com o terno, nas ruas e praças, batendo suas caixas, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Nestes deslocamentos as redes se estabelecem e fazem, dos lugares visitados, espaços para o encontro, a reza, as observações e divertir-se. Nos caminhos, as pessoas vão misturando laços comunitários e étnicos, recriando redes de sociabilidade e reciprocidade e isso tudo em meio às tensões do cotidiano.

<sup>168</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o soldado do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

A rua, a praça, o bairro e o entorno do terno, além da sua materialidade, contêm um sistema de representação que aos poucos ia sendo percebido e decifrado, pois sobre múltiplos processos, os usos dos espaços não implicavam apenas a formação de territórios, mas também o estabelecimento de pontos de conexões, os quais, nas campanhas, ganhavam visibilidade.

A gente chega na casa pra levar as imagem, mais nós leva na casa combinada (...) É, tem uma combinação antes da gente sai do terno. Então nós sai da primeira vez lá no outro bairro, sempre assim do mais longe pro mais perto (...) daí a gente tem mais facilidade, porque a gente não pode voltá tem que ser sempre pra frente<sup>169</sup>.



Figura 62 – As campanhas exigem dos congadeiros horas de caminhadas. Em uma das campanhas do terno Catupé o capitão conduziu os seus soldados por um atalho. Soldados atravessando uma área de especulação imobiliária.

Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

Andar com as imagens sagradas, ou seja, com uma Santa de cor branca e um Santo de cor preta, nas ruas da cidade, e levá-las às casas de pessoas brancas, pardas e negras revela, além de devoção, estratégias e sociabilidades que se expressam em forma de ajuda mútua, entre pessoas que nutrem, pela Congada,

<sup>169</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, maio de 2005.

vários sentimentos, tais como respeito, admiração e tolerância. Nesta perspectiva, as redes foram sendo analisadas a partir da sociabilidade e da solidariedade implícita entre devotos e congadeiros. Desse modo, além das identidades, apoios e negociações, tornou-se importante destacar a solidariedade nas redes sociais, entre as pessoas que participam das campanhas.

Nas campanhas acontece também o leilão. Mas as prenda, quem arrecada é a pessoa que recebe os Santos, O dono da casa tem uma semana para arrecadá as prenda na vizinhança. Quando ele vai na casa pedi ajuda prá prenda ele já convida pro leilão que vai acontecê naquele dia (...) Daí a pessoa vai, mais ela as vez não tem nada a vê com o terno (...) Mas também aparece aqueles que vem só pra arrematá as prenda, e é assim que a gente faz<sup>170</sup>.



Figura 63 – Sob a mesa, o oratório com as imagens dos santos da Congada. No ritual de entrega do oratório na casa de devotos, no caso de pessoas de cor branca, todos se juntam em orações. Bairro Brasil.

Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

<sup>170</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com a madrinha do terno Catupé Azul e Rosa, setembro de 2005.

Em uma outra direção, podemos destacar as estratégias dos congadeiros e, principalmente, quando estes se mostram pessoas dinâmicas, inclusive para criar e utilizar símbolos. O simbólico, para Geertz (1973), está relacionado à cultura.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditamos, como faz Max Weber, que o homem é animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 1973, p.14).

Como, nas campanhas, as pessoas percorrem vários caminhos, definidos a partir dos próprios contatos entre devotos, e que sempre tendiam a escolher aquele em que o congadeiro se sentisse enraizado, percebíamos que os rituais eram também parte do discurso dos grupos sociais.

No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social (DURKHEIM, 1989, p.36).

Neste sentido, os atos e conjuntos de atos simbólicos não vinham apenas das famílias, as quais eram responsáveis pela transmissão dos conhecimentos e realização dos aprendizados. Era também da comunidade, que se organizava em redes, e destas eram traçadas as estratégias para usar os espaços da cidade. Neste processo, a vida cotidiana, na cidade, permitiu-lhes criar territórios e redes sociais, a partir das práticas sociais.

(...) há um processo de valorização do espaço, implícito nas relações sociais o qual, necessariamente, tem que se territorializar para permitir alguma apropriação. Assim sendo, a espacialidade específica do capitalismo, discutida e interrogada por volta das questões de segregação sócioespacial (década de 1970), ganhou graus de complexidade, mas torna-se mais clara, se examinada a partir da vida cotidiana, porque o cotidiano não pode passar sem espaços e tempos apropriados (territórios do uso), sejam quais forem as separações ou, o grau de exclusão que comporta. São os fundamentos desiguais desta sociedade que explicam a sua própria espacialidade. (SEABRA, 2004, p.183).

No caso da Congada, as dificuldades econômicas, as quais são históricas e fazem parte da vida do negro, se apresentam quando estes não conseguem construir barracões nos ternos, tornando compreensível a ocupação das ruas e das praças, e neste processo, se concretizaram em territórios, a partir dos usos que as pessoas fazem desses espaços.

Na cidade tem os que gosta e os que não gosta, então a lei é pra isso. Não sei se a senhora observou, mais o povo começa cedo. Sai daqui no máximo sete e meia, daqui começa andá, faz tudo batendo caixa. Daí faz o leilão.

Quando tem muita prenda, demora mais. Daí, na volta, se passa das deiz, a gente anda sem bate<sup>171</sup>.

Na perspectiva das redes, os grupos de congadeiros tiveram que conviver e, na medida do possível, se adaptar às urbanidades. Cada grupo representa uma parte da Congada e, como tal, adotaram estratégias diferenciadas para moverem-se na cidade, as quais aparecem nas suas práticas.

Como tem gente que conhece a gente, mais que tem vizinho que não gosta de barulho, nois então não faz as nossas visitas sem avisá antes. Tem que tá tudo combinadinho, acertadinho (...) Então fica fácil cumpri os horário<sup>172</sup>.

As ações do grupo de congadeiros, enquanto coletividade que se comunica, troca informações e é influenciada pela sociedade moderna tornam-se reflexos daquilo que um dia absorveram e, de forma particular, foram reproduzindo comportamentos, práticas e procedimentos. Neste sentido, estar exposto aos simbolismos e códigos da sociedade moderna, sem dúvida, de maneiras diferenciadas, implica entender como se processa a transmissão de conhecimentos, práticas e saberes, bem como estes são socializados. No caso da Congada, será que a exposição aos atos simbólicos obriga à reprodução indefinida de enunciados já estabelecidos, de atitudes recebidas da sociedade moderna? Neste momento, podemos refletir em relação à capacidade de os congadeiros criarem e se utilizarem dos ritos católicos, para se afirmarem como grupo social pertencentes a uma parte da rede católica da cidade de Uberlândia. Com relação ao rito religioso, DURKHEIM escreve:

O rito, portanto, não serve e não pode servir senão para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias; ou seja, em suma, para revificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. Através dele o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais (DURKHEIM, 1989, p.447-448).

A partir da expressão "rede social", utilizada pelas ciências sociais, procuramos entendê-las, a partir das campanhas da Congada, como sendo:

(...) instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente. (...) Os processos estruturadores das redes têm como origem as interações sociais estabelecidas pelos indivíduos, quer dizer, a estrutura de sociabilidade presente em cada um

<sup>171</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o capitão do terno Moçambique Princesa Isabel, maio de 2005.

<sup>172</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o capitão do terno Verde e Branco, maio de 2005.



dos atores de uma interação surge com base em "certos impulsos ou em função de certos propósitos" e é organizada em campos sociais, elementos de identidade de uma geografia social que permite, por exemplo, a localização dos indivíduos em uma estrutura social e as potencialidades interativas entre eles. (EICHNER; SOUTO-MAIOR, 2004).

Entre os congadeiros, os ritos se apresentam revestidos de atos e conjuntos de atos simbólicos, os quais são tomados de várias instituições, e o valor de cada um vai sendo atribuído aos meios de difusão cultural e a um conjunto de práticas sociais, quase sempre atreladas ao discurso social proposto pelo grupo. Desse modo, a rede social que se articula no espaço por intermédio da Congada não se apresenta pelo seu caráter puramente estático; apresenta-se, antes de tudo, como um movimento social, resultante de suas práticas sociais, dentro da cidade.

Em termos da prática espacial da modernidade, há os espaços de representação que são de domínio público (ruas, praças, praias, bosques, campos...) e também de domínio privado, tal como o espaço do habitar. A experiência do espaço, na modernidade, vai sendo reduzida ao âmbito do privado, mas ela continua essencial, porque são as práticas do espaço ao nível do vivido incluindo o que se denomina público e privado, que permitem as apropriações do tempo. E, os espaços de representação, como campo de experimentação, permitem que se exercitem habilidades; conhecimentos em interações previstas e imprevistas constituem o teatro da vida; integram-se à vida por significações e sentidos. Considerando-se o âmbito do vivido, do existencial, quer seja no domínio público como no privado, quem usa o espaço pode também concebê-lo. São os usuários que, conforme suas necessidades e desejos, redefinem trajetos, projetos porque podem abstrair a forma e produzir para si, apropriando-se! Mas não o fazem livremente. Fazem-no enquanto pertencentes a uma sociedade. Fazem-no, em grande medida, sob coações (SEABRA, 2004, p.92).



Figura 64 – Ao feminino cabe a comissão de frente do terno. O estandarte e o oratório carregados pela Rainha do terno caracterizam os elementos mais essenciais da consciência coletiva.

Fonte: KINN, Marli Graniel, ago, de 2005.

Os usos dos espaços públicos também se transformam em espaços das experimentações, pois ao fazerem as suas manifestações, seguindo regras e normas estabelecidas pela sociedade, vão experimentando a legislação urbana para se viver na cidade e socializando, com outros grupos, os resultados obtidos. Como sujeitos e objetos de suas ações, foram percebendo que também era possível se organizar para além do terno e do bairro.

Consideramos as especificidades <sup>173</sup> das redes sociais, compreendemo-na como sendo do interior da Congada, ou seja, sempre existiram e, neste momento,

<sup>173</sup> Pensamos que as especificidades das redes sociais, que surgem no interior da Congada, nem sempre encontraram equivalência com as clássicas teorias consultadas. Mesmo assim, entendemos que foi fundamental considerar o que se segue:

- “A noção de rede significa muito mais que um instrumento metodológico de análise de processos interativos: é um conceito central na análise dos processos estruturadores da sociedade”.
- “O ponto central de análise para os teóricos das redes se desloca do indivíduo (posição compartilhada por muitas correntes das ciências sociais), ator e unidade de análise, ou da

criaram ambivalências no espaço. Como se trata de pessoas que viveram historicamente, no município de Uberlândia, na condição de subordinadas, consideramos em nossas análises que:

Rede de movimentos sociais são, por sua vez, redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas, e que conectam, simbólica e solidaristicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico:

- de identificações sociais, éticas, culturais e/ou político-ideológicas, isto é, formam a identidade do movimento;
- de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e de resistência aos adversários e aos mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistêmica, isto é, definem seus adversários. (SCHERER-WARREN, 2005, P.35).

A propósito destas considerações, destacamos que, na pesquisa realizada, ao tratarmos das práticas familiares dentro das redes sociais, privilegiamos as suas formas de organizações ordenadas pela comunidade e, nesta perspectiva, consideramos que:

Uma comunidade é uma estrutura social estabelecida de forma orgânica, ou seja, se constitui a partir de dinâmicas coletivas e historicamente únicas. Sua própria história e sua cultura definem uma identidade comunitária. Esse reconhecimento deve ser coletivo e será fundamental para os sentidos de pertencimento dos seus cidadãos e desenvolvimento comunitário (OLIVIERI et al., 2002).

Esta concepção, de um lado, identifica a reprodução dos grupos com função social da família; de outro, privilegia os laços comunitários, fazendo da comunidade uma força política, moral e ética. No entanto, o eixo democrático da reprodução das redes apresenta particularidades dentro da Congada. Na base das articulações, encontra-se a comunidade, que tem demarcado as manifestações de sociabilidade

---

estrutura, elemento explicativo dos processos de organização social, para as posições concretas dos indivíduos e das organizações, em uma determinada sociedade, segundo os padrões de estruturação das redes em que estão inseridos”.

- "A análise de redes parte do princípio de que o problema central dos estudos sociológicos é a noção de estrutura. Coloca-se maior ênfase na análise dos condicionantes estruturais da ação. O caminho mais direto para o estudo da estrutura social é a análise dos padrões de laços que ligam as pessoas. A análise de redes busca as estruturas profundas de sociabilidade- padrões regulares de redes- existentes por baixo dos sistemas sociais. Tenta-se descrever estes padrões e usar estas descrições para aprender como as estruturas de redes condicionam comportamentos e influenciam mudança social."
- "Metodologicamente, a análise de rede requer uma nova postura frente ao processo de tratamento e coleta de dados. A unidade de análise não são os indivíduos, com seus atributos (sexo, idade, religião, posição na estrutura social, etc.), mas a estrutura de redes. O que significa dizer que os dados a serem coletados devem orientar-se para obter informações sobre as relações sociais, e que os tradicionais métodos estatísticos devem também ser adequados". As idéias a respeito de redes foram retiradas do texto: EICHNER, Klaus e SOUTO-MAIOR, Breno Augusto. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. In: **Redes – Revista hispana para el análisis de redes sociales** - vol Vol.7,#2, Oct./Nov. 2004. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>> Acesso em setembro de 2004.

da Congada e que constituiu uma dimensão importante para aprofundar as discussões a respeito das redes. Neste ponto, optamos por analisar a rede, partindo daquilo que ela representa para as pessoas da Congada, ou seja, um conjunto de estratégias que se desdobram na organização das suas manifestações no espaço e na delimitação de territórios, por meio dos usos.

### **4.3 OS SENTIDOS DA CONGADA NA REDE SOCIAL DE DEVOTOS.**

Nas campanhas com as quais trabalhamos, dois grupos parecem dar conta do pessoal envolvido: os devotos e os soldados. Em nossas conversas, tornou-se comum ouvi-los usar os dois termos para distinguir situações e atribuições. Para entrar no universo das representações sobre os soldados e os devotos e entender, não só as distinções, mas também a abrangência espacial entre as pessoas que participam da Congada, optamos também por vivenciar as campanhas dos ternos.

Quando a rede era acionada, as visitas não eram inflexíveis, e isto se tornava determinante para analisarmos os outros sentidos das campanhas, pois elas projetavam o terno para além do bairro e, por vezes, promovia aproximações de ternos e soldados num mesmo espaço. Ao fazer os trajetos, identificávamos os devotos e a sua real relação com o terno <sup>174</sup>. Como, em grande parte, a relação era de amizade e devoção, a relação explicitava suas próprias formulações a respeito da Congada e da religiosidade, entre os soldados do terno e os devotos dos padroeiros da Congada.

---

<sup>174</sup> Percebemos neste momento que se tratava de um processo de ampliação da Congada, em que se procurava incluir também os amigos e devotos. Como o critério era atender à solicitação dos devotos não existia ênfase em colocar a visitação a um determinado devoto em lugar de outro. Para constituir o mapa, não selecionamos nenhum terno, fomos a todos os bairros em que os ternos estavam localizados (quinze bairros). De um total de 24 ternos, procuramos acompanhar pelo menos um evento de cada um em suas áreas de atuação dentro da cidade. Quanto à constituição do número de campanhas que cada terno realiza, na maioria dos casos, não há regularidade, mas uma ordem. Em primeiro lugar, visitam-se as casas mais distantes do quartel, até se chegar, no final das campanhas, ao quartel, no qual a identidade do terno se fortalece, entre soldados e vizinhos.

Na perspectiva dos sentidos e significados da Congada, as lideranças surgem pelo esforço permanente em enfrentar as dificuldades cotidianas. Do capitão, espera-se inteligência, ou seja, aquele que sabe negociar, relativizar e tomar decisões, levando em conta as circunstâncias e as possibilidades de atender às reivindicações do grupo. Todas estas qualidades sintetizam-se nos capitães de ternos e, desse modo, eles tornam-se uma liderança capaz de articular o seu grupo com a comunidade e com a rede social de devotos.



Figura 65 - Capitão do terno Catupé Azul e Rosa se preparando para a primeira campanha do ano de 2005. Para os capitães, o bastão deve ser bem cuidado e expressar dedicação e amor pelo terno.

Fonte: KINN, Marli Graniel, jun, de 2005.

Os congadeiros, dentro da cidade, também se utilizam desta rede social para obterem renda e objetivamente procuram ocupação em atividades no mercado de trabalho, geralmente instáveis e de baixa remuneração. Contudo, a sua condição como trabalhador urbano lhes permite certas habilidades, de saber transitar de um setor de atividade para outro, e se necessário recorrem à rede social para desenvolver outra atividade mais ou menos importante. Porém, as possibilidades de obterem, a partir da rede social, ocupação, depende das habilidades da sua mão-de-obra, o que lhes possibilita renda, inclusive fora do mercado urbano.

Mesmo tendo que trabalhar em vários lugares, para os congadeiros, o que constitui a essência do pertencimento a um determinado terno é a identidade histórica com as simbologias do terno; o que une os iguais, pois, segundo os soldados, uma pessoa pode ter dois tipos de identidades: com as cores do terno e com as batidas das caixas. As cores formam a identidade visível do terno e a batida das caixas demonstra o ritmo com que o terno se apresenta às santidades e também ao povo da Congada. Aquele que pertence a um terno é identificado pelas cores e pelo ritmo que, historicamente, o grupo imprimiu à Congada.

Desse modo, os quartéis são lugares de manifestações, onde se permite que seus membros exercitem habilidades, socializem conhecimentos e estabeleçam estratégias. Neste lugar são possíveis interações com a vizinhança que vive em seu entorno, e enfrentar as dificuldades e conflitos decorrentes da vida moderna.

A partir dos quartéis, entendemos que as campanhas não são rituais inventados para somente fazer a festa, mas eventos que reúnem diversas formas de sociabilidade, reciprocidade, arranjos e estratégias. São rituais realizados por meio de sistemas organizacionais, capazes de reunir espontaneamente grupos de pessoas e promover envolvimento participativos, em torno de objetivos comuns.

nóis vai na casa do devoto, daí a pessoa não precisa sê do bairro, pode sê lá perto de outro terno, se a pessoa é devota é do interesse dela a gente dá um jeito e vai fazê a campanha, o terço e o leilão<sup>175</sup>.

As visitas também se revestiam de sentimentos comunitários, aliás, profundos e densos, que começavam a nos indicar caminhos para analisar a rede social e entendê-la para além de “um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 1999, p.566), seguramente ligados a um conjunto de práticas sociais e espaciais, cujas

---

<sup>175</sup> Pesquisa de campo realizada por Marli Graniel Kinn, com o Capitão do terno Catupé Azul e Rosa.

bases estão relacionadas, também, às redes sociais que a comunidade cria na cidade.

A partir da vontade e afinidade de seus integrantes, as redes vão sustentando e sendo sustentadas pela comunidade. O envolvimento das pessoas com a Congada vai ampliando as redes, e elas vão-se caracterizando como um importante e decisivo recurso organizacional das pessoas na cidade.



Figura 66 – As visitas aos devotos são acertadas antecipadamente. Geralmente, o capitão do terno é contactado por pessoas que fizeram votos. Na foto, congadeiros do terno Sainha visitam uma família em uma de suas campanhas pelo Bairro Saraiva.  
Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.



Figura 67 - Esposas de congadeiros reunidas no passeio da rua, aguardando os soldados para fazer o leilão das prendas arrecadadas junto aos vizinhos, devotos e familiares dos congadeiros.

Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

Como as campanhas criam redes flexíveis e cadenciadas pela vida, as relações se estabelecem por interconexões entre devotos que supõem doação de tempo, mas que se apresenta a todos como colaboração e participação na afirmação do grupo social. A despeito da importância atribuída à festa, as relações entre as pessoas, espaço e território<sup>176</sup> são muito mais complexas do que a própria Congada, pois as campanhas geram oportunidades de coalizões e tensões entre os seus membros.

<sup>176</sup> Raffestin, de forma enfática, entende que “Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território de um local de relações”. (RAFFESTIN, 1993. p. 44).





Figura 68 - Leilão do terno Azul e Rosa, no bairro Brasil. Na Congada cada pessoa faz a doação que lhe for possível. Sobre a mesa, gêneros alimentícios – Banana, rapadura, bolacha, óleo dentre outros.

Fonte: KINN, Marli Graniel, set, de 2005.

As campanhas assumem a função de fortalecer a rede e os congadeiros agem e atuam no sentido de promover visibilidade à rede social e, nesse processo, acabam ampliando os laços de solidariedade com vários lugares, bem como revelam as suas habilidades e capacidades de renovar as relações com os devotos e componentes da Congada. Nesta perspectiva, foi considerada a representação e a identificação simbólica, bem como os significados e valores que o terno assume para o grupo<sup>177</sup>.

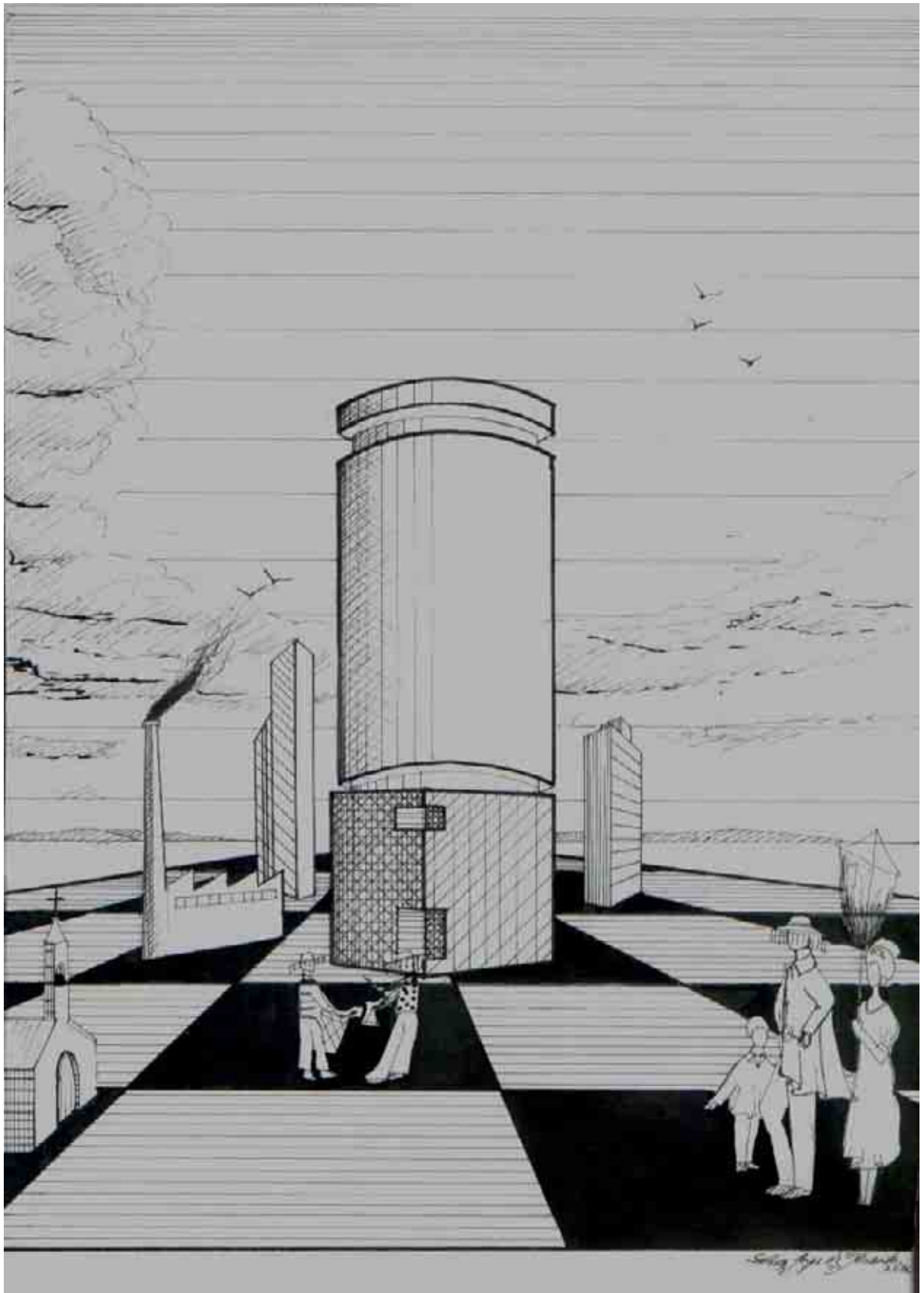
Neste sentido, entendemos que as redes sociais, tecidas a partir da Congada, têm um lastro histórico que proporcionou enraizamentos, identidades e afetividades

---

<sup>177</sup> Embora não tenha sido objetivo do capítulo, a representação desses processos nos remeteu à formação histórica das redes familiares da Congada, às suas especificidades espaciais e, de certa maneira envolve o bairro onde se encontra sediado o terno e se estende até aos mais diversos lugares.

do congadeiro com o terno e com os devotos das santidades da Congada. O acompanhamento das campanhas permitiu-nos chegar às redes familiares dos devotos e congadeiros e, a partir dos ternos, permitiu-nos posicionar o congadeiro em um ambiente familiar e comunitário, resultante de trajetórias particularizadas, dentro da cidade, mas, sobretudo, decorrentes do envolvimento do congadeiro com os grupos familiares de devotos, bem como das experiências por eles vivenciadas, no processo de tecer a sua própria rede social. O que significa dizer que, se de um lado encontramos pessoas organizadas em núcleos familiares, e que sua inclusão na Congada decorre de determinantes desta estrutura social, de outro, a devoção aos Santos indica que a rede social é também tecida e ampliada a partir das identidades que os não congadeiros nutrem com as santidades da Congada. Neste sentido, o sagrado é igualmente significativo para ampliar as redes sociais que potencializam as manifestações e ações dos negros, as quais estabelecem territórios e redes na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo da Congada que realizamos em Uberlândia, reunidos nos capítulos precedentes, abordou a cidade e a condição sócio-cultural e espacial das pessoas que fazem a festa. Concentrando-se nos fazeres humanos decorrentes de práticas sociais que proporcionaram à comunidade conquistas importantes a respeito do direito à cidade, chegamos ao cotidiano e ao modo de vida. Destacamos as formas de organização das pessoas e dos ternos de Congada na cidade, suas estratégias, arranjos, até chegarmos aos conteúdos das manifestações e representações dos negros.

Tratou-se de uma abordagem que foi sendo construída na direção de compreendermos as formas com que os congadeiros haviam estabelecido as condições mínimas para viverem na cidade. Por este caminho, consideramos os costumes e as tradições e, aos poucos, fomos percebendo e analisando as diferenças. Nos quartéis e nos bairros percebíamos que os seus moradores reuniam vários atributos, que eram, ainda, particularidades de um grupo social que se desdobrava em estratégias e arranjos para se viver na cidade.

A investigação dos costumes nos permitiu entender que os congadeiros realizam algo importante, pois a sua manifestação ocorre concretamente e anuncia vários significados. Muito embora não derivem simplesmente da realidade, os costumes foram fornecendo o contexto em que os negros desenvolvem as suas práticas sociais e de certo modo indicavam os mecanismos de uma ação coletiva. No grupo, também estavam sendo processados os ajustes sociais relacionados aos interesses, os compromissos sociais movidos por sentimentos e emoções. Desse modo, entendíamos que os costumes eram de domínio dos que deles participam, servindo como uma referência moral e ética, usada para se defender e se proteger das realidades materiais e sociais da vida e do trabalho na cidade.

No cotidiano das pessoas que participam da Congada, a socialização de saberes, conhecimentos e habilidades iam aparecendo como parte do modo de vida urbano. A tradição de ocuparem as ruas e praças surgia como costume que, ao longo dos anos, tem tornado possível as suas manifestações, chegando a representar um conjunto de estratégias, que tende a suprir as suas carências de espaços na cidade. Com relação à tradição do uso dos espaços públicos, na festa, pensamos em discuti-la no âmbito da contradição e do posicionamento político dos congadeiros, o qual se revela em entendimentos, pois eles, ao se manifestarem,

assumem uma postura política de nunca irem diretamente para o enfrentamento, mas de negociarem os usos dos lugares públicos e garantirem minimamente as condições para realizarem as suas manifestações e, neste processo, definirem conjuntamente com as instituições, Prefeitura Municipal e a Igreja Católica, os lugares da Congada. Essas iniciativas, que, na prática, se convertem em exercícios de cidadania, servem também como ensinamentos no uso do espaço urbano.

No mais, os costumes e tradições revelam significados, que a cada ano se tornam mais densos e mais complexos e estão relacionados aos entendimentos entre os vários grupos, expressado no desejo de fazer a festa. Portanto, saber negociar, para realizarem suas campanhas e desfiles, significa obter do poder público o compromisso de que ele providencie, nas ruas e praças, iluminação, segurança, limpeza, dentre outros serviços.

Como sujeitos atuantes, percebíamos que a vida dos pesquisados, ainda que integrados ao processo social da cidade, para ser compreendida como manifestação do diferente, teria que ser analisada como de dentro do urbano.

Mostrando a cidade a partir de aspectos sócio-econômicos e infra-estruturais, procuramos compreender como os negros se organizam para viver no urbano e, nesse processo, que estratégias e contradições produzem e com que profundidade elas se realizam na cidade. Desse modo, não bastava entendê-los como diferentes, pois, mesmo nesta condição, já se encontravam articulados ao processo de urbanização e, que, nessas condições, as suas práticas sociais geravam irreverência, conformações e inconformações que iam aparecendo na administração do seu tempo, principalmente quando decidem fazer a festa e se posicionam em relação às doutrinas do mundo do trabalho.

Recuperando certos atributos da vida dos congadeiros, fomos percebendo que o espaço de cada terno era único e cada grupo tinha o seu próprio jeito de lidar com ele. Na relação com a cidade, fomos percebendo como os congadeiros se convertiam em usuários do espaço. Neste processo, observamos superações, principalmente quando os congadeiros estabelecem relações com o grupo, pois, nesse movimento, tendem a remover obstáculos e agem em função de sentimentos, conhecimentos e crenças que possuem de si mesmos, dos outros e dos lugares em que vivem. As manifestações se concretizam em representações que surgem como concepções de si e do mundo, e se tornam fundamentos para as suas práticas

sociais, as quais aparecem no cotidiano, na vida e no vivido, a partir de um conjunto de proposições inscritas no contexto do espaço e dos lugares em que vivem.

Como resultado deste processo, percebíamos que morar na cidade, para o congadeiro, ganhava especificidade, muito mais na medida em que as pessoas se colocavam como tarefa pensar, refletir e agir no mundo em que vivem. Nesta direção, viver, para as pessoas da Congada, em Uberlândia, envolve articulações e elas as desenvolve permeadas pelos costumes e tradições e, por meio delas, continuam se reproduzindo como grupo social, principalmente enquanto criadores e geradores de práticas sociais próprias.

No desdobramento das análises em relação às práticas sociais, entendemos ter contemplado a condição social do negro, na cidade, e fomos elaborando explicações e entendimentos dos fatores organizacionais de suas vidas, relacionados à vida no bairro, destacando a importância do religioso e da comunidade.

Como pessoas identificadas com a Congada, procuramos demonstrar que os congadeiros não atuam, socialmente, em uma única direção. Por este motivo procuramos evitar estudá-los a partir de uma concepção meramente evolucionista das suas relações sociais.

Procuramos desvendar as práticas sócio-espaciais dos congadeiros, envolvidas em um processo em que eles vão enfrentando vários problemas e construindo saídas, sob condições limitadas e limitantes, estabelecidas e mantidas, contraditoriamente, a partir de relações sociais que se nutrem em parte dos costumes e tradições.

As relações tradicionais, embutidas nos costumes e nas práticas sociais do negro na cidade, foram sendo percebidas como residuais de tempos pretéritos, mas que se estabelecem, neste momento, com fortes vínculos com as suas habilidades políticas, as quais vêm potencializando as suas manifestações, na cidade.

Como grupo social, fazem parte da modernidade e se encontram na cidade envolvidos em uma lógica que articula e redefine os seus acervos culturais. Neste movimento, criam e também recriam relações sociais alternativas, que os ajudam a suportar o ônus de viver em uma cidade que cada vez mais se afirma como sendo dos negócios e, portanto, de custos elevados para as populações mais pobres.

Assim, os congadeiros nem sempre são apenas articuladores de práticas sociais do seu tempo, mas, a partir de costumes e tradições, tornam-se criadores de estratégias para libertar as possibilidades nelas contidas para fluírem na cidade; para se realizarem como possibilidade de tomar decisão no vivido.

Nesse sentido, foi observado que, por várias circunstâncias, internas e externas aos ternos de Congada, os lugares foram sendo concebidos, usados, apropriados e negociados. Na perspectiva da organização dos congadeiros, procuramos analisar a vida em algumas de suas dimensões, principalmente a partir das representações que os congadeiros fazem da Congada na rua, na casa, no bairro e na praça. Tomamos como base os desafios da reprodução da vida na cidade e percebemos momentos de irreverência que tendem a romper, principalmente, nos momentos da festa, com as imposições do mundo do trabalho.

No processo de se fazer a festa, analisamos os diversos lugares que vão-se formando na cidade. Perguntamo-nos e procuramos responder a respeito dos ternos de Congada, como os congadeiros usam o espaço e fazem, da sua própria história, fixada nos bairros da cidade, um importante referencial para fundirem as suas identidades. Percebemos que se trata de interpretações e posicionamentos políticos dos grupos sociais que, muitas vezes, convertem em ações que representam tomadas de decisões em relação aos grupos sociais a que pertencem e à cidade.

Nesta perspectiva, pareceu-nos importante observar, descrever e analisar como os congadeiros percebem o mundo, ou seja, como o lugar, enquanto pertencimento e identidade, oferece referências para eles negociarem os usos dos espaços públicos. Percebemos então que os usos vão-se estabelecendo em função das habilidades dos congadeiros em negociar, isto é, no uso do espaço imediato da vida, o congadeiro organiza o seu quartel e define quais são os espaços públicos importantes para as suas manifestações.

Nesse sentido, foi observado que a definição aos lugares da Congada, dentro da cidade, dizem respeito ao cotidiano dos congadeiros, pois é por meio das suas habilidades, sejam elas políticas ou não, que eles se apropriam das ruas, das praças, que tais lugares vão ganhando o significado dado pelo uso. Nos espaços públicos e privados, por meio das relações familiares, comunitárias e de vizinhança, passamos a perceber e a entender os sentidos atribuídos aos lugares, dentro da Congada.

Esse grupo social, em seus arranjos e estratégias, desencadeiam um movimento que fomos compreendendo e, na medida do possível, capturando a sua substância a partir dos fazeres que, seguramente, não são somente deste momento histórico, mas nos quais estão incluídas, habilidades, saberes e conhecimentos que se apresentam como sendo heranças históricas, as quais são reelaboradas e assumem papel fundamental nas suas manifestações.

Pensando nas habilidades, percebemos que nelas se fundem conhecimentos, costumes e tradições que os próprios congadeiros vão usando, inclusive, para tecerem e reavivarem redes de relações que basicamente incluem as suas famílias e aqueles que, por algum motivo, se identificam com os seus rituais. O significado deste exercício vai sendo organizado aos poucos, com movimentos compassados pela vida e assumem a forma de uma densa trama social.

Ao considerar que, no interior, das redes sociais, estavam sendo estabelecidas várias tramas, cuja substância teria que ser relacionada ao contexto social de cada terno, procuramos compreender, a partir de práticas dos congadeiros, os nexos que eles estabeleciam com as instituições e com a cidade. Assim, no decorrer da pesquisa, observamos nos encontros e reuniões dos congadeiros, formas de organização que se constitui em forças sociais que se mobilizam na ocupação do espaço para desenvolver e fortalecer a partir de seus rituais e relações de vizinhanças, em vários pontos da cidade, um jeito de assumir mesmo que por alguns momentos, autonomia no processo de elaborar os seus festejos.

No que diz respeito às redes familiares, o envolvimento das pessoas nos permitiu compreender a sua capacidade de reatar relações, preservar e ampliar a participação dos seus membros e vizinhos, em várias esferas da vida. Os laços sociais entre as pessoas da Congada articulam-se, fazem e se refazem, em um movimento contínuo, permitindo ações de interconexão entre os ternos e famílias. No seu interior as campanhas se apresentam como redes sociais que resultam na coesão interna e expansão externa dos ternos. As estratégias, como ação pensada de grupos sociais constitutivos da teia social, sustentam e reproduzem, não apenas as manifestações culturais e religiosas, mas também o grupo social que a organiza.

Queremos dizer que a consciência do congadeiro não reside apenas no tradicional ou no religioso, mas transborda para outras esferas da vida e se realiza na amplitude do vivido. Portanto, no cotidiano, fomos percebendo a densidade dos



sentidos de manter a família morando muito próxima. Para isso, foi importante compreender, a partir das moradias, que não se trata apenas de opções ou de necessidade, mas de práticas sociais que foram definindo modos de se viver na cidade.

Como as práticas são articuladas em torno de domínios específicos, da rua, da praça e do bairro, elas constroem, por assim dizer, os próprios domínios dos congadeiros, na cidade.

Como a Congada circula pela cidade, o espaço do bairro, da rua, da praça, da vida e do vivido se entrelaçam em várias tramas, tecidas com os mais variados fios e laços sociais.

Neste aspecto, o importante é destacar as relações de parentesco e vizinhança, bem como as identidades religiosas, acordos e estratégias, no interior dos grupos sociais que fazem a Congada. Na cidade, a especulação imobiliária lhes impõe seletividade espacial; o bairro, ao contrário, não impõe limites às redes sociais e as suas articulações, pois a Congada não acontece apenas com as pessoas de um mesmo lugar. Nas campanhas, as redes sociais vão estabelecendo flexibilidades às relações, pois andar para atender aos chamados dos devotos tende a anular certas fronteiras e, nesse processo, estabelecer novos pontos de encontros, ou seja, nos levar a compreender que, nos rituais que antecipam a festa, os congadeiros vão incorporando outros lugares.

Nas campanhas dos ternos de Uberlândia, percebíamos que o ato de visitar uma determinada casa, distante do terno, se revestia de inúmeros significados que, historicamente, foram sendo elaborados, transmitidos, retransmitidos e nutridos por meio das práticas sociais.

Percebíamos, então, que a agregação de pessoas em torno dos rituais das campanhas poderia estar indicando a existência de redes sociais e, neste sentido, procuramos analisá-las a partir das relações sociais já existentes. Os conteúdos eram estabelecidos pelos próprios congadeiros, sujeitos e objetos nesta manifestação na cidade e, como tais, aos seus pares, se apresentavam como depositários e hábeis transmissores de sociabilidade, confiança e reciprocidade.

Essas pessoas, em seus ternos, articulam-se no espaço, formando redes, e as suas proposições, também, se diferenciam nos seus domínios. São domínios

que, na sua maior parte, são partilhados pela comunidade, e outros que, embora de fora do terno, se juntam, pois não conseguem cumprir individualmente com os rituais religiosos.

A partir de iniciativas isoladas, a Congada não se realizaria, pois os rituais estão relacionados às práticas humanas, circunscritas nesse "domínio de relações sociais", que inclui as experiências familiares e da comunidade.

Dessa forma, a comunidade se afirma, por meio da reciprocidade, combinando e articulando vários lugares. Seguramente, a comunidade define os usos do espaço da cidade, bem como a formação de territórios, cuja substância está na identidade, solidariedade e reciprocidade dos seus membros. Neste sentido, mesmo que as regras que permitem o uso do espaço urbano sejam mais ou menos impostas, é possível também pensar acordos, fundamentados na sociabilidade, das práticas sociais e espaciais.

A partir das experiências proporcionadas pelo estudo teórico e pelo trabalho de campo, compreendemos que a Congada é uma manifestação social, em que há um universo de escolhas, proporcionado por vivências históricas de produção, circulação, consumo de sentidos e de valores, os quais não podem ser relegados às esferas do supérfluo da existência humana, ainda que revestida de coloridos, brilhos e prestígios.

O estudo da Congada, em Uberlândia, nos proporcionou, além de um cunho investigativo, descobertas relacionadas às necessidades sociais que determinam a sobrevivência orgânica, psíquica e social desta manifestação, bem como dos sujeitos que a fazem no espaço da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEM, João Marcos. **REPRESENTACOES COLETIVAS E HISTORIA POLITICA EM UBERLANDIA-MG**. REVISTA HISTORIA & PERSPECTIVAS, p. 79-112, 1992.

AMARAL, Viviane. **Uma nova forma de atuar**. Disponível em: <<http://www.mapadoterceirosetor.org.br/adm/download/redes.pdf>> Acessado em: 10 de outubro de 2005.

BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras. 1993.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P. A **Geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_, **A dimensão cultural do espaço**: alguns temas. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, n.1, out., 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Religião, Identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Leila Christina, e Silveira, Leandro Lima da (org.). **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EICHNER, Klaus e SOUTO-MAIOR, Breno Augusto. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. In: **Redes – Revista hispana para el análisis de redes sociales** - vol Vol.7,#2, Oct./Nov. 2004. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>> Acesso em setembro de 2005.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP.1973.

FERRETTI, Sérgio F. **Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil** – modelos, limitações, possibilidades. In: Revista Tempo, n.º.11, julho de 2001.

GEERTZ, C. **"A interpretação das culturas"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GOMES, P.C. da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HARVEY, D. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 6, p. 6-35, (1982. p.6)

\_\_\_\_\_, **A Condição Pós-moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1993

\_\_\_\_\_, **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HOBBSBAWM, Eric. **Os Trabalhadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_, **Invenção de Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

LEFEBVRE, Henri. Le Sens de la marche. In: **Critique de la vie Quotidienne**. Introduction L Arche. Paris: Editeur Paris, 1958.

\_\_\_\_\_, **Espacio y Política**. Barcelona: Ediciones Península 1976.

\_\_\_\_\_. **Introdução a Modernidade**. (Prelúdios). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEWIS, Mumford. **A cultura das cidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1961

MACIVER, R.M.; PAGE, C.H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC. 2002.

MARTINS, J. Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo : Hucitec, 1996

MINAS GERAIS. CREA-MG – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais. **Para entender o plano diretor**. Belo Horizonte: CREA-MG, 2005. (CARTILHA).

OLIVIERI, Laura et al. **O que são redes**, 2002 Disponível em: <[http://www.rits.org.br/redes\\_teste/rd\\_oqredes.cfm](http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_oqredes.cfm)>. Acesso em out. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Dados populacionais**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acessado em: 10 de julho de 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1987.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1990.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João**: Origens, Tradições e História. Casa do Editor. Disponível em: <<http://www.festajunina.com.br/livro/2.htm>>. Acesso em out. 2004.

SANTOS, Rosselvelt, J. **Pesquisa empírica e trabalho de campo**: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In Revista Sociedade \* Natureza, 11, jan./dez, 1999.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo : Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_, **Territórios do Uso**: Cotidiano e Modo de Vida. Cidades. v.1, n.2, 2004, p.181-206

\_\_\_\_\_. **Urbanização e fragmentação**: apontamentos para estudo do bairro e da memória urbana, Cidades. v.2, n.2, 2004, p.78-96.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOORTMANN, Klaas. “**Com Parente Não se Neguceia**” O Campesinato Como Ordem Moral. Anuário Antropológico / 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: HUCITEC/EDUnB, 1995.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Maria Geralda. Geografia cultural e geógrafos culturalistas: uma leitura francesa. In: **Anais do XX Encontro Nacional da AGB**. Presidente Prudente: AGB, 1992.

BASTIDE, Roger. **O folclore brasileiro e a geografia**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 8, jul., 1951.

BARBIERO, A. Do mago ao brasileiro: as representações mágicas na formação do núcleo da cultura no Brasil. In: **Série Sociológica, nº 156**, Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 1998.

BERGER, P. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BORGES, M. M. C.; CUNHA, S.; RIBEIRO, R. **O MERCADO DE TRABALHO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA**, X Seminário sobre a Economia Mineira, 2002 In: <http://econpapers.repec.org/bookchap/cdpdiam02/> . Acessado em 10/03/2006

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade média**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, J. J. de. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade, In: **Religião e Sociedade**, vol 15, nº 02, Rio de Janeiro, ISER, 1993.



CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**, São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CAMPBELL, C., **A orientalização do ocidente**: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio *Religião e Sociedade*, vol. 18, nº 01, Rio de Janeiro, ISER, 1997.

CARBÓ, Eulalia Ribera. **Segregación y control, secularización y fiesta**. Las formas del tiempo libre en una ciudad mexicana del siglo XIX. 15 de marzo de 1999 S/n.

CIARALLO, G., **O desenvolvimento da função social de geração de significado na sociedade brasileira colonial**: magia e interpenetrações simbólicas, Brasília: UnB, Departamento de Sociologia, Mimeo, 1998

CORBUCCI, P. R., A religião e a justificação da ocupação do novo mundo sob as óticas católica e protestante, In: **Série Sociológica**, nº 156. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, 1998.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**, Florianópolis: Edusc. 1988.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Trad. de N. Nunes & F. Tomaz. Lisboa: Cosmos, 1997.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Sobre o conceito de tradição**, *Cadernos de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)*. São Paulo, n. 5, jun., 1972.

GEERTZ, C. **Saber Local**, 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

GOLDEMANN, Lucien. **A reificação das relações sociais**. In: FORACCHI, Maralice, São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

GRANOU, Andre. **Capitalismo e modo de vida**: Apontamento, s.d.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KURZ, Robert. **O Colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Porto: publicação Escorpião, 1973.

\_\_\_\_\_. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática. 1991.

\_\_\_\_\_. **De lo Rural a lo Urbano**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1971

MAFFESOLI. M. A. **Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

MARTINS, J. Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1975.

MELLO e Souza, L. **O diabo e a Terra de Santa Cruz - Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MENCARINI e MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução sociologia, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 14a ed., 1990.

MONBEIG, Pierre. **Os modos de pensar na Geografia Humana**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 68, 1990.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978.

PEREIRA, Ronam A. Religiosidade japonesa: sincretismo e tolerância, In: **Cultura Japonesa**. S. Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Aliança Cultural Brasil-Japão, s/d.

PIERUCCI, A. F., Interesses religiosos dos sociólogos da religião, In: ORO, A. P. e STEIL, C. A. (org.), **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PORTELA, Patrícia de Oliveira. **Apresentação de Trabalhos Acadêmicos de acordo com as normas de documentação da ABNT**: informações básicas.

Disponível em:

<[http://www.uniube.br/institucional/biblioteca/ura/setores/referencia/documents/manual\\_abnt\\_2006.pdf](http://www.uniube.br/institucional/biblioteca/ura/setores/referencia/documents/manual_abnt_2006.pdf)>. Acesso em 10 de abril de 2005.

RODRIGUES C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participativa**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIOS, J. A. Sentimento religioso no Brasil, In: **Sagrado e profano** - Retratos de um Brasil de fim de século. São Paulo: Ed. Agir, 1994.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais: Trajetórias e Fronteiras. In: DIAS, Leila Christina, e Silveira, Leandro Lima da (org.). **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Rosselvelt, J. **As humanidades do cerrado na dialética da festa e do espetáculo**. São Paulo: (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo - FFLCH/USP, 1998.

\_\_\_\_\_, **A cultura dos festejos da Folia de Santos Reis no Distrito de Martinésia, município de Uberlândia, MG.** In: INTERNATIONAL GEOGRAPHICAL UNION/ RIO DE JANEIRO CONFERENCE, 2003, Rio de Janeiro. Historical Dimensions of the Relationship Between Space and Culture. 2003. p. 01-23.

SANCHIS, P. O campo religioso contemporâneo no Brasil, In: ORO, A . P. e STEIL, C. A . (org.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, E. G. C., **Magia e mercadoria.** Os fundamentos do racionalismo prático do Brasil colonial. (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília – UNB, Departamento de Sociologia. Brasília: 1993.

\_\_\_\_\_, Magia, religião e as origens da cultura brasileira. Algumas indagações, In: **Série Sociológica, nº 156,** Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, 1998.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos:** engenhos e escravos na sociedade colonial, São Paulo. Cia. Das Letras, 1995.

SEGATO, R. L., Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização, In: ORO, A . P. e STEIL, C. A . (org.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SZMRECSANYI, Tomás e QUEDA, Oriovaldo. **Vida Rural e Mudança Social.** 2. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

VELHO, O. Globalização, antropologia e religião, In: ORO, A. P. e STEIL, C. A. (org.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

VERGER, P., Orixás: **Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1981.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Ed. Cosmos, 1921.